GALERIA PITORESCA

DA

HISTORIA PORTUGUEZA

OU

VICTORIAS, CONQUISTAS, FAÇANHAS E FACTOS MEMORAVEIS DA HISTORIA DE PORTUGAL E DO BRAZIL

OBRA DESTINADA A' INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE PORTUGUEZA E BRAZILIENSE

ORNADA DE 34 ESTAMPAS

representando os acontecimentos mais celebres e mais gloriosos da historia dos dous paizes acontecidos nas quatro partes do mundo.

PARIZ

EM CASA DE J.-P. AILLAUD, QUAI VOLTAIRE, 11.

1842

GALERIA PITORESCA

DA

HISTORIA PORTUGUEZA.

GALERIA PITORESCA

DA

HISTORIA PORTUGUEZA

OU

VICTORIAS, CONQUISTAS, FAÇANHAS E FACTOS MEMORAVEIS

DA HISTORIA DE PORTUGAL E DO BRAZIL.

OBRA DESTINADA A' INSTRUCÇÃO DA MOCIDADE PORTUGUEZA E BRAZILIENSE,

ORNADA DE 34 ESTAMPAS

representando os acontecimentos mais celebres e mais gloriosos da historia dos dous paizes acontecidos nas quatro partes do mundo.

PARIZ

EM CASA DE J.-P. AILLAUD, QUAI VOLTAIRE, 11.

1842

PREFAÇÃO.

Se a Historia em geral é, segundo o testemunho d'um dos maiores genios d'Antiguidade, eschola da vida, a Historia em particular dos grandes homens é, sem duvida, o que ha de mais ameno, de mais interessante, e de mais util em suas lições. Mas a curteza da vida, a limitada força e comprehensão do espirito, os embaraços, necessidades e distracções da carreira social não deixão á maior parte dos homens opportunidade e tempo para seguirem e profundarem a Historia geral; e ja é muito quando uma discreta preferencia patriotica lhes consente conhecer a historia do seu proprio paiz. Para chegar a apprender com fructo a origem e estabelecimento d'um Povo, as acções que

lhe dérão estabilidade e consistencia, os progressos que o elevárão á prosperidade e á gloria, e os erros ou calamidades que produzírão sua decadencia, ou acarretárão sua perda; comprender em fim toda a variada e multiplice composição d'este vasto painel, em todas as suas partes, exige uma extensão de capacidade, uma applicação, e uma constancia que apenas se encontra em mui raros estudiosos. Assim que, para facilitar o proveito, e como resumir as lições da historia, inventárão os antigos um novo genero d'escrevêl-a e tractál-a, limitando a pequenos quadros o que no vasto campo dos acontecimentos d'um Povo, ou de muitos Povos, lhes pareceo mais proprio d'imitação e de doutrina. Cornelio Nepote, Vallerio Maximo e Plutarco forão os descubridores deste methodo facil e aprazivel, descrevendo a vida, ou apontando as bellas acções dos grandes homens da Antiguidade. Este genero historico tem, com effeito, a duplicada vantagem de poupar o tempo, desviando o fastio e trabalho de minuciosas digressões, e o de fixar agradavelmente a attenção do Leitor pelo atractivo d'um quadro brilhante, onde em torno d'uma personagem principal se achão grupados successos illustres, resultado benefico de suas virtudes.

Todas as Nações encontrão nos seus annaes mais ou menos copia d'este precioso cabedal, porque todas ellas tivérão seus periodos de prosperidade e de grandeza; e não tem faltado Escriptores que recolhessem e publicassem um certo compendio de factos illustres que, segundo sua maneira de ver, melhor servissem para remontar os creditos do seu proprio paiz e a honra de seus naturaes.

Outros Escriptores houve que, ou por simpathia, ou por especulação, divagárão pela historia das outras nações, e d'ella colligírão os traços que lhes parecêrão mais brilhantes, publicando-os com o titulo de Bellezas historicas, ou d'outro modo. Felizmente que nós os Portuguezes para reunirmos e compormos uma muito formosa galeria destas acções generosas, e d'estas personagens illustres não precisamos saïr fóra de nossa casa, porque dentro della temos uma riqueza capaz de fazer inveja ás outras.

Porèm aquelle methodo, assim mesmo vantajoso e ameno como é, tem, segundo nosso entender, um grave defeito; é o de produzir sómente retalhos destacados, ou factos dispersos sem nexo, nem ligação com a ordem dos tempos, sem referencia áquella serie e cadea natural dos acontecimentos humanos em que tudo são causas efficientes, e effeitos resultantes dellas. O nosso trabalho procurou remedear aquelle inconveniente; e com quanto o titulo da Obra pareça indicar simplesmente uma collecção de factos gloriosos, e d'acções famosas obradas pelos Portuguezes na Patria e nas conquistas, a leitura della dará a conhecer que as acções e os factos ahi se achão collocados no seu lugar competente, trazidos, dispostos e ordenados pela successão e chronologia historicas : de modo que tudo ahi se acha ligado e connexo, apresentando um como Resumo abreviado da Historia da patria, de que a mocidade estudiosa, e os curiosos mesmo poderão colher algum proveito. E na verdade que, a vida dos grandes varões, e a relação de seus feitos illustres e virtuosas acções é

a leitura de todas as idades e de todos os estados e profissões. Os homens feitos ahi encontrão a confirmação do que apprendêrão por experiencia, recolhendo outra nova; e os mancebos ahi bebem com avidez estes brilhantes exemplos, esta util venturosa fascinação das bellas acções que facilmente seduzem e aquecem os corações da mocidade.

Nós porèm forçados a sermos economicos no meio de nossa propria riqueza, não podendo descrever todas, limitâmos nossa tarefa a algumas daquellas acções illustres : fomos percorrendo com o pensamento a immensa serie dos grandes feitos dos Portuguezes desde o começo da Monarchia até ao reinado da Rainha D. Maria I[a], e passando por entre muitos de subido preço escolhemos e preferimos os que nos parecêrão mais raros, e carecteristicos de virtude sublime e heroica, mais proprios para despertar emulação e dar exemplo, e que melhor se prestassem, pela unidade de sua acção, ás condições da estampa que vai á testa de cada tractado. O discreto zeloso editor d'este Opusculo assentou que o interesse, e ornato da gravura o tornaria mais valioso e apprazivel; e com effeito ella condiz muito bem com a natureza da obra. Todavia ninguem procure nella extensão, e profundeza de materia que só pertence á historia geral, nem tire de seus assumptos allusões suspeitosas, nem argumentos de paridade e analogia para formar queixumes, ou pedir reparações; nós não nos obrigâmos a fazer resenha completa de todas as acções meritorias. Igualmente nos não acoimem por não chegarmos a periodos historicos mas proximos da nossa éra, que não é em verdade destituida

de louvor e de merito : não é a natureza tão mesquinha que deixe de produzir em todos os tempos almas privilegiadas, nem os Portuguezes perdêrão com as vicissitudes das cousas humanas o sangue e brio antigos. Mas a prudencia tambem tem seus preceitos, e a fama dos homens vivos e contemporaneos direitos e melindres que devemos respeitar. Estamos certos que nisto convirão comnosco todos os homens sensatos e imparciais. O presente trabalho é dedicado a todos os Portuguezes do velho e novo mundo (embora Brazileiros estes, que irmãos são nossos, fallamos a mesma lingua, e temos a mesma origem), e todos elles hão de simpathizar sem duvida com a natureza do seu objecto generoso como o foi sempre o caracter Lusitano.

E na verdade qual será o coração bem formado que se não commova e dilate ao contemplar a fé e lealdade da *palavra promettida,* esta especie de sacramento da brilhante antiga cavalleria, e o sacrificio heroico com que soubérão guardál-a um Egas e Martim Moniz, um Martim de Freitas, um Nuno Gonçalves de Faria? Que Portuguez negará o tributo d'uma reconhecida obrigação á piedade, ás fundações, ás fadigas, e áquelle amor lhano e patriarchal com que amárão e felicitárão seus Povos um Afonso Henriques, um D. João da Boa memoria, um D. Manoel, uma Maria Iª? E que homem bem nascido deixará de sintir-se dominado d'uma generosa e honrada emulação vendo o merito coroado de louros n'um Infante D. Henrique, n'um Nuno Alvares Pereira, n'um D. João de Castro? E os cavalheiros portuguezes recusarião elles achar-se ao lado d'um destemido Gama, d'um Afonso o

Africano, e d'um Rei D. Sebastião mesmo, a pezar da desventura de seu esforço e valentia? E para os homens a quem coube a sorte d'um nascimento vulgar, e d'uma condição menos favorecida, faltarão acaso ahi modelos? Não procurarão elles elevál-a seguindo as pisadas e rastejando a fama d'um João Fernandes Vieira, d'um Henrique Dias, d'um André Vidal de Negreiros, d'estes constantes e valentes patriotas que resgatárão Pernambuco e salvárão o Brazil quando mais abandonado, só pela força do seu genio, e pelo vigor de sua virtude inabalavel? Não são ainda os mais estimados brasões da Fidalguia Portugueza essas pedras salpicadas de sangue de seus maiores nas costas Africanas; essas enseadas da Asia infamadas de tantos naufragios, de tantos combates, testemunhas de tantos triumphos; e na Patria os primorosos brios da Acclamação Bragantina? E as Musas portuguezas cessarão ellas, por ventura, de celebrar com palmas e ramos d'oliveira a memoria illustre daquelles que as estabelecêrão ou honrárão no solo Luso, um Diniz, um D. João III, um D. João V, e um Marquez de Pombal?

Se d'esta simpathica doutrina dos grandes exemplos, se d'este espelho luminoso d'acções virtuosas a que aspirão sempre as almas bem formadas, podem os Leitores doceis colher preciosos frutos d'imitação (1), tambem dos desvios mesmo, e das aberrações de boa vereda a que ás vezes

(1) Virtutis amore.

estivérão sujeitos os melhores modelos tirarão os estudiosos moralidade proveitosa amando e seguindo o bem pelo escarmento do mal (1).

Assim que, na historia respectiva aos Reis D. Diniz, D. Afonso IV, e D. Pedro I, a par de muita, e sabia prudencia, de briosa valentia, e de recta justiça, virtude que ennobrecêrão os seus reinados, verão os Leitores reflexivos os tristes calamitosos effeitos dos erros e das paixões humanas; e surgirem da incontinencia, da ambição, e da inveja, os desgostos e dissensões domesticas, as revoltas e guerras civis, os damnos, violencias e vinganças atrozes que manchárão vidas de muito lusimento. Notarão com um sentimento penivel n'um bondoso mas fraco Rei D. Sancho II, n'um generoso mas remisso D. Fernando os deploraveis resultados da indecisão sobre o throno, da negligencia e incuria nos governantes, desastroso caminho por onde o primeiro correo á sua perdição, e o segundo depois de ver queimar metade de Lisboa quasi entregava o Reino ao jugo estranho.

Prasa aos Ceos que a mocidade estudiosa portugueza possa colher do nosso trabalho, e do nosso bom proposito, o aproveitamento que de todo o coração lhe desejamos como compatriota, e amante do bem de nosso paiz. Sirvão-lhe estas recordações honradas, estes rapidos, mas interessantes bosquejos das glorias antigas, como d'aguilhão e estimulo para se elevarem á altura de merecimento

(1) Formidine pœnæ. Horat., nas Odes.

e fortuna que seu estado e posição na sociedade possa comportar : e a Patria agradecida os compensará, senão com augmentos e poder que a sorte muitas vezes se compraz em distribuir com mão caprichosa, ao menos com galardão indefectivel da estima publica, com os louvores de reconhecida homenagem e deferencia áquella riqueza a que não chegão as invejas e ingratidões humanas « Sciencia e Virtude. »

Pag :

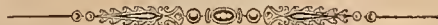
Lith. de Faeppelin

Desposorios do Conde D. Henrique com D. Theresa
Infanta de Castella e de Leão.

GALERIA PITORESCA

DA

HISTORIA PORTUGUEZA.

DESPOSORIOS DO CONDE D. HENRIQUE COM A INFANTA DE CASTELLA E LEÃO D. THERESA RECEBENDO EM DOTE OS ESTADOS DE PORTUGAL.

REINAVA em Hespanha depois de meado o seculo XI um soberano illustre, reunindo debaixo do seu scetro os estados inteiros de seu pai Fernando o Magno, a saber Castella e Leão, Galliza e Portugal; proseguia com grande calôr a guerra com os Mouros, poderosos ainda ao nascente e meio dia da Peninsula Iberica; emprehendêra a conquista do reino e cidade de Toledo, famosa capital que fôra do imperio vesigodo,

destruida havia mais de tres seculos em tempos do infeliz Rei Dom Rodrigo; acudião ali, segundo o costume daquella epocha cavalleirosa, aventureiros de differentes nações catholicas a tomar sua parte na guerra santa, e nas glorias da conquista, quando tres nobres cavalleiros francezes, briosos e mancebos, se apresentárão no arraial do soberano hespanhol offerecendo-lhe seus serviços, pois que só para ganhar honra e fama ali vinhão a debellar infieis. O soberano era Afonso VI, a quem chamárão *pár d'Imperador* por ter Reis seus tributarios; os tres cavalleiros erão Henrique de Borgonha, filho d'outro do mesmo nome, e neto de Roberto o Velho, Duque d'aquelle titulo, Raimundo ou Raimão seu Primo da casa de Bolonha Condado, e outro Raimundo Conde de Tolosa e de S. Gil. Recebeo o monarcha hespanhol reconhecido e jubiloso os jovens guerreiros, todos tres Principes de grandes casas, louvando-lhes seu brioso proposito, e agradecendo-lhes a preferencia que davão á guerra d'Hespanha, sobre a outra, seguida então com quasi universal enthusiasmo, a da primeira cruzada da Palestina.

O famoso cerco de Toledo durou seis annos inteiros com extraordinaria bravurá e perseverança; durante o qual se fizerão grandes cavallerias, porque os sitiadores animados de sua fé tinhão á frente o proprio monarcha, guerreiro illustre, acompanhado da flor da fidalguia castelhana e leoneza, cavalleiros adrestrados na escóla [do Cid, e os Principes francezes que ali forão provar sua valentia; os sitiados erão esforçados e dirigidos pelo bravo Ali Maimon seu rei, confiados na opulencia e fortaleza da cidade, e dicidido a sustentar a todo o custo a que com razão consideravão a séde e cabeça do islamismo na Peninsula. Esgotados em fim os recursos e as forças dos sitiados, rendêrão-se estes e caïo o magestoso colosso em poder dos Christãos no anno 1085. Acabou na Hespanha para sempre o

reino musulmano de Toledo, mas o estrondo d'esta quéda, retumbando nos confins das outras Potencias Mouriscas, irá despertar em todos seus estados desejos de vingança; e os échos, atravessando o Estreito, lá irão commover em Marrocos o Principe dos Crentes o emir Almominim, que trará nesse mesmo anno á Hespanha innumeravel Mourisma. Era o emir Ali Aben Jussof, filho do famoso Tachsphin, o fundador da dinastia dos Almoravides, nação feróz, originaria da Arabia, que, apoderando-se á força dos estados africanos da antiga dinastia dos Ommiades, pretendia restaurar o Califado do Occidente, retalhado pelas revoltas dos Regulos musulmanos da Peninsula. O perigo commum fez por então calar as paixões e rivalidades dos Mouros; unírão-se todos, e ao entrar em campanha o furibundo emir fazião sua vanguarda os Reis d'Andaluzia, sendo delles o principal, e o mais valente, Almohatamad, Rei de Sevilha.

Afonso VI surprehendido com a nova desta repentina temerosa invasão, levantou o sitio de Çaragoça, que emprehendêra depois do de Toledo; D. Sancho, rei de Aragão, abandonou da sua parte o assedio de Valencia, e ambos se preparárão a defender, apenas, seus estados contra a furiosa alluvião que parecia querer submergir de novo a Hespanha inteira. Marchou briosamente o Rei de Castella até ao extremo de seus dominios com todas suas forças, e ahi, a quatro leguas de Badajoz, o veio encontrar o innumeravel exercito agareno. Seguio-se a batalha de Casala (outros dizem Sagulias), batalha de gigantes, em que por dous dias inteiros se combateo com verdadeiro furor, e estranho encarniçamento, sem que nenhum dos contendores ousasse perder seu campo; e compensadas as perdas e as vantagens parecião resolvidos a perecerem ali todos primeiro do que confessar-se vencidos. Já o proprio soberano hespanhol estava ferido com muitos dos seus principaes cavalleiros; os Mouros

pelejando nos confins de seus estados erão reforçados com continuas levas de gente, que lhes chegavão frescas e descançadas; retirárão-se os Christãos da lide em uma noite sem serem perseguidos.

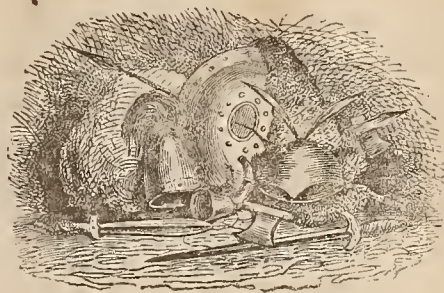
Avançou então Aben Jussof, atravessou a nova Castella, e o reino d'Aragão até Tortosa, onde bateo o Rei D. Sancho; e voltando aos estados do Rei de Leão, com elle deo começo áquella encarniçada luta que durou desde o anno 1086 até 1090, na qual os successos forão varios e a fortuna alternada. Neste periodo Afonso VI obteve auxilios de gente que lhe mandou Felipe I°, Rei de França, e Aben Jussof tres vezes passou e repassou o estreito de Gibraltar trazendo sempre à Hespanha novos reforços. Sustentavão os Christãos e Musulmanos corajosamente a contenda, até que o emir, contrariado pelas defecções dos Reis Mouros seus confederados, ciosos e desconfiados das antigas pretensões do califado, de desgosto e aborrecimento abandonou a Peninsula, passou a Marrocos, deixando ao Principe Taxefin seu filho o cuidado da guerra, e o encargo de castigar a perfidia e rebeldia dos Reis revoltados. O habil Taxefin conduzio a campanha com extraordinaria valentia, e os negocios da politica com admiravel dexteridade : começou por negocear a páz com os Christãos em quanto se dedicava todo a subjugar os Soberanos refractarios; e conseguindo seduzir e intimidar-lhe os proprios vassallos com as leis do profeta que lhes figurou violadas, entrou em Sevilha, mandou cortar a cabeça ao infeliz e valente Mohatamad, e se apoderou de seus estados como ja o havia feito dos de Granada e de Cordova. Fortalecido assim, quando ja dispunha de todos os recursos das potencias subjugadas da Andalusia voltou á lide contra os Christãos, e alçançou a famosa victoria d'Uclés em que o Principe D. Sancho, unico varão, presumptivo herdeiro de tantos reinos, moço de apenas

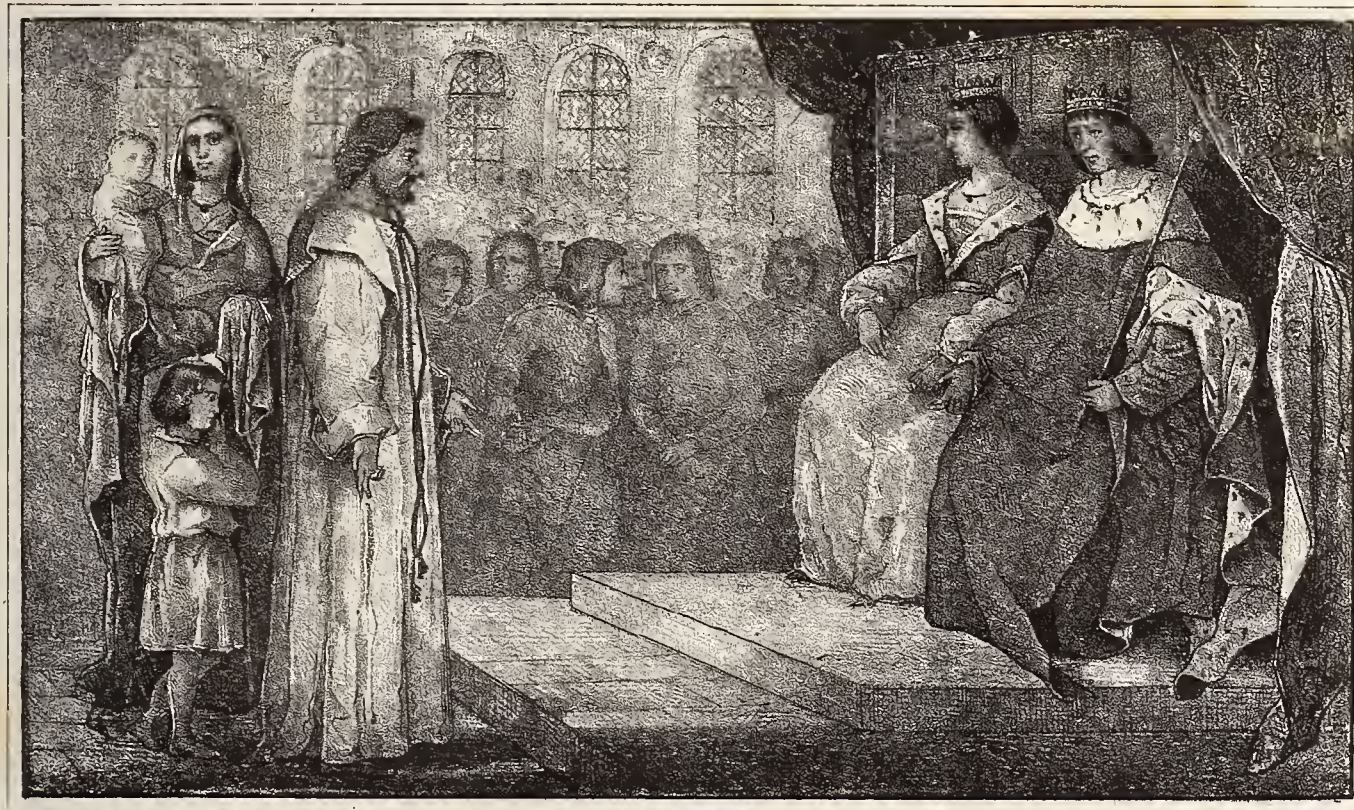
onze annos de idade, ficou morto no campo. Este successo porèm foi mais tarde: Afonso VI, depois desta grandissima perda, apenas viveo um anno.

Em quanto o soberano hespanhol, havendo dictado a páz a seu poderoso inimigo, descançava á sombra das discordias musulmanas, poude applicár-se desafrontadamente aos negocios da administração de seus vastos dominios, vendo-se em idade avançada, tractou como bom politico e generoso Principe de fixar nos seus estados os Principes francezes, companheiros valentes e leaes de seus desastres e fortunas, estabelecendo nelles outras tantas escoras do seu imperio ameaçado sempre do enorme poderio africano, e mal seguro d'intestinas discordias pela quasi total deficiencia de successão masculina. Resolvido neste pensamento deo suas tres filhas por esposas aos Principes estrangeiros dotando-as magnificamente: ao Conde de Borgonha, D. Raimundo, deo a infanta D. Urraca, filha da Rainha D. Constança, sua tia, com a Galliza em dote; ao Conde de Toloza e de S. Gil concedeo sua filha D. Elvira acompanhada de grande thesouro, com os quaes partio para a Palestina; e a Henrique de Borgonha, Ducado, deo a Irmã da segunda, a infanta D. Theresa com o reino de Portugal perpetuamente. Não sendo de nosso assumpto fallar dos dous primeiros, diremos alguma cousa do terceiro como tronco da dinastia portugueza, principio da sua independencia nacional.

O Conde D. Henrique (que assim foi sempre depois chamado como Principe de casa soberana, adoptado na Hespanha) era filho de Henrique, herdeiro presumptivo do ducado de Borgonha, neto de Roberto o Velho, bisneto de Roberto o Justo, Rei de França, terceiro neto d'Ugo Capeto, fundador da dinastia do seu nome. Presume-se que nasceo na cidade de Dijon, capital dos estados de seus avós entre os annos de 1035 e 1038. Descendente d'uma tão alta familia, educado segundo o

estilo então commum a todos os Principes na Europa, recebeo os principios por onde regulou sua conduta, os d'uma muito fervorosa piedade, e os de uma cavalleirosa valentia. Entrando nos estados de Portugal com a infanta D. Theresa sua mulher, estabeleceo sua côrte em Guimarães, convocou ahi uma assemblea dos notaveis do paiz, em que assistio S. Giraldo Arcebispo de Braga, verosimilmente para se aconselhar com elles, e prover ás necessidades e bem estar de seus novos subditos. Promoveo a cultura e povoação do paiz, dando a liberdade a algumas terras por meio de foraes, que ainda existem, chamou muitas familias estrangeiras francezas e gasconhas com muitos outros individuos illustres em valor e sciencias, aos quaes deo terras, e empregos com que se fixassem em Portugal. Restaurou as Sés de Braga e Porto, que jazião destruidas desde as devastações d'Almansor, um seculo antes; levantou um templo ao Santo Arcebispo Pedro de Rates, no mesmo lugar em que a tradição aponta o seu martyrio; e introduzio no reino a reforma de Cluny de Monges benedictinos, celebres então por sua illustração e austeridade, para os quaes fundou varios conventos. Levado de sua devoção fez varias romarias a Santiago de Galliza, e no anno de 1102, foi visitar os lugares santos de Jerusalem donde voltou no anno seguinte. Accendendo-se de novo a guerra de Mouros dentro dos seus estados vestio novamente suas armas, e soube combatêl-os, e repelíl-os da maior parte de seus estados. A morte de seu sogro Afonso VI, acontecida em 1103, occasionando as perturbações e guerras da successão d'Hespanha, lhe acarretou forçosamente o encargo de defender os direitos de seu sobrinho o infante D. Afonso filho de sua cunhada D. Urraca, a favor dos quaes combateo, e ajudou a dispersar as facções que dilaceravão o condado da Galliza, e o reino de Leão. Contribuindo assim poderosamente para os destinos futuros de seu inclito filho Afonso Henrique, deve-lhe sua patria

adoptiva memorias de grande louvor, e de reconhecido agradecimento, pois que além dos exemplos d'uma carreira virtuosa, honrada, e valente deixou arreigadas no solo portuguez aquellas briosas qualidades e elevados pensamentos, que desasette annos depois da sua morte souberão elevar a monarchia portugueza sobre os pavezes victoriosos do campo d'Ourique.

JORNADA D'EGAS MONIZ A TOLEDO.

Depois da morte do Conde D. Henrique ficou sua mulher a Infanta de Castella D. Theresa tomando o titulo de Rainha com a Regencia de Portugal, que tranquillamente e sem contestação exerceo desde o anno de 1114 até ao de 1226. Porèm chegado este tempo, o Principe D. Afonso Henrique seu filho era ja mancebo; tinha sido armado cavalleiro na cathedral de Çamora, brioso, valente, e exercitado nas armas que havia

Lith. de Kaeppelin

Jornada d'Egas Moniz a Toledo.

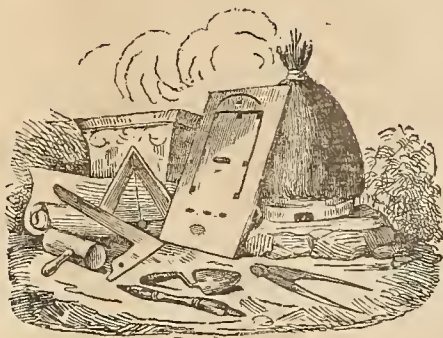
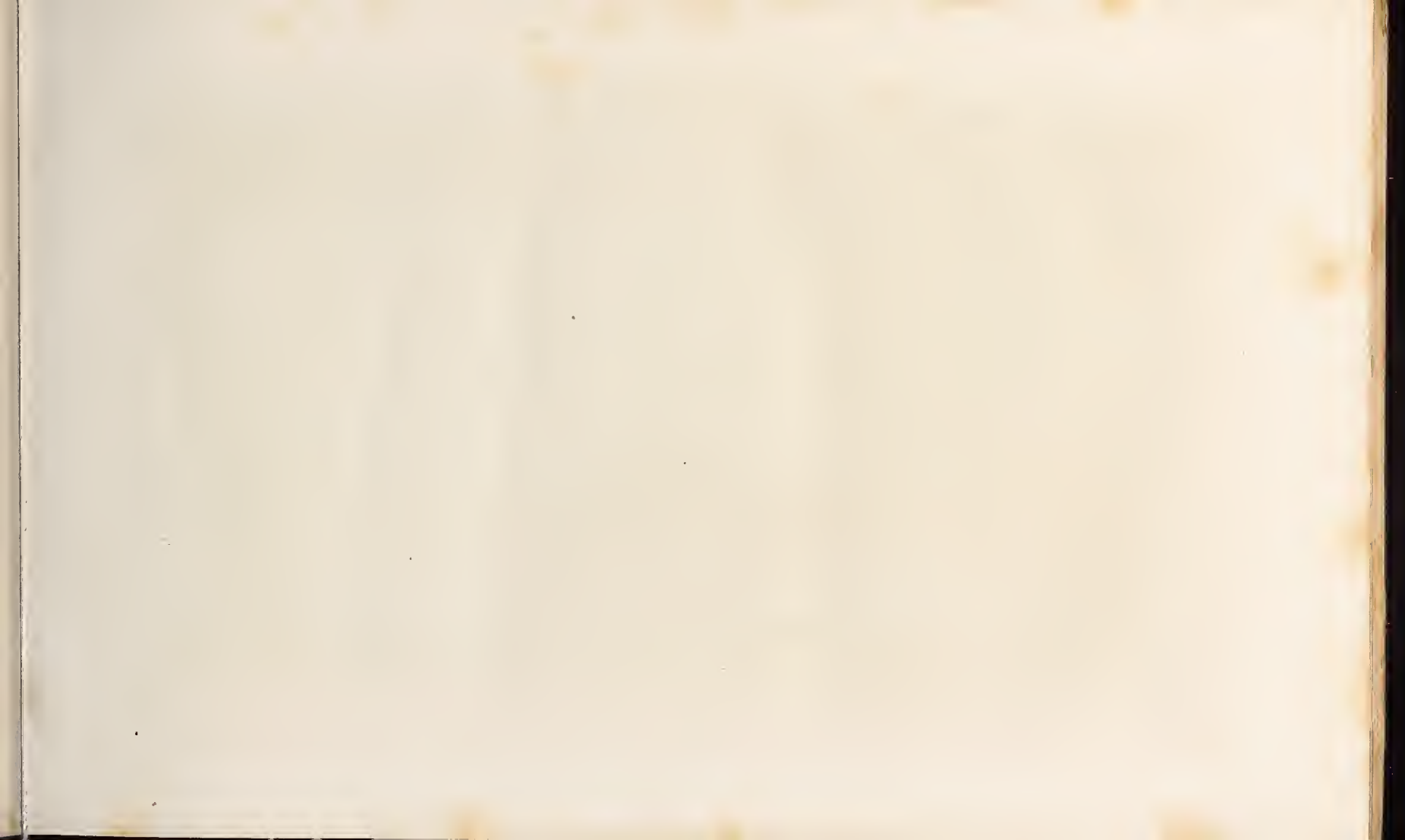
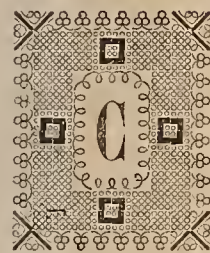
experimentado em varios encontros com os Mouros, devia naturalmente ambicionar o supremo poder, que sua qualidade de varão lhe fazia parecer propriedade sua, herdada de seu pai. Não faltarião conselheiros que o persuadissem, ou confirmassem em suas imaginações; mas um successo grave e transcendente no Reino vizinho veio apressar a revolução que lhe poz o governo nas mãos. De balde sua mãi se havia cercado de todos os elementos e predicados do poder supremo, chamando-se Rainha, como soberana filha de Rei, levantando a vassallagem que seu marido prestára á Suzerania Castelhana, e passando a segundas nupcias com D. Fernando Conde de Trastamara, grande senhor da Galliza que naturalmente lhe havia de trazer partidarios e amigos; porèm a hora da sua quéda era chegada; a força das cousas, e as ideas dominantes dicidírão de tudo. O acontecimento do Reino vizinho foi que o Principe D. Afonso Raimão seguido da opinão quasi geral de Leonezes, Gallegos, e Castelhanos se levantou contra o governo de sua mãi a Rainha D. Urraca; cercou-a nas torres de Leão, onde ella se fizéra forte, e apoderando-se da sua pessoa se proclamou soberano, e administrador dos Reinos de seu pai Afonso VI. O parallelo era evidente, os direitos semelhantes, o exemplo devia imitar-se: o principe D. Afonso, acompanhado de seus amigos e parciaes levantou-se na provincia do Minho neste mesmo anno de 1126, e apoderou-se dos dous Castellos de Neiva e Faria, os primeiros que lhe abrírão as portas. A Rainha D. Theresa mostrou nesta occasião animo real: desde Coimbra, onde então estava, acudio ao Minho, juntou as maiores forças que pôde, e lançou-se dentro de Guimarães a tempo de salvál-a do movimento que, lavrando rapido, havia ja posto muitas outras terras na obediencia do filho. Teve este de ganhál-a á força d'armas na victoria que alcançou no campo de São Mamêde junto dos seus muros; a Rainha foi feita

prisioneira e guardada no Castello de Lindoso, e o Conde D. Fernando, capitulando, saïo do Reino. D. Afonso Rei de Castella e Leão apprensentou-se então como mantenedor dos direitos da desditosa Rainha sua tia, talvez com vistas ambiciosas; e passando as raias de seus estados entrou com poderoso exercito em Portugal pelo lado de Galliza. Marchou o Principe D. Afonso Henrique ao seu encontro; deo-se a batalha de Valdedevêz, de poder a poder, junto á villa dos Arcos, onde a fortuna que havia dirigido os primeiros successos do afortunado Principe lhe poz nas mãos uma victoria dicisiva: o exercito castelhano foi derrotado; e o soberano que o commandava escapou fugindo, deixando em poder d'Afonso Henrique sette Condes prisioneiros, alèm de infinitos soldados. Recolheo-se o vencedor contente á sua côrte de Guimarães, onde bem de pressa (pois apenas erão passados poucos mezes) se havia de achar em novo e mais arriscado perigo, cercado repentinamente pelo mesmo Monarcha castelhano. E desta vêz não será a força das armas quem hade salvar o valeroso D. Afonso, mas sim a lealdade d'um vassallo, a dedicação heroica d'um amigo, a experiencia e grande politica do famoso Egas Moniz. Eis como o mais estimavel dos nossos chronistas, o que melhor averigoou os successos deste tempo, conta esta memoravel façanha. No principio do anno 1129 sentido o Imperador Afonso VII da desgraça passada na derrota de Valdevêr, e desejando sanear-se desta québra, com o melhor segredo possivel entrando em Portugal pela parte da Galliza veio quasi repentinamente lançar-se sobre a villa de Guimarães, onde então residia a côrte e assistia o Infante D. Afonso. Havia pouco que esta villa fôra ganhada pelo Infante aos que seguião o partido da Rainha, nem estaria fortalecida, nem nella haveria a gente de guerra necessaria. Por estas razões julgou o prudente capitão Egas Moniz Aio do Infante e principal Ministro de seus cousas ser conveniente usar então de

cautella com o inimigo. E assim, passado algum tempo de cerco, saïo fóra da villa, e pedindo audiencia particular ao Imperador, lhe soube propor com tão boa ordem o estado das cousas presentes, como a empreza era de grande difficuldade pela fortaleza da villa, valor do Infante, e da gente Portugueza, que estava dentro, exercitada em guerras; que conciderasse como Principe catholico não servião para mais estas dissensões entre os Reis christãos do que consumirem suas fôrças, e de propor aos Mouros alegre espectaculo, e lhes facilitar as impresas; em fim com estas e outras razões obrigou ao Imperador a levantar o sitio, ajuntando, segundo dizem, a promessa que fez d'obrigar o Infante a ir ás côrtes de Leão quando as houvesse. Não soube o Infante destes tractos, e assim ficou admirado quando vio repentinamente levantar o cerco, e cheio d'indignação quando lhe constou da promessa que fez seu Aio. Mas este, como tinha traçado o cumprimento della por ordem differente do que imaginava, soube aplacar a ira do Principe, e dar satisfação ao que tinha promettido por um modo raro, qual foi ir-se a Toledo com sua mulher e filhos, e apparecer ante o Imperador Afonso em trajes humildes com côrdas ao pescoço, offerecendo sua vida propria e dos seus a *trôco da palavra mal comprida.* E pôsto que este espectaculo causasse ao principio indignação naquelle Principe, com tudo tomando melhor accôrdo, e com o parecer dos grandes de sua côrte, fez bom acolhimento á illustre familia, e deo por quite o leal vassallo de sua promessa.

Tanto se presou o honrado e primoroso Egas Moniz deste feito, que contra o estilo daquelle tempo em que a simplicidade, e chaneza de costumes fazia desprezar estatuas e monumentos de glorias mundanas; mandou esculpir na campa de sua sepultura a imagem desta jornada a Toledo tal qual a publicou modernamente um litterato Portuguez nos seus Quadros Historicos; tosco, e grosseiro de-

senho qual o permittia a rudesa das Artes naquella idade. Porèm a fama e a gratidão nacional tem como consagrado nos seus fastos esta façanha como timbre d'acrisolado affecto e lealdade a seu Soberano : e com effeito, ella sera sempre applaudida e celebrada no Mundo em quanto nelle houverem corações accesos no sagrado amor da patria.

Lith de Kaeppelin

D. Afonso Henrique acclamado Rei de Portugal, em Ourique pelo seu exercito

D. AFONSO HENRIQUE ACCLAMADO PELO SEU EXERCITO, EM OURIQUE, REI DE PORTUGAL.

Constituido Principe Soberano de Portugal o Infante D. Afonso Henrique em o anno de 1128, desassombrado do poder de Castella pela paz que se seguíra á batalha de Valdevêz, voltou-se para a guerra dos Mouros, implacaveis inimigos de nome christão na Peninsula. Para levar adiande seus vastos projectos d'expulsál-os totalmente da Estremadura, cujas praças pela maior parte havião conquistado nos ultimos annos do governo do Conde Henrique, e nos da regencia de sua mãi a Rainha D. Theresa, com bom discurso e alta capacidade começou de construir castellos e afortalezar os pontos intermedios entre os seus dominios e os do inimigo, para d'ahi fazer escala segura a suas ulteriores empresas. Estabeleceo os Templarios, famosa milicia daquelle tempo, em Soure, Ega, Redinha e Pombal; levantou o fortissimo

castello de Leiria, e o d'Ourem; fez reparar e guarnecer os que jasião arrasados pelos Mouros, os da Lousã, Penela, Ceras, o do Zezere, e d'Almourol, e estabelecida assim como uma linha de postos até ao Tejo, assentou levar a guerra ao centro do paiz inimigo, e cortar as communicações que podião sustentar ainda longo tempo o dominio dos Mouros de Santarem, de Lisboa, e das outras praças fortes que possuião na Estremadura. Preparado assim o seu caminho, como prudente capitão juntando toda a gente de guerra que pôde reunir, em Junho de 1139 saïo de Coimbra á testa dum exercito de dez mil infantes e mil cavallos, na direcção do Alemtejo: pequeno numero para comparar ao immenso poder dos Mouros da Andalusia, mas poderoso, e brilhante pelos briosos experimentados cavalleiros que o seguião, e pela extraordinaria capacidade do seu chefe. Não menos precavido o Rei de Sevilha Ismar, o mais poderoso então dos potentados Mahometanos d'Andalusia, sabendo dos preparativos do Principe Portuguez, mandou por seus Ulêmas pregoar a guerra sagrada, covocando os crentes de Mafoma a virem defender a sua lei, o nome e senhorio musulmanos. Acudírão seus guerreiros todos, e reunidos os Reis de Badajoz e de Sevilha com mais tres, que se suppõe serem de Cordova, de Jaen e de Granada, avançárão a pôr termo ás correrias dos Christãos, que atravessando o Alemtejo desde Almourol junto a Punhete chegavão já aos campos d'Ourique. Compunha-se o exercito dos Mouros de innumeravel multidão, que os Chronistas exagerão a ponto de darem para cada soldado christão um cento dos outros, mas que André de Rezende, o qual com maior exame e cuidado averigoou as circumstancias desta famosa jornada, calculou em 400 mil combatentes, a maior parte de cavalleria, segundo o estilo dos Arabes. Acampárão os dous exercitos em lugar chão pouco abaixo da aldea chamada Castro-Verde: o centro da linha inimiga era um outeiro chamado desde

então Cabeço-de-Reis em memoria dos soberanos Mouros ahi postados, junto dos rios Cobres e Terges; o pequeno exercito Portuguez ocupava um pequeno recôsto que banhavão as agoas dos dous rios, o qual bem de pressa foi rodeado pelos inimigos que parecião querêl-o apertar dentro d'um circulo de ferro, que tal era o arco de sua immensa e reforçada linha. Ao verem os cabos portuguezes aquella temerosa multidão, e as disposições tomadas pelo suberbo Ismar; considerando, como prudentes e experimentados, o eminente risco d'aventurar uma acção geral contra tão desmesurado poder, forão ter com o Principe D. Afonso, e depois de ponderar-lhe as razões e receios que seu zelo e pratica da guerra facilmente lhes suggerião, terminárão por propor-lhe fizesse com os Mouros algum concerto por meio do qual se livrassem por então daquelle apêrto. Recebeo o Principe com rosto sereno e benevolo os avisos e ponderações de seus bravos capitães, e lhos agradeceo como quem sabia o bom animo de que provinhão; mas depois destas mostras de consideração e de bondade, lhes soube expor com tal dexteridade e energia as razões d'aproveitar a occasião de bater os inimigos todos juntos, e aceitar a batalha que accendendo naquelles corações duvidosos a chama do seu mesmo valor e enthusiasmo, logo ali se lhe offerecêrão todos para o seguir e accompanhar em qualquer tranze, determinados a repellir os Mouros, ou a morrer diante do seu chêfe. Aproveitando o habil e generoso Principe este movimento brioso de seus cabos, quiz extender a todos os seus soldados o mesmo impulso de decisão e coragem, e ordenou, á vista dos Mouros admirados, uma mostra geral de seu exercito, e depois de passar por entre suas fileiras brilhante e ardido de sua pessoa, e com rosto alegre e seguro lhes fallou desta maneira : « Christãos portuguezes, bravos companheiros de meus trabalhos e triumphos, ahi tendes diante de vós os nossos inimigos, aquelles mesmos que de tão longe viémos buscar : o pelejar

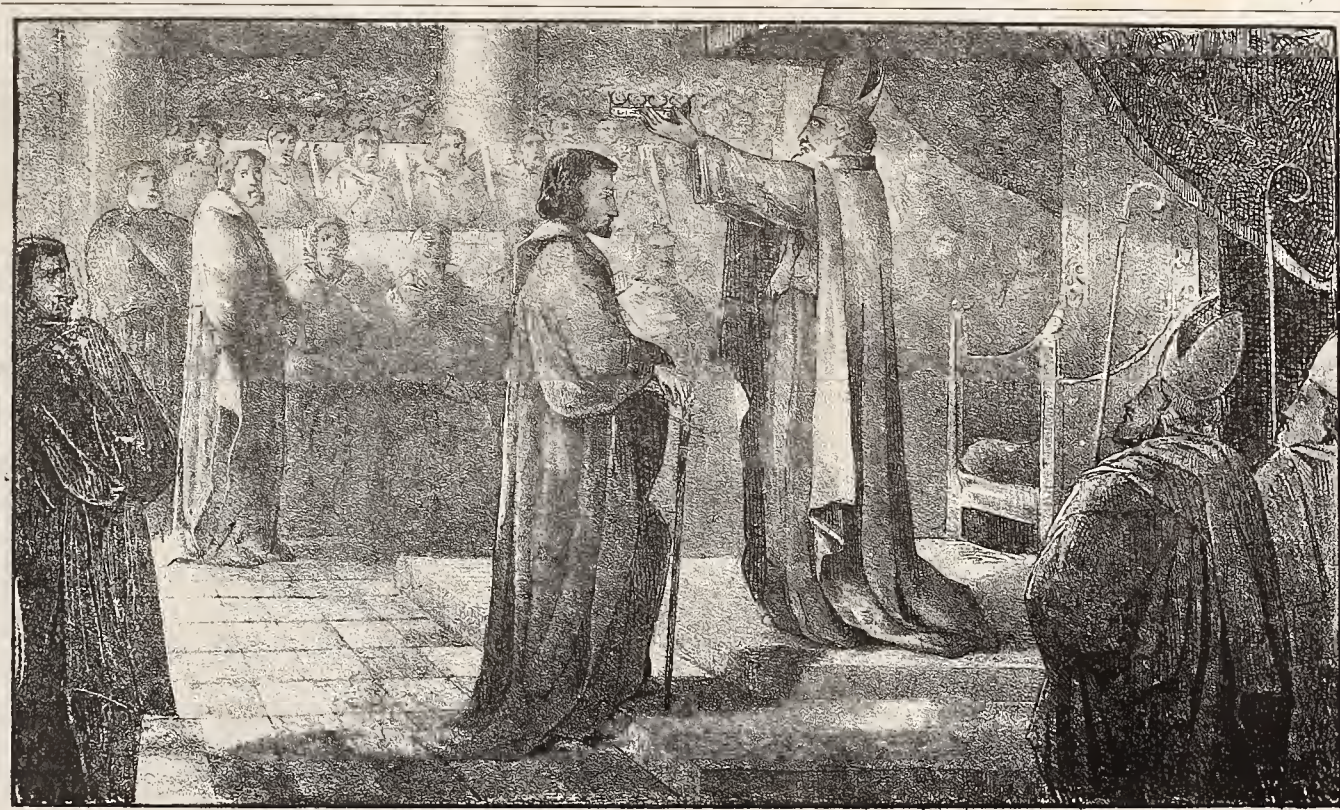
está nas mãos dos homens, o vencer as batalhas está no poder de Deos; mas como nossos inimigos pelejão por mentira, e nós christãos batalhâmos por verdade, de que Deos é o fundamento, deveis contar sem duvida com a victoria.» Com estas e outras palavras acompanhadas d'um gesto de segura confiança soube infundir no animo dos soldados tanta exaltação, e tão profundo enthusiasmo, que por um rapido e espontaneo acôrdo, como se fossem levados d'uma inspiração subita e irrisistivel o acclamárão Rei, gritando: « REAL, REAL! por El Rei D. Afonso I, Rei de Portugal.» Quizera o magnanimo Principe declinar aquella transcendente e temporanea manifestação dizendo-lhes que assás de honra e grandeza tinha estando no meio delles, onde combateria como companheiro e amigo : mas em fim houve de resignar-se á vontade de todos, que fendendo os ares com suas vozes e alaridos continuárão suas acclamações, incutindo nos Mouros espanto e torvação.

Nestas jubilosas e festivaes alegrias se passou aquelle dia memoravel 24 de Julho de 1139; sobre veio a noite, recolheo-se El Rei D. Afonso á sua tenda, só, pensativo e preocupado daquelle confuso tropel de ideas, e considerações de sua estranha posição; abrio a santa Biblia que trazia sempre na sua guarda-roupa, como para achar nas sagradas Lettras um conselho ou um alivio, e adormeceo sobre ella cansado e opprimido da fadiga e da leitura; até que lhe trouxerão aquelle santo hermitão que lhe vinha predizer a victoria, e o aparecimento do Deos dos exercitos á confirmar-lhe esta promessa, e a duração de sua descendencia no throno portuguez. Animado e fortalecido com a segurança divina, o venturoso monarcha chegando a manhã do dia 20 de Junho, festa de Santiago, patrono das Hespanhas, se appresentou com rosto ledo e seguro á frente dos seus soldados, e dispôz sua batalha na formação seguinte : deo a vanguarda, composta de tres mil infantes e tresentos ca-

vallos a Lourenço Viegas, o espadeiro, seu colaço, filho primogenito do bom Egas Moniz; a ala direita a Martim Moniz, com dous mil infantes e duzentos cavalleiros; igual numero deo a Mem Moniz, que commandava a ala esquerda; e uma força igual á da vanguarda entregou a D. Gonçalo de Sousa, fazendo a reserva. Seu alferes mór era D. Pedro Paes, filho do famoso capitão D. Paio Guterres. Ao raiar do sol mandou El Rei avançar sua bandeira, e seguio-se a portentosa batalha em que este punhado de bravos Portuguezes desbaratárão os cinco Reis Mouros com tal mortandade d'infieis, que de seu sangue se tingírão de vermelho as agoas dos dous rios, com quasi nulla perda dos Christãos se no numero dos mortos não ficassem os dous bravos cavalleiros Martim Moniz, e Diogo Gonçalves.

CORTES DE LAMEGO.

AINDA bem não tinha gosado o victorioso D. Afonso Henrique dos frutos do seu prodigioso triumpho d'Ourique, e do repouso que elle e seus valentes companheiros d'armas percisavão depois de tão grandes esforços e fadigas, quando novos rebates de entradas hostis dos Leonezes no seu Reino pelo Minho e Tras-os-Montes o vierão saltear no anno seguinte de 1140. De pressa soube castigar e repellir o infatigavel Soberano estas novas ousadías do ciume castelhano, desbaratando e fazendo prisioneiros tres Condes leonezes na batalha da Penha da Rainha, junto ao rio Ancora. Mas era o destino d'este invicto Monarcha girar de continuo entre aggressões e victorias, parecendo que nenhum de seus adversarios se atrevia a hostilizar-lhe seu Reino sem que primeiro o soubesse embaraçado com outro inimigo. Assim que, aproveitando o

Lit. de Kaeppelin

El Rei D Afonso Henrique é coroado nas Cortes de Lamego

Rei de Sevilha tomar a occasião da guerra, que dissemos de novo accesa com os Leonezes, pareceo-lhe boa conjunctura para vingar-se da affronta d'Ourique. Marchando á pressa reunio-se-lhe o Alcaide de Santarem Anzechri, e caïndo ambos com grandes forças sobre Leiria a tomárão, arrasárão seu castello, passando á espada seus defensores entrados d'assalto, perecendo ahi o bravo capitão D. Paio Guterres com mais 250 Portuguezes, que preferírão a morte ao captiveiro. Voou ahi, para acudir-lhe, desde o Minho, o infatigavel Principe; os Mouros se poserão em fugida, despejando o paiz circumvizinho, e El Rei cuidou de raparar o Castello, que já no anno de 1142 estava outra vez levantado. Em fim, um intervalo de paz deo lugar a que D. Afonso Henriques se voltasse para outro genero d'occupação; e como era dotado de tanta piedade e sabedoria quanto tinha de magnanimidade e valentia, assentou escrever ao Papa então reinante, Celestino II, dando-lhe parte dos succesos d'Ourique, da qualidade de Rei que o seu exercito lhe conferíra, e a nação inteira com unanime vontade desejava, pedindo-lhe o reconhecimento e confirmação de sua nova dignidade, e constituindo-se desde ali tributario de S. Pedro, ao qual queria ter por seu patrono e advogado, pagando-lhe em reconhecimento, em cada um anno, quatro onças de ouro. Neste mesmo anno de 1142, lhe respondeo o Summo Pontifice Lucio II, ja então reinante, com a Bula que transcreveo o Chronista Brandão, aceitando a offerta, e confirmando El Rei D. Afonso na sua nova cathegoria real. Quiz igualmente este pio Soberano tomar por Protectora do Reino a Virgem Santissima de Claraval na Borgonha, que então florescia com grande celebridade, ao mesmo passo que nisto deferia e lisongeava ao seu amigo e conselheiro o grande Bernardo, fundador daquelle Mosteiro.

Recebidas as Lettras Pontificias faltava a El Rei D. Afonso a sanção legal da sua Realeza no accôrdo

da vontade nacional. O direito publico do Reino de Leão, de que o de Portugal acabava de ser uma desmembração, havia desde muitos seculos estabelecido o modo de representar a nação inteira, e foi este adoptado nesta primeira Assemblea da soberania nacional. O Rei em Cortes era o cumplemento de todo o poder politico.

Convocou El Rei os Estados do Reino para o anno de 1143, e effectivamente se reunírão em a cidade de Lamego na Igreja de Santa Maria d'Almacave, que então era a principal, não existindo ainda a Sé, que só mais tarde foi edeficada. Não é este o lugar de nos demorarmos em fazer todas as reflexões que nos inspira o famoso documento das suas Actas, ácerca do qual ainda fallaremos, se a vida durar; e só daremos aqui um rapido esbôço desta grande ceremonia quanto o soffre a natureza desta obra.

Ahi no recinto do Templo estava El Rei D. Afonso, sentado no seu throno, como um simples cavalleiro, *sine insigniis regiis*: ao seu lado se via o seu companheiro e amigo, seu Irmão colaço, Lourenço Viegas, filho d'Egas Moniz, criados na mesma casa do honrado e bemaventurado Aio, e então Alcaide mor de Lamego, circumstancia que com a da localidade central determinaria a preferencia que se lhe deo entre outras terras do Reino; e abaixo do Monarcha estava o seu chanceller Mestre Alberto. A um lado da Igreja estava o alto Clero, a saber o Arcebispo de Braga, e os Bispos de Coimbra, de Vizeu, do Porto, e o de Lamego, com immensa clerezia; *et multitudo ibi erat de Monachis et clericis*. Logo depois destes, *infra positos*, os Grandes, e Fidalgos que compunhão a Corte do Rei, *nostræ Curiæ*, e do outro lado os Procuradores e Homens bons das Cidades e Villas do Reino, *procurantes bonam prolem per suas civitates*. Levantou então a voz Lourenço Viegas, Procurador do Rei, e disse: «Juntou-vos neste

lugar El Rei D. Afonso, aquelle mesmo a quem fizestes Rei no campo d'Ourique, afim de mostrar-vos as graciosas Lettras do Papa, e declarardes se quereis que com effeito seja Rei. » Respondêrão todos : « Seja Rei; nós assim o queremos. » — « Pois se esse é vosso querer, tornou o Viegas, dai-lhe as insignias reaes. » Ao que disserão todos : « Sim; em nome de Deos lhe sejão dadas. »

Levantou-se então o Arcebispo de Braga, e tomando das mãos do Abbade de Lorvão a Coroa de ouro que era grande e cravejada de pedras preciosas, a mesma que fôra dos Reis Godos, offerecida por um delles áquelle Mosteiro, e ambos lh'a puserão sobre a cabeça. Apenas coroado, poz-se em pé El Rei D. Afonso, e com a espada nua alçada disse : « Bemdito seja Deos, que se dignou exaltar-me : com esta mesma espada, por meio do auxilio divino vos libertei, venci os vossos inimigos, e vós em paga me fizestes Rei e companheiro vosso, *Regem et socium vestrum*. Quereis agora que façamos leis pelas quaes a nossa Terra seja governada em paz? » — « Queremos, respondêrão todos; e com ellas nós outros, nossos filhos, e nettos vos promettemos obediencia e vassallagem. »

Em seguida procedêrão á formação das Leis; primeiro ás Leis politicas, estabelencendo a ordem da successão á Coroa; depois ás Leis da nobreza, em que naturalmente entravão os grandes Eclesiasticos que neste tempo não estavão separados do corpo dos Fidalgos, antes com elles gozavão senhorios, prerogativas e considerações annexas á elles, e aos mesmos deveres sujeitos, indo até á guerra : e por ultimo ás Leis communs e geraes, *leges justitiæ*. Logo que se acabavão de redigir cada uma das mesmas classes de Leis, as lia o Chanceller Alberto, e os Estados as approvavão dizendo : Agradão-nos, *bonæ sunt*. Restava então só o ponto delicado, o da sujeição ou independencia nacional ao Reino vizinho, questão que ja tinha occasionado grandes guerras. Tornou a levantar-se Lourenço Viegas

e propôz : « Quereis que vosso Rei vá ás Cortes do Rei de Leão, ou lhe pague tributo? » A esta voz levantárão-se todos, e desembainhando as espadas, com ellas levantadas exclamárão : « Nós somos homens livres : com estes braços nos libertámos; se houver Rei que tal cousa fizer ou consintir, morra, e não reine sobre nós. » Alçou-se então El Rei D. Afonso, brandindo a sua espada, e lhes disse : « Sim; bem sabeis quantos combates tenho dado por vossa liberdade : se alguem for contra ella morra embora; e se for filho, ou netto meu não reinará. — Não, não reinará, gritárão todos, pois assim é justo, *bonum verbum.* »

Lit. do Carmelo

Tomada de Lisboa e morte heroica de Martim Moniz

TOMADA DE LISBOA; MORTE DE MARTIM MONIZ.

Não cessava o solicito e valeroso Monarcha El Rei D. Afonso Henrique de combater ora os Leonezes, ora os Infieis, que uns e outros, por motivos diversos, estavão empenhados na sua humiliação; aquelles, por ciume de sua nascente grandeza, pretendião reduzíl-o á classe de vassallo tributario, ou reunir de novo Portugal ao todo donde saïra, e estes forcejando por conservar na Lusitania as antigas conquistas dos Arabes, de modo que a

vida d'este grande Rei, a pezar de haver sido a mais longa de todos os Monarchas Portuguezes, foi quasi incessante lida, continua serie d'acções bellicosas. Depois de confirmado e reconhecido Rei pela nação em Cortes, como acabámos d'expôr, ainda teve d'acudir á Estramadura, invadida no anno seguinte de 1144 pelo feróz Ansechi, governador de Santarem, que surprendendo o Castello de Soure, então guarnecido de poucos cavalleiros do Templo, a quem pertencia, levou estes prisioneiros com seu Prelado Martinho, e de lá os mandou a Cordova, como presente agradavel ao Califa. Sentio o brioso Soberano profundamente este successo; meditou no modo de vingar a affronta, e livrar suas terras e vasallos das correrias e ferocidade do bellicoso Regulo. No anno de 1146 partio de Coimbra El Rei com sós 250 cavalleiros escolhidos, entre elles os Templarios como mais praticos do paiz, e mais empenhados no castigo do Mouro: e n'uma noite, por surpresa, mas á custa de briosa audacia e d'extraordinaria valentia, a poderosissima praça de Santarem caïo em poder do heroico Monarcha. Restava porèm a principal entre todas, a que era melhor presidiada, mais cuidadosamente guarnecida, a que em fim devia naturalmente, por sua venturosa posição, ser a cabeça do Reino, a famosa Lisboa. Preparou-se El Rei D. Afonso para esta empresa com as maiores forças que pôde reunir, e logo, no anno seguinte de 1147, foi assentar arraial á vista de seus muros. Porèm os Mouros recebião a cada passo auxilios e reforços por mar e terra, e com quanto a bravura e perseverança dos Christãos lhes dessem muito que fazer, sustentavão-se os Mouros; o tempo se ia gastando assim sem resultado importante, até que uma casualidade feliz veio em auxilio dos Portuguezes. Uma armada de Cruzados, que passavão á Palestina, fundeou na bahia de Cascaes: vio-a o vigilante Soberano dos altos do seu campo, conheceo pelas bandeiras e pendões em que

apparecia a Cruz vermelha, cujas erão, e mandou a bordo um emissario ao seu commandante Guilherme de Longa-Espada, e mais capitães que ali vinhão, com embaixada concebida nas frases seguintes : « Se ides buscar infieis para combater, aqui os tendes pérto de vos; vinde juntar vossas valentes armas ás minhas, e seremos victoriosos, porque vosso bom proposito as tornará venturosas : se o fizerdes, uma immensa gloria, e ricos despojos vos esperão. » Aceitárão o envite os briosos cavalleiros, e desembarcando tomárão a seu cargo cercar a praça da banda do mar, e combatêl-a por esse lado : era guerra sagrada, e os corpos dos que morrião os sepultárão no sitio em que hoje está a Igreja dita por isso dos Martires. Ja erão passados cinco mezes de sitio, e muitos dias havião decorrido em que os da armada combatião apar dos Portuguezes, quando em fim resolveo El Rei D. Afonso dar o assalto, que teve lugar no dia 25 d'Outubro de 1153, dia em que a Igreja celebra a festa dos santos Chrispim e Chrispiniano. Atacárão os sitiadores ao mesmo tempo por suas respectivas estancias : coube aos Portuguezes escalar os muros pelo lado de S. Vicente de fóra, e desde ahi por um semicirculo até ás portas de Santa Catherina, os Estrangeiros, desde este ponto até ao Tejo, por onde tambem a Armada, surta no rio, não deixava de apertar os Mouros. Foi longo e terrivel o conflicto, durou seis horas inteiras, até que o inimigo, não podendo mais resistir á furia dos Christãos, foi levado de vencida de rua em rua, pretendendo recolher-se ao Castello como derradeiro refugio; porèm este ensejo se lhes tornou inutil pelo ardor dos combatentes que os seguião d'envolta, e pela heroica dedicação do famoso Portuguez Martim Moniz, que neste dia morreo da morte dos bravos, dando por meio de uma das mais illustres façanhas, de que ha memoria nos fastos das nações, occasião a que o fortissimo Castello viesse a poder dos Christãos. Eis como a tradição historica conta este admi-

ravel feito. Havia um magote de soldados Portuguezes, a cuja frente se achava Martim Moniz, perseguido de pérto os Mouros, que entrando pela porta do Castello, do lado que agora tem o nome daquelle cavalleiro, querião fechál-a aos Christãos : travou-se ahi duro e aspero conflicto, trabalhando uns por despejar a entrada e cerrar a porta do Castello, e os outros por conservál-a aberta, e penetrar no recinto delle : acudio de dentro grande numero de Mouros, que reforçárão os primeiros; não podião ja os Portuguezes sustentar mais tempo o pôsto tão apertado contra o numero dos adversarios, que tinhão ainda por sua parte a superiodidade do terreno, que era uma encosta ingreme; pelejava á frente de todos o valente cavalleiro, o qual por fim, vendo que elle mesmo erivado de feridas e esgotado em sangue, não resistiria mais tempo á força opposta, com espontanea e refletida decisão se deixou caïr atravessado na porta, de modo que não era possivel cerrál-a : os Portuguezes que ahi estavão percebendo o fito daquella dedicação sublime, e accesos n'um ardente e novo desejo de vingança, redobrárão d'esforço e valentia, e passando por cima do corpo illustre de Martim Moniz, como se ali jasêra para lhes servir de ponte, atirárão com sigo para dentro, e se apoderárão do Castello. Afonso Henrique mandou colocar o busto do Decio Portuguez por cima da porta, em que teve lugar a façanha, que é aquella que olha para o Convento da Graça; e os Vasconcellos de Castello Melhor, seus descendentes, ahi lhe mandárão lavrar uma inscripção summariando a procsa. Este Martim Moniz não era, com alguns crêrão pela circumstancia do nome, filho, nem parente proximo d'Egas Moniz, o Aio : o Conde D. Pedro, no seu Nobiliario, nos deixou descripta sua ascendencia dizendo, que era filho d'Osorio Gutterres, e neto de Guterre Osores, da casa dos Condes de Cabreira e Ribeira, grandes senhores na Galliza. Parece que o Conde D. Osorio, a cima ditto, veio a Portugal com o Conde

D. Henrique, e se estabeleceo nò paiz. Os seus descendentes tomárão o apellido da Torre, e depois o de Vasconcellos, e destes proveio o famoso Mem Rodrigues de Vasconcellos, o d'Aljubarrota.

MARTIM DE FREITAS, ALCAIDE MOR DE COIMBRA, DEPONDO AS CHAVES DA PRAÇA SOBRE O CADAVRE D'EL REI D. SANCHO II° NA CATHEDRAL DE TOLEDO.

Os Reis Portuguezes da dinastia de Borgonha que se seguírão ao glorioso fundador da Monarchia, Afonso Henriques, forão continuando a briosa tarefa que este lhes deixára em herença, a defender a independencia nacional das pretenções castelhanas, e de resgatar do poder dos Mouros a Lusitania catholica que estes ainda asoberbavão em parte. D. Sancho II, o *Povoador*, que sendo Infante fôra bater ás portas de Sevilha musulmana, feito d'armas que hoje nos espanta, depois de se defender em Santarem contra o Imperador de Marrocos em pessoa; succedendo a seu pai Afonso Henrique, atravessou primeiro a serra do Algarve, foi conquistar a cidade de Silves, capital daquelle Reino mahometano, e havendo assegurado pelas armas a estabilidade do Reino, dedicou-se todo á cultura e povoação delle, merecendo

Martim de Freitas Alcaide Mor de Coimbra depondo as chaves da praça
sobre o cadaver d'El Rei D. Sancho II.º na Cathedral de Toledo

do seu povo reconhecido aquelle honroso titulo que dissemos. Seu filho Afonso II ganhou aos Mouros a fortissima praça d'Alcacer do Sal; defendeo-se das armas d'El Rei de Castella; enviou alguns de seus guerreiros á batalha das Navas de Tolosa; e fez em Cortes, na cidade de Coimbra, as chamadas primeiras Leis geraes da monarchia. Sancho II, filho dêste, a pesar das infelicidades que terminárão seu reinado, não desmereceo dos brios e cuidados illustres de seus Avós: tomou aos Mouros Elvas, Jurumenha, Serpa, e outras Terras do Alemtejo; e prosseguindo a conquista do Algarve, ajudado dos bellicosos cavalleiros de Santiago, e do Josué Portuguez D. Paio Peres Correa, ganhou ali as praças de Cacela, Castro Marim, e Albufeira. Mas deixando enfraquecer a energia, e actividade do seu animo pela moleza e ociosidade d'uma existencia afeminada, escravo infeliz d'uma grande Dama asturiana, D. Mecia Lopes d'Haro, que elevou a Rainha, deixou descaïr bambas as redeas do governo, abandonou ao capricho, e arbitrariedade de valídos e cortezãos a justiça e segurança de seus póvos, e estes achárão patronos e defensores energicos que restabelecêrão a paz e honra do paiz, á custa do sceptro que lhe arrancárão das mãos inertes. O alto Clero, e alguns outros Grandes do Reino levárão á presença do Papa os desmanchos do desditoso Monarcha, as malfeitorias e violencias commetidas pela prepotencia dos validos contra a propiedade e immunidade da Igreja, os clamores e desgosto geral dos povos, e o perigo do Reino entregue a tão lamentavel administração. O Papa advertio, admoestou, fulminou censuras, mas tudo foi baldado; despedio por ultimo o raio da deposição do adormecido Soberano, e o remedio foi com effeito d'uma inteira e tremebunda efficacia. Os Bispos que nas suas jornadas á Curia se avistárão em França com o Conde de Bolonha, Irmão do Soberano Portuguez, facilmente o havião prevenido e disposto para a substituição projectada, e este foi nomeado,

como naturalmente o seria pelos Estados do Reino se para isso fossem chamados, sendo o Principe parente mais proximo, Procurador e administrador de Portugal em lugar de seu Irmão El Rei D. Sancho. Deixou D. Afonso, depois dito o III, o Condado, e a Condessa Matilde sua mulher, atravesou o mar, desembarcou em Portugal com um papel na mão, e tal era a opportunidade da conjunctura, e a disposição dos animos, que dous Religiosos Franciscanos encarregados da publicação e execução da Bula, percorrendo o Reino, paralisárão todos os braços, quebrárão todas as molas da sujeição e obediencia ao poder estabelecido, e o que é mais, fizérão retroceder do interior da Beira um Principe Hespanhol que com seu exercito marchava em apoio do descaïdo Monarcha.

Neste geral desamparo vio-se o malaventurado D. Sancho obrigado a largar o Reino, e a refugiar-se na cidade de Toledo, onde as simpathias e compaixão que sua mesquinha sorte infundia na quella Corte de Castella em nada melhorárão sua ventura. Caminhava entretanto o novo Regedor do Reino de provincia em provincia tomando conta de seus novos estados, que em toda a parte achou livres e desembargados, excepto em tres pontos, onde o espirito nobre da Cavalleria, e a *palavra dada* ainda achárão tres corações briosos que sustentárão o preito e homenagem prestada ao desthronado Monarcha : forão elles os Governadores das tres praças d'Obidos, Celorico e Coimbra, que ousárão fechar as portas ao Conde de Bolonha, o qual lhes poz duro cerco. Não sendo do nosso assumpto tractar das duas primeiras, fallaremos sómente da terceira que vem ao nosso proposito. Havia descorrido um anno e quatro mezes que El Rei D. Sancho estava em Toledo; e por igual espaço havia o valente e cavalleiroso Martim de Freitas defendido a Cidade de Coimbra contra o apertado sitio que lhe puzéra o Conde de Bolonha; corria o anno de Christo de 1247. Nem ameaças, nem promessas, nem os rigores

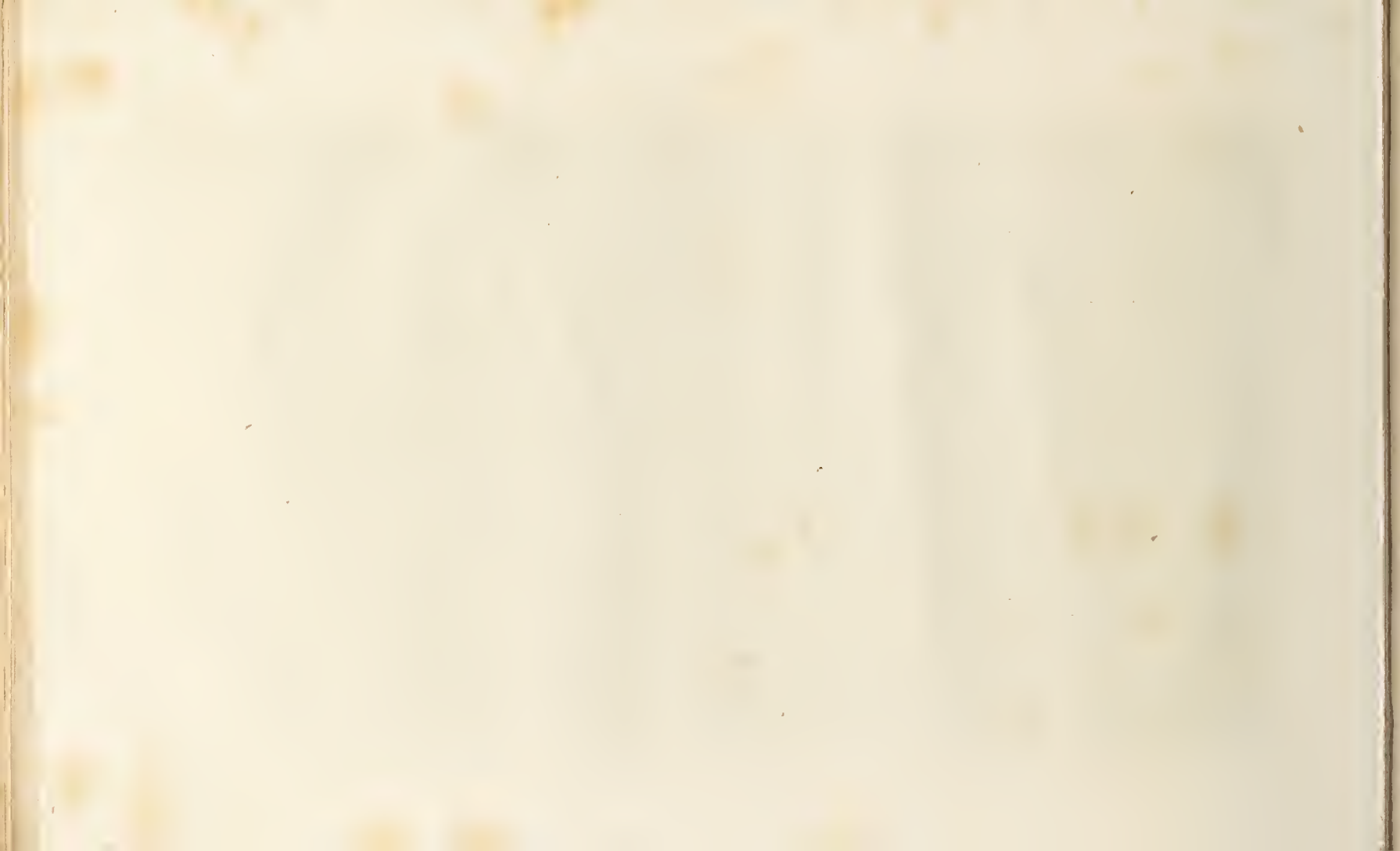
das privações, nem o triste exemplo da defeccão geral podérão nunca abalar a constancia, nem turbar o coração primoroso e leal do magnanimo Freitas: para toda a embaixada e intimação do poderoso sitiador tinha elle uma curta e prompta resposta: « Mostra-me o salvo conducto da minha palavra. » Honra lhe seja!

Em fim a morte de Sancho II em Toledo veio terminar esta brilhante e honrada porfía: sabendo della primeiro o Conde de Bolonha, enviou um emissario a Martim de Freitas acompanhado de presentes e refrescos, mui apreciaveis naquella apurada situação, e com elles a nova do fallecimento do Rei, pedindo-lhe em remate a entrega do Castello, pois ja nenhuma razão havia para negar-lha sendo sucessor á Coroa. Mas o bom Martim de Freitas ainda não achou isto bastante caução ao subido melindre de sua lealdade; pedio tempo, foi-se a Toledo, e fazendo abrir o tumulo de Sancho II, depois de beijar-lhe a mão, depositou nella as chaves de Coimbra, e com instrumentos que atestavão o facto se veio ao campo sitiador, e pôsto de joelhos diante d'Afonzo III lhe disse: « Senhor, tomai embora vossa Cidade e Castello, pois ja agora sois meu Rei, e meu senhor, sendo vosso Irmão morto. » El Rei louvou muito a conducta do Freitas, dizendo diante de alguns de seus cabos que a censuravão « que elle obrára á lei de bom e leal cavalleiro; e que lhe dava a praça e castello para elle, seus filhos e netos. » Martim de Freitas agradecendo a mercê, recusou-a, dizendo que antes lançaria maldição a seus filhos se tomassem nunca castello com homenagem, pois sua fé estivera em tanto risco de ser quebrada.

GUERRAS CIVIS ENTRE EL REI D. DINIZ E SEU FILHO O INFANTE D. AFONSO : A RAINHA SANTA ISABEL NO MEIO DOS DOUS EXERCITOS HOSTIS NO LUMIAR DESARMA OS CONTENDORES, E CONGRAÇA O PAI E O FILHO.

DEPOIS que o Reino de Portugal ficou totalmente despejado de Mouros pela conquista do Algarve em tempo d'Afonso III, e extendidos seus limites em Cima Coa pelas armas d'El Rei D. Diniz, podérão melhor estes dous Soberanos voltar suas vistas e solicitude para o melhoramento interno do Reino, e bem estar dos seus póvos. O Conde de Bolonha havia trazido de fóra excellentes doutrinas de industria e commercio pela vizinhança de seus Estados em França com a Flandres, que era naquelle tempo o paiz mais industrioso e mercantil da Europa; e foi pouco e pouco introduzindo e plantando em Portugal estas ideas, apoiando-as com Leis e instituções adequadas: promoveo o estabelecimento de feiras e mercados publicos, isen-

Lith. de Kaeppelin

A Rainha Santa Isabel no meio dos dous exercitos hostis no Lumiar desarma os contendores, e congraça o Pai e o Filho

tendo-as dos embaraços e tributos dos costumes feudaes que ainda restavão; fez vir de varias partes sujeitos habeis e praticos nos diversos ramos de industria ja conhecidos e praticados; e deo assim um grande impulso á força e riqueza de seus estados. Seu filho El Rei D. Diniz, educado com muito esmero, dotado de grande capacidade, levou muito adiante os melhoramentos incetados por El Rei seu pai, estabelecendo-os, e baseando-se na cultura do espirito por meio das Artes e Sciencias, que plantou na Universidade de Coimbra, creação sua. Tão brioso e valente quanto sabio e magnifico soube castigar as ousadias castelhanas, á testa das quaes figurava por seu mal o Conde de Ledesma, que perdeo nesta guerra as terras de Cima-Côa, que hoje possue Portugal : pelos creditos de sua sabedoria e probidade foi o arbitro nas contendas dos Reis de Castella e Aragão; povoou e fortaleceo quasi todas as Cidades e Villas do seu Reino; e dando o exemplo salutar de estimação e honra em que se devia ter a agricultura, converteo aridos areaes e charnecas escalvadas em florestas produtivas, e em campos cultivados. Porèm os mais formosos modelos offerecem tambem ás vezes suas maculas, triste pensão da fraca humanidade! Este bom Rei, a que a gratidão nacional intitulou *Lavrador*, e que com igual razão se poderia chamar *Sabio* e *Magnifico*, têve um fraco, que pelo escandalo, encheo seus povos de magoa, ocasionou prejuizos incalculaveis, e cujas consequencias amargurárão uma porção de sua brilhante e gloriosa existencia : este fraco era a incontinencia, muito mais lamentavel e transcendente quanto era assoalhado com publicas demonstrações de favores seus e de preferencias em resultados.

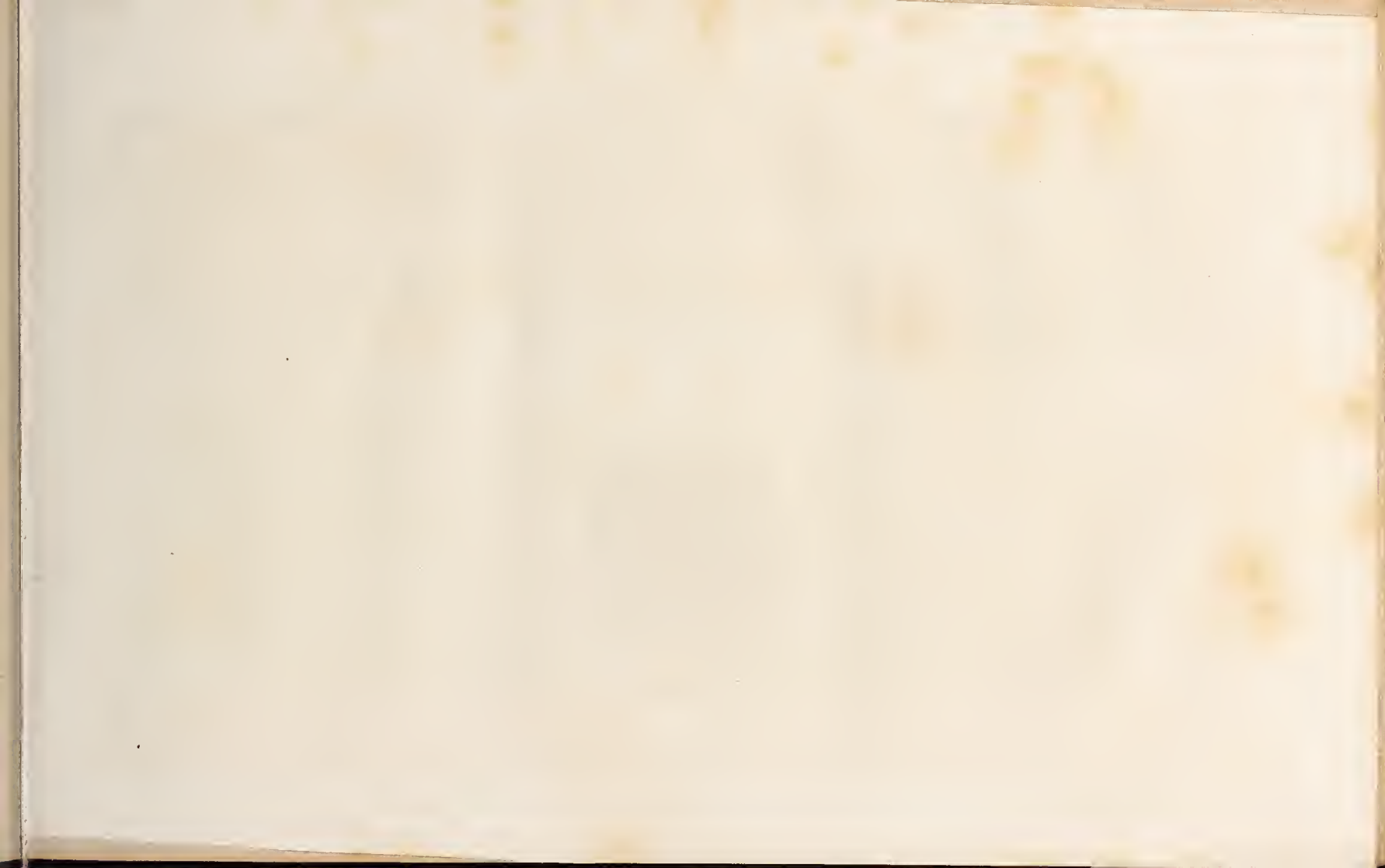
A boa estrella deste Soberano lhe havia deparado uma esposa admiravel de virtude, formosura, e mansidaõ, a Rainha Santa Isabel, filha do Rei d'Aragão, astro benefico que desde logo começou a infundir nos Portuguezes sentimentos de respeito, e amor, como suas raras qualidades merecião.

Della havia descendencia que assegurava a successão do throno, qual era o Infante D. Afonso, que succedeo na Coroa, e a Rainha de Castella D. Constança, mulher de Fernando IV. Porèm as galanterias e leviandades d'El Rei D. Diniz havião produzido não menos de sette filhos naturaes, dos quaes cinco erão varões; e a estes, por uma ternura e piedade paternal demasiada, não contente de os nutrir, educar e estabelecer como lhe cumpria, os trazia claramente na sua Côrte, dando-lhe os primeiros empregos e cargos della; sendo entre todos particularmente destinguido com uma affeição e valimento extraordinario D. Afonso Sanches, senhor d'Albuquerque, por haver casado em Hespanha com a senhora herdeira deste titulo.

Por um contraste desagradavel, porèm muito ordinnario em casos semelhantes, jazia totalmente inocupado e entregue a todas as cogitações e imaginações do ocio, o Principe legitimo e primogenito, o herdeiro presumptivo da Coroa o Infante D. Afonso, residindo afastado da Côrte com sua mulher D. Beatriz, e com seus filhos nos Paços do Arrabalde, fóra dos muros de Coimbra. Lá o forão picar como aguilhão pungente os ciumes da privança e considerações dadas por El Rei aos bastardos; não faltarião lisongeiros e intrigantes que para seus fins e intereses envenenassem ainda mais as desconfianças e preocupações do Infante, e esta chama lavrando surdamente, e alimentada pela ociosidade, e vacatura de occupações uteis, rompeo n'um dia em violenta e desatinada revolta. N'uma madrugada saïo o Infante do seu Paço, acompanhado de criados e apaniguados em som de guerra; entrou de surpresa na Cidade de Coimbra, e apoderando-se della e do seu forte castello, deixou-lhe guarnição de seus parciaes, e marchou d'ahi a occupar por meio d'iguaes surpresas Montemor Velho, os Castellos da Feira e de Gaia, e atravessando o Douro foi lançar-se sobre Guimarães. Ahi porèm encontrou pre-

venção e resistencia, porque o honrado Mem Rodrigues de Vasconcellos marchou da sua casa d'Entre Homem e Cavado, e metendo-se a tempo na Villa pôde salvál-a. Tudo isto foi praticado com a rapidêz do relampago, de modo que quando El Rei D. Diniz á frente d'um exercito vinha acudindo aos primeiros excessos de seu filho, ja este se achava combatendo a praça de Guimarães. Largou então este o sitio, e retrocedeo a Coimbra antes que El Rei ali entrasse : os dous exercitos estiverão alguns dias á vista, só com o rio Mondego de permeio; tinhão ja havido mortes e destruições, apanagio obrigado de todas as guerras, principalmente das civis e domesticas, quando por intervenção da Rainha Santa Isabel se fez um concerto que por então dissipou a borrasca. O Infante dissolveo o seu exercito composto em grande parte de homens audazes, vagabundos e facinorosos, e recebeo como em satisfação de suas reclamações as Cidades de Coimbra, Porto e Montemor para as administrar e viver de suas rendas. Voltou El Rei a Lisboa, e o Infante ficou em Coimbra. Este concerto porèm apenas suffocára temporariamente a chama; o fogo permaneceo occulto no coração do Infante, que com seus partidarios não cessou de procurar novos pretextos de rompimento, fazendo novas confederações e exigencias disparatadas, sendo uma dellas que El Rei lhe largasse o cargo de Regedor das Justiças do Reino. D. Diniz conheceo então que lhe não restava senão usar da sua autoridade real; fez um manifesto ao Reino em que declarava as razões de sua indignação, e declarou revoltosos e traidores quantos seguissem seu filho. O Infante, mais violento ainda com esta repressão, juntou de novo sua gente, que lhe acudio de diversas provincias do Reino, e em som de guerra marchou caminho de Lisboa chegando pela estrada de Loures ao Lumiar. Quando El Rei soube da ousadia e insolencia desta chegada, saïo de Lisboa á testa de muita gente d'armas, e os dous corpos hostis se encontrárão no Lumia

sitio em que depois se pôz uma lapida com inscripção que ainda hoje se vê. Ja as linhas dos combatentes se achavão estendias, as disposições dadas para a batalha fratricida, começavão d'abalar-se as fillas de um e outro exercito, quando com o maior assombro se vio saltar ao meio dos esquadrões adversos uma mulher inerme e desolada, gritando a uns e outros que suspendão os furores de suas armas, e não queirão manchar a terra com o sangue de seus Irmãos, e talvez dos seus Reis!... Era a Rainha Santa Isabel, que com a coragem e poder que só pertence dar á virtude heroica, soube desarmar os braços dos guerreiros, e logo em seguida reconciliar o Pai com o Filho, restabelecida a páz que depois durou sempre.

Lith de Kaeppelin.

Batalha do Salado e Bravura d'El Rei D. Afonso IV° de Portugal.

BATALHA DO SALADO : BRAVURA D'EL REI D. AFONSO IV° DE PORTUGAL.

A BRILHANTE conduta, e sabedoria de governo d'El Rei D. Afonso IV, patenteou ao mundo que as violencias e revoltas que havia praticado como Principe havião sido arrebatamentos d'um temperamento demasiado brioso e sensivel, e a vindicta de presumidos direitos, em verdade mal avaliados, e na quelle tempo mal definidos. Succedendo no throno por morte d'El Rei D. Diniz seu pai em 1325 já homem feito, e tendo um filho ja mancebo, tractou d'estabelecêl-o e casál-o com pessoa correspondente á sua qualidade e destinos, e mandou contractar esta alliança com a infanta D. Constança, filha do Infante de Castella D. João Manoel, então senhor de Murcia. Mas este projectado consorcio achava opposição na politica do berano hespanhol Afonso XI, que vendo com olhos de ciume e d'ambição os estados de Murcia

separados do seu Reino, e perseguido sempre da idea de revindicar este apanagio, não podia tolerar o apoio que a alliança portugueza devia dar-lhe naturalmente. Esta má vontade do Rei de Castella manifestou-se em aberta hostilidade embaraçando primeiro por intrigas, depois por gentes d'armas a passagem da noiva por seus estados, e mandando tomar o caminho aos emissarios portuguezes que para acompahál-a se dirigião a Murcia. El Rei de Portugal não era feito para relevar taes avanias; e depois d'haver estranhado a seu genro (era o mesmo Afonso XI, Rei de Castella, casado com a princesa de Portugal D. Maria) a perfidia e machiavelismo de seu proceder, mandou-lhe significar que com as armas na mão saberia tirar desforra daquella affronta; *que conservava ainda a cóta d'El Rei seu pai, que posto estivesse ja mui usada não tinha burácos.* Emfim foi necessario saïr a campo, e se seguírão nas fronteiras dos dous Reinos hostilidades que occupando as armas christãs derão lugar ás incursões dos Mouros, sempre dispotos a aproveitar-se das discordias dos Principes catholicos.

Por este tempo imperava em Marrocos, representando o califado do Occidente o bellicoso, Ali-Bohacem, o nono soberano da raça dos Benemerines, que havia substituido a dos Almohades: este Principe havia sujeitado todos os outros pequenos potentados musulmanos, e era com effeito o só capaz d'aspirar á monarchia universal da Hespanha tendo assas d'ambição, de coragem, e de fortuna para emprehendêl-o. Suas conquistas o havião tornado o terror dos christãos, o seu imperio estava florente e rico, e com taes elementos resolveo restabelecer a dominação que seus passados exercêrão na Peninsula. O Rei mouro de Granada, Mohamet, apertado pelas armas dos Christãos passou em pessoa á cidade de Fez a propor alliança ao ja mui disposto Bohacem, e este aceitando-a com avidez prometteo-lhe metter sua pessoa e poder na emprêza, mandando desde logo para sustentar

o Granadino um exercito Africano commandado por seu filho o Principe Abomelic. Poz-se este em campanha com grandes forças reunidas, e tendo facilmente repellido todos os pequenos póstos e guarnições dos Catelhanos, que encontrou na sua passagem, avançou temerariamente até villa d'Arcos, onde sendo atacado inopinadamente pelo bravo Afonso de Castella, ahi foi derrotado e morto.

Cresceo e subio de ponto com este desastre a colera do imperador Ali-Boacem, e juntando os dezejos de vingança a seus antigos projectos d'ambição, apressou-se em passar á Hespanha com um daquelles exercitos formidaveis que por vezes vierão pôr a Europa em balanças. Mandou por seus *faquirs* prégar na Mauritania inteira a guerra sagrada em quanto acumulava immensas provisões de todo o genero; todo o paiz áquem do Atlas ardeo em preparativos de guerra; e uma frota de 60 galeras e de 250 transportes entrou de baldear na Peninsula este enxame de guerreiros africanos acompanhados de mulheres, e de familias como quem contava repartir em despojo o solo iberico. A primeira força que passou o Estreito foi um trôço de tres mil cavallos destinados a espalhar o terror, e devastar o paiz dos Christãos andaluzes: seguírão-se os demais guerreiros de todos os Reinos mahometanos d'Africa, e começárão por estreitar em rigoroso assedio a praça de Tarifa, o primeiro baluarte dos Christãos por aquelle lado. Nenhumas memorias do tempo declarão o numero da gente desta invasão: as historias arabes calão-se sempre nas occasiões de seus desastres: mas os chronistas hespanhoes calculando polo tempo, e numero de transportes avalião que em cinco mezes continuos, 250 vasos não podião transportar menos de 400 mil homens de guerra, alem de outros tantos aventureiros que vinhão estabelecer-se no paiz. Esta furiosa inundação, que só por si devia encher d'assombro e de susto os animos mais valentes, foi seguida d'uma outra calamidade para os Christãos.

O Almirante de Castella Tenorio com uma esquadra muito inferior á dos Arabes havia discretamente limitado suas operações a observar os inimigos, a cortar-lhes quando lhe era possivel as communicações e a retardar-lhes o passo : mas succedeo o que em tal caso é quasi indefectivel; a opinião popular accusou de cobardia esta sabia conduta, e o brioso Almirante vio-se obrigado a bater-se e sacrificar-se aos melindres da sua honra : atacou a armada inimiga na bahia d'Algesiras; combateo com extraordinaria valentia, mas o numero desta vês triumphou do valor, e a esquadra castelhana foi quasi aniquilada com a morte do denodado Tenorio.

Nesta consternação se achava a Hespanha no anno de 1339, parecendo sem remedio a sua perda, quando o animo d'um homem ficando ainda sobranceiro a tão grandes desastres emprehendeo salvál-a, e salvou-a. Afonso XI convoca os estados do reino a Sevilha, e por tal arte soube infundir-lhes seus brios que a nação inteira prometteo sustentar a luta a todo o custo. Mandou armar nova frota; o rei d'Aragão mandou unir-lhe a sua, e conhecendo então quão errado andára em alienar a boa vontade do Rei de Portugal seu sogro, tratou d'acalmál-o e satisfazêl-o : pedio perdão de não deixar passar a Princeza D. Constança, que fôra origem principal das desavenças passadas, e mandou a Portugal sua mulher a Rainha D. Maria implorar soccoro e ajuda em tão apertada crise. Campou então a bisarria Portugueza; Afonso IV esqueceo tudo generosamente, e á vista do perigo commum, não só prometteo os auxilios pedidos, mas que elle mesmo em pessoa marcharia com elles sobre os Mouros; e destacou logo duas galeras com o Almirante Peçanha a reforçar a armada combinada de Castella e Aragão. Afonso XI reanimado e reconhecido põe-se a caminho, e vem a Jurumenha avistar-se com El Rei seu sogro, e concertar com elle a reunião geral das forças confederadas na cidade de Sevilha. Declinava

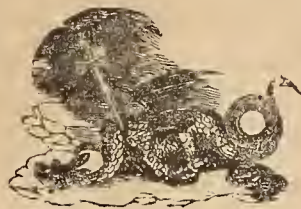
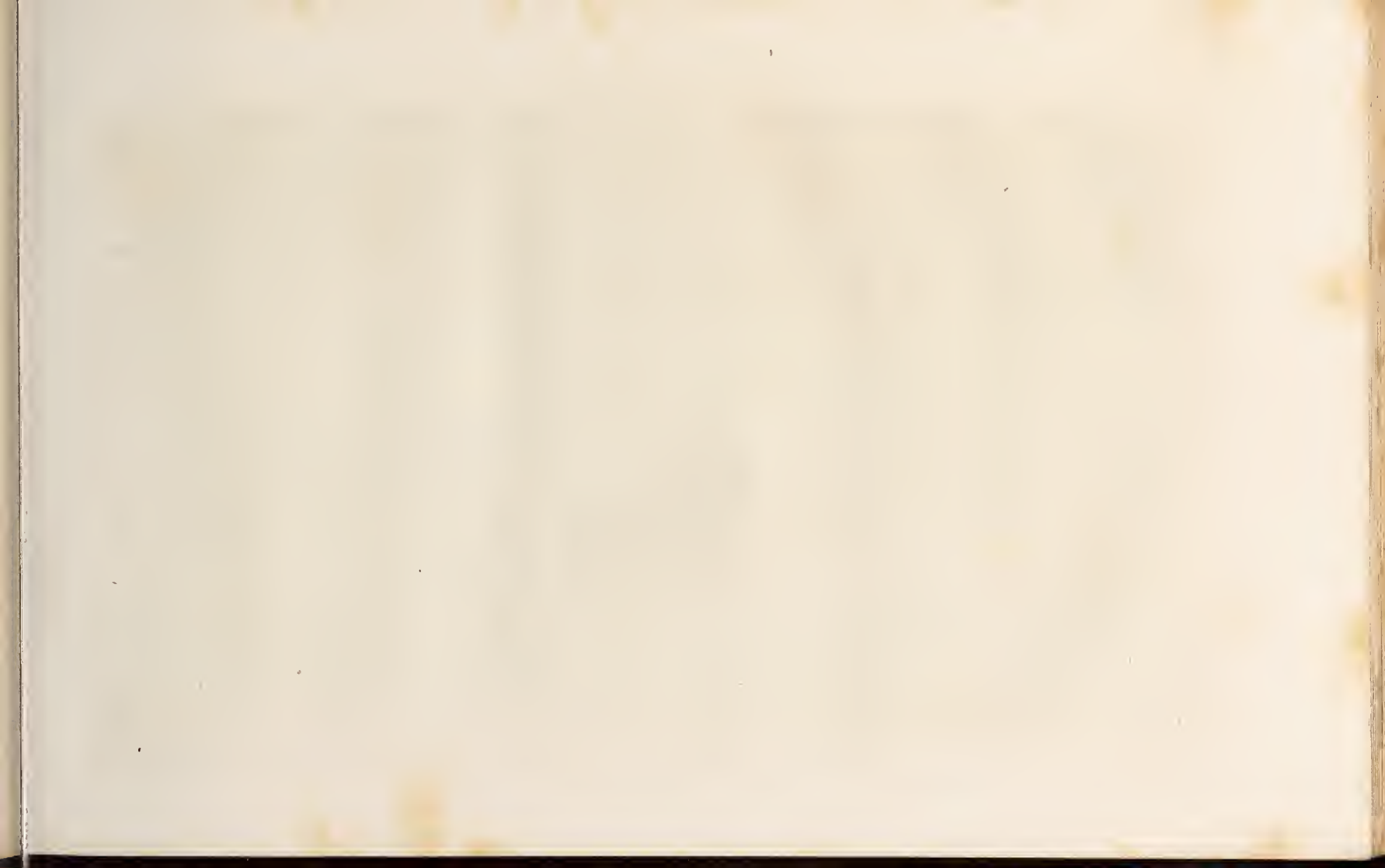
ja o estio deste dito anno quando o Rei de Portugal chegou á quella capital na frente do seu exercito, pequeno mas aguerrido, composto de soldados veteranos, e da flor dos cavalleiros e nobres do seu Reino custumados á guerra, e exercitados a combater com os Mouros : saïo fóra quasi todo a povoação da cidade a esperar, e aplaudir o exercito Portuguez e o seu Soberano como seus libertadores. Conferírão os dous monarchas e assentárão procurar o inimigo, obrigando-o a leventar o cerco, ou a appresentar-lhes batalha. Levantárão em fim seu campo; era ja o mez d'Outubro, e em boa ordem, e com pequenas jornadas forão marchando direitos a Tarifa. Surprendidos, posto que não amedrontados, os dous potentados musulmanos com esta que suppunhão temeridade e desesperação dos Christãos, largárão o assedio da praça para irem esperar os seus adversarios; e determinados a dar uma acção dicisiva que acabasse com os Christãos, lançárão o fogo a seus intrincheiramentos, e machinas de guerra, cuidando sómente de tomar posição vantajosa a seus intentos. Entretanto os exercitos chistãos chegando a poucas legoas de Tarifa, e montando as alturas e o citio chamado *Penha do Cervo* avisátrão, d'ahi o inimigo que se extendia como immensa floresta cobrindo os montes, os vales e a planicie até ao mar. Fizerão então os dous Afonsos o ultimo conselho de guerra, sobre as disposições da batalha, e em resultado delle concebêrão e executárão a mais atrevida de todas a evoluções, as de metterem por um longo rodêo pela praia do mar cinco mil homens dentro de Tarifa, os quaes com a guarnição farião uma sortida forte em um ponto dado do conflicto geral.

Depois disto disposerão seu campo pela ordem seguinte : El Rei de Castella tomou a direita tendo em frente de si as tropas africanas, o Rei de Portugal occupou a esquerda da linha tendo em face o Rei de Granada. Os inimigos havião d'antemão collocado o seu arraial apoiado nas alturas da serrania

vizinha, e descendo d'ahi como em amphitheatro até á planicie defendido na sua frente pela ribeira que ahi corre chamada *la Salada,* por respeito das suas agoas que são salôbras. Para contrabalançar a vantagem dicidida da posição do inimigo, o Rei de Portugal destacou do seu exercito um corpo de tropas que fazendo um movimento de flanco por de trás das alturas caïsse sobre os Mouros obrigando-os a mudar sua primeira formação; o Rei de Castella imitou esta manobra pelo seu flanco direito: e foi esta estrategia que decidio do succeso immenso deste dia. Afonso XI deo a sua vanguarda ao Infante D. João Manoel sustentada por D. João de Lara, e pelo mestre de Santiago; a retagoarda a D. Gonçalo d'Aguilar; a reserva a D. Pedro Nunes; a elle mesmo se reservou o commando do corpo da batalha com as melhores tropas assistido da nobreza do seu Reino, tendo ao seu lado o Arcebispo de Toledo o Cardeal Albornoz com os demais prelados e aventureiros que o seguião: um Francez chamado Hugo, a quem o Papa mandava com a bulla da crusada, levava arvorado o sinal da redempção; e todos os combatentes levavão no peito por cima de suas cótas e armaduras uma cruz d'escarlate.

O Rei de Portugal deo aos seus a formação que lhe pareceo adequada segundo as circonstancias do local e de suas forças maiores na valentia que no numero. Deo a dianteira ás tres ordens militares, como fronteiros de Mouros, e erão commandantes D. Frei Alvaro, Gonçalves Pereira, Prior do Crato, D. Gonçalo Vas, Mestre d'Avis, e D. Gil Fernandes de Carvalho, Mestre de Santiago. Commandou El Rei em pessoa o centro da sua linha tendo comsigo D. Gonçalo Pereira, Arcebispo de Braga com outros Bispos, e senhores da mor fildaguia do Reino, a saber Lopo Fernandes Pacheco, Gonçalo Gomes de Sousa e outros: era seu Alferes môr, levando arvorada a bandeira real, Gonçalo Correa d'Azevedo neto do valente D. Paio Peres Correa. O Prior do Crato tambem levava na sua vanguarda

a cruz miraculosa que tirou de Marmemal onde elle mesmo a colocára quando a trouxe de Rhodes. Derão os Cristãos o signal do combate, e começárão os batalhões a avançar á passagem de Rio Salado. El Rei de Portugal apesar de que na esquerda tinha o váo mais alto, e o terreno alcantilado foi o primeiro que fez passar o rio á sua vanguarda, não obstante a brava resistencia dos Granadinos. A vanguarda Castelhana chegando até ao váo, não se sabe porque, fez alto, e hesitou um largo espaço até que os dous irmãos Gonçalo e Garcia Lasso, indignados da indecisão, avanção e conseguem o formar seu pequeno magote de soldados na margem opposta; D. Alvaro de Gusmão os sustenta, e o resto do exercito segue o impulso. Começou então em toda a vasta linha horroroso conflicto : os Christãos atacavão com destemido valor, mas os Mouros se sustentavão acudindo logo a substituir os que caïão em suas fileiras, de modo que, segundo os chronistas, por um Mouro que faltava se appresentavão logo dés outros. Começavão ja os Christãos a afrouxar um pouco de suas furias quando os corpos destacados pelos flancos chegando neste ponto se arremessão aos Mouros e os põem em grande confusão e perplexidade : redobrão os Christãos de vigor e o inimigo começa de largar o campo. Os Granadinos forão os primeiros que perdêrão continencia : El Rei de Portugal, havendo calculado o motivo da hesitação do inimigo, mandou avançar sua bandeira, e carregou-o de modo que fez voltar as costas; mas na fuga encontravão as lanças portuguezas que de flanco e retaguarda os ferião sem piedade. Afugentados os de Granada caïo o Rei de Portugal sobre o flanco direito dos Africanos que picados ja pelo outro reforço, mandado saïr de Tarifa, e apertados de frente pelo Rei de Castella se põem em desordenada fugida, seguindo-se d'ahi em diante uma carniceria espantosa nos Musulmanos, que desacordados não sabião onde acolher-se. Podérão salvar-se pela ligeireza de seus cavallos Ali-Bohacem, e

o Rei de Granada em Algesiras, deixando mortos e prisioneiros no campo e nas serranias 200 mil Mouros! Salvou-se ainda desta vez a Hespanha, e salvou-se pela cooperação honrada e valente d'um monarcha portuguez, que nem o Rei d'Aragão, nem o Rei de Navarra para ahi contribuírão! Brilhou até ao fim a generosa bisarria d'Afonso IV, que em Sevilha engeitou metade dos despojos alias riquissimos, e dos captivos, quo lhe tocavão; *tomou so, diz o chronista Herrera, algumas armas e harnezes para que servissem á posteridade de monumento da gloria portugueza.*

Lith. de Kaeppelin.

Morte de D. Inez de Castro em Coimbra.

MORTE DE D. INEZ DE CASTRO.

Depois desta tão prospera victoria,
Tornado Afonso à Lusitana Terra
A se lograr na paz de tanta gloria
Quanta soube alcançar na dura guerra,
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os mortos desenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

Com estes lindissimos e suavissimos versos faz o divino Camões a feliz transição das acções gloriosas e festivaes d'El Rei D. Afonso para uma de tão baixa crueza e luctuosa barbaridade, qual foi a da morte de D. Inez de Castro, senão ordenada, permittida por elle com inexplicavel fraqueza. Foi o cáso, que com a infanta D. Constança quando veio casar com o Principe D. Pedro entrou neste Reino uma donzella, fidalga illustrissima de Cas-

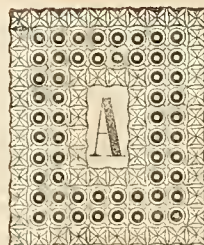
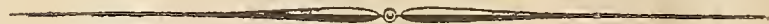
tella ainda parenta daquelles dous Principes, filha de D. Pedro de Castro, e neta do famoso D. Pedro Fernandes de Castro, dito o da guerra, pelas muitas em que entrou com El Rei D. Alfonso XI de Castella, um dos mais destinctos guerreiros da batalha do Salado; que morreo diante de seu Rei no cerco de Algesiras contra Mouros. Esta dama era D. Inez de Castro, dotada de extraordinaria graça e formosura, tão esbelta e singular n'algumas excellencias daquelle bello corpo que os contemporaneos lhe chamárão Collo de Garça, e a tradição conservou até hoje outras qualidades de sua rara belleza, fabulosas mesmo. Affeiçoou-se della o Principe D. Pedro ainda em vida da Infanta D. Constança, e como era Principe nem escondia muito sua requesta, nem a infeliz donzella pôde resistir muito tempo ás assiduidades daquelle. Procurou El Rei atalhar o mal no seu principio separando seu filho da occasião de ver o seu idolo, deo-lhe cargo das armas no Alemtejo e Beira alta, e quando nasceo a este o primeiro filho chamado D. Luiz fez com que D. Inez de Castro fosse Madrinha afim d'estorvar pelo parentesco espiritual algum desatino da paixão no tempo futuro. Tudo foi baldado; e os preservativos da prudente experiencia quebrárão todos diante dos arrojos d'uma mocidade apaixonada. Achava D. Pedro maneira d'entretêl-a de seus affectos, escrevendo-lhe bilhetes quando os deveres dos seus empregos lhes não permittião avistarem-se. Em fim veio a fallecer a Princeza; D. Inez de Castro ficou no Paço, o Principe desposou-a secretamente, e desta alliança forão fruto tres filhos, depois reconhecidos legitimos, os Infantes D. Diniz, e D. João, e a Infante D. Beatriz que casou em Hespanha com o senhor d'Albuquerque Irmão d'El Rei de Castella. El Rei D. Afonso não via sem desgosto e sobresalto esta extremosa amizade do Principe herdeiro, e dizem alguns chronistas que por vezes

lhe perguntára se era casado com ella, pois se o fosse a queria honrar e tractar, e a seus filhos como taes; porèm que o Principe se acobardára e envergonhára sempre de o declarar a seu Pai, dizendo-lhe que nem era seu Esposo nem o seria ja mais. Dessimulava El Rei estes desvios, mas andava perplexo e aprehensivo não sabendo como cortar esta ligação que tanto contrariava os seus sentimentos como Pai, e a sua justiça e solicitude como Rei; quando os seus conselheiros lhe suggerírão o peor de todos os expedientes, o de fazer morrer aquella que suppunhão origem do mal, a desditosa D. Inez: Ponderárão-lhe o perigo que corria a successão do Reino na pessoa de seu neto o Infante D. Fernando, filho do mesmo Principe D. Pedro e da Infanta D. Constança, porque sendo aquella aparentada com tão grandes senhores de Castella, natural era que estes depois da morte do Avô procurassem assentar a coroa na cabeça d'algum dos netos filhos d'Inez de Castro, e que talvez mesmo o Principe D. Pedro levado da fascinação de seus affectos contribuisse para a substituição presumida vindo a desposar aquella que amava com o excesso que todos vião. Os principaes conselheiros deste abominavel trama erão tres privados d'El Rei, a saber, Diogo Lopes Pacheco, Pero Coelho, e Alvaro Gonçalves Meirinho Mór, os quaes arvorando a bandeira da razão d'estado, que tantas vezes faz calar a justiça e a humanidade, abalárão o animo d'El Rei e o decidírão a executar aquella lamentavel cathastrofe. Havia o Principe D. Pedro saïdo dos seus Paços de Coimbra para caçar nos montes vizinhos como costumava; estava então El Rei e a Corte em Montemor o Velho: n'uma madrugada saïo o proprio Soberano daquella villa e os tres conselheiros com muitos homens d'armas, chegão a Coimbra a Santa Clara Velha, onde nos Paços contiguos, que havia construido a Rainha Santa Isabel,

habitava a desventurada Inez de Castro : investida a casa como se fosse para guerrear inimigos ou prender facinorosos, fazem abrir todas as portas : e El Rei e seus inhumanos satelites entrão, quando a seus pés se prosta uma mulher desolada como quem previa o seu fim proximo, e rodeada de seus tres filhos ainda tenros, a quem o estorvo e violencia daquella visita tinha colados ao pescoço da mãi, toda transfigurada de morte, alçando as mãos e os olhos ao irritado Soberano assim lhe disse : « Senhor, porque me quereis matar assim tão sem causa? Vosso filho é Principe a quem eu não podia nem posso resistir : havei piedade de mim que sou mulher; e se a não quereis haver de mim tende piedade d'estes meninos, sangue vosso, e vossos netos. » Não pôde El Rei supportar por mais tempo este espectaculo internecedor, e todo commovido, volveo o rosto, e deixou-os. Apenas El Rei voltou cóstas, e se saïo do aposento, os tres conselheiros arrancando das adagas, que trazião aparelhadas, ali mesmo sacrificárão a infeliz Inez de Castro.

A nova desta sanguinosa tragedia voou aos ouvidos do Principe D. Pedro, que ficou como tocado de furiosa insania; trocou a natureza d'homem pela de leão a quem roubárão a consorte e os filhos : correo a Coimbra, e sobre os membros gelados da assassinada consorte e amante jurou vingança, e a vingança foi terrivel e espantosa. Armou seus criados e vassallos, e correo ás casas e fazendas dos tres matadores, que se salvárão de sua furia acolhidos no sagrado do Paço d'El Rei. Não podendo por então vingar-se nas pessoas de seus inimigos pagárão por elles as cousas insensiveis, que lhes pertencião : as Casas e Solares de Coelhos e Pochecos no Minho e na Beira forão assoladas e queimadas, as quintas e propriedades taladas e arrasadas, e o Principe proclamou a revolta, esta torrente destrui-

dora e desatinada que ia engrossando com homens audazes e facinorosos, que nunca falhão nestas crises, percorreo o Reino em differentes direcções: necessario foi que o proprio Soberano com grandes forças acudisse a fazer cessar tão grandes estragos. Serenou-se em fim o furor do Principe D. Pedro; mas lá ficou concentrado no fundo do peito até seu tempo.

PRESENTAÇÃO DO CORPO INANIMADO DE D. INEZ DE CASTRO, RECONHECIDA RAINHA DE PORTUGAL.

ACHANDO-SE El Rei D. Afonso IV em artigos de morte, no anno de 1357, mandou chamar os seus tres privados, auctores da morte de D. Inez de Castro, e lhes disse, que bem vião o estado em que se achava, e sabião que seu Filho lhes não tinha boa vontade; que lhes aconselhava fossem para Castella sem confiarem demasiado no perdão do Principe : e elles assim o fizerão. Fallecido El Rei, e subindo ao throno seu Filho D. Pedro 1° havia igualmente occupado a Coroa de Castella outro D. Pedro o Cruel, e como ambos tinhão a peito vingar suas injurias fizerão entre si aquelle concerto *duro e injusto* que o Poeta Portuguez com boa paridade compara ao que precedeo as horridas proscripções do Triumvirato romano. Entregou o Monarcha Portuguez os omisiados hespanhoes, e em troca recebeo daquelle os matadores d'Inez de Castro, excepto o Pacheco que seescapou em França : os dous, Coelho e Gonçalves, forão

Lith. de Kaeppelin.

Presentação do corpo inanimado de D. Inez de Castro, reconhecida
Rainha de Portugal.

mortos em Santarem com estranha crueza e exquisita barbaridade. Porém este modo de proceder estava muito no caracter imminentemente justiceiro deste Soberano, que o chronista Asinheiro descreve nas phrases seguintes: « El Rei D. Pedro era grande despachador; não podia estar na Côrte mais de tres dias *senão havia grandes penas;* andava sempre pelo Reino, e poucas vezes se achou que estivesse mais d'um mez em um lugar. Era *grande executor da justiça, e nunca se achou que nenhuma perdoasse;* e dizia que a justiça é a alma do corpo, que assim como partindo-se a alma delle se corrompe o corpo, da mesma sorte perdendo-se a justiça do Reino este se corrompia e perdia. » De resto era Soberano affavel, mui popular, galhofeiro e alegre a ponto d'andar dançando pelas ruas de Lisboa nas occasiões de jubilo e festividade nacional accompanhado de musicos; e liberal e generoso como seu Avô El Rei D. Diniz. A severidade e infalibilidade de sua justiça fez que no seu tempo não houvesse alguma daquellas chagas, que acompanhavão sempre os outros reinados na meia idade, as quadrilhas de ladrões, e as violencias e extorsões dos grandes senhores, porque contra ellas principalmente se desencadeou o rigor deste Monarcha, a quem o enthusiasmo d'alguns de nossos Chronistas não duvidou comparar a Trajano na justiça. No meio de todos estes cuidados dizem que nunca perdêra a memoria de D. Inez de Castro, e que sempre por sua morte viveo triste. O chronista Fernão Lopes assim se explica no cap. *44* da Chronica deste Soberano: « Semelhante amor qual El Rei D. Pedro houve a D. Inez raramente é achado em alguma pessoa, pois disserão os Sabedores que nenhum é tão verdadeiro amor como aquelle cuja morte não tira da memoria o grande espasso de tempo. Assim que, El Rei D. Pedro se lembrou d'honrar os ossos de súa amante pois lhe ja mais fazer não podia. »

Com este pensamanto, estando com a Corte em Cantanhede, diante de muitos Senhores do Reino, e de muita gente do povo declarou e prestou juramento como D. Inez de Castro fôra sua mulher legitima pois com ella havia casado na Cidade de Bragança, apontando logo ahi o Sacerdote que fôra ministro do sacramento e as testemunhas que o presenceárão. Depois do que, passou com grande acompanhamento á Igreja de Santa Clara a Velha, em Coimbra, e fazendo tirar do sepulchro o corpo da defunta D. Inez, a fez revestir com vestiduras reaes, e assentál-a ao seu lado como Rainha, no seu throno, com coroa na cabeça, e ahi os Grandes, e Senhores, e o povo todo atonito da novidade, e commovido com a recordação da passada tragedia veio beijar aquella mão fria, e render homenagem

A' misera e mesquinha,
Que depois de ser morta foi Rainha.

Acabada esta tão nova quanto enternecedora ceremonia, continua o citado Chronista : « Mandou El Rei fazer um moimento d'alva pedra todo mui subtilmente obrado, pondo emlevada sobre a campa de cima a imagem della com coroa na cabeça como se fôra Rainha; e este moimento mandou pôr no Mosteiro d'Alcobaça, e fez trazer seu corpo do Convento de Santa Clara de Coimbra, onde jazia, o mais honradamente que fazer se pôde. Porque vinha ella em umas andas muito bem corrigidas para tal tempo, as quaes trazião grandes cavalleiros, acompanhados de grandes Fidalgos e de muita outra gente, e Donas, e Donzellas, e muita Clerezia. Pelo caminho estavão muitos homens com cirios nas mãos, de tal guisa ordenados que sempre o seu corpo foi por todo o caminho por entre cirios accesos : e assim chegárão até ao dito Mosteiro que era d'ali desesete leguas onde com muitas Missas e grão

solemnidade foi pôsto em aquelle moimento : e foi esta a mais honrada trasladação que até áquelle tempo em Portugal foi vista. Semelhavelmente mandou El Rei fazer outro tal moimento e pôr a cerca do seu della para quando succedesse morrer o deitarem em elle. » Porèm nesta ultima circonstancia se enganou o sisudo Chronista Fernão Lopes, que parece não examinou o monumento que diz : indicando um monumento separado do de D. Inez, não só contraria a verdade historica, mas tira o interesse e graça principal do pensamento d'El Rei D. Pedro, que não fez fazer para os dous mais do que um só moimento, obrado n'uma só pedra, e capaz de receber os corpos d'ambos, como naquelle tempo se costumava; e a esta fórma de tumulos se chama *duplex*. E com effeito ahi ao lado de sua amada consorte foi sepultado depois El Rei D. Pedro, cujo busto se vê sobre a campa parallelo ao de Inez de Castro, da mesma sorte que em S. Diniz em França se vêem os de Luiz XII, Francisco I°, e outros, com as Rainhas suas Esposas ao lado. O tempo parece haver de certo modo respeitado alguns dos atributos daquella rara formosura, por quanto sendo o dito moimento profanado por soldados estrangeiros na invasão de 1810, em lugar dos thesouros, que ahi suppunhão, achárão o corpo da desditosa Inez, e na cabeça della ainda prêsos os cabellos que vimos perfeitamente conservados, e que parecião fios de ouro. Descendentes seus são ainda grandes Soberanos na Europa, oriundos da Infanta D. Beatriz sua filha, condessa d'Albuquerque.

NUNO GONÇALVES SALVA O CASTELLO DE FARIA DE CAIR EM PODER DOS INIMIGOS SACRIFICANDO A VIDA DIANTE DE SEUS MUROS.

Com muita razão, e grande propriedade descreveo em quatro versos a musa de Camões o caracter dos dous Reis de Portugal pai e filho, D. Pedro, e D. Fernando, quando disse :

> Ao justo e duro Pedro, segue o brando
> (Tal é da natureza o desconcerto)
> Remisso e sem cuidado algum Fernando
> Que todo o Reino pôz em muito apêrto.

Havia aquelle primeiro Soberano mantido o seu Reino em paz e admiravel justiça : na conflagração

- Lith. de Kaeppelin.

Nuno Gonçalves salva o Castello de Faria de caïr em poder dos inemigos sacrificando a vida diante de seus muros.

das guerras civis dos estados vizinhos entre El Rei D. Pedro o Cruel de Castella, e seu Irmão D. Henrique o Bastardo, soube com boa e prudente politica conservar a neutralidade, limitando-se a dar generoso e hospitaleiro asilo aos desfavorecidos da fortuna, que vierão demandar sua protecção sem se resolver a arriscar o bem estar dos seus povos em guerras sempre destruidoras. Porèm a morte cortou mui cedo a vida deste Monarcha, que falleceo tendo apenas quarenta e sette annos de idade, e pouco mais de dez de reinado. Subio ao throno seu filho El Rei D. Fernando no anno de 1377, tendo de idade vinte e dous annos, e logo começou de mostrar um natural todo inverso do d'El Rei seu pai; porque na justiça e administração interna dos seus Estados foi brando e remisso; e nos negocios externos, nos da politica arrojado, imprudente, versatil e inconstante a ponto de comprometter o credito de sua pessoa e a segurança de seu Reino.

Foi o caso, que as cruezas e tiranias d'El Rei de Castella D. Pedro havendo chegado áquelle ponto extremo alèm do qual a Providencia não deixa passar os desvarios dos homens, derão áso a que seus povos o abandonassem, e que seu Irmão D. Henrique, ajudado do famoso Duguesclin na batalha de Montiel, lhe tomasse juntamente com a vida a successão ao throno: Alguns dos Senhores e Fidalgos hespanhoes, principalmente de Galliza e Leão, que ainda conservárão até ao fim a lealdade promettida ao Rei defuncto, vendo-se em desamparo voltárão suas vistas para Portugal, e offecèrão a El Rei D. Fernando as praças e castellos que tinhão em sua guarda, e outros vierão a este Reino pôr-se ao serviço do mesmo Soberano. Caïo na tentação o ligeiro e inconsiderado Soberano; esgotou os thesouros de seus antepassados para cumular de donativos os foragidos hespanhoes; deo-lhes terras e

governos no seu Reino; e levantando tropas foi em pessoa hostilizar os Estados vizinhos; entrando por Galliza fez levantar sua bandeira nos lugares que tomárão sua vóz, e não duvidou appellidar-se Rei de Castella. E como um passo temerario e absurdo acarreta sempre outros após de si, vio-o a Christandade escandalizada ligado por alliança ao Rei mouro de Granada como para partilharem ambos os despojos da perturbada Hespanha. Mas Henrique II era bravo, e cavalleiroso; com auxilios de França facilmente serenou as inquietações intestinas; achou com a sabedoria do seu governo simpathias no seu povo, e juntando um exercito consideravel apressou-se a invadir Portugal, e vingar as affrontas gratuitamente infligidas pelo Soberano portuguez. Atravessou a Beira, entrou na Estramadura, passou á vista de Santarem onde estava El Rei D. Fernando, e foi devastar e queimar Lisboa em toda aquella parte que se achava fóra da cerca velha. Fez-se a paz por intervenção d'um Legado do Papa, que pouco depois foi quebrada por El Rei D. Fernando ligado com o Duque de Lencastro, que se presumia com direito á Coroa de Castella, e se acendeo de novo a guerra com grande prejuizo do Reino, que por alguns annos sentio os estragos da miseravel politica do seu Rei. Uma das provincias que mais soffreo nesta luta foi a do Minho, pisada muitas vezes pelas invasões castelhanas, e pelos descuidos do governo que nada tinha prevenido. Acudião sempre os briosos e valentes Portuguezes, que por ali tinhão suas casas e solares, repellindo, conforme o permittião suas forças, estes insultos estrangeiros; taes forão Martim Ferreira da Casa de Cavalleiros, e Gonçalo Paes de Meira, que afugentárão do seu campo, junto a Guimarães o proprio Rei de Castella; e ainda outros, e outros que se acharão mencionados nas nossas Historias. Foi n'uma destas excurções inimigas que succedeo a illustre

façanha, de que nos prepusemos dar aqui a explicação, para intelligencia do quadro que atrás fica. Pedro Rodrigues Sarmento, personagem famosa destes tempos em Hespanha, era fronteiro (Adiantado Mor) da Galliza por Henrique II, o qual juntando um rasoado corpo d'exercito, atravessando o Minho veio talando, e impondo fortes contribuições por toda aquella parte da provincia a que alcançavão suas excursões pelos destrictos de Ponte de Lima, Vianna, Barcellos, e desde esta ultima villa até ao rio Ave. A cidade do Porto mostrou ainda nesta occasião os brios de seus habitantes : armárão-se estes, e ordenando á pressa um corpo de gente mais determinada do que aguerrida saïra em demanda do inimigo, que parecia querer aproximar-se da Cidade. Este troço de bravos Portuguezes avançou por Villa do Conde, onde engrossou com gente d'esta villa, e marchou d'ahi a Barcellos, onde o Sarmento estava com toda sua força. Ao passar junto do Castello de Faria não soffrêrão os brios do seu Governador Nuno Gonçalves ficar encerrado entre muros ocioso, quando Portuguezes vinhão de longe para combater no campo : armou-se prestes, deixou o Castello encommendado a seu filho, e unindo-se ao corpo expedicionario marchou com elle direito ao inimigo : porèm este era forte e aguerrido; teve tempo de prevenir-se, e esperando os Portuguezes n'um posto ventajoso com tropas embuscadas os bateo e afugentou, ficando prisioneiro o generoso Nuno Gonçalves. Quiz o inimigo aproveitar a boa fortuna desta presa para obter o Castello, e forão com elle ao pé dos seus muros, afim de por sua ordem lhe abrirem as portas como elle mesmo lhes insinuava. Porèm o leal cavalleiro que presava mais a honra do que a liberdade e a vida, chamando seu filho ao alto dos terrados, lhe bradou : « Filho, pois que a minha má ventura traiçoeira me trouxe a este estado que vês, o unico cuidado que me

opprime é conservar a lealdade que devo ao meu Soberano, e guardar a homenagem que lhe fiz desse Castello que agora tens na mão : assim te ordeno, pena de maldição, que o guardes e defendas dos inimigos do meu Rei, embora me custe a vida.» Assombrados os Castelhanos e raivosos, ali mesmo, á vista do filho digno de tal pai, fizerão em pedaços o primoroso Nuno Gonçalves.

Cortes de Coimbra em que a espada de D. Nuno Alvares Pereira e a Jurisprudencia de João das Regras fazem devolver a corôa ao Mestre d'Aviz.

CORTES DE COIMBRA, EM QUE A ESPADA DE NUNO ALVARES PEREIRA, E A JURISPRUDENCIA DE JOÃO DAS REGRAS FAZEM DEVOLVER A COROA AO MESTRE D'AVIZ.

Os erros em politica são quasi sempre transcendentes, deixando a pós de si embaraços, e contrariedades mui difficeis de remediar. El Rei D. Fernando havia dado sua filha unica legitima em casamento a D. João I°, Rei de Castella, para succederem na Coroa de Portugal com certas condições, e deixou por testamento o regimento do Reino á Rainha D. Leonor sua mulher. Começára esta por morte de seu marido, em 1382, a reger e administrar os estados de Portugal em virtude daquella disposição, e mandou acclamar os Reis de Castella dito João I e D. Beatriz como Soberanos deste Reino. O povo, em muitas Cidades, levou a mal estas vozes mal soantes, e contrariou-as por meio de outras que appellidavão o Infante D. João,

filho mais velho d'El Rei D. Pedro, e de D. Inez de Castro; e acompanhou em algumas partes estas manifestações com violencias, como quasi sempre acontece nos movimentos populares. O Rei de Castella, impaciente de tomar conta da nova herança antes que lha contestassem, prendeo logo em Castella o Infante D. João de Portugal que lhe fazia sombra, e por cumulo de precaução, até o Conde de Gijon, seu Irmão, pela razão sómente de ser casado com uma filha bastarda d'El Rei D. Fernando, D. Isabel : escreveo depois aos Grandes e Funcionarios de Portugal, e começou d'aprompta logo um exercito para tomar á força este Reino, onde via ja publicos symptomas d'opposição a seus intentos, e em menoscabo dos Tratados, rompeo elle mesmo o titulo de seu direito. O partido Castelhano era com effeito detestado no Reino, e como se considerava a Rainha D. Leonor com o Conde Andeiro como a principal mantenedora dos interesses estrangeiros, o povo de Lisboa alvorotou-se, o Conde foi morto nos Paços mesmo do Limoeiro, a Rainha D. Leonor retirou-se clandestinamente com a côrte para Alemquer, e o povo comprometido e ameaçado proclamou o Mestre d'Aviz D. João, filho bastardo d'El Rei D. Pedro, defensor do Reino. Algumas poucas Cidades e Villas o reconhecêrão, ficando o resto do Reino na obediencia da Rainha, e a guerra civil appareceo com seu aspecto medonho em quasi todas as provincias. Seguio-se a invasão Castelhana, em que os Reis de Castella em pessoa, á testa d'um grande exercito, vinhão como para tomar posse do que suppunhão facil d'haver; mas crescendo a irritação e a coragem dos Portuguezes com estas mostras de prepotencia e tirania, succedeo o que pareceo a muitos cousa miraculosa, que o Mestre d'Aviz se defendeo em Lisboa muitos mezes contra todas as forças de mar e terra de Castella, e D. Nuno Alvares Pereira bateo, e quasi expulsou do Alemtejo os inimigos que ahi erão fortes. Levantou o cerco de Lisboa o Castelhano,

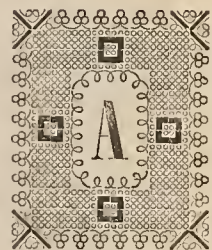
retirando-se com menos de metade do seu exercito, algumas das praças da Estremadura se entregárão ao Mestre d'Aviz, e este, havendo convocado Côrtes em Coimbra, nesse mesmo anno de 1383, ahi concorrêrão os tres Estados do Reino livre, e se começou a debater a famosa these da successão da Coroa. Tres parcialidades, representando outras tantas opiniões diversas e encontradas, se appresentárão neste transcendente congresso : a primeira era a dos patriotas e valentes, em que figurava a massa do povo na maioria dos tres braços, e esses cortando por todas as difficuldades dizião que ao Reino pertencia eleger Rei, visto que d'El Rei D. Fernando não ficára successor e herdeiro legitimo; e por esta forma ião direitos á pessoa do Mestre d'Aviz, a quem querião para Rei; a segunda era a dos fidalgos e cortezãos, não todos, porém d'elles os mais poderosos e considerados por suas pessoas e familias, a cuja testa se achavão os Vasques da Cunha, e os Fernandes Pachecos, os quaes votavão pelo Infante D. João, preso em Castella; e a este dizião pertencer a Coroa como filho d'El Rei D. Pedro, Irmão mais velho do Rei defunto D. Fernando; a terceira finalmente era a dos prudentes, ou antes medrosos que prevendo a tormenta do poder de Castella, e receosos do futuro dizião que forçoso era limitar aos Tractados feitos; esperar que da Rainha D. Beatriz de Castella nascesse um filho, e então reconhecer este Rei de Portugal; negoceando entre tanto com os Reis Castelhanos afim de que o Reino ficasse livre e independente, governado por Regedores portuguezes. No meio deste choque e confusão de pareceres e de vontades brilhou a eloquencia juridica do Doutor João das Regras, que abordando de frente as opiniões as tractou com admiravel destresa e perspicacia, pesando todos os direitos e razões em que ellas podião fundar-se; depois com o peso todo de seus argumentos fundamentados nos factos foi excluindo todos um a um; os Reis de Castella por quebrantadores dos pactos e convenções, o

Infante D. João por haver hostilizado o Reino unido aos Castelhanos, seu Irmão o Infante D. Diniz pela mesma razão, alèm d'outras communs aos dous, concluia em fim que o throno estava vago, e á Nação pertencia escolher Rei.

Porèm os debates e encontros dos partidos continuavão sempre, prolongavão-se com as disputas as incertezas, e bramia de raiva e impaciencia o cavalleiroso D. Nuno Alvarez Pereira, vendo que uns poucos d'envejosos, e outros timidos retardavão a unica solução possivel da salvação do Reino, a eleição do Mestre d'Aviz. O Rei de Castella preparava em Sevilha nova e mais tremenda invasão, e era visivel que sem um centro forte d'unidade, sem um Soberano que reunisse os membros dispersos do Estado, e os movesse firme, o corpo inteiro de Portugal se perdia. Tomou a si Nuno Alvares terminar a contenda : n'um dia em que saïndo das Cortes se achavão os do partido opposto no Paço entrou ahi desenvolto, e furibundo, acompanhado de temeroso sequito d'amigos, escudeiros e criados todos armados, passou iroso por entre os oppoentes com a mão na espada, e pedindo audiencia ao Mestre d'Aviz, lhe disse : « Senhor, vós não tendes contra vós serdes Rei senão este roncador de Martim Vasques; se vós quizerdes eu vos despacharei deste embargo. » Recusou o Mestre d'Avis o expediente, e tratou d'amançar o seu amigo; mas o denodo havia feito impressão, e surtido seu effeito : os adversarios, que receosos se havião posto em salvo saïndo precipitadamente do Paço, se tornárão menos difficeis; logo depois a opposição cessou, e as Cortes proclamárão Rei D. João I.

Lith de Kaeppelin

Batalha d' Aljubarrota

BATALHA D'ALJUBARROTA.

APENAS terminadas as Côrtes de Coimbra que puserão a coroa na cabeça do Mestre d'Aviz, nomeado Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, marchárão logo estes dous famosos mancebos, um de 26 e outro de 24 annos com um punhado de bravos que então compunhão o pequeno exercito portuguez, a oppor-se a todo o poder do Rei de Castella que marchava ja pelos campos d'Andalusia para invadir e tomar o Reino que chamava seu, e castigar o que intitulava rebeldia. De Coimbra seguio o exercito portuguez seu caminho por Penella e Thomar; deo vista de Torres Novas e Ourem, que tinhão vóz por Castella; passou á vista de Santarem que era o principal baluarte do inimigo; e depois de receber no Cartaxo o auxilio da gente que veio unir-se-lhe de Lisboa, partio o Condestavel para Evora a juntar os combatentes que podesse

arranjar no Alemtejo, e El Rei D. João I° foi postar-se em Abrantes, ponto central para acudir onde conviesse. El Rei de Castella desistio do seu primeiro projecto de começar a campanha pelo Alemtejo; e repassando o Tejo em Alcantara juntou todas suas forças em Cidade Rodrigo, e entrou em Portugal por Cima Côa, donde sem estorvo algum veio atravessando a Beira até chegar a Coimbra, que lhe fe-chou as portas. Chamou então El Rei D. João o Condestavel a toda apressa, que não tardou a ir juntar-se-lhe com uma pequena, mas valente divisão alemtejana. Sabendo El Rei de Castella que os Portuguezes davão mostras de defender-lhe o passo na Estremadura, deixou as margens do Mondego depois d'haver assolado seus campos e todo o paiz até Figueira e Aveiro, e avançou até Leiria. Semelhante a uma torrente, que engrossada pelas chuvas do inverno corre despenhada e vai recebendo no seu curso as aguas de mil pequenos regatos que nella se entornão, assim o exercito Castelhano á proporção que se ia adiantando pelo interior da Estramadura ia crescendo e avultando com as guarnições das praças que ahi tinha, as quaes se lhe vinhão reunir com grandes cavalleiros e fidalgos que as commandavão; de modo que d'Obidos, Leiria, Alemquer, Santarem, Torres Novas, Torres Vedras, e até da Esquadra que tinhão os Castelhanos no Tejo, lhe corria gente. Neste tempo de tão grave cuidado quando os seus contavão turbados estas novas a El Rei D. João I, respondia-lhes este fazendo rosto sereno e ledo : « Não cuideis que depois os achareis tão juntos, quando houverem de morrer ás vossas mãos. » Porém o tempo era chegado, a conjunctura surgía, e forçoso era tomar um arbitrio decisivo : pôs El Rei em Conselho o que devia obrar-se. Forão encontrados e desvairados os pareceres : quasi todos os Cabos velhos e experimentados fôrão de voto que se escusasse batalha : dizião que seria temeridade, senão desesperação arriscar combate contra forças tão enormemente

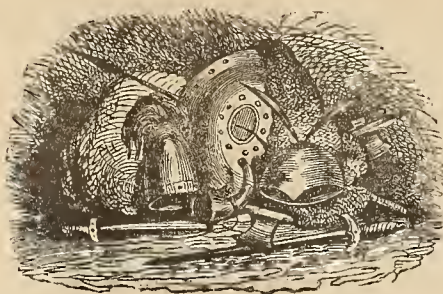
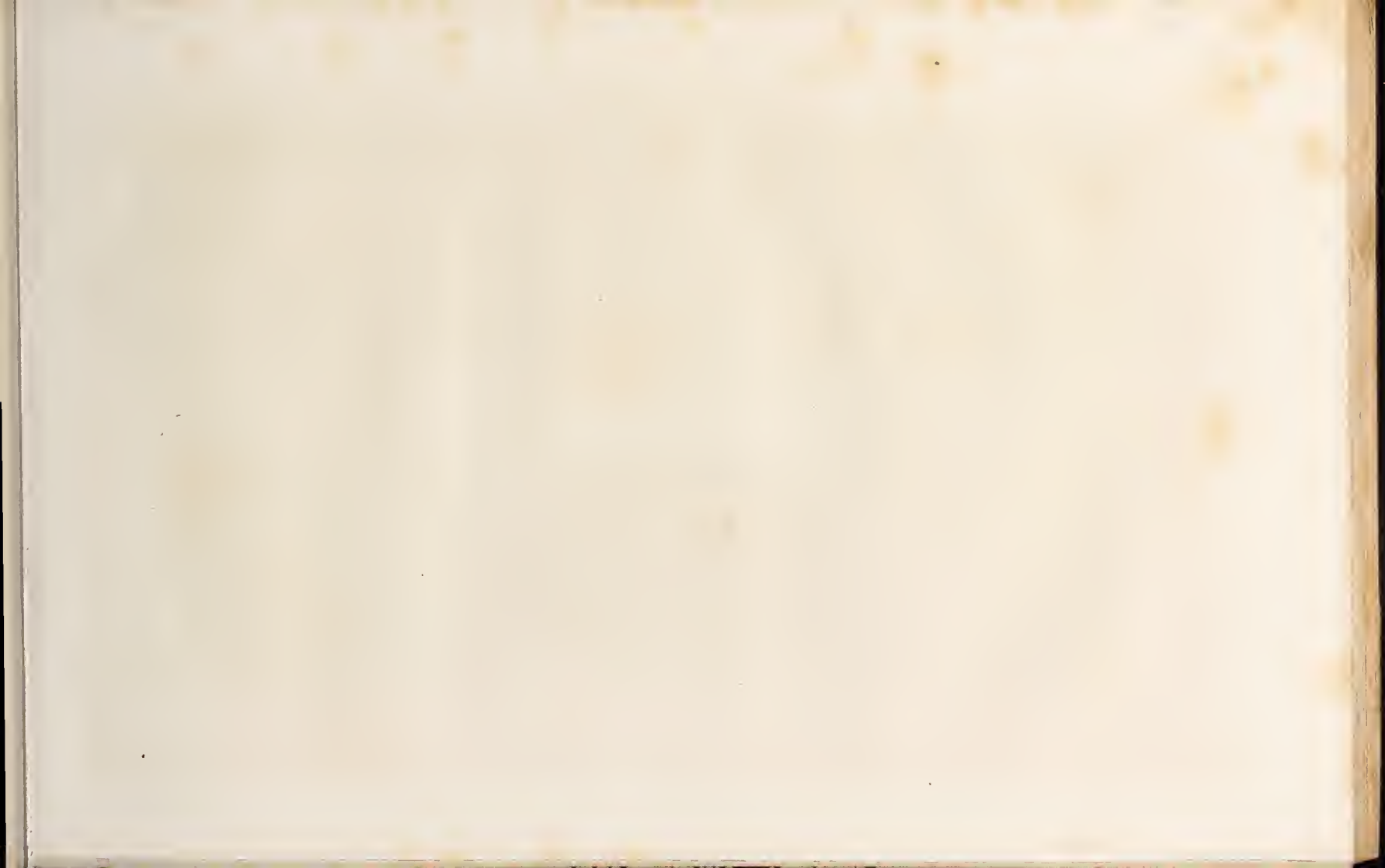
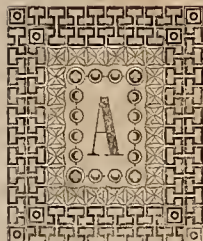
desiguaes : e como naquelles tempos era desar não esperar o inimigo, coloravão-o dizendo que se marchasse sobre a Andalusia, pois que o Castelhano tendo a guerra em casa não deixaria de seguil-os para acudir ao seu paiz : outros menos aventureiros votavão que fizessem a guerra de Fabio Maximo encommodando, e embaraçando o inimigo em operações parciaes e guerra de póstos, interceptando-lhe comboios e communicações, e surprendendo-lhe as guarnições d'algumas das praças que fossem mais faceis de ganhar, e ir pairando assim e vencendo tempo; dentro do qual sollicitassem e obtivessem auxilio d'Inglaterra. Só o Condestavel, com sua vasta capacidade e cavalleiroso brio, ousou contrariar e combater de frente estes arbitrios nascidos d'uma prudente cobardia; porque em fim visivel era que as circonstancias não permittião temporisações, nem outra salvação que não fosse a do vencimento a todo o risco. Disse em poucas palavras, mas com aquelle ar de segurança que só dá a superioridade do genio, e incendido amor da honra e da patria : « que n'um Reino dividido em parcialidades, e em que o inimigo possuia mais terras, e tinha mais forças que o seu adversario, cada dia que decorresse devia naturalmente augmentar estas : que os timidos, e calculadores especulando sempre sobre o pendor da fortuna bem de pressa se dicidirião pelo partido Castelhano, se vissem que o seu exercito campeava a salvo pelo Reino sem contradição; que deixando aproximar os Castelhanos da capital, bem poderia Lisboa desanimar, e entregar-se-lhe, e que perdida ella perdido estava todo o Reino : e terminou aspero dizendo : « Eu d'aqui em diante não cuido em isto mais fallar, vós outros fareis o que quizerdes. » Assim terminou o Conselho sem tomar-se resolução alguma diffinitiva, e se passou a noite nesta grande anciedade; quando na manhã seguinte se espalhou a voz que o Condestavel havia levantado seu campo do Rocio d'Abrantes, onde estivera alojado, e com sua

divisão marchára caminho de Thomar direito ao inimigo. Esta noticia encheo d'assombro e de maravilha o exercito inteiro; e produsio aquelles diversos effeitos, que correspondião aos sentimentos e affectos dos differentes caracteres: aos soldados e valentes excitou uma nobre emulação e enthusiasmo, querendo todos partilhar com o Condestavel os perigos e a gloria da valentia: nos cabos e commandantes, que havião emittido conselhos de prudencia, excitou vozes de censura e vituperio condenando o que chamavão arrojo e desobediencia d'homem soberbo e desvanecido, que queria singularisar-se, e fazer parada de valente. Porém El Rei, o qual melhor que todos era talhado para comprehender e apreciar o grande homem e os seus motivos, chamando os cabos todos do exercito, lhes disse: que havendo pesado melhor e reflectido as razões do Condestavel as achára ponderosas, e seu parecer o unico que devia seguir-se. O chronista Fernão Lopez indica que o Doutor Gil Docem, Chanceller mór que tambem ahi se achava, muito contribuio para dicidir, e convencer os Capitães do exercito. Mandou logo El Rei aviso ao Condestavel que o esperasse, ou viesse a elle, pois ficava aprompttando a marcha: a o Condestavel, como receoso ainda de novas contrariedades e hesitações, mandou dizer de Thomar onde ja chegára: que elle ia marchando e esperando: e assim foi, porque só em Ourem o encontrou El Rei e o exercito. Ahi dispoz o Condestavel os corpos e a formação do exercito segundo a tactica nova que a Portugal trouxerão os Inglezes do Conde de Cambridge, quando vierão com uma divisão auxiliar El Rei D. Fernando: e é forçoso reconhecer que á sabedoria e tacto militar do Condestavel, não menos que á sua imcomparavel bravura, se devêrão em grande parte os triumphos que illustrárão este famoso Reinado. Aqui succedeo um caso muito accidental, mas cuja moralidade demonstra não menos o espirito da epocha, que aquella disposição dos animos ao mara-

vilhoso principalmente quando se achão preocupados d'uma idea forte e dominante : achando-se o exercito acampado fora da Villa appareceo, não se sabe como, um cervo que desorientado e não atinando com o caminho que devia tomar, perseguido de todos os lados, percorreo o acampamento, e per ultimo foi sér apanhado na tenda d'El Rei onde se acolhia. Os soldados exultárão com isto, e proclamárão o successo como um agouro da victoria. No seguinte dia que se contárão 12 d'Agosto de 1384 poz-se tudo em marcha e forão alojar-se a Porto de Mós, cinco leguas em distancia, caminho aspero e fragoso : descançárão no Domingo, e nesse mesmo dia foi o Condestavel com 200 cavallos estrada de Leiria a descubrir o inimigo; porèm nada encontrárão. Na segunda feira ante manhã, depois de Missa, e d'outras praticas religiosas que nesse tempo se não omittião em taes casos, mandou El Rei dar ás trombetas, e ao despontar d'alva marchárão, tendo ido adiante o Condestavel escolher o campo, como era do seu officio, e descendo o exercito á planicie, onde depois foi a batalha, pôz pé El Rei a terra, e começou d'organisar e dispor sua gente pela maneira seguinte. Na vanguarda pôz o Condestavel com sua bandeira, guardada por bons Escudeiros, homens de coração que a defendessem; e ahi havia 600 lanças. O resto do exercito foi distribuido desta sorte : a ala direita que nascia da ponta tambem direita da vanguarda era commandada por Mem Rodrigues de Vasconcellos, e por seu Irmão Rui Mendes, onde estava tambem um brilhante pequeno batalhão de Fidalgos mancebos que se propuserão ganhar honra e defender seu posto a todo o risco, e a este corpo chamavão a *ala dos Namorados,* os quaes, á imitação do antigo Esquadrão sagrado dos Beocios, devião vencer ou morrer juntos : levavão sua bandeira ordenada segundo o pensamento de suas imaginações de côr verde com motes e letras de seus affectos : compunha-se de 200 lanças esta *lêda companhia*, como lhe cha-

ma o Chronista Fernão Lopez : a somma total dos combatentes desta ala direita não consta nem tão pouco a da outra ainda mais diminuta; porèm calculâmos que ambas ellas não depassarião cinco mil homens. A ala esquerda commandava-a Antão Vas d'Almada, e ahi estavão de mistura Portuguezes e Estrangeiros, destes apenas 200 Inglezes, e Gascões. Tinhão estes a bandeira de S. Jorge e outros brasões. Per detrás dos homens d'armas d'ambas as alas havia gente de pé e besteiros em ordennança de sustentar a primeira linha. Desde ahi até á retaguarda havia um rasoado espaço vasio, e destinado a manobrar e soccorrer aquella no caso de desaventura. Seguia-se a retaguarda onde estava El Rei, e esta fazendo como a segunda linha de batalha, cerrava em semicirculo suas duas pontas com as alas da primeira linha : ahi estava a bandeira real nas mãos do Alferes Lopo Vascques da Cunha fazendo as vezes de Rui Vascques da Cunha, que com outros Fidalgos ficára na Beira e não quizerão assistir á batalha. Por detrás da retaguarda havia, diz o mesmo Chronista, um espaçoso curral onde estava a carriagem e bagagem do exercito e esta defendida por besteiros. Chegárão á avistar-se os corredores do inimigo serião dés horaz da manhã, e successivamente foi-se mostrando e desenvolvendo o grande e temeroso exercito castelhano, que em lugar de seguir a estrada por onde vinha, e atacar os Portuguezes que ahi se havião postado, tomárão sobre a direita como quem vai para Aljubarrota, flanqueando assim aquelles pela sua esquerda, de modo que foi preciso que o Condestavel mudasse sua primeira formação fazendo um quarto de conversão pela direita. O exercito castelhano tomou em fim posição em frente do portuguez ja depois do meio dia; e procurando a vantagem de ter o sol nas costas, mettendo-o na cara de seus adversarios, se conservou inactivo até horas de vespera. Foi neste tempo que o bravo João Fernandes Pacheco, e d'Egas Coelho

havendo caminhado sem descançar 25 leguas, vindo da Beira alta com 60 lanças e 100 infantes chegou ao campo, desfilando de Porto de Mós, o que fez receo nos Portuguezes, e assombro nos Hespanhoes, ignorando uns e outros o que aquella gente podia ser. Em fim pela tarde depois d'horas de vespera desdobrárão os Castelhanos suas immensas forças, e alem da vanguarda que era forte e poderosa, na qual combatião todos os Portuguezes que seguião o partido da Rainha D. Beatriz, formárão duas longas alas, com as quaes abraçárão todo o campo portuguez. Bem era de ver por estes vagares, e pelos emissarios mandados por El Rei de Castella ao Condestavel para o ganhar, e seduzir por meio de seu Irmão Diogo Alvares, que os Castelhanos hesitavão em atacar aquelle punhado de bravos que ali tinhão diante de si. Em fim era quasi sol posto, passava das seis horas da tarde da segunda feira 14 d'Agosto, vespera da festa da Assumpção, quando a artilheria Castelhana começou a disparar com as suas deseseis peças que trazião, as primeiras que em combate sè virão no Reino : depois desta canhonada não respondida atacou a vanguarda inimiga, e cerrou de perto com a portugueza precisamente no lugar em que agora existe a Hermida de S. Jorge; e como a desproporção era enorme, pois combatião dez contra um, a vanguarda portugueza foi rota, e os Castelhanos abrindo no centro a linha de seus adversarios arremeçárão-se com arrojada furia por este vasto portal. Perdidos estavão os Portuguezes, e perdida talvez para sempre a Coroa e independencia nacional sem a presença d'espirito dos commandantes das alas, que immediatamente mudárão sua forma fazendo frente aos inimigos que ja tinhão no meio dellas, e se ao mesmo tempo não acudisse El Rei D. João I° em pessoa, que posto a pé, e a lança em punho, avançou com a retaguarda e pôz um muro de ferro ao inimigo quasi victorioso : cerrárão então uns e outros de tão perto que deixadas

as lanças combatêrão á espada, e se fez um espesso turbilhão d'assaltantes e assaltados de modo que ja ninguem curava de salvar a vida mas de vendêl-a cara, ou de triumphar : esta espantosa luta durou meia hora com horrivel carniceria, até que a bandeira castelhana cessou de tremular, caïndo abatida aos pés dos Portuguezes vencedores. El Rei de Castella fugio para Santarem; e aquelle grande e brilhante exercito, em que vinha toda a flor da cavalleria Castelhana e Franceza em numero de 36,000 homens, foi inteiramente derrotado por 8,000 Portuguezes! Daquelles ficárão mortos no campo 10,000, dos Portuguezes 200. A Igreja e Mosteiro de Nossa Senhora da Victoria foi monumento votado por El Rei D. João em agradecimento d'este successo.

Lith. de Kuppelin

O Infante D. Henrique no seu observatorio de Sagres entrega a os seus Navegantes e Descobridores da Costa Occidental d'Africa as instrucções e cartas de suas derrotas.

O INFANTE D. HERIQUE NO SEU OBSERVATÓRIO DE SAGRES ENTREGA AOS SEUS NAVEGANTES E DESCUBRIDORES DA COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA AS INSTRUCÇÕES E CARTAS DE SUAS DERROTAS.

A PORTENTOSA batalha d'Aljubarrota firmou a independencia nacional da monarchia portugueza, e segurou a coroa na cabeça do Mestre d'Aviz, D. João Iº, chamado o de Boa memoria, porèm não foi sufficiente para desenganar as pertenções castelhanas, e pôr um termo á guerra, que ainda durou muitos annos entre os dous paizes. Entre tanto a vantagem ficou sempre do lado dos Portuguezes, formando-se naquella palestra de valor, e patriotismo aquelles grandes homens da brilhante dinastia d'Aviz, que excedendo todos os outros do seu tempo em todo o genero de virtude e merecimento ostentárão no Reino e fóra delle

seu grande caracter, enchêrão a historia de suas proesas e grandes feitos, e elevárão o imperio portuguez a um gráo de extensão, de respeito e de poder, que hoje parece fabuloso. E tudo isto proveio da luta começada com tão pouca apparencia de successo que o proprio Mestre d'Aviz, alma de um dos dous partidos, esteve a ponto de deixar o Reino e ir-se para Inglaterra, e que os homens de maior poder, riqueza e preponderancia do paiz tomando a resistencia a Castella como obra d'insensatos ou se afastárão tibios e desconfiados, ou se bandeárão na parcialidade que vião fortissima. Porèm o impulso estava dado : o jugo estrangeiro levantado nos pendões castelhanos que invadião o paiz excitou nobre emulação e orgulho nos animos portuguezes, e a mesma força e violencia do enorme poder que se propunha avassallar estes, servio a redobrar d'esforço o valor nos corações que aborrecião de morte a perda de sua nacionalidade. Bem assim como por uma sabia e benefica economia e disposição do Creador do Universo uma grande tempestade, e descomposta luta dos elementos serve a purificar o ar, e a espalhar na terra a humidade e outras sustancias beneficas de que resulta a fertilidade e a abundancia de frutos, da mesma sorte na ordem moral, e intelectual das nações succede que estes grandes abalos e comoções que parecem querer submergir, e aniquilar os povos, retempérão estes, e dando-lhes aquella energia, e actividade que lhes ia faltando, os dispõem a uma nova existencia social forte e brilhante.

Por tal arte operou esta activa e vivificante força nos Portuguezes deste tempo, que depois de sustentarem por muitos annos com gloria e vantagem as guerras com Castella, não podérão repousar na patria inactivos e ociosos, e depois de proclamadas as treguas em 1490, reformadas depois por muitas vezes, ião pelo mundo buscar aventuras, offerecendo-se a figurar e combater nas facções e

guerras os outros Principes da Europa em que conservárão seu grande nome por meio d'acções cavalleirosas. El Rei D. João I°, que havia desposado uma filha do Duque de Lancastro em Inglaterra, a Rainha D. Felipa de Portugal, sobre as demais filicidades com que o Ceo quiz abençoar sua bondade, vio-se rodeado de filhos, dignos de tal Pai : e chegando o anno de 1413, se achava com cinco varões dos quaes tres erão já mancebos brilhantes de virtude e valentia, ambicionando occasião de mostrarem seus grandes espiritos. — Erão estes os Infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique, todos tres famosos, porèm de mui diversa ventura, como é sabido de sua historia. Ardião estes em dezejos de obrar grandes feitos, e não havendo então no Reino cousa em que podessem exercitar seus animos, pedírão a El Rei seu Pai emprehendesse com elles a conquista de Ceuta em Africa. Depois de muito meditar e reflectir veio El Rei na proposta, e a empreza teve lugar em o anno de 1415 conduzida com tanta sabedoria e filicidade que no mesmo dia em que desembarcárão os Portuguezes, e dentro de dous horas forão estes senhores daquella grande e pedorosa cidade, a joia dos estados mahometanos, o emporio do seu comercio, e porta fatal por onde viera a Hespanha a perdição do Imperio Gothico, e a servidão das Potentias catholicas por muitos seculos na Peninsula. Ahi na Mesquita maior, convertida em Igreja de Santa-Maria d'Africa, armou El Rei seus filhos cavalleiros, e deixando o governo da Praça ao valente D. Pedro de Menezes acompanhado de grandes fidalgos, e d'outra gente de guerra, como que estabeleceo ahi a escola das proêsas e aventuras do ultra mar, que successivamente devião assombrar a Europa por espaço de 170 annos. O Infante D. Henrique, o mais môço dos tres Infantes, havia sido o mais ardido, e empenhado naquella conquista; e quando passados quatro annos o Rei de Benamarim, em cujos estados se achava a cidade de Ceuta, o Rei de

Granada seu confederado forão sobre a praça com tremendas forças, ahi acudio o mesmo Infante com uma armada e gente de soccoro, e ahi se demorou alguns mezes : e este tempo não foi passado em vão.

O Infante D. Henrique era um Principe destincto em todo o genero de merecimento : valente e cavalleiroso, d'uma virtude austera, muito instruido, e enthusiasta das grandes emprezas. Havia-se applicado mais particularmente á cosmografia, e como se achasse em Ceuta, e tivesse occasião de vêr ahi mercadores, e negociantes de varias terras e paizes foi recolhendo quantas noticias poude haver do interior, e das costas d'Africa. Como Mestre da Ordem de Christo, que ja então era, tinha demais este aguilhão para as emprezas que meditava, sendo a instituição desta ordem para debellar Infieis, e converter suas terras ao catholicismo. Administrador das grandes rendas daquella Milicia religiosa, e elle mesmo rico de sua pessoa como Duque de Vizeu, e senhor da Covilhã, particularmente amado e favorecido d'El Rei seu Pai, accordárão-se desta vez os meios e recursos da fazenda com as riquezas da intelligencia, e do genio para levar á vante suas vastas concepções. Eis aqui como João de Barros, no principio das suas Decadas, apoiado no testemunho de Gomes Eannes d'Azurara e d'Afonso Cerveira, comtemporaneos dos successos, refere o começo das navegações e descubrimentos do Infante : « Quando este estava em Ceuta se informava pelos Mouros dos paizes da terra firme; e por ultimo veio a saber não só dos Arabes de Saharà, mas dos Azenegues que confinão com estes, e depois dos Negros de Gialof (onde começa a região de Guiné, que os Mouros chamão Guinanha, e por isso lhe ficou o nome). E voltando ao Reino mandava cada anno dous ou tres navios que corressem alèm do cabo de *Não*, ultimo termo das navegações hispanhicas até li. » Aqui temos o prin-

cipio desta grande tentativa que podemos colocar no anno de 1420 sem medo d'errar. « Porèm, continua o mesmo Auctor, os primeiros navios descubrírão somente até ao Cabo Bodajor (180 milhas de costa alèm do Cabo de Não), mas os que o virão não tinhão geito de querer passar alèm; porque as 20 milhas da sua ponta, as correntes, e os ventos os derrotavão a ponto que lhes fazião terror e espavento, e lhes parecia que tudo d'ahi por diante era baixo e aparcelado. De modo que estes e outros que successivamente erão mandados se contentavão com descer a terra na costa de Barberia, e voltavão com algumas pequenas presas que por ali fazião, como para justificar sua fraqueza. »

Não era o Infante D. Henrique homem a contentar-se de taes pequenezas : suas convicções apoiadas na sciencia, e nas informações que as fortalecião devião ser bem fortes, porque não so teve a lutar com a tibieza e preoccupações dos seus emissarios, que não ousavão de passar o Bojador, mas com as murmurações do povo, e daquellas almas apoucadas que desdenhão de tudo que excede suas mesquinhas espheras, dizendo e gritando que aquillo erão sonhos de visionario; que não havia que gastar tempo e consumir vidas e fazenda em buscar terras que não existião, ou se existião erão areaes inhospitos e improductivos, queimados pela zona torrida inhabitavel, e defendidos por mares tenebrosos. De tudo triumphou o genio e firmeza scientifica do Infante : o descubrimento das Ilhas de Porto Santo e Madeira vierão animar o prosseguimento da empreza, e acobardar um pouco as invectivas dos detractores. Mandava o Infante a estas navegações Escudeiros de sua casa, ou nobres mancebos da sua Eschola provídos de Cartas e instrucções que aquelle lhes entregava, e acompanhados de maritimos praticos e experimentados, a fim de que pelos brios de seu nascimento e educação, e pelo respeito á pessoa de quem os enviava, arrostassem melhor os perigos, e se não desalentassem com as

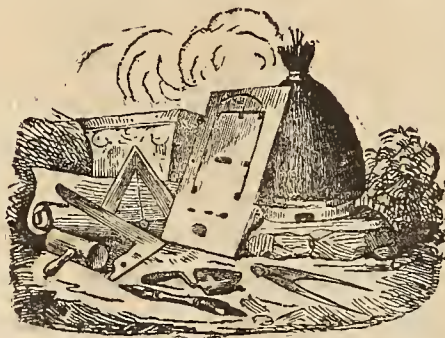
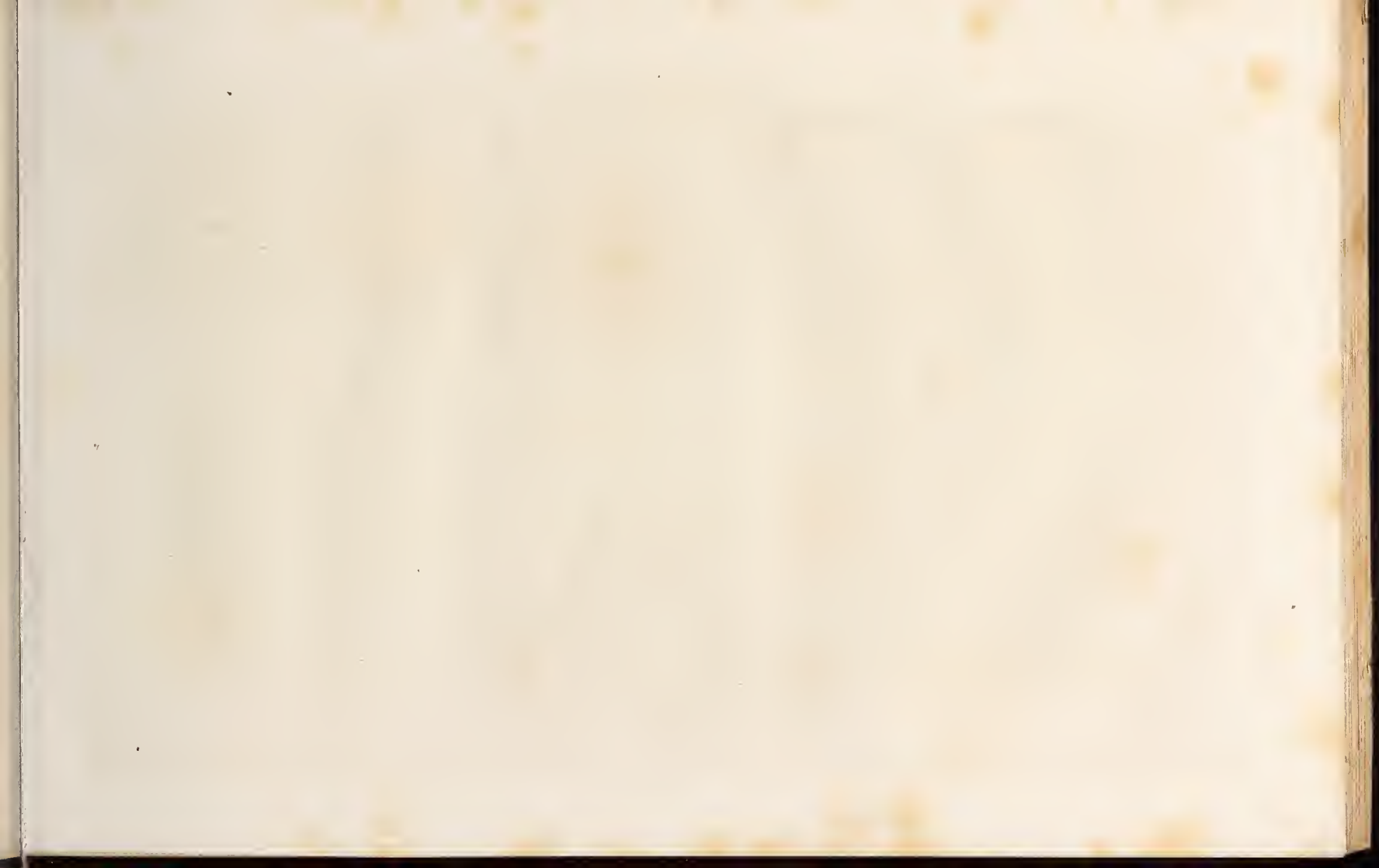
difficuldades. João Conçalves Zarco, e Tristão Vás erão dous bravos homens (diz o chronista) da casa do Infante: uma tormenta os derrotou na costa d'Africa, e os lançou mais ao largo quando avistárão a Ilha aque puserão nome *Porto Santo*, e depois elles mesmos, por informações quc lhes dera um piloto hespanhol, que estivera captivo em Marrocos, descubrirão a Ilha da Madeira.

Annos depois, outro criado do Infante, Gil Eannes, passou o temeroso Cabo Bojador, e avistou aquelles mares e costas que nenhum outro avia visto. Voltou ao Reino em 1433 trazendo com a relação da sua viagem alguns productos d'aquellas regiões, e entre estes algumas plantas, e rosas de Santa-Maria, que conseguio conduzir frescas e viçosas. Devassado assim o *mar temeroso* da costa africana, continuou o Infante a enviar successivamente novas expedições que ião pouco e pouco avançando, mas sempre timidas e apoucadas. O grande problema ainda restava intacto: era preciso desenganar o mundo abusado, e mostrar-lhe que o Auctor da Natureza não creára em vão o nosso planeta, que todas as suas zonas são habitaveis, e habitadas, e que não era chimèra haver Antipodas.

No anno de 1437 depois da lamentavel expedição de Tangere em que o Infante D. Henrique fôra, por fazer a vontade ao Infante D. Fernando seu Irmão, desconsolado e como vergonhoso daquella primeira volta da fortuna, não querendo viver na côrte, pedio licença a El Rei D. Duarte (que ja então reinava) para deixar a côrte, residir no Algarve, e ahi dedicar-se todo aos seus estudos favoritos das mathematicas e cosmographia, e applicál-os aos seus descubrimentos ja adiantados. Outorgou-lho El Rei, e deo-lhe mais o governo perpetuo d'aquelle Reino e o padroado de todas as terras, que no ultramar fosse descubrindo e povoando, para a Ordem de Christo. Começou então uma nova éra de prosperidade e de ventura para o Infante, e a mesma infelicidade d'Alcacer veio a conver-

ter-se por este modo em auxilio e incremento do seus vastos projectos. Tratou o Infante de edificar uma villa na encosta abrigada do promontorio de Sagres, a que pôz o nome Tersanaval, indicando na composição do vocabulo *Teracena naval* que ahi seria o Arsenal de sua marinha; e no alto e ponta do cabo ahi sobranceiro mandou levantar um observatorio astronomico com aposento razoado para a sua pessoa, e para os sabios de que andava rodeado. A vizinhança de Lagos com sua vasta e formosa enseada servia maravilhosamente a seus intentos, e era do seu porto que saïão, e a elle voltavão os navios de suas continuas expedições. Havia Gil Eannes partido segunda vez com Afonso Baldaia, e passando adiante descubrírão a *Angra dos Ruivos* : no anno de 1441 Antonio Gonçalves vogou por diante e descubrio a *Pedra da Gallé*; e foi assas feliz para apanhar um negro natural do paiz, e com elle e com azeite, que fez de lobos marinhos que por ali achou em quantidade, voltou ao Reino. Demonstrado ficava desde ahi o grande problema : não só a zona torrida era habitada, mas continha producções que servissem aos usos dos homens. Desde então facil era prever novos descubrimentos, pois que um novo e vasto continente estava á vista. Deo brado na Europa como era d'esperar este grande acontecimento : de varias partes della entrão a vir a Portugal os homens curiosos da novidade; os sabios, os navegantes, e os emissarios dos Reis, e dos diversos governos da Italia : corrião todos a Sagres, e ahi encontravão um acolhimento grandioso, e instructivo, porque o Infante D. Henrique trabalhava como sabio, e patriota e não especulava como mercador ou negociante. Muitos destes estrangeiros forão nas expedições como curiosos e amadores, e outros ficárão ao serviço do Infante. Gomes Eannes d'Azurara que escreveo ex professo sobre a materia, e a cuja obra remettemos os que quizerem saber individualmente os successos deste grande acontecimento, diz que o Infante tão

embebido andava nas suas observações que succedia passar noites inteiras enlevado na comtemplação de seus estudos, na observação dos astros, na inspecção e comparação das cartas e mappas hydro-geograficos : que o sol o deixava ahi quando se escondia no occaso, e o vinha encontrar levantado e esperto no levante do dia seguinte; repetindo isto muitas vezes com tanto interesse e vontade como se passasse as noites nos mais regalados concertos. A esta nobre ambição de saber, d'accrescentar os dominios, e a honra do seu paiz natal, e d'estender a civilisação pelo christianismo, juntava este grande Principe um coração magnanimo e uma alma pura.

Lith. de Kappelin.

Depois da tomada d'Arzila, El Rei D. Afonso V.º
arma seu Filho Cavalleiro.

TOMADA D'ARZILLA EM AFRICA POR EL REI D. AFONSO V.

Depois de longo gloriosissimo reinado falleceo o bom Rei D. João I, deixando a coroa a seu filho o virtuoso e sabio Rei D. Duarte, que com mui poucos annos de reinado, mas com sobejos desgostos e contrariedades acabou a vida, morrendo em Thomar, fugindo á peste que nestes tempo grassava em Portugal. Succedeo-lhe muito môço seu filho El Rei D. Afonso, justamente chamado o Africano pelas muitas guerras que em Africa fez aos Mouros, pelas differentes expedições que ahi conduzio em pessoa, e pela conquista que fez de várias praças fortes naquelle antigo Reino de Benamarim, dito pelos Arabes *Algarves d'alèm.*

Herdeiro das vistas e projectos da cavalleirosa familia de seu Avô, que não respirava senão grandes emprezas, dominado por um temperamento bellicoso, educado na grande eschola dos guerreiros d'Africa, e concitado por seu Tio o Infante D. Henrique, a cujos descubrimentos muito servião as guerras do continente africano, passou El Rei D. Afonso a primeira vez o Estreito com poderosa frota em 1458, e foi pôr cerco a Alcacer Ceguer, que depois de muitos combates, e de longo assedio se rendeo a partido, salvas as vidas aos Mouros. Tornou-se El Rei ao Reino, deixando governador da praça D. Duarte de Menezes, filho do velho Governador de Ceuta D. Pedro de Menezes, Conde de Vianna; o qual a defendeo e sustentou contra todo o poder d'El Rei de Fez, que por vezes veio sobre ella, com aquelle valor, e admiravel prudencia que naquelle tempo erão apanagio commum dos cavalleiros portuguezes.

Segunda vez passou El Rei D. Afonso á Africa, no anno de 1475, com vistas de surprender a cidade de Tangere, praça maritima de grande força, e de muito tracto e mercancia de Mouros, depois principalmente que perdêrão Ceuta : porèm uma tormenta dissipou a Esquadra, e o projecto por aquella vêz. A terceira foi apenas passados poucos mezes volvendo sobre ella : mas despresando o conselho e a experiencia do Conde D. Duarte que estava em Alcacer, e que dizia não mandasse a frota ás aguas de Tangere dar o alarme da tentativa, movesse secretamente suas forças de terra para tomar os Mouros desapercebidos; encostou-se ao parecer dos Cabos que comsigo levava do Reino, sempre dispostos a presumir d'entendidos contra os praticos do paiz; e a empreza falhou : E falhou ainda outra vez pela mesma razão quande o Infante D. Fernando Irmão d'El Rei estando em Alcacer, sem consultar o mesmo D. Duarte então residindo em Ceuta, foi tentar o assalto da mesma Cidade, onde perecêrão lamentavelmente e sem gloria, posto que com heroico valor, muitos dos mais bravos e hon-

rados fidalgos que lá forão. Ahi fizerão os inimigos o mais formoso elogio que podião tecer ao genio e capacidade do Conde D. Duarte, por que andando alguns dos Mouros mui accessos procurando entre os mortos o corpo daquelle grande capitão, lhes disserão os mais avisados : « Não o busqueis ahi, pois na desordem e máo conselho desta gente vimos logo que não seria elle nisto; e não só cá dentro, mas nem ainda lá fóra. »

Quarta vez foi o mesmo Soberano correr as terras que avizinhão Arzilla, outra praça de Mouros, a ver se a podia haver por surpresa : e foi então que levado de seu ardor guerreiro se deixou entranhar mais do que suas forças permittião; correo grandissimo risco de sua vida, sacrificando-a nobremente por salvar a do seu Rei o mesmo D. Duarte, cujos conselhos havião sido ainda postergardos.

Em fim a hora derradeira da dominação musulmana da formosa Arzilla havia ja soado : saïo novamente com grande frota El Rei D. Afonso, e passou pela quinta vez em Africa cum um lusido exercito de 30 mil homens em 477 vellas, poder immenso que faz espanto e admiração considerando-se os recursos, e extensão do Reino, e as quasi continuas expedições, e navegações d'alèm mar, praticadas desde o tempo d'El Rei D. João I. Porèm era a epocha dos prodigios; e não forão estes momentaneos porque o assombro da Europa, e as expedições portuguezas com seus estupendos resultados durárão depois ainda quasi um seculo. Prevenio-se El Rei para esta empreza como quem queria soldar a quebra passada : levou todos os preparativos d'um longo e disputado assedio, gente capaz de fazer frente a todo o poder de Fez e de Marrocos; e contou mesmo sobre a demora, deixando o governo do Reino ao velho Duque de Bragança D. Afonso, que com muito custo se resolveo a o não acompanhar. Foi isto no anno de 1471. O Principe D. João, mancebo de deseseis annos, mas no

qual os espiritos sobrepujavão a idade, pedio a El Rei seu pai licença para ser com elle neste feito, em que via partir toda a flor dos cavalleiros e fidalgos do Reino; e com quanto no conselho lhe forão os votos contrarios, arbitrando todos não convir que o herdeiro da Coroa se arriscasse ao mesmo tempo que o Soberano, prevaleceo o enthusiasmo cavalleiroso do Principe, a quem El Rei não pôde resistir. O Chronista Rui de Pinna, ou antes Gomes Eannes d'Azurara, de cujos escriptos aquelle se aproveitou, aponta neste lugar uma circonstancia caracteristica dos costumes do tempo, e dos brios cavalleirosos da epocha : « Sabendo El Rei, diz o citado Auctor, no cap. 163 da Chronica deste Monarcha, que entre a alguns Grandes e pessoas principaes, que alias erão apercebidos, havia odios e dissensões, e outros jasião em publicas excommunhões, El Rei com a só pena que pôz de os não levar comsigo, se não se concordassem e absolvessem, fez que elles, por não ficarem, se concordárão, e satisfizérão, e reconciliárão. » A poderosa Armada, que dissemos, alèm dos navios estrangeiros, que El Rei mandou fretar em varios portos da Europa, compunha-se de quatro grandes divisões navaes, a saber : a do Minho que saïo da Cidade do Porto, commandada pelo Duque de Guimarães D. Fernando, filho do Duque de Bragança; a da Beira e Estramadura que dirigia o Conde de Monsanto D. Alvaro de Castro, um dos homens de mór conselho deste Reinado : estas duas divisões reunidas no Tejo d'ahi levantárão ferro e saïrão ao mar em o dia 15 d'Agosto, depois de solemne procissão em que ia El Rei e o Principe e grande parte da fidalguia do Reino, desde Nossa Senhora do Restello até ao embarcadouro. A terceira divisão juntou-se no porto de Setubal, descendo d'Alcacer alguns vasos, e outros arranjados nos demais portos daquella costa até Sines, e vinha nella o Conde de Vallença : esta foi reunir-se com todas as demais á bahia de Lagos. A quarta finalmente era a do

Algarve, se não a mais forte, a melhor esquipada, porque ahi desde muitos annos que existia a grande eschola maritima do Reino. Os ventos contrarios, que havião retardado muitos dias a saïda da frota, tornárão-se prosperos, e em poucos dias chegou esta em frente d'Arzilla aos 20 d'Agosto deste dito anno. Quiz El Rei que fosse prompto o desembarque para não dar tempo de folga ao inimigo; porém os mares erão levantados, o porto perigoso, e as vagas quebravão com muita braveza sobre um arrecife com más entradas : apezar disso mandou remar nos bateis e tomar terra, onde elle mesmo por mór esforço de todos não quiz ser dos segundos; no primeiro bote saltou El Rei e o Principe na praia com muita gente que o seguia, mas desgraçadamente, uma galé, e algumas caravellas e bateis se voltárão, e nessa occasião morrêrão 200 pessoas, e entre ellas oito principaes.

No seguinte dia 21 d'Agosto, diz o Chronista, pôz El Rei cerco á praça, cerrando e defendendo seu arraial com alta cava; e das grossas bombardas que trazia só duas mais pequenas forão logo ensejadas. Desde este dia até ao 24, que era o de S. Bartholomeu, as bombardas desfizerão dous lanços do muro que os Mouros reparárão logo com muito esforço. Então o Conde de Monsanto que commandava a estancia de fronte do Castello, avisou que o Alcaide da praça queria vir a concerto : uma voz se espalhou rapidamente no campo sem se saber donde procedia, dizendo que a Villa se entrava; com o que começárão todos a correr aos muros sem ordem nem fórma concertada de combate, e tomando escadas e engenhos com muita ardideza sobírão os muros, e entrárão a praça ao mesmo tempo por muitos pontos. Os Mouros vendo-se assim assaltados e perseguidos se acolhêrão á Mesquita, e os mais fortes e principaes ao Castello. Naquella antes de ser entrada foi crua a peleja, em que dos Christãos morrêrão além d'outros, D. João Coutinho, Conde de Marialva, mancebo de grande capa-

cidade e muito valor. Acabada a peleja da Mesquita logo todos se dirigírão ao Castello, que de todas as partes era mui forte e defensavel : porèm como ahi estavão El Rei e o Principe dando o exemplo do esforço, foi logo accommettido com tal denodo e ardideza que sem esperar escadas, nem outros expedientes costumados, os Christãos arrumando aos muros as lanças e páos que achavão, e saltando e trepando por frestas e janellas forão subindo com tal desenvoltura que se esquecião do perigo de seus corpos, e fazião inveja aos que estavão ainda em baixo procurando meio d'imitál-os. Muitos, diz o Chronista, pedião aos que estavão em cima lhes deitassem abaixo cousa por onde subissem, e sem se lembrarem do peso das armas, apegados a mui fracas toucas de linho erão assim alados e subidos. Nos muros e no recinto do atrio do Castello foi terrivel o conflicto, porque os Mouros se defendião como desesperados; porèm em resultado todos forão ou mortos ou prisioneiros, não sem haverem primeiro vendido suas vidas e liberdade por preço assás caro. Ali no ataque do Castello foi morto D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, camareiro mór d'El Rei, que sua morte muito sintio; porque certo elle no campo e na Côrte, na paz e na guerra, era por seu sizo, discrição e esforço homem mui principal. Morrêrão dos Mouros dous mil, e forão captivos cinco mil e tantos : os despojos forão consideraveis, e delles mandou El Rei fazer escolha franca, repartindo-os por todos sem tomar para a Coro a oquinto, nem outra alguma utilidade mais do que a posse da praça e o resgate de cincoenta Christãos que ahi jazião no captiveiro.

Depois dirigio-se El Rei seguido de todos seus cabos á Mesquita, onde ja estava arvorada a Cruz do Christianismo, e depois de render graças ao Deos das victorias, ali junto do corpo defunto de D. João Coutinho armou cavalleiro o Principe D. João seu filho, que no combate se havia comportado

com admiravel valor a ponto de trazer a espada torcida e ensanguentada dos golpes. « E sendo ambos, continua o Chronista, d'armas victoriosas vestidos, El Rei no cabo de auto tão devoto, e glorioso disse para o Principe, não sem algumas lagrimas : « Filho, Deos te faça tão bom cavalleiro como esse que ahi jaz. »

O PRINCIPE DE PORUGAL, DEPOIS REI D. JOÃO II, CORTA AS INTRIGAS E DELONGAS DOS EMBAIXADORES DE CASTELLA NA EXECUÇÃO DOS TRATADOS ENTRE HESPANHA E PORTUGAL.

El Rei D. Alfonso V seria um dos mais gloriosos e bemaventurados Monarchas se contentando-se com reger seus Estados em paz, e com manter e proseguir suas conquistas e descobrimentos d'Africa, voltasse costas ás negaças da politica, que perfida lhe acenava com a coroa de Castella. A boa razão e a experiencia dos successos lhe devia abrir os olhos para ver que as duas nações não erão ja para viver unidas debaixo d'um mesmo scetro; que uma dellas supposto mais pequena tinha assas de brio, e d'amor de sua independencia para não consentir ser absorvida na vastidão da outra; e que esta conservando sempre frescas e vivas a

Lith. de Kaeppelin.

O Principe de Portugal, depois Rei D. João II.° corta as intrigas e delongas dos Embaixadores de Castella na execução dos Tractados entre Hespanha e Portugal.

memorias de sua antiga dominação em Portugal, como parte integrante do seu todo, não viria ja mais de bom grado a ser sujeita a um Rei portuguez. Ambas ellas tinhão por muitas vezes provado a inutilidade, ou inefficacia de suas tentativas; porque nem os Castelhanos podérão ja mais com suas reiteradas invasões, empregando todo o seu poder, avassallar Portugal, nem os Portuguezes fôrão em tempo algum assás favorecidos da fortuna para manterem as conquistas que por vezes fizerão dentro de Castella. Porèm nas cousas humanas, em politica principalmente, se dão ás vezes combinações taes que a maior previsão, e sabedoria não bastão para afastar os homens dos laços da ambição e do engrandecimento. E com effeito nos successos que vamos apontar justo é reconhecer que fundamento havia de bom discurso, e de muito plausivel, e verosimil utilidade para seguir-se o caminho que se seguio.

Reinava por este tempo em Castella Henrique IV dito o impotente. Era casado com a Rainha D. Joanna de Portugal, e tinha della uma filha unica do mesmo nome da mãi, conhecida na Historia pelo de *Excellente Senhora*, e por contraste appellidada em Hespanha *la Beltraneja*. Havia igualmente na dita casa reinante dous Infantes Irmãos d'El Rei, D. Afonso, e D. Isabel, ambos de grande espirito, e de brilhantes qualidades bem differentes das do infeliz Monarcha, que bom, mas frouxo, e indiciso não podia deixar de ser victima de seu fraco natural em um tempo de revoltas, e d'anarchia. A Rainha não era amada no paiz; os grandes do Reino que especulavão sobre a fraqueza e indicisão do Soberano para arrancar-lhe concessões, começárão de levantar duvidas sobre a ligitimidade da Princeza sua filha, indusírão facilmente o Irmão do Soberano a disputar-lhe o titulo; levantado o pendão da guerra civil apoderárão-se das Cidades principaes do Reino, e o declarárão o Principe das As-

turias para succeder na Coroa como herdeiro presumptivo della. O desventurado Monarcha não tendo animo para arrostar a tormenta, negoceou com os rebeldes, e conveio em confirmar aquelle titulo que era o ferrete de sua deshonra. Pouco depois falleceo o Infante, mas com sua morte não terminárão as desgraças, porque os conjurados insistindo sempre o forçárão a passar a mesma qualidade e esperanças á Infanta D. Isabel, a quem o proprio Rei recebeo e appellidou Princeza das Asturias.

Mas depois, ou fosse que a consciencia lhe desse rebates, ou porque quizesse desviar o labéo de sua deshonra, tractou de procurar por meio d'allianças, o que não ousava concertar com o peso e os meios do seu poder e auctoridade. Avistou-se com El Rei D. Afonso V no Caia, e propoz-lhe casamento com sua Irmã D. Isabel, e o Principe de Portugal com a Princeza D. Joanna sua filha, pretendendo deste modo neutralizar todos os partidos pela fusão de todos os direitos. O Soberano portuguez consultou o seu conselho; o Principe seu filho approvava com grande afinco as propostas, como era natural; porèm o pezo dos votos foi contrario, e assentou-se, diz o chronista : « Que em tempos de tanta divisão, e com tamanho poder contrario como tinha, não devia El Rei entrar em Castella nem aceitar a empreza della; más sim deixar aos naturaes que a quizessem favorecer, e soster. » Perdida a occasião opportuna, a marcha dos successos tornou irremediavel a sorte da infeliz D. Joanna, porque a Princeza das Asturias foi casar com D. Fernando Rei de Sicilia, filho do Rei d'Aragão, e augmentando assim seu partido, ja mui consideravel em Castella, deixou o infeliz Irmão D. Henrique entregado aos seus proprios recursos. Rompeo então este, mas tarde, por entre todas as suas comtemporisações e incertezas, declarou novamente sua filha Princeza das Asturias, e successora do Reino, e fallecendo pouco depois confirmou por seu testamento esta declaração,

que muitas e repetidas vezes fez diante de sua Côrte estando em artigos de morte. E para melhor segurar a sua filha a successão da Coroa contra as pretenções de sua Irmã D. Isabel dispôz que ella casasse com o Rei de Portugal, ao qual desde logo nomeava governador, e administrador dos Reinos de Castella e Leão. Com effeito era então ja este o partido que podia tomar-se, porque o Principe de Portugal D. João, vendo rompidas as primeiras propostas, como dissemos, se havia ja casado no Reino com sua Prima D. Leonor, filha do Infante D. Fernando e da Infanta D. Beatriz.

El Rei D. Afonso V, que havia enjeitado talvez com boa politica o projecto do primeiro casamento, aceitou depois o segundo, porque uma tão grande corôa não era para rejeitar, e porque apezar do forte partido da Princeza das Asturias, não faltavão pessoas muito principaes ao da Infanta D. Joanna, que desde logo se appellidou Rainha. Juntou El Rei de Portugal um exercito de 25,000 homens, e depois d'intimar inutilmente Fernando e Isabel de despejarem o Reino de Castella, e de deixarem o titulo de Reis que ja havião tomado, entrou na Hespanha sem contradicção, e foi encontrar em Placencia a Infanta, com a qual se desposou por palavras de futuro, porque lhe faltava a dispensação do Papa necessaria, sendo Tio de sua esposa. Logo ali se instituláião os dous Reis de Castella e Leão, e forão reconhecidos por uma parte dos Grandes, e das Villas e Cidades daquelles Reinos.

Fernando e Isabel que occupavão ja Madrid, e a maior parte das provincias acudírão ali com grandes forças, e se seguio uma guerra aturada entre as duas corôas desde o anno de 1475 até ao de 1479 com successos encontrados, mas com inteiro insuccesso das esperanças do Soberano portuguez; por quanto pouco e pouco se forão reunindo aos Aragonezes os Fidalgos que ao principio lhe faltárão, e

porque as grandes qualidades da Rainha Isabel, e sua consummada politica achárão meios de ir ganhando os proprios adversarios.

Vendo El Rei D. Afonso que nem pelas armas, nem pela liga, que procurou fazer com o Rei de França Luiz XI, poude vir a mais prospera fortuna em suas pretenções, que o seu Reino estava cansado, e os povos se quixavão ja abertamente de tantos estragos e prejuizos causados pela guerra, assentou deixar o governo a seu filho, e limitar-se ás suas antigas queridas occupações dos Lugares d'Africa : e supposto o Principe com aquelle respeito e amor que professava para com El Rei seu Pai o recusasse, é certo com tudo que desde que de França voltou ao Reino quasi que todos os altos negocios da politica, e os da guerra, em quanto se não fêz a paz, corrêrão sob a direcção do Principe, retirando-se El Rei aos Paços de Cintra, onde por ser sitio ermo, e acommodado a sua tristeza residio até morrer.

Quaes fossem os cuidados e sollicitude do Principe D. João em todo este difficil periodo do Reino, no-lo conta o Chronista Rui de Pina nas curtas bellas phrases seguintes : « Sobre o Principe depois que voltou ao Reino (em consequencia da batalha de Toro) carregárão muitos cuidados ; porque não sómente sobre seu justo juizo pendeo a governança do Reino nas cousas de justiça, mas ainda muito mais sobre seu coração e esforço, a defeza delle nas affrontas da guerra. A qual, pela ausencia d'El Rei que levou comsigo a flor da gente e Armas do Reino, crescia e se accendia muito nos estremos delle, com roubos, mortes, fogo e sangue e com entradas de gentes contrarias, a que o Principe de noite e de dia, sempre vestido soccorria e assestia com muita viveza e trabalho, nom como Principe moço e novél, mas como ardido e velho cavalleiro, que nos trabalhos e affrontas per longos tempos

fôra experimentado; e tanto era mais de louvar quanto os inimigos sendo mais, e elle em todo com menos possibilidade para os contrariar, nom sómente muitas vezes defendeo em pessoa os Reinos por que esperava, mas ainda os estranhos offendia e guerreava continuamente per muitas maneiras. »

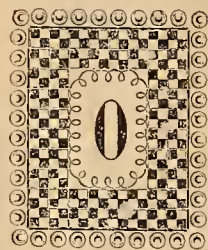
Em fim a necessidade começou a fazer voltar os animos para a paz, que foi negoceada por intervenção da Infanta D. Beatriz de Portugal; esta se foi avistar com sua sobrinha a Rainha Isabel em Alcantara, e em remate destas conferencias concordárão em que se abrírião negociações. « O Principe D. João (diz o citado Chronista), a que o negocio e cargo dos tratos e assentos das pazes per prazer d'El Rei seu Padre foi em todo comettido, por concerto ja praticado se foi á villa das Alcaçovas d'entre Tejo e Odiana, onde veio por Embaixador e Procurador d'El Rei e da Rainha de Castella o Doutor Rodrigo Maldonado, qué vulgarmente se dizia de Talaveira, que juntamente com D. João da Silveira Barão d'Alvito, Procurador d'El Rei e do Principe de Portugal, praticárão e concertárão as capitulações das pazes que forão perpetuas sem alguma limitação de tempo. » Disistírão ambas as Corôas de suas pretenções : El Rei D. Afonso de Portugal deixou o titulo de Rei de Castella e de Leão, e Fernando e Isabel largárão igualmente o que havião arrogado (só por reivindicta) de Reis de Portugal; restituírão-se praças e prisioneiros reciprocamente, e forão amnistiados todos os implicados nas guerras passadas, e nas parcialidades que as precedêrão. Alèm d'alguns artigos outros mais ventajosos a Portugal havia um que estipulava o casamento da Infanta D. Isabel, filha mais velha dos Reis de Castella, com o Infante D. Afonso filho do Principe D. João : porèm como ambos erão ainda na infancia concordou-se que para maior seguridade deste casamento, que apenas se podia ajustar para o futuro, estivessem os dous noivos em Terçaria (deposito feito perante pessoa terceira, e indepen-

dente das duas Poteneias), para o que se pôz a villa e praça de Moura em mão da Infanta D. Beatriz que era avó dos dous meninos e ali os guardasse até terem idade eompetente : derão-se alèm disso refens de uma e outra parte; e foi o PrineipeD. João o primeiro que por sua parte encheo o eontraeto mettendo seu filho unieo e extremosamente amado nas Terçarias de Moura.

Porèm a eôrte eastelhana, que mais do que todas as eousas desejava segurar-se da infeliz Prineeza D. Joanna, a qual, segundo os Traetados eseolhêra entrar em Religião por não eonfiar nas Terçarias, eomeçou a ehieanar a entrada em Terçaria da Prineeza Isabel, e a pôr duvidas e delongas com o pretexto de insegurança da Exeellente Senhora, pretendendo mesmo que esta se lhe entregasse. O Prineipe D. João residia por este tempo em Beja para estar mais perto dos negociadores Hespahoes, e vigiar o eumprimento que elles dessem áquelle importantissimo negoeio. Os ditos Embaixadores, que eom a Prineeza Isabel estavão residindo em Freixeneda proximo da Fronteira, vierão a Moura assegurar-se se ahi ja se aehava o Infante, mas não se apressavão a trazer a Prineeza, levantando sempre duvidas, e razões frivolas eomo quem por aquelle modo queria extorquir a deshonra da entrega da Eexellente Senhora. Cruzavão-se no eaminho de Freixeneda para Beja os mensageiros e as mensagens; e faeil era ao Principe D. João rebater as exorbitantes pretenções eastelhanas que nenhum fundamento honesto, nem razoavel tinhão nas eonvenções feitas.

Vendo então o Prineipe que nunea aeabavão os maehiavelieas tergiversações dos Embaixadores enearregados da entrega nas Terçarias, que erão o Bispo de Coria D. João d'Ortiga e o Lieeneeado Ilhescas; e havendo de dar sua reposta sobre a ultima eonsultação que os mesmos lhe enviárão, anojado de tanta importunação e infundada delonga lançou por sua mão duas palavras em dous b

cados de papel, n'um dos quaes estava escripto *Paz*, e no outro, *Guerra*; e enviou-as aos taes Embaixadores, dizendo-lhes que escolhessem. Bem conhecião elles, e a Corte de Madrid que quem punha a comminação tinha animo e peito para lhe dar seguimento : as indicisões cessárão, a Princeza entrou na Terçaria, e os Tractados forão cumpridos em todos os pontos á risca.

DESPEDIDA E EMBARQUE DE VASCO DA GAMA NA FROTA QUE FOI DESCUBRIR O ORIENTE.

O GENIO do Infante D. Henrique, e os cuidados e sollicitude pelos descobrimentos com que este grande Principe havia accrescentado os dominios portuguezes, se infiltrárão no coração e no espirito de seus sobrinhos El Rei D. João II e D. Manoel, os quaes por entre as demais occupações e gerencia dos negocios de seus reinados ja mais se esquecêrão de levar ávante a idéa favorita na real casa d'Aviz d'achar caminho pelo Oceano até a India Oriental. O primeiro d'aquelles dous Soberanos, proseguindo alèm dos descobrimentos de Guiné feitos no governo d'Afonso V, fez plantar a bandeira portugueza no vasto e rico Reino de

Despedida e embarque de Vasco da Gama na frota
que foi descobrir o Oriente

Congo; e pouco depois o famoso navegador Bartholomeu Dias avistou o Cabo da Boa Esperança, e puxando por diante chegou ao rio do Infante, donde observou primeiro os dous mares Occidental e Oriental. Não satisfeito o mesmo Monarcha com estes successos maritimos procurou obter noções e noticias por terra sobre aquelle grande problema, e estando em Santarem no anno de 1487 despachou dous criados da sua casa Afonso de Paiva, e Pero da Covillã para irem áquellas remotas paragens, vendo os lugares e recolhendo as informações que achassem sobre a materia. Os dous aventureiros forão a Alexandria, e Cairo, e d'ahi juntos chegárão a Adem sobre o Golpho de Suez : ali se separárão, tomando o Covilhã á esquerda pela Arabia, e Persia até á India; e Paiva á direita pela Ethiopia e Abissinia. Ambos chegárão a tocar a meta de sua vasta e laboriosissima excursão, porque um vio a côrte e os Estados do Preste João na ponta Oriental d'Africa, e o outro depois d'atravessar tantos Reinos, e paizes, quantos estão desde o mar Erythreo até á India, e os golphos dos mares do Oriente até ao Indostão voltou com a relação importante de sua viagem, e chegou outra vez ao Cairo; mas

> « Ambos elles em fim por lá ficárão
> Que á desejada patria não tornárão. »

Paiva não saïo mais da Abissinia, e por lá morreo : Covilhã foi mais feliz, porque antes de fallecer na Capital do Egipto enviou ao Reino a carta, e escriptos de suas observações. El Rei D. João II dispunha-se então a dar o ultimo impulso á grande empreza de penetrar pelo Oceano até á India, e diz um de nossos Chronistas que havia ja preparado e disposto tudo para isso, quando a morte veio

atalhál-o no meio de seu glorioso projecto em 1495. Porém os grandes homens nunca morrem de todo : antes disso chamou seu Primo e successor o Duque de Beja, e dando-lhe por divisa e empresa uma Esphera como emblema da vasta e grandiosa idéa, que lhe deixava em legado, lhe encommendou particularmente o prosseguimento da navegação para a India, como devendo ser o grande theatro da gloria do seu Reino, tornar este o emporio do commercio da Europa, e d'ahi a força, riqueza e engrandecimento de seus Estados. O Duque de Beja desempenhou a commissão com admiravel fortuna : tinha elle herdado de seu pai o Infante D. Fernando particular obrigação de occupar-se d'este negocio, havendo este sido filho adoptivo e herdeiro do grande Infante D. Henrique, o primeiro protogonista das navegações portuguezas; e elle mesmo acompanhando a Corte d'El Rei D. João II ahi havia bebido o gosto, e o habito das emprezas maritimas.

O nosso Camões que nesta materia é o mais exacto dos Historiadores o disse, quando cantava :

Manoel, que a Joanne succedeo
No Reino e nos altivos pensamentos,
Logo como tomou do Reino o cargo
Tomou mais a conquista do mar largo.

O qual, como do nobre pensamento
Daquella obrigação que lhe ficára
De seus antepassados, cujo intento
Foi sempre accrescentar a propria terra

Não deixasse de ser um só momento
Conquistado. . . . .

Revolvendo contino no conceito
De seu officio e sangue a obrigação :

Chama o Rei os Senhores a conselho
E propõe-lhe, etc.

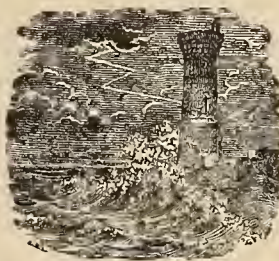
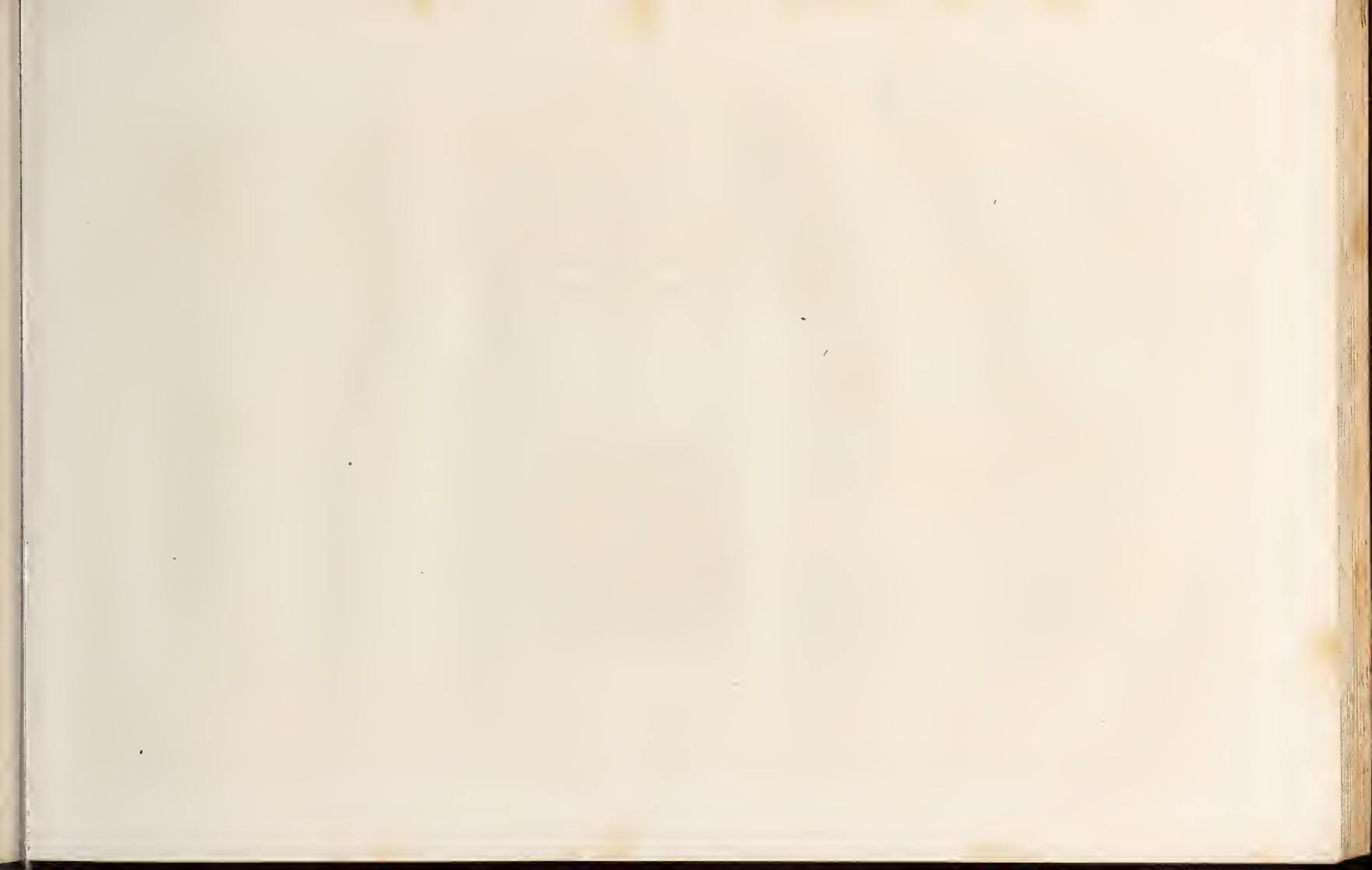
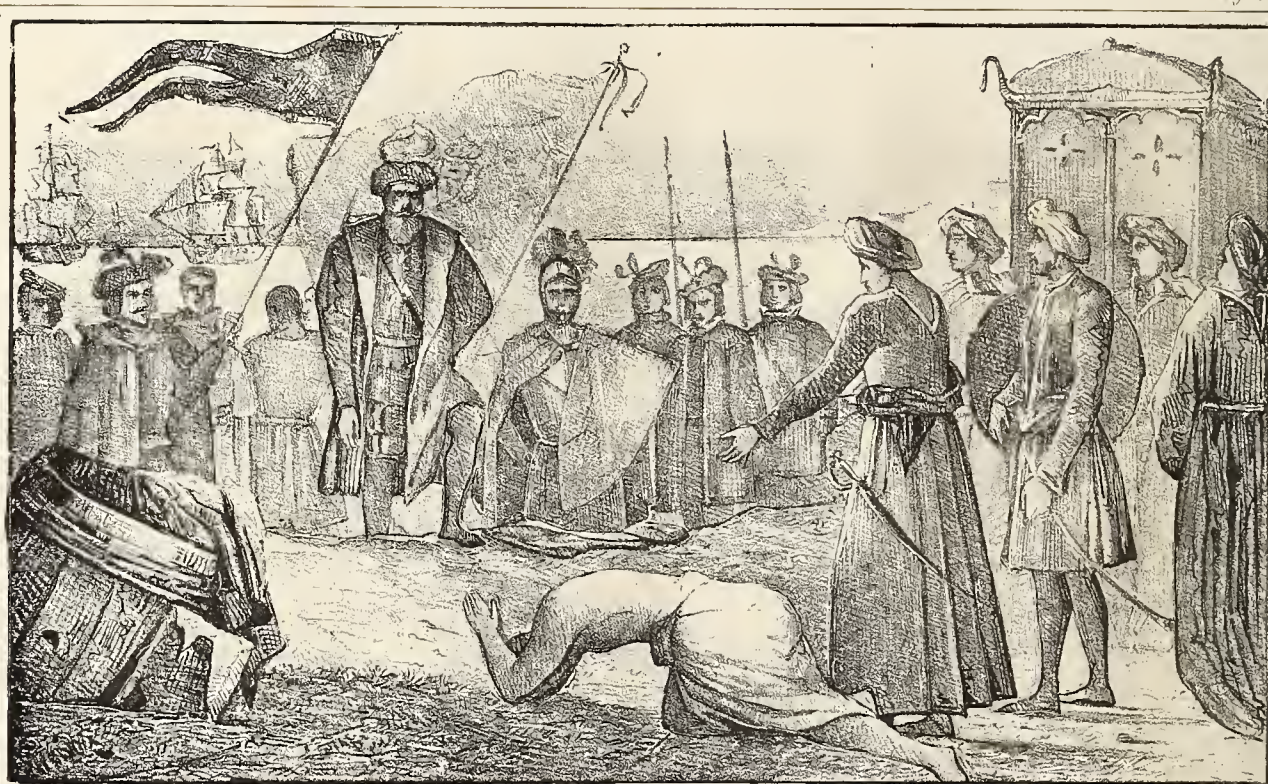
Estando pois El Rei D. Manoel em Estremoz, no anno de 1496, convocou ali seus conselheiros, e com elles aquelles bravos cavalleiros, e audazes navegantes que se havião mais acreditado nas antecedentes expedições maritimas. Entre estes estava Vasco da Gama, mancebo de vinte oito annos de idade, porém ja feito e costumado a taes emprezas. Forão differentes os pareceres, mas em fim prevaleceo a vontade d'El Rei, o qual vendo a boa disposição e dezejos manifestados pelo Gama lhe commetteo a ardua tarefa de penetrar por mar até á India. Mandou-lhe apromptar tres embarcações; e parece, segundo os termos por que se explica o Poeta ja citado, que lhe deo a faculdade d'escolher os capitães, e companheiros nesta aventurosa derrota. Mui pouco individuaes e circonstanciadas são as noticias que os escriptores nos transmittírão desta expedição : sabemos com tudo que um dos vasos se chamava S. Rafael, o que depois se perdeo nos baixos a que deo o nome; que um dos tres navios commandava o proprio Vasco da Gama, em que o acompanhava seu irmão Paulo da Gama, ao segundo capitaneava o mesmo Bartholomeu Dias, que antes avistára o Cabo de Boa Esperança; e ao

terceiro Nicoláo Coelho, outro experimentado maritimo daquelle tempo. Apromptava-se a frota com grande actividade, presidindo a tudo o seu commandante, e estavão os animos e affeições divididos entre approvação, e censura de uma tal aventura, como é costume em todas as emprezas que excedem a commum comprehensão dos homens. Faria e Souza, apoiado no testemunho de João de Barros, diz que em geral o Reino abominava tal expedição reputando-a chimerica no seu objecto, e concebida em pura perda de homens e de dinheiro; e que a isto se refere Camões quando intromette a practica daquelle Velho d'*aspeto venerando,* vociferando na despedida da frota. Em fim chegára o mez de Julho em que a expedição estava prompta a dar á vela; havia-se El Rei D. Manoel recolhido a Lisboa para despachar o intrepido commandante, e fazer-lhe as *honras* e *mercês* que um tal serviço demandava, e depois de haver-lhe entregado as cartas e roteiros que até então se podérão haver, em que naturalmente devia figurar principal a de Pero da Covilhã, dispôz que a partida seria no dia oito do dito mez de Julho desse anno de 1497. Transportou-se El Rei com a sua côrte em grande aparato á Igreja de Santa Maria de Restello, que annos depois foi convertida no famoso Templo e Mosteiro de Belem, e ahi depois de reunidos os dous Gamas, e mais capitães da frota, e ouvida Missa, tomou El Rei do Altar a Bandeira real que ahi fizera benzer, e pondo-a nas mãos do commovido e jubiloso Vasco da Gama, lhe dirigio palavras de muito louvor e esforço, dizendo-lhe que a confiança que punha na sua pessoa, e a esperança que tinha do bom resultado daquella tentativa correspondia ao grande conceito que formava da sua capacidade e experiencia, e da boa vontade que mostrava neste serviço.

Depois disto, e saïndo da Igreja, se ordenou uma muito formosa e devota procissão, em que ïa El Rei, e Vasco de Gama ao seu lado, seguido dos cabos e officiaes da esquadra, e precedidos de muitos

Religiosos e Cleresia com cruz alçada, e a Bandeira real desenrolada; terminando este aparatoso, e interessante préstito os Fidalgos e Officiaes da Côrte, e innumeravel multidão de povo que saïo a ver aquella famosa despedida. Assim chegárão á praia, onde Vasco da Gama, com todos os seus, se separárão em fim do Monarcha, e saltando de repente aos bateis, e delles nos navios que estavão prestes, levárão ferro, e desfraldando as vellas saïrão barra fóra, e forão *ver o berço onde nasce o dia.*

Não é do nosso assumpto, nem o soffre a natureza deste escripto seguirmos o intrepido Gama e seus companheiros nesta viagem até ao Oriente, successo o maior, e mais estupendo de que ha noticia na historia do mundo. Elle só operou uma revolução na Europa inteira, não ruinosa, nem sanguinolenta, mas sim benefica, e civilisadora : pondo em contacto as producções e industria, e a intelligencia do Oriente com as do Occidente : abrio o caminho d'um commercio util, atou as relações dos povos quebradas desde muitos seculos, e o que é mais que tudo, pôz um dique ás inundações musulmanas, cujas forças chamadas ao Levante para combaterem os Portuguezes, deixárão respirar a Europa, e a salvárão talvez do jugo mahometano. E o mundo vio a estranha maravilha de ir um pequeno Povo sem alliados, nem outros recursos mais do que os do seu valor, e os fracos meios de seu estreitissimo territorio, estabelecer uma linha de feitorias e fortalezas desde Ceuta até a China em numero de 400 pontos fortificados e guarnecidos, sobre os quaes tremolavão as Quinas Luzas, e com suas armadas dominarem os mares desde o Estreito de Gibraltar até Macáo, depois d'aniquilarem as esquadras do Egipto, da Persia, de Cambaia, e as dos potentados e dos piratas do Oriente. Verdadeiramente que erão nesses saudosos tempos homens gigantes aquelles de quem cantou o Poeta :

Olhai que ledos vão, por varias vias
Quaes rompentes Leões, e bravos touros
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fôgo, a settas e pelouros:
A quentes regiões, a plagas frias
A golpes d'idolatras, e de Mouros
A perigos incognitos do mundo
A naufragios, a peixes, ao profundo.

Lith. de Kaeppelin.

Chegada de Vasco da Gama a o Indostão; desembarca em Calecut, e é recebido na corte do Çamorii.

CHEGADA DE VASCO DA GAMA AO INDOSTÃO, DESEMBARCA EM CALECUT, E É RECEBIDO NA CÔRTE DO ÇAMORIM.

Se os descobrimentos feitos de ordem do Infante D. Henrique tiverão por movel principal o amor da sciencia e a gloria, os que se continuárão depois em tempo dos Reis D. João II e D. Manoel tiverão por incentivo a utilidade do commercio, e o engrandecimento de Portugal. Vasco da Gama devia estar bem provido de noticias e informações dos negocios do Oriente relativos á sua commissão, pois que depois de tocar alguns pontos da costa Oriental d'Africa, sómente para refrescar, e tomar piloto pratico dos mares da India para ahi fez caminho recto, e foi demandar precisamente o primeiro e principal emporio commercial

da Peninsula a que ja nesse tempo se chamava Indostão, nome tirado do rio Indo que a rega. A costa occidental desta vasta região, a que o Gama avistou, denominada Malabar, é uma faixa de terra que terá de cumprido oito leguas, onde está a cidade de Calecut e o Reino a que ella deo o nome. Neste tempo em que Vasco da Gama chegou á dita cidade, metropole daquelle Reino, era então despejada de navios porque no mez de Maio, em que ahi abordára, era o principio do Inverno na quella costa que é brava, e por isso impropria para ahi estacionarem as embarcações que de varias partes, mas principalmente do Mar Roxo, vinhão fazer seu tráfego. Por esta mesma razão o soberano daquella região com toda sua côrte não habitava na cidade, mas estava fóra della em uns Paços, quasi uma legua distantes della entre palmares, que é o arvoredo commum daquellas paragens, e a gente nobre que o seguia espalhada ao redor em casas de campo dispersas, como são as Quintas entre nós. O Rei de Calecut era então o mais pedoroso Soberano do Malabar, ao qual por excellencia denominárão Çamorii, que quer dizer *Imperador*. A cidade era geralmente povoada de Gentio, porèm ahi habitavão tambem alguns mercadores mouros por razão da mercancia, e erão estes os que possuião as melhores casas feitas de pedra com solidez necessaria para defender suas mercadorias dos incendios, que por toda aquella região erão mui communs por serem geralmente as casas de madeira. A linhagem dos Reis e Principes de Calecut era da raça dos Bramanes, a mais douta e religiosa do Indostão. Vasco da Gama ancorou fóra do porto, e mandou a terra o piloto mouro que levava de Melinde acompanhado d'um Portuguez degradado, e por elles mandou pedir licença para saïr em terra. O piloto mouro, chamado Malemo Caná, como homem pratico do paiz, não achando o Rei na cidade, foi ter aos Paços onde soube que elle havia partido mais para o interior cousa de cinco leguas, onde lhe conveio ir; durante cuja ausencia Vasco

da Gama vendo a tardança teve má suspeita até porque os barcos de pescadores que saïão ao mar se desviavão de seus navios. Cessárão porèm no seguinte dia suas desconfianças voltando os dous emissarios, acompanhados d'um piloto da terra, dizendo que o Rei era contente de sua vinda; que fosse ancorar a um porto ali vizinho que lhe indicava, e que ahi esperasse o mais que lhe faria constar. Ficou o Gama mui contente destes primeiros passos de sua commissão, e para mostrar sua satisfação e confiança mandou entregar ao piloto malabar a direcção da sua frota, que logo foi recolhida no porto de Capocate perto d'ali, onde esperárão dous dias. A fortuna, que se esmerava em tornar prospero e completo o succcsso desta empreza, havia feito d'um acaso muito accidental a escóra da salvação della : quando o piloto melindano com o degradado Portuguez saltárão em terra encontrárão um Mouro corretor de mercadorias em Calecut, o qual fallava a lingua hespanhola, e vendo o Portuguez se alegrou, e affeiçoou a este dizendo que estivera muitos annos na costa d'Africa sendo natural de Tetuão, e que na cidade d'Oran varias vezes víra e tractára com Portuguezes que ali ião no tempo d'El Rei D. João II. Este Mouro não só agasalhou os emmissarios em sua casa de Calecut, mas com elles veio ao Gama, e deste se affeiçoou com tal amor e lealdade que logo entrou de o servir efficacissimamente avisando-o e prevenindo-o de muitas cousas que sem esse conhecimento, é quasi certo lhe acarretarião inteira ruina. O bom Monçaide, que assim se chamava o Mouro, não quiz separar-se mais de Vasco da Gama, e vindo com elle ao Reinó, morreo em Portugal.

Em fim chegou licença real para o desembarque, e o Gama pondo em conselho o que em tal caso devia fazer-se, todos com o fiel Monçaide, accordárão que Paulo da Gama e Nicoláo Coelho ficassem sempre a bordo para guardarem e defenderem os tres navios, e segurarem a honra e credito da ban-

deira portugueza em caso d'insidia, e que o proprio Vasco da Gama com doze companheiros sómente saltassem em terra e fossem ao Çamorii. Assim se fez; e eisaqui como o chronista João de Barros conta as particularidades desta embaixada que nós resumiremos. « Recebeo ao Gama na saïda um nobre official da côrte, chamado o Catual, acompanhado de 200 homens a pé, delles para levarem o fáto dos nossos, e d'elles que servião d'espada e adaga como guarda da pessoa, e outros de o trazerem aos hombros em um andor (é o que hoje dizemos palanquim), porque neste paiz se não servem de bestas: outro andor foi aprésentado a Vasco da Gama. Postos os dous a caminho, entrárão os doze companheiros de ficar a traz porque o piso era d'area, e grande o curso dos que levavão os andores, de modo que Vasco da Gama foi todo o caminho das cinco leguas sem elles até que á noite se juntárão no lugar onde dormírão. No transito do dia seguinte chegárão a um grande Templo do Gentio da terra, de cantaria mui bem lavrada, e terminando n'um elegante coruchéo, á roda do qual havia algumas imagens, as quaes parecendo aos nossos que serião de santos do tempo em que o Apostolo S. Thomé prégára na quellas regiões, ajoelhárão, e fizerão reverencia, cousa com que os Indios folgárão muito. Caminhando adiante chegárão a outro Templo, onde achárão um novo Catual que vinha de ordem do Rei receber o Gama, e introduzíl-o na côrte: trazia este muita gente de guerra, e instrumentos musicos para a animar, e vinhão estes tão bem postos em ordem que os nossos folgárão de os ver. O Catual depois que segundo seu uso saudou o Gama com muita cortezia, mandou dar-lhe outro andor melhor concertado, e sem mais detença caminhárão aos Paços, onde o Gama esperou que chegassem os seus. No transito era tanta a gente que concorria a ver os Portuguezes, que para lhes

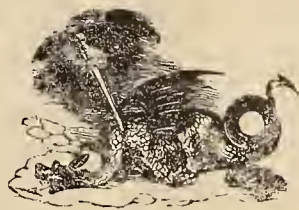
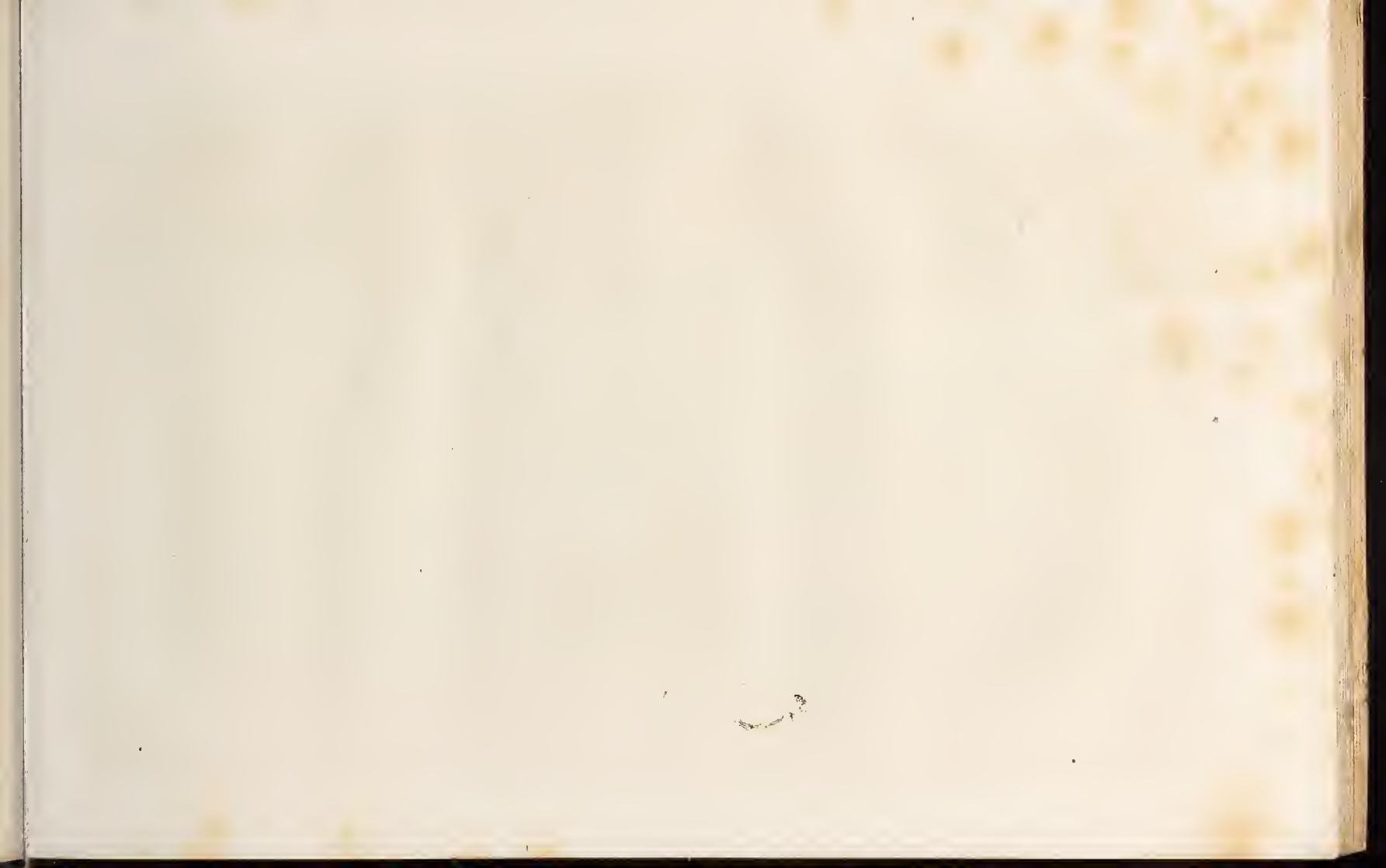
fazer caminho foi preciso aos guardas vir ás punhadas e feridas para os defender do concurso, posto que jamais se permittissem o menor desacato contra elles.

Chegados aos Paços e reunidos entrárão primeiro n'um terreiro, depois n'um pateo cercado d'alpendres, e d'ahi entrárão n'uma grande casa terrea em que estava aquelle grão Çamorii, por elles tão desejado de ver; de junto do qual se levantou um homem de grande idade, que era o seu Bramane maior vestido com umas vestiduras brancas, representando nellas, e em sua continencia ser um religioso : e chegando ao meio da casa tomou este o Gama pela mão e o foi apresentar ao Çamorii. Estava este no cabo da casa, lançado em uma camilha cuberta de panos de seda, posto em um leito que elles chamão catel; e elle vestido com um pano d'algodão burnido com algumas rozas d'ouro batido semeadas por elle, e na cabeça uma carapuça de brocado alta á maneira de mitra cerrada, chea de perlas e pedraria, e per os braços e pernas descubertas braceletes d'ouro e pedraria. A' ilharga deste leito, em que jazia com a cabeça recostada n'uma almofada de seda com lavores de ouro, estava um homem que parecia dos mais principaes, que tinha na mão um prato d'ouro com folhas de betel, que usão remoer para lhes confortar o estomago. O Çamorii, pôsto que no ar do rosto mostrou receber com graça a embaixada, tinha tamanha magestade que apenas levantou a cabeça da almofada, e assenou ao Bramane que fizesse sentar o Gama nos degraos do 'estrado do catel, e os demais em lugar mais afastado em que tomassem algum repouso. Depois esteve por espaço grande notando os trages e actos delles, e praticando com o Gama em cousas geraes, recebendo deste as duas cartas que mandava El Rei D. Manoel escripta uma em arabigo, e outra da mesma substancia em portuguez : disse-lhe que as veria, e depois com mais vagar o ouviria; que por então se fosse a repouzar

no apposento que lhe tinha destinado. Pedio-lhe então o Gama que se dignasse elle alojál-o e seus companheiros separadamente e sem companhia outra da terra; o que lhe concedeo : e o Catual até recommendou a Monçaide se não apartasse do Gama, e o servisse no que fosse necessario. Despedidos assim voltárão a Calecut, onde chagárão ja bem de noite. Ahi disse Monçaide ao Gama que o não levar o presente, que se costumava no paiz em taes occasiões, fizera que o Çamorii o não ouvisse logo em seu negocio; por tanto que se queria ser breve despachado o mandasse, porque ali ninguem entrava com mãos vasias. Vasco da Gama, pôsto saber que esta é a entrada e saïda com que os negocios se acabão em toda a parte, não lhe parecia tardança um dia; porèm sempre lhe mandou logo algumas cousas; e como por desculpa, enviou-lhe dizer que não sabendo quando partio de Portugal se acharia o grande Çamorii, nem se logo seria recebido delle, não viera preparado como convinha; mas que em fim como a mostra do que havia no seu paiz, e do que depois de tão larga navegação escapára á humidade do mar, lhas offerecia com magua de não serem cousas dignas d'um tal Principe. Não tardou que o Gama fosse enviado novamente ante elle, do qual foi recebido com mais honra que da primeira vez, e então o Çamorii lhe disse que tinha lido as cartas, e via a boa vontade e amor que El Rei D. Manoel lhe mostrava, que o enviava por bem da paz e commercio que desejava ter, ao que elle Çamorii estava bem disposto, por tanto que fallasse. Vasco da Gama que pelo que ia vendo, e pelas informações de Monçaide conhecia ja que naquelle paiz se attende mais á realidade das cousas do que á eloquencia das phrases, resumio sua harenga e se limitou a dizer-lhe que El Rei seu senhor sabendo pela fama da excellencia da pessoa do Çamorii da India, e da grandeza de seus Estados e senhorio, e que em seu poder estava a maior parte das especiarias que por mãos de Mouros se nave-

gavão, até as partes da christandade, elle que havia descuberto um novo caminho desejava e propunha que entre as duas coroas houvesse amor, prestança e communicação em utilidade commum : e pois que os Reinos de Portugal erão tão abastados de ouro, prata, seda, e outra muita sorte de preciosas mercadorias, quanto o delle Çamorii o era de pimenta, o enviava ali seu Soberano, para que sendo do gosto e agrado delle esta proposta, mandasse como mandaria logo muitas grossas náos carregadas dellas. O Çamorii mostrou contentamento da ambaixada, e mui concisamente disse que cedo o despacharia.

Voltando o Gama satisfeito da resposta á casa em que se alojava em Calecut, começou logo de ver que algum obscuro trama se havia ordido contra elle. O Catual, proposto pelo Çamorii para tractar e fazer servir o Gama nas cousas de que éste carecesse, entrou d'exercer seu officio vedando aos Portuguezes saïr fóra da casa e vir a cidade, com o pretexto de os livrar dos Mouros e dos gentios de diversa crença da delles : a resposta ás cartas, e ás pretenções do Gama para carregar logo algumas especiarias erão retardadas, e alongadas sempre; ao mesmo tempo que o fiel Monçaide não cessava de prevenir o Gama dos embustes que aquella gente costumava praticar, e do perigo que corrião seus navios se passada a estação do inverno fosse ainda ali encontrado pelas náos de Meca que vinhão todos os annos. O caso com effeito era que os mercadores mouros aventando o negocio, e prevendo que d'ali por diante não serião elles sómente os senhores do commercio, soborna o Catual, e este intrigando perante o Çamorii transtornou-lhe o animo, supposto ser homem prudente e avisado. Vasco da Gama tomou seu partido como homem de coração, mandou dizer a seu irmão Paulo da Gama e aos demais cabós da frota que estivessem acautelados, e elle instou firme com o Catual por seu despacho disendo-

lhe que alias se iria sem elle, nem especiarias. A firmeza do Gama impoz respeito, e depois de varias rabolarias e perfidias do Catual e dos Mouros, que não pretendião nada menos do que extinguir a expedição portugueza de modo que della não ficasse rasto, conseguio embarcar, recolher todos os seus, e recebendo carta do Çamorii saïo de Calecut. Esteve algum tempo na ilha d'Anchediva, e voltou ao Reino tendo gasto na viagem d'ida e volta mais de dous annos.

Descobrimento do Brazil no anno de 1500
por Pedr' Alvares Cabral.

PEDR' ALVARES CABRAL, COMMANDANTE D'UMA ARMADA QUE FAZIA CAMINHO PARA A INDIA NO ANNO DE 1500, E QUE ASSALTADA D'UMA FORTE TORMENTA DESGARROU MUITO AO MAR LARGO, DESCOBRE O BRAZIL, ONDE PLANTOU O PADRÃO DAS ARMAS PORTUGUEZAS.

CHEGOU Vasco da Gama a Lisboa de volta da India no mez de Septembro de 1499, tão glorioso de sua expedição quanto triste e cheio de dor pela morte de seu irmão Paulo da Gama, que deixava enterrado na Ilha Terceira, onde morreo de molestia que trazia desde Cabo Verde. Recolheo-se na Ermida de Belem, conventinho da Ordem de Christo em que elle mesmo era cavalleiro, e ali foi procurado, e visitado da côrte, e depois recebido por El Rei D. Manoel com festas, e mercês como merecião seus serviços e fortuna. O povo, que á partida da expedição murmurava, e maldizia da que chamava aventura insensata, vendo agóra

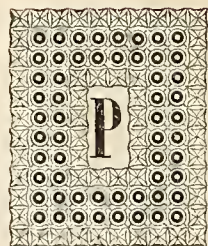
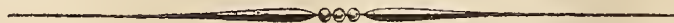
cravo, canela, pimenta, e mais drogas da India, importadas em navios portuguezes; vendo aljofres e pedrarías do Oriente, e o Embaixador do Rei de Melinde, acompanhado d'outros artigos de commercio preciosos da Afriea Oriental, o qual tinha vindo na frota de Gama, começou de louvar e engrandecer o feito, e a olhál-o talvez com demasiado enthusiasmo, como acontece nos juizos populares que em todas as cousas são ordinariamente exagerados. El Rei D. Manoel prevaleceo-se desta boa disposição do Reino, e assentou progredir na empreza eomeçada; mas instruido a fundo pelas informações do Gama do unieo methodo adequado para eommercear no Oriente, que era fazer-se respeitar e temer naquelles mares, e paragens, cuidou logo em preparar Armada forte, e assás poderosa para eonter o ciume e má vontade dos Mouros e Arabes que trafieavão na India, e açaimar os odios que serião certos na maior parte das Potencias, que lucravão direetamente com aquelles, como ja havia experimentado Vaseo da Gama em Calecut, Sofala, e Mombaça. Com effeito logo no anno seguinte, que foi o de 1500, saïo do Tejo a Armada de Pedro Alvares Cabral, composta de bom numero de grossas náos, provida de boa artilheria, guarnecida com 1,200 homens d'armas, e na qual ião igualmente oito Frades de S. Franciseo com o proprio eonfessor d'El Rei, Fr. Henrique, destinados a prégar o christianismo no Oriente. Navegava prosperamente a Armada até á costa de Guiné, quando uma tormenta furiosa a arrojou fóra do seu rumo, e eomo os pilotos eostumados a recear as calmarias dos Tropicos se fizessem cada vez mais ao largo para tomar os ventos que faltavão quasi sempre á vista de terra, succedeo que em parte por esta prevenção, e em parte pela furia da tempestade forão dár na eosta opposta áquella de que tanto se temião. Era tal a preoccupação e ignorancia dos homens naquelle tempo sobre a existeneia d'um eontinente naquella altura, que os

pilotos d'Armada, quando avistárão terra, teimavão que era alguma das Ilhas descubertas por Colombo. Immediatamente Cabral fez virar as proas á terra, resolvido a explorál-a, e desenganar-se se era ilha ou terra firme. Eis aqui como João de Barros conta este memoravel descobrimento : « Foi a Armada discorrendo ao longo da costa todo um dia; e onde pareceo que era mais azada para poder ancorar, mandou Cabral lançar um batel fóra. O qual tanto que foi com terra virão ao longo da praia muita gente nua, não preta e de cabello toreido como a de Guiné : mas toda de côr baça e de cabello comprido e corridio, e figura do rosto eousa mui nova. Porque era tão amaçado e sem a commum semelhança da outra gente que tinhão visto, que se tornárão logo os do batel a dar razão do que virão, e que o porto lhes parecia bom surgidouro. Pedralvares, por haver noticia da terra, encaminhou ao porto com toda a frota, mandou ao batel que se ehegasse bem a terra e trabalhasse por haver á mão alguma pessoa das que virão sem os amedrontar. Porèm elles não esperárão por isso, porque como vírão que a frota se vinha contra elles, e que o batel se approximava da praia, fugírão della, e pusérão-se em um teso todos apinhoados por ver o que os nossos fazião. Os do batel pusérão-se debaixo, e mandárão fallar-lhe um negro grumete de Guiné, e outros que sabião o arabico, mas elles nem á lingua, nem aos aeênos, em que a natureza foi commum a todalas gentes, acudírão. Vendo então os do batel que nem aos acênos nem ás cousas que lhes lançavão na praia acudião, cançados d'esperar, tornárão-se a Pedralvares contando o que vírão. Aquella noite saltou tanto tempo com elles que lhes conveio levar anehoras, e corrêrão contra o Sul sempre ao longo da costa, por lhes ser per aquelle rumo o vento largo, té que chegárão a um porto de mui bom surgidouro que os segurou do tempo que levavão, ao qual por esta razão Pedralvares poz o nome que ora tem que é Porto Seguro. Ao outro dia como a

gente da terra ouve vista da frota, posto que toda fosse uma, parece permittio Deos não ser esta tão esquiva como a primeira, segundo logo veremos. Ao segundo dia da chegada, que era Domingo de Pascoa, elle Pedralvares, saïo em terra com a maior parte da gente : e ao pé d'uma arvore se armou um altar em o qual disse Missa F^r^. Henrique, guardião dos Religiosos, e ouve prégação a que tudo assistião e vião aquelles Indios quietos, e attentos. Pedralvares vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer, d'ali despedio um navio, capitão Gaspar de Lemos, com a nova para El Rei D. Manoel do que tinha descuberto : o qual navio com sua chegada deo muito prazer a El Rei, e a todo o Reino, assim por saber da boa viagem que a frota levava, como pela terra que descubríra. Passados alguns dias, em quanto o tempo não servia, fizerão sua aguada : e quando veio o 3 de Maio, em que Pedralvares se quiz partir, por dar nome á terra, mandou arvorar uma cruz mui grande no mais alto lugar de uma arvore, e ao pé della se disse missa. A qual foi posta com solemnidade de benções dos Sacerdotes, dando este nome á terra, Santa Cruz, que sôa melhor entre prudentes que Brazil pôsto por vulgo sem consideração. »

Tomou Cabral posse da terra novamente descuberta em nome d'El Rei de Portugal, elevando um padrão com as armas reaes do Reino, e despedio da sua frota uma caravella para Lisboa dando noticia a El Rei do seu descobrimento. A dous dos indigenas que o piloto Afonso Lopes apanhára quando sondava o porto, mandou Pedralvares vestir á portugueza, e pôl-os depois em terra livremente acompanhados d'um degradado portuguez, e isto fez que os indigenas tomassen confiança correndo á praia mais de duzentos saltando e dançando, cantando e tangendo frautas e buzìnas em ar de festa sem arcos nem outras armas. Trazião, como é costume quasi geral dos Indios americanos, ossinhos

pendurados nas orelhas e nos beiços : e não quizérão aceeitar os comestiveis que os Portuguezes lhes offerecião : porèm aceeitárão varios dixes, em troea dos quaes trouxerão manioca, batatas doces, milho, frutas, e papagaios. Em alguma distancia da eosta se vião suas cabanas, cada uma das quaes podia alojar de trinta a quarenta pessoas. Estes bons selvagens fizerão-se tão domesticos com os nossos que ajudárão os marinheiros a eortar lenha, e a conduzíl-a a bordo das embarcações. Cabral deixou ali dous degradados de vinte que tomára em Portugal para taes effeitos, afim d'observarem os costumes dos habitantes, e fazerem tracto com elles : um dos taes se chamava Afonso Ribeiro; e os selvagens os acolhêrão eom mostras de bondade e eomiseração. Depois disto fez-se á vela a frota caminho do Cabo de Boa Esperança, mas antes de lá ehegar, um pampeiro, ou tufão, a que os negros de Guiné chamão *bulcão*, submergio quatro navios, onde miseravelmente pereceo, a 9 de Maio deste anno de 1500, aquelle mesmo famoso Bartholomeu Dias que o descubríra, e duas vezes passára; uma quando chegou ao Rio do Infante em tempo d'El Rei D. João II, e a outra na primeira viagem de Vasco da Gama.

ENTRADA DE TRISTÃO DA CUNHA EM ROMA EMBAIXADOR AO PAPA LEÃO X, APRESENTANDO A ESTE AS PRIMICIAS DO ORIENTE DA PARTE D'EL REI D. MANOEL.

PEDRO ALVES CABRAL chegou á India com sua Armada ainda assás forte e poderosa para impor respeito e temor naquellas paragens. Tomou porto primeiro em Anchediva, amiga sempre dos Portuguezes, e d'ahi foi a Calecut com nova embaixada d'El Rei D. Manoel, e com navios destinados a carregar especiarias, segundo as promessas do Çamorii. Dessimulou este, receoso da força que tinha á vista, e recebeo Cabral com todo o apparato d'um dos maiores potentados do Oriente : « Estava sentado em cadeira de ouro, diz João de Barros, *pósto que em couros e descalço* segundo o uso quasi geral na India. » Deo licença aos Portuguezes para

Embaixada de Tristão da Cunha da Papa Leaõ X.º apresentando á este as primicias do Oriente da parte d' El Rei D. Manoel.

desembarcar mercadorias, e comprar outras do paiz : concebeo esperanças o commandante portuguez de concluir ali tracto igual e amigavel; porèm o ciume dos naturaes, e as intrigas dos mercadores mouros envenerárão e trocárão estas primeiras demonstrações : armárão uma revolta na cidade, matárão Aires Correa, preposto por Cabral para cuidar do negocio da Feitoria; este mandou levantar ferro; e a frota portugueza depois de tomar carga em Cochim e Cananor voltou ao Reino sem combate, que taes erão suas instrucções.

Sem esperar pela volta de Cabral mandou El Rei D. Manoel outra expedição no anno de 1501 entregue a João da Nova, famoso navegador, que partio do Reino com quatro náos : e d'ahi em diante quasi se não passou anno algum em que não saissem de Lisboa uma ou mais frotas destinadas á India, e preparadas a sustentar o commercio portuguez pela força, visto que d'outro modo não era possivel.

No anno 1502 voltou ao Oriente Vasco da Gama com nova expedição : foi a Calecut onde não foi recebido; mas em Cochim e Cananor foi bem accito; e depois de se ter desembaraçado dos navios de guerra inimigos voltou com carga d'especiarias ao Reino, e desenganado de que o tracto e senhorio dos Portuguezes na India se não estabeleceria ja mais senão a tiros de canhão nos mares, e ás lançadas em terra; e trouxe a noticia que o Çamorii indignado do bom acolhimento feito áquelles em Cochim e Cananor se preparava a fazer crua guerra aos Principes respectivos.

Para sustentar seus alliados mandou logo em 1503 El Rei nove náos grossas bem artilhadas, e providas de brava gente, as quaes dividio em tres capitanias, a saber, uma que commandava Afonso d'Albuquerque, outra Francisco d'Albuquerque, e a terceira Antonio de Saldanha. Nellas ia tambem

Duarte Pacheco, aquelle que por suas proesas estrondosas, e quasi incriveis mereceo depois o nome d'*Achiles portuguez*. Quando abordárão a Cochim estes capitães achárão as forças do Çamorii sobre aquelle Reino, cuja fortaleza soube defender o indomito Pacheco com um punhado de Portuguezes, em quanto Albuquerque e os outros Capitães da sua conserva fustigavão rigorosamente as náos de Calecut. Ja por este tempo tinhão os Portuguezes um pé na terra em pontos fortificados e algumas pequenas Feitorias na costa de Malabar, posto que em territorio sujeito a Soberanos do paiz.

Seguírão-se a estas as expedições a de Lopo Soares d'Albergaria, em 1504, que destruio Cranganor, e a de D. Francisco d'Almeida com caracter de primeiro Vice-Rei da India, fazendo seu assento em Cochim. Em quanto este e seu filho D. Lourenço d'Almeida desbaratárão as armadas do Çamorii, de Cambaia, e do Soldão do Egipto, coligadas ja estas Potencias contra os Portuguezes, Pedro d'Anhaia se occupava em levantar fortalezas em Quiloa e Çofala para assegurar e abrigar as frotas portuguezas no seu transito para a India, e ir ligando assim aquella vasta cadea de 400 pontos fortificados que mais tarde vio o mundo admirado estarem cubertos com o pendão das armas de Portugal.

D. Francisco d'Almeida governou a India portugeza desde 1505 até 1509, em que lhe succedeo o grande Afonso d'Albuquerque, verdadeiro fundador do Imperio portuguez no Oriente. Succedeo-lhe Lopo Soares d'Albergaria.

Corria o anno de 1513 : uma grande revolução se havia operado no commercio do mundo : ja não erão Bassorá na embocadura do Eufrates, nem Suez sobre o Mar Roxo, os unicos interpostos do commercio entre o Oriente e o Occidente : nem as caravanas de Alepo e Damasco, nem as que atraves-avão o deserto entre o Nilo e Suez fazião o transporte das especiarias da India para Beirut e Alexan

dria; as náos portuguezas havião transtornado estas carreiras commerciaes estabelecidas desde tempo immemorial, e os navios portuguezes se havião quasi exclusivamente encarregado desta tarefa, trazendo directamente a Portugal todos aquelles generos, e fazendo de Lisboa o emporio do commercio do Oriente. Damião de Goes testemunha comtemporanea assevera ter visto na rua Nova de Lisboa os Venesianos, e outros negociantes Levantinos, os Flamengos, e mais commerciantes do Norte com sacos d'ouro nas mãos comprarem as especiarias, que no tempo d'El Rei D. Manoel trazião da India as frotas portuguezas : prova certa de que estes artigos ou não vinhão ja ás costas da Siria e do Egipto, ou erão então ahi tão raros que sua carestia afugentava de lá os mercadores europeos.

Em quanto a opulencia e riqueza commercial tornava Portugal o mais rico dos Estados do Occidente, a gloria e preponderancia das armas portuguezas no Oriente enchia d'assombro o universo. Ja não erão só as frotas do Malabar, erão as da Persia, e as do Soldão do Egipto fortes e poderosas que tinhão experimentado a superioridade da nossa marinha; e os diversos potentados do continente, e Ilhas do Oriente curavão ja de comprar a paz, e amizade dos Portuguezes á custa de Feitorias, e fortalezas que lhes deixavão levantar nos seus mesmos territorios. No meio de tanta prosperidade, em 1513 assentou El Rei D. Manoel mandar uma embaixada solemne ao Papa Leão X, e apresentar-lhe as primicias do Oriente, querendo por meio desta demonstração e deferencia ao Supremo Chefe da Igreja atrahir sobre as novas conquistas dos Portuguezes na India as mesmas graças, indulgencias, e favores concedidos por seus predecessores ás conquistas de Guiné. Escolheo El Rei para esta apparatosa commissão um grande nome na quella idade, sujeito de illustre fama e nascimento, que havia provado suas armas no Oriente, onde recebêra o grão de cavallaria das mãos do grande A fonso d'Albu

querque, o famoso navegador Tristão da Cunha que El Rei D. Manoel, segundo o testemunho de João de Barros, tinha destinado para descubrir a India. Mas esta fortuna, por uma molestia que então o impedíra, foi ter ás mãos de Vasco da Gama. Eis aqui em substancia o que Damião de Goes nos relata desta singular e apparatosa embaixada na parte 3ª da sua Chronica, cap. 55.

« No fim do anno de 1513 ordenou El Rei que fosse a Roma por embaixador Tristão da Cunha para dar obediencia ao Papa Leão X, a quem como primicias do Oriente mandou por elle um presente em que entrava uma capa, manto, e almategas, e frontal de brocado de peso todo borlado e guarnecido de perlas e pedrarias, a cousa mais rica de qualidade que de memoria de homens se nunca víra. Alèm deste pontifical lhe mandou El Rei joias de grande valor, e um Elephante, e uma onça de caça com um cavallo persio, que lhe mandára El Rei d'Ormuz, com um caçador da mesma provincia que trazia a onça sobre as ancas do mesmo cavallo. Ião por mar com Tristão da Cunha por accessores Diogo Pacheco e João de Faria doutores, e secretario Garcia de Rezende, guarda do Elephante Nicolao de Faria, estribeiro menor d'El Rei. Levava Tristão da Cunha seus tres bravos filhos Nuno, Simão e Pero da Cunha, e alguns Fidalgos seus parentes e amigos até vinte Gentishomens d'Embaixada, e outra gente de sua familia, toda muito bem concertada. Forão a Alicante, Iviça, Malhorca, e Porto Hercule senhorio de Sena, e d'ahi por terra a Roma.

No caminho era tanta a gente de pé e de cavallo que vinha ver o Elephante que não podia passar pelas estradas. Ordenou o Papa sua entrada no primeiro Domingo de Quaresma: saïo a comitiva das casas e jardim do Cardeal Adriano juntas da cidade, e ás duas horas começou a caminhar levando adiante as familias, após estas os trombetas e charamelas, após estes a Onça e o Elephante, e

Nicoláo Pereira ao lado n'um cavallo da estrebaria d'El Rei ajaezado d'arreos d'ouro esmaltado, cordões, nominas e caparasam e peitoral tudo lavrado d'ouro mociço, perlas, aljofar e seda de côres. Após isto os Gentishomens da Embaixada, e logo Garcia de Rezende, e Tristão da Cunha com os dous accessores á direita e esquerda. Indo assim nesta ordem, os primeiros que chegárão a elles forão as familias dos Cardeaes com seus Prelados, e após elles embaixadores de Polonia, Inglaterra, França, os dos Duque de Milão, do Imperador, de Castella, e por derradeiro os de Venesa, Luca, e Bolonha. Vierão fazer cumprimento com muitos louvores d'El Rei; e a todo respondeo na mesma lingua latina o Doutor João Pacheco : não ao de Castella que fallou castelhano, e Tristão da Cunha lhe fallou em portuguez. A tiro de bésta da porta da cidade saïo o Governador de Roma com toda a Prelazia e familia do Papa, e ali fez uma arenga em nome de Sua Santidade a Tristão da Cunha. Era tanta a gente, alèm da que estava por janellas e telhados que não podião passar pelas ruas senão á força d'Alcaides e Officiaes de justiça. Passando á vista do castello de Sant-Angelo, onde o Papa estava com os Cardeaes para d'ali ver passar a embaixada, começou a disparar a artilheria : ao chegar á vista do Papa o Elephante ajoelhou tres vezes e tomou agua na tromba d'uma dorna que ali estava chea, e atirou-a tão alta que borrifou por tres vezes, muitos Cardeaes, e depois fez o mesmo ao povo que saïo d'ali bem molhado. Acabadas estas e outras cousas, que o Indio que o governava lhe dizia que fizesse, fez sua reverencia e passou adiante sem o Papa tirar os olhos delle até desaparecer. »

No dia aprasado para a apresentação do Embaixador foi este recebido com a ceremonia, lusimento e curiosidade que uma tão faustosa, nova e singular comissão demandava. O Papa Leão X, que então regia o Orbe catholico, era talhado para dar o apreço devido áquellas brilhantes estranhezas vindas

do Oriente, e honrar ao Povo que primeiro as fazia transportar á Europa por um novo caminho. O Doutor João Pacheco orou n'uma elegante arrenga em lingua latina expondo a sollicitude, zelo, e despezas extraordinarias que El Rei D. Manoel estava fazendo para plantar com o senhorio portuguez a Religião catholica naquellas terras, e pedindo o auxilio do poder pontificio para isso. O Papa no anno seguinte enviou a Lisboa o Nuncio Antonio Poncio seu Legado *à latere*, e por elle a El Rei D. Manoel deferidas todas as cousas, que este lhe havia pedido para os estabelecimentos religiosos da Igreja Lusitana na India.

Lith. de Kaeppelin.

Afonso d'Albuquerque recebe em Malaca os Embaixadores
dos Potentados do Oriente

AFONÇO D'ALBUQUERQUE, DEPOIS D'HAVER TOMADO A' FORÇA D'ARMAS A CIDADE DE MALACA, RECEBE COMPRIMENTOS DOS POTENTADOS DO ORIENTE, QUE LHES ENVIÃO POR MEIO DE SEUS EMBAIXADORES.

O GRANDE Afonso d'Albuquerque foi filho segundo de Gonçalo d'Albuquerque, senhor de Villa Verde, e de D. Leonor de Menezes, filha d'Alvaro Gonçalves d'Ataide, primeiro Conde d'Atouguia. Educado na grande escola da corte d'Afonso V, era instruido; e diz João de Barros que fallava e escrevia muito bem, ajudado d'algumas letras latinas que tinha. Em vida d'El Rei D. João II foi seu Estribeiro mór; mas a tempera de sua alma o levayão a outras inclinações menos ociosas do que a vida do Paço. As expedições do Oriente lhe abrírão a porta daquelle vasto teatro em que representou maior papel que nenhum outro Capitão do

seu tempo, e teve mais amplo, e acatado poder que nenhum Soberano daquella idade. Começou como dissemos por ser commandante d'uma divisão naval de tres navios de guerra no anno de 1503, com os quaes unido ás outras duas divisões de Francisco d'Albuquerque e d'Antonio de Saldanha obrigárão o rei de Calecut a indemnizar ao rei de Cochim das perdas que lhe causára por amor dos Portuguezes. Voltou da India á costa da Arabia, onde então commandava uma armada, que guardava o Estreito de Suez, e o golpho da Persia Tristão da Cunha, de quem foi subalterno : porèm era ja então tão vantajosa a reputação de seu animo, valor, e prudencia que aquelle grande capitão quiz ser por elle armado cavalleiro. No governo do Vice Rei D. Francisco d'Almeida, que começou em 1505 teve Albuquerque o commando em chefe da dita armada da Arabia, com a qual por meio de combates e de victorias sobre as náos de Turcos, e Persas reduzio á sujeição portugueza todos aquelles mares. Descendo em terra destruio cinco villas pertencentes ao Reino d'Ormús, na costa da Arabia, e d'ahi caïo d'improviso sobre aquelle Reino, que recusava trato e amizade com os Portuguezes, e que fazia o interposto do commercio entre o Oriente e o Occidente, concorrendo ahi as mercadorias da Persia, Armenia, e Tartaria, bem como as de Moluco, Coromandel, e China, com o que se havia tornado um Estado opulentissimo. Afonso d'Albuquerque começou sua empreza por onde costumão rematar-se as commissões desta natureza : isto é que em vez de gastar tempo e palavras com mensageiros e recados assentou era melhor rhetorica para Mouros o estampido de seus canhões. Colocou-se no meio da Armada de Cambaia que ahi estava surta, e depois de meia hora de descargas d'artilheria, diz João de Barros, enchendo aquelle porto de fumaça e de trovões de suas peças recebeo propostas de Coge Atar, Mouro que quasi governava tudo sendo primeiro ministro do

Rei d'Ormuz. As malicias do Mouro, que só queria ganhar tempo para melhor resistir, não impedírão um terrivel combate naval, com o qual depois de destruida e queimada a frota inimiga, e ameaçada a cidade de igual ruina, o Rei se fez vassallo pagando tributo a El Rei D. Manoel. Em 1509 succedeo Albuquerque no Governo da India ao Viso Rei D. Francisco d'Almeida; e desde então até ao fim do de 1515 em que falleceo no porto de Goa se succedêrão tantos triumphos, fundações de cidades, allianças de Principes do Oriente, estabelecimentos, e creações de toda a sorte de policia que o numerar estas cousas seria objecto de muitos volumes. Limitando-nos ao nosso assumpto tocaremos sómente de passagem as mais notaveis, até chegarmos áquella que faz o objecto deste escripto.

No mesmo anno acima dito, ainda antes d'haver tomado conta do Governo da India (cuja séde então era Cochim) chegára á India o Marichal D. Francisco Coutinho com uma forte armada em que levava tres mil homens d'armas, tudo destinado com a mais força que houve disponivel na India a castigar o Rei de Calecut nosso implacavel inimigo, e cuja capital centro de todas as intrigas e confederações dos principes adversarios aos Portuguezes. As forças reunidas se apresentárão diante da cidade; mas o Marichal tendo de fazer um pequeno rodeio por causa das restingas vio que Albuquerque com a sua divisão saltava em terra, e entrava só na cidade levando os inimigos diante de si. O pondonor de Coutinho julgou-se offendido, e presumio que Albuquerque queria abarcar só a gloria do feito; e para partilhar os perigos e os triumphos, saltando em terra marchou, com sua gente aos Paços do Rei fóra da cidade, aquelles em que recebêra Vasco da Gama, onde opprimidos os seus 800 homens por 30,000 soldados do Çamorii foi morto, e com alguma brava gente dentro mesmo da sua conquista. Acudio Albuquerque, e com grande perigo e muito mal ferido pôde salvar a mais parte

da gente do desventurado Coutinho : a cidade foi entregue ás chamas, mas a empreza custou caro.

Convalescido Afonso d'Albuquerque de suas feridas, entrou a meditar nos meios de sanear-se desta quebra. A sua posição era melindrosa por muitos respeitos : primeiramente havia elle tido differenças e desgostos com o Visorei D. Francisco d'Almeida, que lhe demorou quanto pôde a entrega do governo da India : os Cabos e empregados daquella parcialidade, que acompanhárão ao Reino Almeida, não deixarião de pintál-o com negras cores, dizendo a El Rei era Albuquerque homem aspero, e intratavel, de genio arrogante e precipitado, que perderia a India : por ultimo o desastre de Calecut e a morte d'uma tão alta personagem como era o Marichal lhe seria imputado pelo costume dos homens em taes casos de desaventuras, avultado ainda pela má vontade de seus antagonistas. No meio destas considerações andava estudando o modo de obrar cousa que fizesse calar a inveja, e restabelecer o credito de sua pessoa. A conquista de Goa respondia a seus intentos, porque o Hidalcão seu Rei era inimigo dos Portuguezes, a sua posição insular era admiravel, e a vizinhança das possessões que ja tinhamos naquella costa de Malabar dependião totalmente de serem guarnecidas, e apoiadas por aquelle lado. Havendo meditado, e pesado tudo comsigo, mandou chamar o corsario Timoja, que descontente do Hidalcão lhe fazia guerra de pirata, homem atrevido, e grande pratico da terra, e para sondál-o começou por indicar-lhe que se preparava ir sobre Ormuz, cujo Soberano se lhe levantára, convidando a elle Timoja para o ajudar no feito com promessas de grandes recompensas. O avisado Timoja, tendo escutado a proposta, respondeo como se Albuquerque o houvesse d'ante mão ganhado a seus intentos, dizendo-lhe : « Se espantava d'elle leixar os inimigos á porta de casa, e ir tão longe

fazer morada nova na de outros que não tinha mui certa, porque em Goa tinha muitos como erão Turcos e Rumes e outras gentes de varias nações. »

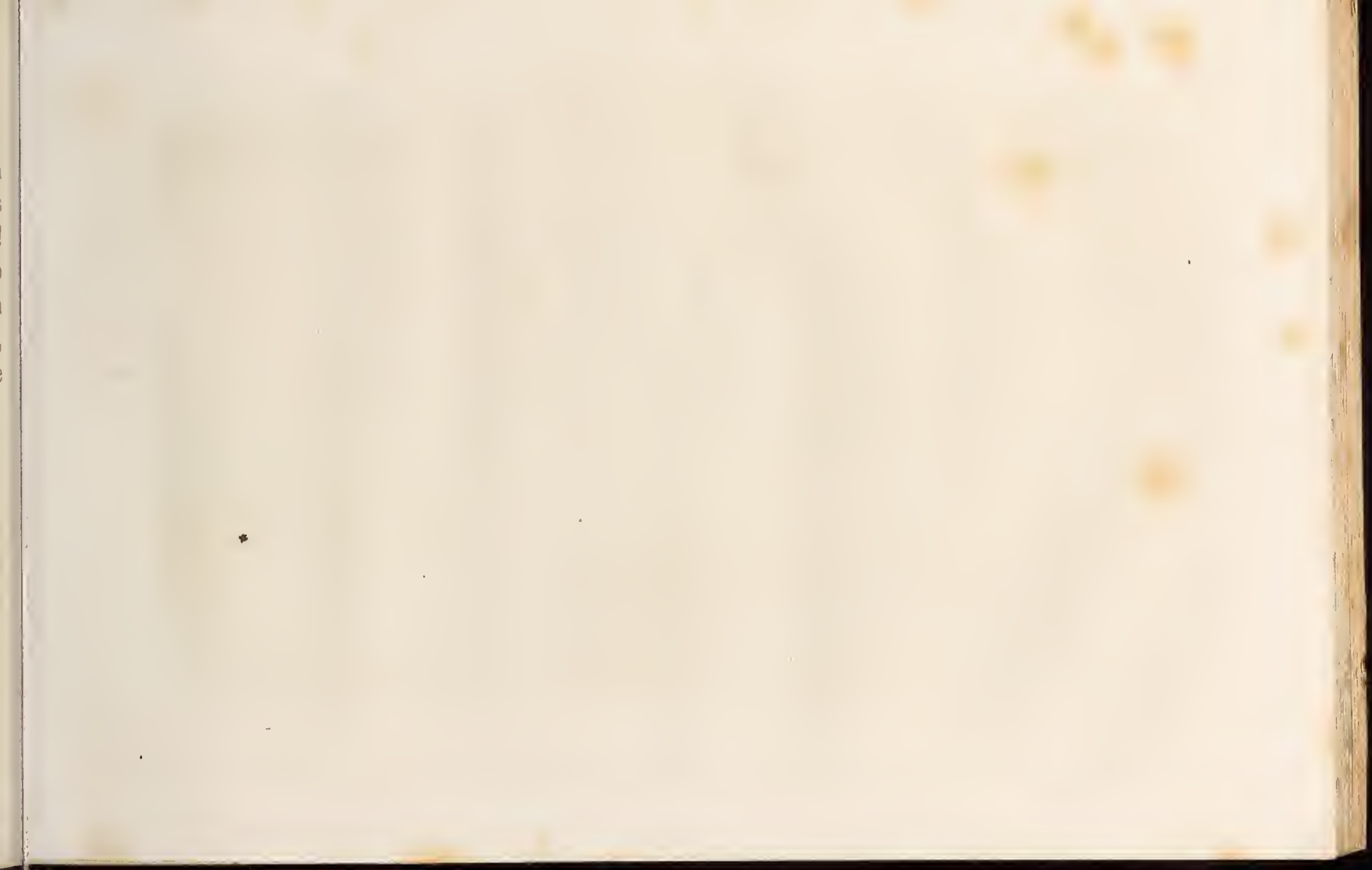
Contente Albuquerque com achar em homem tão experimentado a confirmação de seu pensamento preparou-se com a maior diligencia para aquella empreza, em que o bravo Timoja o acompanhou com uma flotilha de seus vasos de corso. A tomada da ilha de Goa, e de sua cidade foi um daquelles feitos em que a fortuna tem tanta parte como o valor. D. Antonio de Noronha, sobrinho d'Albuquerque, que com alguns bateis ia sondar o rio por um daquelles esteiros que cercão a cidade, foi topar em um baluarte do inimigo, e levado d'um valor cavalleiroso atacou-o, expulsou os defensores, e se apoderou da artilheria. Afonso d'Albuquerque que começava o ataque da cidade por outro lado, ouvindo a canhonada do baluarte, mandou todos os bateis em reforço dos de seu sobrinho, cuja gente saltando em terra, e levando os Mouros ás lançadas, os forão mettendo dentro da cidade : mas ahi andava ja Albuquerque com os seus; vendo o que o inimigo, e achando-se sangrado de dous ferros perdeo o acôrdo, e se pôz em fugida abandonada a cidade. Albuquerque mandou logo com boa politica deitar bando segurando a todos os mercadores estrangeiros, com o que os conservou com os seus grandes cabedaes. A profunda politica deste grande capitão, e seu vasto genio administrativo o servião tambem como o seu valor, e a sua lança, e aquelle mesmo homem a quem chamavão duro e intratavel, que por sua aspera condição perderia a India, foi o que fundou nella o imperio portuguez em base tão solida, que depois de desmoronado o colosso subsiste sempre o seu pedestal na ilha de Goa.

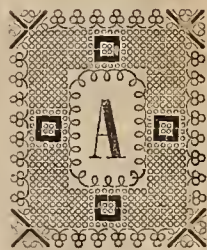
Ganhado o local, que por sua feliz e defensavel posição devia naturalmente tornar-se cabeça das possessões portuguezas na India; repellido e desenganado o Hidalcão em quantas tentativas fizera para

recobrar a metropole de seus estados, voltou o incansavel Afonso d'Albuquerque suas vistas para o Cabo Çamorii, onde a rica e opulenta Malaca estava sendo desde muitos annos o mercado universal das drogas e mercadorias do Oriente e Occidente. Ali vinhão todos os annos as frotas da China, e as de Suez, e ali se encontravão mercadores de todos aquelles pontos intermedios, e navios de differentissimas nações, e das ilhas infinitas d'aquelles mares austraes. Mouros possuião aquelle grande emporio, porque seu rei Mahamet era um d'elles, que sintindo-se assás forte para negar vassallagem a El Rei de Siam, de quem fôra tributario, se fizera soberano independente. Este potentado havia tomado e retido aleivosamente alguns Portuguezes da frota de Diogo Lopes de Sequeira, quando ali fôra no governo de D. Francisco d'Almeida, e os conservava prisioneiros resistindo a todas as reclamações. Albuquerque tinha por tanto justo motivo de exigir reparação da afronta, e negada ella fazer-lhe guerra.

Apromptou no anno de 1611 uma Armada em que metteo a mais brava gente que pôde dispençar das guarnições de suas fortalezas, e vogando para o Estreito de Sumatra, foi ancorar no vasto porto de Malaca coalhado de vasos de diversos pavilhões, estendidos ao longo daquella vasta Cidade, que tinha uma legua d'extensão. Apenas chegada a Armada mandou fazer aquella mesma salva, com que saudára o Rei d'Ormuz, atroando com toda sua artilheria os ouvidos dos Malaios, e enchendo-lhes os olhos de fumo salitroso. Tuam Bandam, ministro principal do Rei Mahamet, apresentou-se na náo capitanea, e segundo o costume da sua gente, que á vista da tormenta se amenisa, veio propor a Albuquerque paz e amizade : este, sentado na tolda da sua náo em cadeira rica d'espaldar, vestido de grande ceremonia, cercado de seus magnificos cavalleiros, respondeo-lhe que primeiro restituisse

os Portuguezes captivos, e quanto á paz só entenderia que ella começava quando tivesse na Cidade uma casa de Feitoria como El Rei seu senhor tinha em outras partes da India. O astuto Mouro, para amainar aquella arrogancia, mandou-lhe os Portuguezes, mas não curou do resto, e vendo que Albuquerque se dispunha a tomar por suas mãos o terreno para a realização de seus intentos, não curou senão em ganhar tempo para prevenir a defensa da cidade. Não estava esta desprevenida por quanto nella havião 30,000 homens de guerra, muita artilheria, e elephantes adestrados para o combate, com algumas náos malaias, e outras guzarattes, que estavão á disposição de Mahamet. Dispostos uns e outros, mandou Albuquerque dar o sinal d'acometter a cidade, que o foi por dous pontos : n'um dos corpos assaltantes ião com o Governador os capitães Duarte da Silva, Jorge Nunes de Leão, Simão d'Andrade, Aires Pereira, João de Souza, Antonio d'Abreu, Pero d'Alpoim, Diniz Fernandes de Mello, Nuno Vas de Castelbranco, Simão Martins, e Simão Afonso. No outro corpo erão D. João de Lima, Fernão Peres d'Andrade, Bastião de Miranda, Gaspar de Paiva, e Jemes Teixeira : estes devião dirigir-se á Mesquita maior, e de lá virem unir-se ao primeiro corpo, que forçaria a ponte que era como a chave da cidade. Afonso d'Albuquerque com a lança em punho, seguido dos seus, depois de muito esforço e trabalho occupou a ponte, e começou logo a cercál-a de fossos e pallissadas como quem via sua importancia; o segundo corpo achou brava resistencia onde El Rei Mahamet em pessoa, sobre um elephante torreado, veio ao encontro dos nossos : mas as feras, picadas das lanças, fizerão volta face, desordenando os batalhões dos seus. Durou o combate todo aquelle dia, e o seguinte, conservando os Portuguezes as posições ganhadas. Os Mouros porém dos eirados das casas prejudicárão muito os nossos, os quaes fizerão levar a outros teraços artilheria miuda e os varejárão. Em

fim saïo Albuquerque de suas estancias e avançou pelas ruas da cidade, levando tudo diante de si: e como a fortuna andava a seu lado teve aviso de não seguir aquellas que estavão despejadas de Mouros; e assim escapou das explosões de pólvora com que estavão minadas. Desampararão os Mouros a famosa Malaca, que Albuquerque fortaleceo e guardou. Ahi se acharão, diz João de Barros, cinco mil peças d'artilheria, conseguindo os Mouros esconder, e enterrar outras, pois que ao todo erão oito mil! numero em verdade espantoso, e que não sabemos como explicar, a não ser que houvesse commercio d'ellas. O estampido desta conquista assombrou o Oriente, e Albuquerque estando ahi, e a bordo da sua náo, teve a gloria de receber os Embaixadores dos Reis de Siam, de Campar, da ilha de Java, e d'outros Soberanos do Oriente que vierão offerecer presentes, e tributos de vassallagem ao Rei de Portugal, assim como homenagem de respeito e admiração ao grande Afonso d'Albuquerque.

D. João de Castro vencedor em Diu entra triumphante
em Goa á maneira dos Romanos.

D. JOÃO DE CASTRO VENCEDOR EM DIU ENTRA TRIUMPHANTE NA CIDADE DE GOA A' MANEIRA DOS ROMANOS.

A « India fallará per si, e per mim », escrevia Afonso d'Albuquerque, ja com o soluço da morte, a El Rei D. Manoel, estando em Goa no anno de 1515. E com effeito em estado a deixára aquelle grande homem de tapar a boca a todos os maldizentes, e de fazer córar de pejo os invejosos de tanta gloria, e merecimento. Os Governadores que lhe succedêrão nos vinte annos seguintes não tinhão que fazer mais do que seguir a esteira que elle lhes deixava traçada : assim o fizerão na generalidade ; e posto que nem todos fossem genios creadores, nem modelos de sabedoria, erão com tudo varões daquella epocha briosa, e fidalga, em

que se presava mais a honra do que a vida; e os estados da India, e o nome portuguez forão conservados no seu lustre e acatamento costumados. O ultimo Governador deste periodo que indicámos acima foi Martim Afonso de Souza, bravo guerreiro, e famoso navegador, que depois de percorrer as costas de todo o Brazil até entrar pélo Rio da Prata, e Uraguai, onde cravou os padrões do dominio portuguez, foi limpar os mares da India de tudo o que ahi não trazia passaporte do seu Rei, infundindo tal respeito e terror em todas aquellas paragens, que se dizia delle em proverbio: « Garte de Martim Afonso. » Mas este illustre cavalleiro, vendo-se velho e cançado, pedio com instancia a El Rei D. João III lhe mandasse successor para poder voltar ao Reino. Não faltavão naquelle tempo homens para isso, nem falleciāo pretensores que ambicionassem o cargo, mas o Infante D. Luiz, que muito privava com El Rei, fez que fosse preferido um de quem ninguem se lembrava, nem mesmo delle havia, segundo escreve João de Barros, a confiança necessaria, era D. João de Castro, de modo que El Rei D. João, accedendo ao empenho por não descontentar o Irmão, rodeou o novo Governador de certos empregados, e d'empregos novos como quem o queria circumdar d'escoras e apoios contra a sua inexperiencia. Os mesmos ministros o trapaceárão nos preparativos e fornecimentos da frota, amesquinhando todas as cousas como quem as dava de má vontade. Dissimulou D. João de Castro por conselho do Infante seu amigo, e valedor, e partio em fim de Janeiro deste anno de 1545 com seis náos, e 2,000 homens de guerra, em que entravão seus dous filhos D. Alvaro, e D. Fernando de Castro.

Em quanto esta frota navegava para a India com prospera viagem, se concertava na côrte do Sultão Mahamud um trama furioso para expulsar os Portuguezes da costa de Cambaia, começando por

tomar-lhes a cabeça daquelle estabelecimento que era a fortaleza de Diu. Coge Çofar, um renegado Italiano que chegára a privar com o Sultão, e fazer-se seu primeiro capitão e homem de guerra, estava por fronteiro naquella costa, e para adormentar o governador de Diu D. João Mascarenhas, o mandou comprimentar, e renovar as antigas pazes com presentes e donativos custumados; ao mesmo passo que ia juntando immensos preparativos de terra e navaes para atacar a praça no mez de Maio, em que a monção não dá lugar a virem ali navios de Goa, e por tanto privada seria de soccorro. Depois disto, e contra os ajustes anteriores, começou o Mouro a levantar redutos, e trincheiras á roda da praça do lado da terra, em certa distancia, a titulo de defender as terras do interior das correrias d'aventureiros e contrabandistas : porèm D. João Mascarenhas, aventando as perfidias mal mascaradas entrou logo de prevenir-se, mandando igualmente recado a D. João de Castro, que havia chegado a a Goa, avizando-o do estado das cousas. Este enviou logo seu filho D. Fernando como caução de auxilio que em pessoa mesmo lhe daria se fosse necessario; e quando este desembarcava em Diu davão as salvas d'artilheria, e os instrumentos musicos no campo dos Rumes, noticia da chegada do Sultão Mahamud que vinha presencear a derrota, e expulsão dos Portuguezes, que lhe parecia cousa certa, segundo as jactanciosas promessas de Coge Çofar. Em verdade que razoavel motivo havia para o esperar, porque o porto se achava ja fechado por uma armada que se apromptára em Surate, e no arraial dos Rumes havia muita gente, e sessenta grossas peças d'artilheria, a que segundo sua fórma variada davão aquelles Mouros o nome de Basiliscos, Selvagens, Aguias e Camelos, alèm d'outras de menor calibre, com muitas escadas, somma de picões, alavancas, cudilins, padiolas, e em fim todas as mais cousas necessarias para aquelle negocio. No mesmo dia da sua chegada mandou Mahamud

começar o fogo : eis como João de Barros dá noticia deste terrivel ensejo : « Rompeo a bateria na força do meio dia com mui grande terror e espanto, batendo os tres baluartes S. João, S. Thomé, e Santiago com oito peças cada um, e o quartão na parte da Cisterna, que cada vez que disparava parecia que todo o mundo se abalava ; e certo que pôz grande espanto, e causou muito temor. Os capitães dos baluartes, que erão D. João d'Almeida, Luiz de Souza, e Gil Coutinho, tambem lhe respondêrão com sua artilheria batendo as estancias do inimigo com grande furor, andando cada um reformando as ruinas que a artilheria lhe fazia. A grita, o rugido das armas, os fusis do fogo, o fumo que escurecia o sol, tudo representava o dia final do juizo. No baluarte Santiago de Luiz de Souza, onde estava D. Fernando de Castro, começou a fazer a bateria maior damno por ser mais fraco, mas logo tudo era reformado, e repairado de novo. O capitão D. João Mascarenhas, que neste dia começou a mostrar os quilates de sua prudencia e esforço, tinha dado tal ordem a tudo que em se pedindo pedra, madeira, taboas, panellas de pólvora, pelouros, e todas as mais cousas necessarias, logo erão dadas, porque este trabalho encommendou a alguns homens velhos com muitos escravos e marinheiros, e assim nunca faltou cousa alguma. »

Continuárão os combates muitos dias, alevantando os nossos de noite o que lhes derribavão de dia, *sendo todos os fidalgos e cavalleiros os pedreiros e officiaes da obra.* Durante isto foi morto por um dardo d'arremeço o artilheiro francez que dirigia o quartão, e o mesmo Coge-Çofar foi despedaçado por um pelouro. « Profetizado estava, diz o elegante auctor das Decadas citado, ja pela triste mãi que ainda vivia em Otranto catholicamente, o lugar a que havia de ir parar : porque todos os annos lhe escrevia cartas em que lhe lembrava que era christão, pedindo-lhe que deixasse os enganos da falsa Lei de

Mafamede em que andava embebido; e nos sobscriptos das cartas lhe punha assim: « Pera Coge-Çofar meu filho ás portas do inferno. »

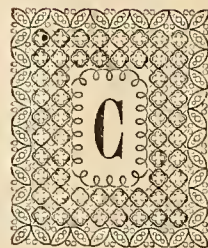
Tomou então Rumecão, capitão general, o commando do sitio; e havendo pôsto quasi por terra o baluarte S. Thomé, mandou dar o assalto, e á custa de muitas mortes se apoderou delle. Pela banda do mar Jusarcão, almirante da frota, desembarcou no sitio chamado a Rocha, onde acudindo Mascarenhas em pessoa, repellio o inimigo, e aquelle almirante foi morto. Porèm o fògo das baterias e os assaltos duravão incessantemente, os mares empolados não permittião soccorro de fóra, erão ja muitos os feridos, e com quanto todos trabalhavão, e clerigos, e matronas dessem o exemplo da constancia, e do valor, algumas vozes se ouvião ja de desalento e turbação, principalmente depois que o inimigo passou a minar a praça fazendo voar o baluarte Santiago, e com elle o valente mancebo D. Fernando de Castro, que veio a terra feito em pedaços. Acudio a tudo D. João Mascarenhas, e animando os seus dizia: « Esforçai-vos, filhos, pois Governador temos na India que ha de vir de Goa por debaixo dos mares com a espada na boca trazer-nos auxilio. » E não se enganava, porque D. João de Castro enviou o segundo filho atravez dos mares empolados, e poucos dias depois partio elle mesmo havendo juntado a armada, que com grandes despezas e diligencias aranjára de differentes portos, mesmo de Naires que tomára a seu soldo, e pôz-se a caminho como quem desempenhava a palavra que mandára a Mascarenhas « de soccorer Diu em pessoa com todo o poder e resto da India. » Para contentar nossos Leitores nada podemos fazer de melhor neste lugar que transcrever alguns periodos de João de Barros no fim do livro terceiro, e principio do quarto da Decada sexta: « O mesmo dia que o Governador D. João de Castro, ja sobre a tarde chegou á vista daquella tão destroçada e desba-

ratada fortaleza, o que foi para todos causa de muito grande alvorôço : e tanto que della começárão os sitiados a enxergar aquella formosura dos galeões, e náos que parecião montanhas que ião á vela, e aquella multidão de fustalhas todas embandeiradas com formosos toldos, estandartes e galhardetes que enchião todo o mar, mandou logo o capitão embandeirar os baluartes todos, e disparar toda a artilheria para mostrar o alvorôço com que o esperavão. Mandou o Governador surgir a armada na ponta da outra banda da terra firme onde D. João Mascarenhas o foi ver; e convocados ahi Garcia de Sá, Jorge Cabral, Manoel de Souza de Sepulveda, e outros fidalgos e capitães velhos com todos praticou sobre o modo que teria na saïda contra os inimigos, porque elle não vinha para estar cercado. Concertado o negocio com todo o segredo, durante tres dias e tres noites, toda a gente da armada com o maior silencio se metteo na fortaleza pela couraça, sem que os inimigos o soubessem; e a armada ficou apresentando sempre a figura d'estar prisidiada como chegára. Preparado tudo n'outros tres dias, marcou D. João de Castro o dia de saïr fóra, que foi o dia de S. Martinho, 11 de Novembro do anno de 1546; e havendo distribuido os capitães que devião commandar na batalha, n'uma manhã mandou levantar um altar no terreiro da praça onde se disse missa; no fim do qual fez a todos aquella curta e sublime falla que transcreve o citado auctor no fim do L° 3°, cap. 10 ja citado. Dispostos assim os animos e as cousas deo por meio de foguetes sinal á armada, a qual começou de mover-se em som de guerra, e desembarque no lado opposto ás estancias do inimigo; e este persuadido que nella estava o Governador com toda a força que trouxera de Goa, para lá moveo toda a sua gente melhor de guerra deixando nas trincheiras apenas 8,000 homens. D. João Mascarenhas levava a dianteira dos nossos, e foi o primeiro que arrumou as escadas ás trincheiras do inimigo;

seguírão-se os batalhões de D. Alvaro de Castro e de D. Manoel de Lima, que com a maior valentia o imitárão. Aqui succedeo aquelle singular e honrado desafio de D. João Manoel com João Falcão, que inimisados de longo tempo concertárão entre si « que o primeiro dos dous que ganhasse o muro dos nimigos de Diu esse teria a honra do vencimento » : ambos o subírão, e ambos morrêrão galhardamente sobre as estancias inimigas. Em fim D. João de Castro chegou com o grosso da gente, e com os bravos e experimentados cabos da sua conserva, e despejados os muros á força de golpes, e de perseverança, mandou plantar a bandeira real de Christo no alto das estancias dos Mouros, bradando Victoria! Victoria! Então Rumecão voltando áquelle lugar acompanhado dos seus capitães Mojatecan, Alucan, o Accedecan, e com todo o seu poder atacou os nossos formados ja dentro do seu proprio campo na villa dos Rumes, e se seguio uma das mais bem feridas, e admiraveis batalhas dos annaes da India. D. João de Castro esteve por vezes em muito risco, combatendo como soldado para reparar a perda dos seus, e como general que acudia a todos os pontos : *Foi a crueza do conflicto tão espantosa que corrião dentro das ruas regatos de negro sangue*, diz João de Barros. Por ultimo voltárão costas os inimigos : morrêrão Rumecão, Accedacan, e Alucan; Juzurcan foi tomado assim com a artilheria, armas e muitas bandeiras com 600 prisioneiros. Demourou-se D. João de Castro alguns mezes em Diu para reparar a cidade, sendo para este effeito que sobre o penhor d'uns poucos cabellos de sua barba mandou contrahir um emprestimo de dinheiro da Camara de Goa. Aos 11 d'Abril do anno 1547, n'uma quarta feria, chegou de volta a Pangim onde esteve tres dias, e no Domingo fez sua entrada em Goa em grande triumpho. « Tinha a cidade mandado fazer no Bazar um formoso caes para n'elle desembarcar o Governador, e rasgar a porta do muro d'alto a baixo cubertas as paredes de

peças de brocado, e de veludos de cores. Todo o campo ao longo do muro até aos Paços dos Visoreis estava toldado, alcatifado e enramado. Chegou o governador detrás de toda a armada, vogando rio acima n'uma galeota toldada de brocado, e embandeirada de bandeiras e estandartes de sedas de cores : precedião-no oitenta fustas em que se tocavão muitos instrumentos; e ao pôr o pé em terra salvárão todos os fortes da cidade. O Governador vinha vestido d'uma roupa franceza de setim carmezim toda guarnecida de ouro, cercavão-no todos os fidalgos que o acompanhárão na victoria, e seguia-o toda a gente da armada na ordem em que entrárão na batalha. Abalou o governador do Caes, e á porta do muro os Vereadores da cidade o tomárão debaixo d'um rico palleo, e o Procurador da cidade chegando-se a elle lhe tirou a gorra da cabeça, e um Vereador lhe poz uma coroa de louro, e na mão um formoso ramo de palma. Diante delle um pouco ia a bandeira real das Armas de Portugal, e diante della Juzarcan, capitão d'El Rei de Cambaia, captivo, com as mãos cruzadas e os olhos baixos; ião mais sette bandeiras do inimigo, e um muito grande guião, arrastando-se todas pelo chão; diante dellas os captivos que passavão de 600, artilheria e muitas carretas carregadas de despojos de guerra, armas, espingardas, saias de malha, lanças, croques, mascaras de ferro, e outras muitas invenções e petrechos bellicos. Nesta ordem fôrão até ao terreiro do Paço, onde estava uma fortaleza armada, que começou a disparar sua artilheria, e a despedir bombas de fogo, foguetes, e panellas de polvora, tudo com muita ordem e compasso. D'ali atravessou toda a rua direita que estava formosa cousa para ver com muitas damas pelas janellas com rosas, boninas, e aguas de cheiro, que de cima derramavão sobre o Governador. Os Gentios e officiaes de todos os officios forão ali offerecer-lhe cousas pertencentes a seus officios : os Ourives pedacinhos d'ouro e prata; os mer-

cadores de sedas estendião por baixo dos pés do Governador pedaços de peças de seda, e assim os de mais. O Governador foi todo o caminho muito alegre e risonho; e assim desta maneira chegou á Misericordia, onde fez oração, e offereceo sobre o altar uma rica peça de brocado. D'ali foi pela rua do Crucifixo, e virou para S. Francisco, onde os Frades em procissão o recebêrão com o *Benedictus qui venit in nomine Domini.* Chegou á Sé, a cuja porta estava o Bispo D. João d'Albuquerque vestido em Pontifical, acompanhado de todos os conegos e cleresia em procissão. O Governador tanto que chegou a elle se debruçou, e lançou a seus pés com grande acatamento e reverencia com o rosto e venerandas cans banhadas em lagrimas, e beijou a santissima reliquia do Lenho da Cruz; e de trás o foi acompanhando ao Altar onde fez oração, e offereceo duas formosas peças de brocado. D'Ali o quisérão os Vereadores acompanhar até sua casa que erão as do Sabaio; e com muitas alegrias e invenções, folias e tangeres da multidão que o seguia, ia o Povo bradando pelas ruas em altas vozes : « Viva o nosso Libertador da Patria. »

DIOGO ALVARES CORREA (CHAMADO O CARRAMURU, ISTO É HOMEM DO FOGO), O QUAL VIVIA ENTRE OS TUPINAMBAS, SELVAGENS ANTROPOPHAGOS DO BRAZIL, RECEBE NA BAHIA O CAPITÃO DONATARIO DELLA FRANCISCO PEREIRA COUTINHO.

COMMUMMENTE se escreve e acredita que o governo portuguez, absorvido todo nas emprezas da India desmaselára e deixára em quasi total abandono a exploração e colonização do fertilissimo Brazil. Parece-nos que esta censura é menos fundada, e que para as circunstancias do tempo fizera o governo tudo quanto lhe era possivel para o aproveitamento da quelle vasto continente, que pouco e pouco, e só pelo decurso de muitos annos é que foi bem conhecido. Portugal, Reino pequeno, e com uma povoação apenas proporcional a sua extensão, e ás desigualdades d'um terreno montanhoso, e em grande parte incultivavel, tinha

Lith. de Kaeppelin

Diogo Alvares Correia (denominado Caramuru) accompanhado dos Selvagens, recebe na Bahia o Capitaõ della Francisco Pereira Coutinho.

que presidiar as praças que possuia em Barberia, prover de gente as suas colonias d'Africa, e sustentar com expedições navaes successivas suas fortalezas e feitorias na India : como seria então praticavel distraïr forças e recursos apenas bastantes para manter possessões em paizes conhecidos, povoados, civilisados, e lucrativos, preferindo-lhes outros apenas tocados, desertos, selvagens, e improdutivos ao menos segundo os conhecimentos do tempo ? O commercio quasi exclusivo do ouro e marfim de Guiné, e de Sofála, e o das drogas, e perolas do Oriente que attrahião a Lisboa o ouro da Europa commercial, vantagens com tudo conservadas á força de victorias e de combates successivos, devião ellas ser trocadas pelos côcos e páos do Brazil, que então erão ali os artigos de mercancia conhecidos? Apezar com tudo destes bons fundamentos com que a força das cousas paralizava os progressos das explorações brazilicas, mostraremos em pouco que aos Soberanos portuguezes não faltou sollicitude neste objecto, nem houve desmasêlo como se pretende.

Apenas a nova do descubrimento e posse do Brazil tomada por Pedralvares Cabral chegou a Lisboa, logo no mez de Maio seguinte do anno de 1500 mandou El Rei D. Manoel uma frota commandada por Gonçalo Coelho (outros dizem Christovão Jacques), explorar o Brazil, e fazer algum estabelecimento possivel. Esta frota chegou ali nos fins desse anno, e correndo para o Sul experimentou no Abril seguinte temporaes e tão intenso frio, que adoecendo-lhe muita gente voltou ao Reino em Septembro do anno seguinte sem outra ventagem.

Em 10 de Junho de 1502 mandou o mesmo Soberano seis navios ás ordens do sobre dito Gonçalo Coelho, em que foi o Florentino Americo Vespucio como piloto : Coelho correo quasi toda a costa do Brazil, visitou portos e enseadas, collocou padrões com as armas reaes de Portugal nos portos principaes

e discorrendo ao sul achou um porto commodo onde construio um forte que guarneceo d'artilheria e alguma gente, e voltou ao Reino em 1504, com sós duas caravelas carregadas de páo do Brazil, havendo perdido quatro outras naquellas paragens. É de notar que aquellas boas pacificas demonstrações dos Tapuias que fraternizárão com Cabral, como dissemos, se convertêrão na mais barbara e frenetica hostilidade contra os Portuguezes, que achavão quasi sempre os Indios armados e promptos a repellíl-os, voltou-se o governo para outro methodo de colonisação; aquella que annos antes havia provado bem nas Ilhas da Madeira e Porto Santo, e nas dos Açores; deo-se o Brazil a emprehendedores portuguezes; e então havia muitos : erão aquelles bravos guerreiros que havendo militado na Africa e India, e alcançado alguma fortuna, costumados a uma vida aventurosa, e activa procuravão no novo continente do Brazil um vasto patrimonio, uma especie de soberania concedida nas clausulas das doações e campo asado a seus espiritos, e habitos, e inclinações que todavia compravão á custa d'enormes sacrificios de sua fazenda e d'incriveis trabalhos, e algumas vezes da propria vida, sua e dos seus, o que aconteceo a muitos.

Mas este mesmo methodo de colonisação, unico talvez praticavel naquellas circonstancias, soffreo além dos embarráços naturaes do clima, das distancias, e da fereza indomita dos indigenas, outros provindos da ambição e concorrencia dos Estrangeiros. Os Francezes de Dieppe, de Ruão, e d'outros portos da Normandia entrárão d'armar e navegar para aquellas terras : e ou fosse porque um trafico clandestino e usurpado faz empregar melhores meios de doçura, ou porque topassem selvagens menos ferozes, com elles entabolárão algum commercio, e intrigavão contra os povoadores portuguezes. Os Hespanhoes por outro lado nos disputavão a posse pacifica do Brazil pela confusão dos

conhecimentos geograficos, e praticavão iguaes navegações e manobras; e os Donatarios se vião obrigados a combater ao mesmo tempo naturaes do paiz, e a bater-se contra os aventureiros europeos que ali apparecião. O Governo portuguez depois de muitas explicações e negociações diplomaticas, depois de repetidas expedições parciaes, que mandou ao Brazil para sustentar seus direitos e afugentar os estrangeiros, resolveo-se a mandar um homem que resumindo em sua pessoa toda a auctoridade suprema do Monarcha, e munido de força para a fazer respeitar, desse união ao poder, e fundasse um tal qual sistema d'administração e defesa do paiz. Martim Afonso de Souza, homem fidalgo e de grandes espiritos, foi nomeado por Alvará de 20 de Novembro de 1530, Governador da *America Lusitana*, ou *Terras Brazilianas*. Deo-lhe El Rei D. João III faculdade para distribuir terras a novos colonos que as pretendessem, e ordens para construir fortificações que amparassem os principaes postos. Os seus poderes limitárão os que até ali exercião os Donatarios da Coroa, os quaes assás poderosos para abuzarem de seus direitos opprimindo e vexando muitas vezes os colonos e Indios seus dependentes, erão muito fracos para se defenderem isoladamente em caso d'hostilidades internas ou extranhas. Com effeito os Donatarios havião sido primitivamente investidos de todos os poderes, porque o Rei apenas reservára para a Coroa o dizimo de toda a producção, e o cunho, e fixação da moeda: provavelmente intendeo-se que estas colonias erão necessariamente mais militares que civis; e as distancias, e a ferocidade dos Indios tornavão indispensavel esta tempera forte do poder absoluto.

Porém nem todo o Continente Brazilico foi assim retalhado em colonias particulares; capitanias havia que a Coroa reservou para si, ou porque achou que alguns portos e pontos principaes dependião de braço real para sua fortificação e defeza, ou porque os havia primitivamente descuberto, povoado

e fortificado. Os Escriptores que tractárão das cousas do Brazil são mui discordes assim no numero de Capitanias em que o Governo distribuio aquella vastissima região, como na lista daquellas que se derão a Donatarios : João de Barros diz que erão ao todo doze capitanias; Fr. Rafael de Jesus conta quatorze, e são as seguintes: 1ª desde o Pará até ao Maranhão com 160 leguas de costa; 2ª desde o Maranhão até ao Ceará com 135 leguas; 3ª desde o Ceará até ao Rio Grande com 160 leguas; 4ª desde aquelle ponto até á Paraiba com 45 leguas; 5ª desde ali até á Ilha de Itamaracá com 25 leguas; 6ª desde Itamaracá até aos limites da de Pernambuco com 7 leguas; 7ª a de Pernambuco comprehendida entre os dous rios o de Santa Cruz ao Norte, e de S. Francisco ao Sul 60 leguas de costa; 8ª a da Bahia com 50 leguas; 9ª a dos Ilheos com 30; 10ª a de Porto Seguro com outras 30 leguas; a 11ª desde Porto Seguro do Espirito Santo com 61 leguas; a 12ª desde ali até ao Rio de Janeiro com 35 leguas de costa; a 13ª desde Rio de Janeiro até S. Vicente com 65 leguas, finalmente a que corre deste ponto e Porto de Santos até ao Rio da Prata por um largo espaço de terreno. Esta divisão não permaneceo sempre assim, antes forão mais ou menos as capitanias segundo a conveniencia do Estado, e outras circonstancias : nem era possivel que fosse d'outra maneira alterando-se as demarcações á proporção que se ião descubrindo e ganhando as terras do interior para onde as Capitanias se extendião no principio indeterminadamente até encontrar os dominios hespanhoes da contra-costa.

Assim que desde o anno de 1530, em que teve lugar a expedição de Martim Afonso, se acha toda a costa do Brazil explorada, distribuida em capitanias, e mais ou menos guarnecida de Portuguezes ou da Coroa, ou dos Donatarios que com sigo levavão familias do Reino, e mesmo estrangeiros. A

lista destes primitivos colonisadores do Brazil, é a seguinte: « Martim Afonso de Souza, que alèm de governador geral teve uma capitania sua em particular que povoou e fortificou, era esta de *S. Vicente*: parece foi mui bem ajudado dos bons officios d'um João Ramalho que ali achou com influencia sobre os Indios Goyanases, com os quaes vivia em boa intelligencia, desde que ahi foi lançado pela expedição de Gonçalo Coelho. Pedro de Goes, fidalgo portuguez que acompanhára Martim Afonso, foi senhor de 30 leguas de costa que formárão a capitania da *Paraiba*, ou Santo Thomé. Francisco Pereira Coutinho, o qual em recompensa de serviços prestados na India, obteve d'El Rei D. João III a capitania da *Bahia*. — Pedro Lopes de Sousa, irmão d'aquelle, o qual expulsou os Francezes da Ilha d'Itamaracá, e teve a capitania dita de *Santo Amaro* e *Itamaracá*. — Vasco Fernandes Coutinho, como paga de grandes serviços na Asia, recebeo do sobredito Soberano a capitania *dos Ilheos*. — Pedro de Campos Tourinho, natural de Vianna do Minho, homem nobre, emprehendedor, e mui perito na navegação teve a capitania de *Porto Seguro*. — João de Barros teve a capitania do *Maranhão*: este homem acompanhado de dous filhos, associou-se com Fernão d'Alvares d'Andrada, e Ayres da Cunha, e levárão ali os mais custosos elementos para fazer uma bella colonia; mas foi infeliz, naufragando e morrendo elle e quasi todos os seus nos perigosos baixos da quella perfida costa: depois delle passou esta capitania a Luiz de Mello, que experimentou a mesma triste sorte.

Em quanto os esforços do governo, e dos Donatarios se limitavão aos meios puramente sensiveis e materiaes, pouco ou nenhum fruto se colhia da colonisação: até que se voltárão ao grande civilizador, o christianismo que ali foi levado e prégado aos Indios pelos Padres de muitas das Ordens Religiosas estabelecidas no Reino, especialmente pelos da Companhia de Jesus, de que forão lá os pri-

meiros Apostolos os Padres Nobrega, e Anchieta. Estes homens com o zelo, e perseverança de sua doce charidade forão pouco e pouco amansando aquelles homens ferozes, mas noveis, e simplices como a mesma natureza que os produzio, e fizerão delles christãos e amigos dos Portuguezes. Porèm isto teve lugar mais tarde quando em 1549 Thomé de Souza foi fixar a metropole do Brazil na Bahia, que mais que nenhuma outra das capitanias custou a estabelecer; e muito mais custaria se não fosse a casual aventura de que vamos fallar.

Diogo Alvares Correa, moço aventureiro da villa de Vianna do Minho, foi procurar fortuna ao Brazil, annos antes da expedição á Bahia de Francisco Pereira Coutinho, de que fallámos atrás : embarcou-se n'um navio, que naufragou por temporal nos baixos ao Norte da quella cidade, e saltando em terra com seus miseros companheiros, forão estes assomados, mortos e devorados pelos selvagens Tupinambas, excepto Diogo Alvares, que tendo salvado uma espingarda e alguma munição procurou com grande coração tirar partido de sua prevenção : atirou a uma ave na presença dos selvagens, os quaes vendo-a caïr morta depois d'uma explosão, de que não tinhão idéa senão pelos trovões e raios das tormentas, o respeitárão quasi como um Numen, e lhe chamárão « Caramurú » homem do fogo, em sua lingua. Diogo Alvares soube aproveitar-se de sua preponderancia; vendo-se como o maioral ou rei dos Indios ensinou-lhes o uso do ferro, do qual se servírão contra os Tapuias seus inimigos, espavoridos estes principalmente dos effeitos terriveis da arma do Caramurú. Ali tomou por mulher uma India que muito o amava chamada Assú, á qual os naturaes depois chamárão *Caramurú-Assú*, como dizendo, Assú esposa do homem do Raio. Fez construir com os restos do navio naufragado cabanas em povoação mais bem composta no sitio da Villa Velha; e ali ia passando seus dias com a mira n'algum

navio que apparecesse da Europa, quando chegou áquella costa a expedição de Francisco Pereira Coutinho, Donatario da capitania. Os valentes Tupinambas se aprestavão para repellir os novos invasores, mas á voz de Caramurú, que os socegou e suspendeo, afrouxárão os arcos, e esperárão amigavelmente o desembarque de Coutinho, que teve lugar na ponta do Padrão, e se fixou ao principio na mesma aldea dos Indios da Villa Velha. Porèm ganhando ciumes do poder do Caramurú, Coutinho o prendeo, e metteo a bordo d'um navio para o enviar ao Reino: então a generosa Assú levantou o estandarte da revolta, armou os Topinambas, attrahio ao seu partido a tribu dos Tamoios, e se apresentou em atitude de destruir Coutinho com toda a nascente colonia. Coutinho cedeo, e mandou soltar e restituir o marido.» O autor da *Historia moderna do Brazil* diz, que na Igreja dos Benedictinos da Bahia ainda hoje se lê a seguinte inscripção:

Sepultura de D. Catherina Alvares,
(é a mesma Assú que depois de baptisada assim se chamou)
senhora desta capitania, a qual ella e seu marido
Diogo Alvares (o Caramurú) natural de Vianna do Minho,
derão aos senhores Reis de Portugal:
fez e deo esta capella ao Patriarcha S. Bento, anno 1582.

A explicação desta pretendida doação dos Caramurús se verá no seguinte capitulo.

TABIRIÇA', CHEFE DOS INDIOS TUPINAMBAS, CONVERTIDO E BAPTISADO PELOS JESUITAS DE S. PAULO, SALVA ESTA CIDADE DE SER ARRASADA PELOS TAMOYOS, E OUTROS SELVAGENS.

NESTE estado de precaria possessão do Brazil, e d'uma continuada luta de Portuguezes estrangeiros e indigenas se achavão os negocios daquelle continente, como deixámos referido, quando El Rei D. João III mandou em 1549 Thomé de Souza, cavalleiro de grande experiencia oriundo da familia d'este appellido na Provincia do Minho com cargo de *Governador geral do Brazil*, ou *Nova Lusitania*, e com plenos poderes no civil e criminal, devendo fundar na Bahia uma cidade com o nome de S. Salvador; fortificando aquelle ponto, o qual ficava da mesma sorte que a colonia, devoluto á coroa por morte de Francisco

Lith de Kaeppelin

Tabuiça Chefe dos Tupinambas socorre e salva a cidade de S. Paulo
sitiada pelos Tamoyos

Pereira Coutinho seu primeiro donatario. Levava 300 soldados, outros tantos colonos, e 400 degradádos em uma frota de tres navios, duas caravellas, e um bergantim, provída das cousas mais necessarias á sua commissão. Souza chegou com prospera viagem á costa da Bahia, procurou á antiga primitiva cidade ou antes aldea do tempo de Coutinho; mas tudo ahi estava deserto e abandonado: mais adiante em pequena distancia encontrou uma especie de fortificação, e nella o velho Caramurú, que havendo escapado com mais cinco companheiros, e outros parentes e amigos seus, do naufragio, em que se perdêra Coutinho, ali vivia em páz com os Indios seus vizinhos. Thomé de Souza ficou encantado d'este encontro feliz, e por meio da influencia e bons serviços do generoso compatriota ganhou a boa vontade dos Tupinambas, que ajudárão a construir a nova cidade. Foi esta logo cingida d'um muro de taipa, estabeleceo-lhe baterias; e tal foi o principio daquella bella cidade que por muitos annos foi a metropole do Brazil, e a séde de seus Governadores geraes. Dentro de 4 mezes se levantárão ali cem casas, os muros d'uma cathedral, e d'um collegio de Jesuitas, decente edificio para residencia dos Governadores, e outro para Feitoria ou Alfandega. O Doutor Pedro Borges havia acompanhado a expedição com cargo d'Ouvidor geral, e Auditor da gente de guerra; e Antonio Cardoso Borges Vedor da Fazenda. Neste mesmo anno outra frota partida do Tejo chegou á Bahia, levando a seu bordo o primeiro Bispo do Brazil Pedro Fernandes Sardinha, com outros Ecclesiasticos, paramentos e vasos sagrados, e uma provisão de sementes, e animaes domesticos para a cultura da colonia. Diz-se que estes dous armamentos custárão á Coroa 300 mil cruzados. No anno seguinte de 1551 abordou ali outra frota, em a qual Antonio d'Oliveira levava mais colonos casados, alguns degradados, raparigas orphãs de pessoas nobres, mas necessitadas, destinadas a casarem com os

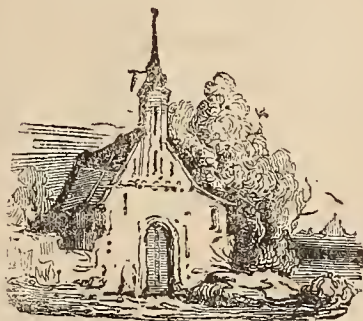
mancebos da colonia, e uma forte quantidade d'escravos africanos, e eguas para serem destribuidas pelos principaes cultivadores. Tudo isto era fruto do disvello, e sabia administração da Rainha D. Catherina, Regente do Reino na minoridade d'El Rei D. Sebastião, que apenas tinha então quatro annos. A colonia prosperou admiravelmente; e a canna do assucar, transplantada da Sicilia para a Madeira e Cabo Verde, e d'ali para o reconcavo da Bahia entrou de produzir prodigiosamente.

Thomé de Souza deixando em notavel incremento a fundação da nova cidade, e as demais partes da colonização da Bahia, s'embarcou a visitar as demais Capitanias, onde estabeleceo a ordem, e a tranquilidade; e passados quatro annos voltou ao Reino succedendo-lhe no Governo geral D. Duarte da Costa. Este digno successor de Thomé de Souza continuou a bem administrar a colonia; e com a ajuda de seu filho D. Alvaro da Costa soube reprimir um movimento e insurreição dos Indios sempre inconstantes e ciosos. Com D. Duarte chegára á Bahia o P. José Anchieta Jesuita, o qual com o outro seu companheiro que ali fôra com Thomé de Souza, o P. Manoel da Nobrega, forão os melhores auxilares do estabelecimento portuguez em todo o Brazil, e os verdadeiros intermediarios da paz, e da civilização dos naturaes, como vamos ver n'um d'entre muitos de seus assignalados serviços.

Fundado o Collegio dos Jesuitas na Bahia, e conhecendo por experiencia o Governo de Portugal quão util e vantajosa era a sua missão, levou ali D. Duarte da Costa autorisação do fundador da ordem Santo Ignacio de Loyola para generalisál-a no Brazil, dividindo este em dous Provincialatos, dos quaes o do Norte dado foi ao P. Luiz da Gram, e o do Sul ao P. Manoel da Nobrega. Em consequencia desta partilha marchou este a fundar um Collegio n'alguma das capitanias ao Sul do Brazil,

e achando na planicie de Piratininga bom acolhimento em João Ramalho, que ali se havia estabelecido com cargo d'Alcaide mor, nomeado por Antonio d'Oliveira Lugar Tenente no Destricto, ahi lançou os fundamentos da nova casa da Companhia, que bem de pressa foi concluida. João Ramalho havia tomado por mulher uma India dos Goyanases, cuja tribu se lhe mostrava por isso muito benigna. Esta pavoação, que o Ramalho havia denominado villa de Santo Andre, veio a perder este nome tomando o de S. Paulo, que os Jesuitas derão ao seu Collegio começado no dia em que a Igreja celebra a conversão daquelle Apostolo. Este foi o começo da cidade de S. Paulo, capital hoje d'uma das mais fortes e importantes provincias do Brazil. Apenas começada esta fundação em 1554, logo os Jesuitas entrárão de cathequizar os Indios, fazendo maravilhosos progressos; e em sua civilização principalmente se occupavão os Padres Nobrega e Anchiêta. Porèm o espirito de cubiça, que não conhece outra utilidade mais do que o interesse individual, esteve a ponto de fazer perder ali todo o fruto dos Missionarios. « Os Mamelucos da povoação e vizinhanças (assim chamavão aos mestiços, nascidos de Portuguez, e Indigena) cujo fito era grangear escravos para delles tirar partido fazendo-os trabalhar por sua conta, ou para os vender, erão hostis aos Jesuitas que procuravão civilizar os Indios, e ós protegião com zelo e efficacia. Conseguírão pois excitar diversas tribus que, unidas aos seus, atacárão Piratininga, mas forão rechaçados e completamente derrotados pelos Indios da Missão, sobre os quaes Anchieta e seus companheiros tinhão adquirido grande ascendencia. O interesse dos colonos coincidia com o dos Mamelucos por quanto era então uso geral, e continuou a o ser por muito tempo, apanhar Indios e tratál-os como escravos : por isso erão mal vistos dos Jesuitas. » Esta relação é do autor moderno da Historia do Brazil, impressa em Pariz no anno de 1839.

« O numero dos Indios, diz o mesmo auctor, que os Jesuitas de S. Paulo havião reduzido á formar aldeas em torno daquelle estabelecimento, e cujos habitos ferinos tinhão modificado, era consideravel. » Assim ião prosperando ali os negocios da colonia até ao anno de 1561, em que novos inimigos muito mais temerosos ameaçárão e tentárão subverter e arrasar tudo naquelle ponto; e foi o caso : que os Francezes expulsos do Rio de Janeiro, onde os estabelecêra furtivamente Villegagnon, acabavão de perder aquelle ponto em 1560, de que tomárão posse os Portuguezes do commando de Mendo de Sá; e tractando de conservar algum estabelecimento, forão mais ao Sul, e fizerão liga com os Tamoyos, Indios ferozes que occupavão o territorio entre as capitanias do Rio de Janeiro e de S. Vicente. Uma innumeravel multidão destes Selvagens dirigidos por Francezes marchárão uns por terra, outros por mar em canoas, e reforçados com os Tupinambas e Tupis, que seduzírão e destacárão da sujeição portugueza, ataeárão com vantagem a Piratininga, e obrigárão os habitantes a refugiar-se dentro da povoação de S. Paulo, cidade ja então a mais florescente daquella parte do Brazil. Marchárão os eonfederados contra ella, e a acomettêrão com a mais feroz e determinada ousadia. Este ataque repentino poz em grande consternação todos os habitantes; mas os Jesuitas com palavras e exemplos os animárão, fortalecêrão e derão as mais acertadas disposições pára a guarda e defesa da cidade como homens intendidos em toda a casta de mistér, e resolvêrão todos a pôr a vida para salvação commum. Mas ião-se consummindo em ataques successivos os poucos defensores, apertados eontinuamente pela nuvem escura e obstinada dos ferozes atacantes : em grandissima aneiedade e torvação se achavão os sitiados, que não vião lá dentro modo de resistir por muito tempo a tão repetidos assaltos, eis que quando menos a esperavão a redempção lhes entrou por casa dentro com o

bravo e leal Tabiriçá Indio havia pouco baptisado com o nome de Martim Afonso. Este ouvindo lá na sua aldea que os Padres, a quem devia sua civilização e religião, se achavão naquelle apuro, rompeo por entre a linha sitiadora com outros Neophytos para dentro da cidade, e augmentando assim a constancia e força dos defensores não só repellírão os Tamoyos, mas saïndo a campo os arrojárão desbaratados para os seus desertos. Pouco tempo depois falleceo este fiel amigo e alliado dos Portuguezes com grande dôr e sentimento de todos : sendo certo que ao valente Tabiriçá deveo a corôa de Portugal a conservação daquella colonia.

EL REI D. SEBASTIÃO NA INFELIZ BATALHA D'ALCACERQUIBIR, EM AFRICA, DESPREZA A VIDA PARA NÃO CAÏR NO CAPTIVEIRO DE MOUROS, E ACOMPANHANDO OS SEUS N'UMA GENEROSA MORTE.

A MAIS barbara das injustiças humanas é a que, avaliando as acções pelo successo sómente, se levanta inexoravel e severa contra o merito infeliz. Por este modo de julgar, tão pouco generoso quanto despido de equidade, vemos com desagradavel mas trivial iniquidade macular a honrada e valente memoria d'um Soberano portuguez, que com o seu nascimento, julgado miraculoso, encheo de jubilo os corações de seus vassallos, com sua robustez e animo cavalleiroso promettia restaurar os bellos dias de gloria da sua patria, e com sua piedade, e costumes puros era a todos exemplo de sisudeza, e de virtuosa conduta. Nin-

Lith. de Kaeppelin

D. Sebastião na infeliz Batalha d'Alcacerquibir, despreza a vida para naõ caïr no captiveiro dos Mouros.

guem se lembrou de culpar a briosa resolução deste Principe quando pela primeira vez passou á Africa no anno de 1674 sendo moço de vinte annos, e se demorou ali navegando os mares e costas de Barberia, saltando por vezes em terra nas praças de Ceuta e Tangere, vendo e examinando os lugares, passos, e posições do interior do paiz, e tomando notas, e fazendo sabias e mui atiladas observações que nos deixou dictadas e escriptas por elle mesmo, como se fosse um general antigo e pratico da guerra. Neste primeiro ensejo de sua grande capacidade, e altivo coração todos vírão os começos d'um reinado glorioso e brilhante, o crepusculo d'um renascimento de venturoso engrandecimento ao Reino, o annuncio de felicidades para os seus Povos : porèm depois que na segunda expedição, apezar d'emprehendida com as maiores e mais bem meditadas probabilidades e esperanças, e com os mais poderosos preparativos que era possivel alcançar, a pezar, dizemos, do accordo, vontade, e dedicação quasi geral dos Portuguezes, a fortuna voltou as cóstas, e se perdeo tudo *exepto a honra;* então a censura praguejenta indefectivel sempre nos máos resultados, e os desafogos do queixume apoiado na desventura geral chamárão á empreza, té li grandiosa, temeridade insensata, e ao valor e heroico sacrificio do Rei e de seus bravos companheiros desesperação de môços presumidos e orgulhosos.

Nós não emprehenderemos aqui, porque isso nos levaria muito longe, e é trabalho alheio de nossa tarefa, desculpar e justificar o brioso Soberano em sua mal aventurada expedição : tocaremos só de passagem os fundamentos que houve para a tentar, os acasos da sorte que a malográrão, e o honrado pondonor d'El Rei D. Sebastião e dos cavalleiros que o seguírão, dos quaes o primeiro podendo talvez escapar com vida, como o aconselhavão, tendo ainda desembargado o passo do rio, preferio

honrada morte no meio dos inimigos antes do que parecer abondonava os seus no centro do perigo e da desgraça.

Recordem-se os Leitores que a mocidade d'El Rei D. Sebastião se passára recheada de grandes acontecimentos nas conquistas d'Africa e da India. Principe versado na historia dos grandes homens, dotado de natural valentia, e coração magnanimo, regalava-se d'ouvir contar aos capitães, que vinhão das conquistas, os feitos gloriosos e proezas dos Portuguezes contra inimigos encarniçados, e enormemente desproporcionados no numero dos combatentes. Alvaro de Carvalho, defensor de Mazagão, lhe expunha miudamente os successos daquelle famoso assedio, em que com um punhado de soldados salvou a praça de todas as forças barbarescas levadas pelo Xarife em pessoa. D. Constantino de Bragança, Vice Rei da India, havia não só defendido os estabelecimentos portuguezes na Asia, mas extendido o seu dominio conquistando praças á força d'armas. O famoso D. Luiz d'Ataide finalmente com dous magotes de Portuguezes havia salvado os dous pontos capitaes de nossas possessões indianas, Goa e Chaul, contra a temerosa liga dos Reis do Oriente, o de Decan, o Çamorii, e o Achem de Sumatra : e em quanto o destemido Ataide rebatia em Goa os furiosos ataques do Hidaleão em pessoa rechassava em Chaul D. Francisco Mascarenhas os exercitos do Nisamolueo com horrorosa mortandade de seus Naires, e Malaios. Estas brilhantes relações não podião deixar de aquecer e enthusiasmar um mancebo talhado pela natureza para sympatizar com as acções grandes. Educado nos principios austeros do Catholicismo, intolerante contra as larguezas sensuaes, e corrompidas maximas da seita de Mafoma; costumado a olhar os seus sequazes não só como inimigos natos dos christãos, mas como particulares e constantes adversarios dos Portuguezes pelas guerras incessantes

de nossas conquistas n'Africa e Asia; acceso em justa vingança, e desejando retribuir-lhe com outras suas aggressões ainda frescas, e os damnos, e mortes causados nos cercos que apontámos, revolvia no pensamento achar o caminho ásado a seus intentos; e foi com este proposito, gravado profundamente no seu animo, que não descançou até que foi pessoalmente em Africa para se informar e ver por seus olhos os lugares e as cousas. Assim que razão tinha este Monarcha de dizer ao Rei de Castella Felippe II, quando quatro annos depois lhe punha duvidas sobre a razoavel conveniencia da sua projectada expedição, receando não houvesse sido meditada ligeira e superficialmente: « Neste particular não tenho dado um passo que não fosse provado e demonstrado por razão, experiencia, e discurso; confirmada e sempre provada e encarecida a sua importancia. »

E com effeito nesta conjunctura parecia que a fortuna lhe andava mettendo nas mãos os fios da occasião prospera. Uma grande mudança, e as confusões dos partidos e interesses resultantes della, figurávão o Imperio de Marrocos dividido, e turbado. Uma revolução dynastica, daquellas tão communs na Historia musulmana, havia desapossado do Throno o ultimo Soberano da raça dos Benemerines, e collocado nelle um soldado aventureiro, mas feliz e valeroso, muito acceito ao Sultão de Constantinopla. O filho deste viveo pouco, e deixou o Imperio a um neto daquelle, mancebo havido n'uma escrava negra africana, o qual afastando os concorrentes foi reconhecido e obedecido geralmente. Porém seu tio Mulei Moluco, que havia sido perseguido e andava homisiado em Argel, homem bravo e astuto, negoceou e obteve um auxilio de 10,000 Turcos, e vindo á batalha com o Sobrinho o venceo e derrotou pela superioridade da tactica e disciplina d'aquelles sobre uma multidão de Barberescos Marroquinos sem ordem nem firmeza. O destronado Xarife abandonado e fugi-

tivo acolheo-se em Tangere, donde passando a Lisboa veio contar a El Rei D. Sebastião sua desaventura, e propor-lhe o auxiliasse a fim de recuperar os seus Estados, promettendo grandes vantagens e compensações por este serviço. Exagerava, como é natural, o grande partido que conservava no paiz, e pintava facil o seu restabelecimento. El Rei comprehendeo logo a transcendencia desta medida, que lhe mettia nas mãos ser arbitro dos destinos da Barberia, e tanto mais exequivel lhe parecia a empreza quanto o Moluco havia despedido o corpo de tropas turcas, e opprimia seus novos vassallos com crueldades, extorsões, e tiranias. As informações e noticias, que lhe davão os governadores das praças d'alèm mar, coincidião essencialmente nos mesmos argumentos, pois que muitos alcaides, e outras graves pessoas deixavão o paiz e vinhão abrigar-se á sombra das muralhas portuguezas por seguir a ventura do Xarife. Assim mesmo El Rei D. Sebastião não se resolveo só; convocou a Lisboa os homens notaveis do Reino, os Prelados, os Fidalgos, e até os cavalleiros de maior nome nas Provincias, a quem propoz o negocio, e conveniencias d'elle, os quaes (diz o autor das suas Memorias) : « Ao ver a alegria do semblante, e a serenidade do animo d'El Rei approvárão unanimes, fazendo voluntaria oblação de suas pessoas, filhos, criados, e fazenda. » Avistou-se seguidamente D. Sebastião em Guadalupe com seu Tio El Rei de Castella Felippe II, e este tão longe esteve ao principio de condemnar-lhe a tenção que lhe prometteo o auxilio de 6,000 soldados, e d'um certo numero de Galeras.

Entrou então El Rei D. Sebastião a preparar-se activa e decedidamente para a empreza; e ver-se-há pelo resultado de sua diligencia se era elle homem a despenhar-se inconsideradamente no abismo, desorientado por uma imaginação chimerica e infundada. Havia longo tempo que uma longa paz com

Castella havia desaguerrido os Portuguezes : conservava-se, é verdade, a grande Escola d'Africa, mas o genero de guerra ahi praticado era de sortidas, e escaramuças accommodado ao modo de combater dos Africanos, que nunca appresentão campo em fórma regular. El Rei D. Sebastião propoz em conselho qual methodo conviria adoptar; se a nova milicia de batalhões cerrados armados de piques e mosquetes, ou a antiga com que fazião a guerra d'Africa. Venceo-se que se adoptasse a formação e armadura da tactica moderna, abraçada geralmente na Europa, fazendo consistir na Infantaria cerrada a força principal do exercito : e nesta conformidade se armárão e disciplinárão os soldados. Negoceou corpos de tropa estrangeiros exercitados nas guerras Europeas, e commandados por capitães praticos e acreditados, e com elles e com os seus formou um exercito de 18,000 homens a saber : 9,000 Portuguezes, 3,000 Castelhanos, 3,000 Tudescos ou Allemães, 900 Italianos; o resto devia ser das guarnições aguerridas das Praças de Ceuta, Tangere, e Arzilla. A' imitação dos Namorados d'Aljubarrota, se formou um Terço brilhante de mil mancebos illustres chamado dos *Aventureiros,* composto de filhos de nobres Casas, de que era commandante D. Christovão de Tavora, grande privado do Soberano. Deo El Rei o commando das forças de terra a D. Diogo de Souza, e das galeras a Diogo Lopez de Sequeira, velho maritimo da escola do Oriente. Os Fidalgos portuguezes derão nesta occasião mais um exemplo de sua bizarria, lealdade, e patriotismo : O Duque de Bragança, idoso achacado mandou o seu primogenito Duque de Barcellos, moço impubre, mas de grande coragem : apromptou-se o Duque d'Aveiro, os Menezes em numero de quatro irmãos todos valentes, os Castros, os Coutinhos, os Souzas, os Mascarenhas, em fim todos aquelles a quem a idade ou as molestias não embargárão. O Estado ecclesiastico mesmo rivalisou em zelo, e serviços,

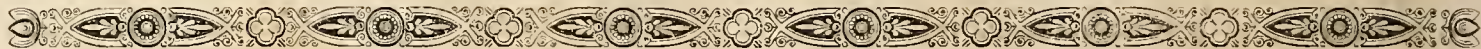
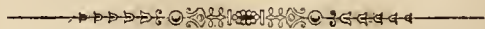
e os Bispos de Coimbra e Porto com outros Prelados seculares e regulares não quizerão desacompanhar o seu Rei.

Chegou em fim o dia 24 de Junho de 1678 em que 800 velas tomárão a seu bordo El Rei e o *exercito mais loução que forte,* diz Mariz nos seus Dialogos. Desde o tempo das cruzadas se não tinha visto ja mais espectaculo semelhante! Era o Soberano d'uma Potencia catholica, que forte da sua fé marchava atravez dos mares, cercado de seus nobres cavalleiros, de Prelados, de Monges, e de soldados de diversas nações christãs para disputar ao chefe Mahometano do Occidente o imperio d'Africa, e substituir a bandeira de Christo ás meias-luas de Mafoma! Se a sorte lhe foi adversa, se nos decretos eternos ainda não estava assignado o termo á existencia da crença sensual e embrutecida do Impostor da Meca, honra seja dada ao Monarcha illustre que o tentára. Em poucos dias aportou em Africa a brilhante frota, e desembarcou o exercito em Tangere, donde marchou logo por terra para tomar Larache, praça do Marroquino, que muito convinha obter para cubrir e sustentar as operações ulteriores no centro do paiz inimigo. Assim o pedia a prudencia, assim se accordára no conselho, e assim o persuadírão os cabos experimentados e praticos do paiz : mas a fortuna ja traiçoeira devia baralhar as sortes de modo que este projecto foi alterado. Marchou Muley Molouco de Marrocos á testa d'um numerosissimo exercito, em que só de cavalleria trazia 40,000 soldados, aos quaes commandava seu Irmão Mulei Hamet. Vinha o Molueo ja minado de peçonha que a occultas lhe propinárão dous cabos granadinos; mas dicidido como homem valente a defender o seu throno até á ultima extremidade. Acampou a poucas leguas de Larache, como quem queria observar os Christãos, e impedir-lhes o cerco. Quando El Rei D. Sebastião soube que tinha ali perto o seu inimigo, e considerando que o

assedio seria demorado, e incerto com tal vizinhança, querendo n'uma batalha acabar a lide com o que chamava tiranno detestado, e mal seguro usurpador, persuadido ainda pelo Xarife que uma vez que as tropas africanas o avistassem desertarião para elle, animado daquelle incendido valor de que era dotado, mudou de rumo, e passou o rio que o separava do inimigo; rio fatal que como o Rubicon havia de dicidir em breve qual dos dous fosse dominador d'Africa.

O Moluco, supposto conhecesse como soldado experto que a manobra do exercito christão era arriscadissima, não deixou de estremecer desta audacia; e receoso dos seus mandou mudar os commandantes das companhias, e pôr nas costas dos Andaluzes e Guazules, que lhe erão tropas fieis, Elches e Asuagues para lhe atirarem no caso de traição. Ordenou El Rei seu campo á vista dos inimigos, deo a vanguarda a D. Duarte de Menezes, governador de Tangere, em que combatia o Xarife com os poucos que o acompanhavão; deo o commando da cavalleria ao Duque d'Aveiro, da artilheria ao Balio de Leça. Mulei Moluco estendia sua immensa linha em forma de meia-lúa, occupando um outeiro que o encubria, o qual fez guarnecer de muita e grossa artilheria. Com grande admiração dos Christãos se notou que nem um só soldado, dos contrarios se vinha unir ao Xarife, não obstante as negaças que este lhes fazia tomando sempre adianteira, e amostrando-se nos lugares eminentes. Descorsuado veio este ter com El Rei, e disse-lhe que sabendo por seus espias que o Moluco se achava com pouca vida, lhe parecia differisse a batalha, esperassem algum tempo, e vencerião talvez sem combate. El Rei ou porque não crê-se a nova, ou levado do seu extraordinario valor, respondeo-lhe : « Eu não quero triumphar do Moluco morto; » e a o romper d'alva do dia 4 d'Agosto deo ordem d'acometter. El Rei D. Sebastião que pensava vencer com sua infantaria, poz-se á frente desta, e manda

avançar ao inimigo. Os soldados veteranos das praças d'Africa, conduzidos por D. Duarte de Menezes, alguns nossos arcabuzeiros, e outros escolhidos da mesma arma, Hespanhoes e Italianos, c'os Africanos do Xarife atacárão a cavallaria inimiga e a puserão em derrota, fugindo Muley Hamet do campo, que não parou senão dentro d'Alcacerquibir. O Moluco que da Liteira em que jazia doente vio o desbarate, montou a cavallo, e animando os seus reparou o desastre com novas forças, e fazendo jogar a sua formidavel artilheria sobre os vencedores lhes fez largo estrago; ao mesmo passo que os dous flancos da nossa linha erão envolvidos por innumeral infantaria, e cavalleria que cerravão os Christãos do todos os lados. Debalde se expôz o proprio Rei D. Sebastião carregando á frente d'um troço de cavalleiros os Esquadrões inimigos, rompendo pelo meio delles largo espaço : o momento tinha passado; a maior parte da infantaria debandou, e se pôz em fuga, e d'ahi por diante, diz um dos nossos Escriptores : « Tudo foi uma barbara confusão e desconcerto. » Permanecêrão firmes e valentes, seguindo o seu Rei, os Fidalgos portuguezes, e alguns pequenos grupos de bravos soldados que vendião caras as vidas, cerrados de perto por nuvens sempre crescentes d'inimigos. Quando El Rei D. Sebastião, tendo por tres vezes carregado os Mouros victoriosos, ferindo e matando nelles com incrivel valor, havendo ja perdido tres cavallos mortos debaixo de si, se achava cercado d'inimigos, bebendo uma pouca d'agua, abrasado da fadiga e do calor do meio dia, chegou-se a elle D. Fernando Mascarenhas e lhe disse, como reconvindo-o de lhe despresarem o voto d'irem primeiro a Larache : « E agora, Senhor, que havemos de fazer desta multidão? » — « Fazer o que eu faço, lhe respondeo El Rei; e mettendo esporas ao cavallo se arremessou ao centro dos inimigos como um raio despedido; e lá naquelle confuso turbilhão se sumio e desappareceo opprimido do numero, mas livre, mas vin-

gado; acompanhando n'uma briosa e honrada morte o triste fado dos seus nobres cavalleiros que todos ali perecêrão, ou não podendo morrer ficárão captivos por guardar a lealdade ao seu Soberano, e honrar a Patria que lhes dera o ser. »

MATHIAS D'ALBUQUERQUE, GOVERNADOR, CAPITÃO GENERAL DE PERNAMBUCO, TOMA NO RIO CAPIBERIBE UMA FLOTILHA DOS HOLLANDEZES COM SEUS SOLDADOS DE TERRA SÓMENTE.

DEPOIS da catastrophe d'Alcacerquibir em que a indole cavalleirosa, e arrojada bravura d'El Rei D. Sebastião deixou sepultadas com a pessoa do Monarcha portuguez as esperanças da monarchia, e a flor da nobreza do Reino, começou este a definhar-se nas mãos imbelles do Cardeal Rei, lutando apenas contra aquella doença de langor em que ordinariamente caem os Estados por algum tempo antes de perecerem de todo. As intrigas da poderosissima côrte de Castella, a politica astuciosa de Felipe II, as indecisões e escrupulos talvez invejosos do Soberano portuguez, o ciume dos grandes para com a Casa de Bragança, e mais

Lith. de Kaeppelin

Mathias d'Albuquerque, Capitão General de Pernambuco, toma uma flotilha Hollandeza no Rio Capiberibe

que tudo a fraqueza e abatimento geral do Reino deixárão de lado a justiça e o pondonor nacional, e abrírão a porta ás armas castelhanas para virem quasi a salvo tomar posse d'uma coroa que encontrárão indefesa.

Debalde procurou Felipe II adormentar na ignominiosa servidão ao povo portuguez com as promessas e cautelas das Côrtes de Thomar : a inculcada separação e nacionalidade de Portugal não devia ser mais do que a mascara da dominação castelhana, e uma pilula dourada com que se tornassem menos amargos os tragos continuos d'uma pezada usurpação. Aquelles cobardes e interessados politicos que ajudárão a tecer as cadeas de sua mesma patria, ajuizando que um pequeno Reino como Portugal ganhava consideração e força apoiado ao gigante da Peninsula, entrárão lógo de ver todos os braços e recursos do paiz levados a combater inimigos, que não erão os seus, na porfiada guerra de Flandes, e naquellas expedições d'armadas tão pouco *invenciveis* que um golpe de vento as dispersava e submergia. Seguio-se a este primeiro usurpador, que ao menos tinha a capacidade e a fôrça para fazer trepidar a Europa, os outros dous Felipe III e IV de Castella, em cujos reinados vio o desventurado Portugal ir-se-lhe arrancando uma a uma as colonias da India estabelecidas com tanta gloria e sacrificios; e ainda estas perdas sem motivo ou razão que tornasse menos sensiveis taes desastres, por quanto erão Hollandezes, e Inglezes inimigos de Castella quem, fazendo a guerra a esta Potencia, se vingava nas possessões portuguezas como mais desmazeladas pelo infortunio da escravidão. Assim foi que aquelles se apoderárão das Molucas, dos Portos de Java, e de muitos outros estabelecimentos portuguezes no Oriente, passando depois a atacar o centro de nossas possessões no Brazil e Angola de que se fizerão temporareamente senhores. A' imitação da famosa Companhia das

Indias-Orientaes que com suas immensas frotas e riquezas havia substituido o pavilhão hollandez ao da Cruz de Christo, que por tantos annos domináraaquelles mares, ereárão em Amsterdão a Companhia das Indias-Oeeidentaes, á qual foi eonferido o direito e a missão de eonquistar o Brazil. Uma poderosa frota, basteeida de tudo o necessario para tão vasta empreza, saïo do Texel em 22 de Dezembro de 1623 ás ordens do Almirante Willekens, a qual em 10 de Maio do anno seguinte ja estava senhora da Bahia, capital então de todo o Brazil. Com a notieia desta ealamidade chegada a Lisboa no deeurso desse mesmo anno, foi geral a consternação dos Portuguezes, e a côrte de Madrid despertando do lethargo eom que deixára aquella eidade sem defesa, encontrou ainda nos brios de seus naturaes eoração e patriotismo. A cidade de Lisboa offereceo ao governo eem mil eruzados para a restauração da Bahia; o Duque de Bragança dobrou aquella somma; o Duque de Caminha fez igualmante seu donativo; e muitas outras pessoas e eorporações se cotisárão para ajudar a empreza. Em 19 de Novembro de 1624 saïo do Tejo a armada portugueza do Almirante D. Franeiseo d'Almeida, e foi esperar a Cabo Verde a frota eastelhana, que se aprestava em Cadiz, eommandada por D. Fradique de Toledo. As duas esquadras combinadas entrárão na Bahia em 29 de Março de 1625, e havendo repellido os Hollandezes em todos os pontos, apezar de doze náos que estes alli tinhão, e das eento einquenta e seis peças que jogavão em baterias de terra, retomárão posse da eidade em 28 d'Abril, capitulando os generaes inimigos. No resto deste anno e no seguinte limitou-se a Companhia Hollandeza a trazer naquellas eostas a esquadra do Almirante Heyne apresando alguns navios, e ameaçando sem resultado alguns pontos da terra firme. Em 1627 uma segunda expedição do mesmo Almirante saqueou o reeoneavo da Bahia, e reembareou, levando á Hollanda rieos despojos; porém isto não contentava a ambição da com-

panhia, nem correspondia a seus vastos projectos. Desta vez vai ella empenhar todas as suas forças : e o Congresso dos Estados geraes lhe facultará toda a latitude para isso conducente. Quasi dous annos gastou a companhia em fazer seus immensos preparativos; e com quanto erão elles capeados com diversos pretextos e debaixo do segredo que mercadores costumão guardar em suas especulações, teve artes a Governadora da Flandres hespanhola a Archiduqueza D. Isabel para penetrál-o, e avisou a côrte de Madrid que o golpe se talhava contra Pernambuco. É desta segunda dominação hollandeza do Brazil, e da guerra porfiada que se lhe seguio, que tractaremos neste capitulo, e nos seguintes com alguma extensão : e verse-há que nesta famosa luta, e não obstante a decadencia e abatimento da nação sujeita a jugo estranho, Portuguezes, e Brazileiros souberão com grande valor, e admiravel constancia sustentar o dominio de seus passados, e restaurar provincias inteiras occupadas pelas forças hollandezas, que então erão colossaes, desenvolvendo aquelle ponto d'honra, e acrisolado patriotismo com que seus passados as descubrírão, povoárão, e defendêrão.

Assim que a côrte de Madrid teve conhecimento do alvo a que se dirigião os formidaveis armamentos da Companhia Hollandeza, mandou ordens a Lisboa para que partisse immediatamente a Pernambuco Mathias d'Albuquerque, fidalgo illustre por nascimento e serviços, que poucos annos antes havia occupado naquella provincia o cargo de governador e capitão general, com instrucções para provêr do melhor modo possivel á fortificação e defesa das quatro praças importantes daquella capitania, Pernambuco, Rio grande, Paraiba e Itamaracá. Partio Albuquerque á pressa em Agosto de 1629 a bordo d'uma caravela com poucos soldados e algumas munições, e chegou felizmente a Pernambuco em 18 d'Outubro seguinte. Cuidou logo em levantar trincheiras e fortificações, principalmente no

Recife com os fracos meios que tinha á sua disposição; mas os inimigos não derão tempo. Em Fevereiro do anno seguinte 1630 um vaso expedido pelo governador portuguez de Cabo Verde chegou ali dando aviso de que a armada hollandeza apparecia ja naquelles mares. Poucos dias depois a enseada do Recife se cubrio da numerosa frota inimiga, de que era Almirante Pedro Adrian, e general de terra Henrique Lonck. Uma forte canhonada dos navios de guerra hollandezes, mui bem respondida das baterias do Recife, mascarou o desembarque que os Hollandezes effeituárão a tres leguas da cidade no sitio do Páo Amarello. Apenas tomárão terra marchárão sobre Olinda, e havendo facilmente repellido os pequenos corpos d'ordenanças que guarnecião a passagem do Rio Doce, avançárão rapidamente á cidade, que salteada do terror, e mal preparada nem ao menos tentou defender-se. Um só patriota André Pereira Themúdo, pondo-se á testa d'alguns bravos mancebos, vendo o inimigo occupado em saquear a Igreja da Misericordia, comettento os mais revoltantes desacatos, arremessou-se aos profanadores, e havendo morto muitos, elle mesmo caïo honradamente vingado, e morto. Asenhoreado o inimigo d'Olinda, marchou em tres columnas contra o Recife, mal defendido do lado de terra; e posto que o governador Mathias d'Albuquerque fizesse tudo quanto se devia esperar d'um homem de honra a defesa era impraticavel. Os habitantes pela maior parte não cuidárão senão em retirar-se ao interior salvando o mais precioso; e os soldados, e poucos voluntarios, que briosamente se prestárão a guarnecer e guardar os diversos pontos da cidade, erão insufficientes para uma razoavel e efficaz resistencia. Uma consideravel desersão nas tropas levantadas á pressa diminuio ainda as força e o animo dos defensores, e Albuquerque vendo-se reduzido a esta extremidade, deixando presidiados os dous fortes de S. Jorge e de S. Francisco, e a fortaleza chamada da terra, evacuou a praça tendo mandado

lançar o fogo ao que mais podia interessar a cobiça do inimigo. Nesta occasião perecêrão nas chamas trinta navios que ahi tinhamos, muitas drogas e outras mercadorias, com duas mil caixas d'assucar que estavão nos armazens. O inimigo, entrando na praça por diversos pontos, e achando-a quasi despejada de moradores, e as riquezas incendiadas, ficou furioso, mandou dar o saque, e combater os fortes que ainda se defendião. Foi nesta occasião que pela primeira vez saïo a campo a nativa bravura e heroica dedicação d'um mancebo de desoito annos, do famoso João Fernandes Vieira, do qual trataremos adiante. O valor na guerra é nos desastres mesmo o melhor e mais seguro meio de salvação : o capitão Antonio de Lima que desamparado dos soldados, excepto sette, teve assás de sangue frio e confiança para manter-se na fortaleza de terra, recebeo por todo soccoro a pessoa do denodado Vieira, e tendo feito briosa resistencia, e repellido os assaltos do inimigo com aquelle punhado de bravos, obteve uma capitulação vantajosa, e foi reunir-se ás forças do governador retiradas ao interior. Assim caïo a rica e opulenta capital de Pernambuco pela incuria e desmazelo da côrte de Madrid, que depois de desastre da Bahia não tinha desculpa para deixar em abandono as principaes povoações da costa. F. Raphael de Jesus na obra *Castrioto Lusitano* aponta ainda outra causa desta perda, dizendo que os Pernambucanos naquelle tempo reclamavão castigo do Ceo por suas demasias e deleites em que andavão engolfados, fruto do luxo, e da opulencia a que um commercio lucrativo os havia elevado.

Não perdeo animo o governador Mathias d'Albuquerque : retirando-se com essas poucas forças escapadas a uma legua da cidade escolheo e tomou posição vantajosa; e começou logo de construir a fortaleza chamada do Arraial n'um outeiro, que encontrou ásado a seus intentos, e de cuja altura dominava a planicie em torno. Ahi o ajudárão então os moradores expulsos da cidade, os quaes ames-

trados pela experiencia de duras perdas conhecêrão que na união de vontades e de serviço é que podião estribar sua salvação, e a da colonia. O inimigo, apenas soube do projecto, marchou aos 14 de Março em força para impedir os trabalhos da nova fortaleza, e desalojar os Portuguezes da posição. Guiados por um desertor flamengo, que sabia os passos daquelles sitios, marchavão os Hollandezes desde Olinda em uma noite por veredas occultas, e fazendo largo rodeio : Mathias d'Albuquerque tendo percebido o movimento deo ordens muito adequadas, e o inimigo salteado e atacado no transito pelas companhias portuguezas foi completamente derrotado no ponto chamado *Agua fria*. Os cabos, a quem coube a fortuna desta primeira victoria, forão os Capitães João d'Amorim, Luiz Barbalho, Martim Ferreira, Pedro Manoel Pavão; brilhando entre os bravos daquelle dia um mancebo Manoel Dias da França, que montado a cavallo e só, com a espada na mão, perseguio o inimigo com destemido valor. Soube Mathias d'Albuquerque aproveitar-se destes primeiros favores da volta da fortuna : redobrou d'esforço, concluio a fortaleza do Arraial, e estendendo desde ali em duas largas pontas uma linha de pontos fortificados e guarnecidos, como que encerrava o inimigo sitiado dentro das suas estancias. Mas os Hollandezes tinhão o mar aberto, e com seus immensos recursos maritimos entornavão dentro do Arrecife continuos reforços. Foi longa e encarniçada a luta, em que os successos forão encontrados; porèm tanto na prospera como na adversa fortuna resplandeceo em Mathias d'Albuquerque um caracter de lealdade, constancia, e honrado valor, até que lhe derão successor ao governo em o anno de 1635. Precavido, e vigilante sabia de todos os passos do inimigo, e nunca recusou combatêl-o : o caso seguinte é uma das provas, e por sua originalidade aqui o especialisamos.

Quando mais empenhado andava o inimigo em oppor novas fortalezas á nossa do Arraial, uma das

que com grande vantagem levantou foi a chamada dos Afogados, que lhe dava porta franca a correr o paiz. Dispoz-se a mandar um soccorro d'artilheria, e munições ao dito ponto, e as embarcou n'uma flotilha guardada por um Pataxo armado em guerra e 400 soldados que de noite vierão subindo o rio Capiberibe. Sabido o que, destacou Albuquerque ao governador dos Indios Antonio Felipe Camarão, o qual com sua costumada destresa se emboscou no mato e arvoredo que cobria as margens do rio, em quanto outro corpo do commando dos capitães Luiz Barbalho, Manoel Rebello da França, e Miguel d'Abreu guarnecêrão a margem opposta. Estas differentes embuscadas recebêrão com descargas successivas os vasos da flotilha, que em fim ficou desamparada de seus condutores, os quaes salteados e varejados cruamente assim no escuro da noite perdêrão muitos a vida, e todos o alento. Acudírão os nossos e achárão mais de 100 Hollandezes mortos, 14 peças d'artilheria, muita quantidade de polvora e bala, muitos refrescos, que tudo foi conduzido ao Arraial com algumas bandeiras tomadas. As embarcações todas forão queimadas : poucos fugitivos levárão a nova ao Recife.

O PADRE ANTONIO VEIRA, PRÉGANDO NA IGREJA DE SANTO ANTONIO DA BAHIA, CELEBRA O TRIUMFO DAS ARMAS PORTUGUEZAS ALCANÇADO NA DEFESA DA MESMA CIDADE ATACADA PELOS HOLLANDEZES DO COMMANDO DO CONDE DE NASSAU, EM ABRIL E MAIO DE 1638.

Um dos mais bellos feitos d'armas d'entre os muitos que praticárão os Portuguezes na encarniçada guerra da restauração do Brazil foi a defesa da Bahia, sua capital naquelle tempo. Desprovida de todo o necessario para uma razoavel resistencia; tirárão seus briosos defensores forças de sua fraqueza, e só com os recursos da boa vontade, e d'honrada valentia conseguírão rechassar um inimigo poderoso e experimentado, e salvar a cabeça daquelle Estado do Brazil, sem a qual provavelmente se perderia o corpo inteiro. « A cidade da Bahia, diz um nosso escriptor moderno, não estava em estado de sustentar um assedio;

O Padre Vieira prégando na Igreja de Santo Antonio da Bahia, celebra o Triunfo alcançado na defeza da mesma cidade.

a guarnição consistia em 1500 soldados e algumas companhias de milicias, as tropas de Pernambuco montavão a mil homens; e as fortificações e a artilheria estavão em máo estado. Não havia reserva de farinha, nem carne ou peixe salgado mais do que para o consummo daquelle dia. A desharmonia que havia entre os officiaes da guarnição e os de Pernambuco, que commandava o Conde Bagnuollo, occasionava grande insubordinação. O Governador do Estado Pedro da Silva, depois Conde de S. Lourenço, cedeo o commando da cidade, e da defesa áquelle general, este lisongeado desta prova de confiança fortificou sem demora o posto importante da Hermida de Santo Antonio a um tiro d'espingarda da cidade, e fez trabalhar de dia e de noite para restabelecer as antigas fortificações, que ali houvera. O inimigo saïo do Recife a 21 de Março daquelle dito anno com uma frota de 40 navios de differentes grandesas, e com 3 mil soldados, alèm da marinhagem, e de muitos Indios. A 20 d'Abril occupárão os Hollandezes um outeiro fronteiro á cidade, sem haverem experimentado até ali resistencia alguma, porque Bagnuollo pretendia, contra o voto e ardor dos Portuguezes, que se não devia arriscar acção no campo. A altura occupada por Nassau estava situada a tiro d'espingarda do reduto de S. Antonio: d'ali pôde dominar os fortes do Rosario, e o chamado d'Agoa dos Meninos que defendião a praia, os quaes se lhes rendêrão, assim como os de Monserrate, que o Hespanhol Aguirre entregou sem disparar um tiro, e o de S. Bartholomeu. Na noite do dia 21 tentou Nassau com 1500 soldados escolhidos apoderar-se do forte S. Antonio; mas esta tentada surpresa saïo-lhe mal, sendo repellidos com perda de 200 homens: os Portuguezes tiverão algum mortos, e entre elles alguns capitães.

No 1° de Maio em fim havia o inimigo assestadas suas baterias, que varrêrão todos os caminhos e

nos matárão algumas pessoas. Bagnuollo fez construir dous redutos á direita da Hermida de S. Antonio, e os guarneceo d'artilheria, os quaes deo ao Mestre de campo Luiz Barbalho, e a D. Antonio Felipe Camarão. O sargento mor Antonio de Freitas occupava um posto, que dominava as duas principaes avenidas da cidade. »

Assim continuou o inimigo suas operações despejando sobre os nossos redutos, e dentro da cidade mesma um chuveiro de bombas, sem que os sitiados desacorsoassem nem um só instante antes apresentando uma dedicação e bravura admiravel. Um dos officiaes que mais se destinguio nesta occasião por sua intrepidez e importantissimos serviços que fez, saïndo fóra varias vezes a metter mantimentos na cidade, e surprendendo muitas partidas do inimigo, foi o capitão Sebastião do Soutto, natural d'uma aldea do termo de Barcellos na provincia do Minho chamada Quintiaens. Este valente official ficou morto sobre as trincheiras, defendendo-as briosamente no assalto da noite de 18 de Maio que custou ao inimigo uma derrota completa. Eis como o mesmo escriptor que dissemos conta este successo. « A 16 e 17 tendo a artilheria hollandeza ferido e morto muitos dos nossos soldados, decidio-se o inimigo a investir o intrincheiramento de Santo Antonio. Começou o ataque ás 7 horas da tarde com 38 homens escolhidos que jurárão vencer. Conseguírão tomar o fosso, e nelle se intrincheirárão para atacar a porta. O combate então tornou-se encarniçado, todas a forças dos sitiadores se dirigírão á quelle ponto, e os sitiados lançárão sobre o inimigo uma chuva de granadas, de pedras e de grossos madeiros. Depois de tres horas de porfiado combate em que se destinguírão os regimentos dos Indios de Camarão, e os negros d'Henrique Dias, que o governador Pedro da Silva conduzia em pessoa á peleja, os Hollandezes forão obrigados a retirar-se deixando no campo de batalha 327

mortos, e muitissimos feridos : pedio Nassau licença para enterrar os mortos, propoz troca de prisioneiros, e no dia 28 toda a armada hollandeza dava á vela para Pernambuco abandonando sua artilheria, e a nossa dos fortes que havia rendido.

Os habitantes da Bahia, que tão honradamente tomárão parte na defesa da cidade, fizerão celebrar muitas festas religiosas em acção de graças pela victoria alcançada, e os Prégadores no pulpito acompanhárão com suas vozes o agradecimento universal ao Deus dos exercitos. Um daquelles que nesta memoravel conjunctura desprendeo aquella brilhante eloquencia sagrada, que poucos tem podido igualar, nenhum exceder, foi o famoso Padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, testemunha dos successos, sendo então de idade de 30 annos, Mestre de Theologia no collegio dos Jesuitas da mesma cidade. Nossos leitores se hão de compraser sem duvida d'achar aqui alguns periodos daquella brilhante oração, que elle prégou naquelle mesmo sitio em que pouco tempo antes se disputava a sorte da capital do Brazil, e talvez a do seu territorio todo inteiro : o mesmo sermão será igualmente um bom commentario daquelle grande acontecimento. Subindo ao pulpito, tendo por auditorio todos os cabos e officiaes maiores daquelle brilhante feito, e um numerosissimo concurso de cidadãos, e tomando por thema aquelle verso do 4° livro dos Reis no cap. 19 : « Protegam urbem hanc et salvabo eam propter me, et propter David servum meum, » disse : Este é o lugar onde por espaço de 40 dias e noites como o diluvio, sustentou a Bahia pósta em armas aquella furiosa tormenta de trovões, relampagos e raios marciaes com que a presumida hostilidade do inimigo, assim como tem em grande parte dominado os membros deste vastissimo Estado, assim se atreveo a vir combater, e quiz tambem conquistar a cabeça. E neste mesmo lugar (graças á Bondade e Providencia Divina) trocados os receos

em alegrias, as armas em galas, e a guerra em triumphos, vemos junta outra vez a mesma Bahia para render a Deus as devidas graças pela honrada e tão importante victoria, com que desenganado o inimigo occultou de noite a fugida, e de dia o vimos saïr tão humilhado a desairoso por onde tinha entrado orgulhoso e suberbo.

Determinára o inimigo conquistar a Bahia, e resolve d'arrancar primeiro de Sergipe d'El Rei as reliquias do exercito pernambucano que ali estavão alojadas, e constando de 1,200 soldados endurecidos em tantos trabalhos e campanhas, que erão os óssos da guerra, e por seu valor e experiencia merecedores de serem venerados como reliquias. Se Deus lhe não cerrára os olhos veria o inimigo no Leão Belgico com as suas settas todas juntas em uma mão, quão poderosas são as forças unidas para resistir. Mas não é cousa nova em Deus quando quer desbaratar os effeitos, corromper os conselhos. Arrancado de Sergipe aquelle fermoso trôço de soldados e cabos, a quem a fortuna adversa na sua roda tinha lavrado como fortissimos diamantes, e encorporados com os do nosso prezidio menos exercitados, mas não menos valerosos, alentada com esta segunda nova alma a Bahia logo ficou mais certa da victoria que receosa da guerra.

Erão horas do meio dia quando o inimigo appareceo em marcha no monte fronteiro a este, não havendo nelle outra prevenção de defensa mais que os vestigios d'uma trincheira rôta : e quando se presumia que passando adiante naquelle mesmo dia se sentenceasse o pleito em uma bem confusa batalha, subitamente vimos as bandeiras que vinhão tendidas, nem avançarem, nem fazerem alto, mas voltado o passo descião, e se escondião no valle. Se depois que estivemos fortificados envestio denodadamente as nossas trincheiras, e as pretendeo levar á escalla, e render-nos dentro della, agora

que nos acha descubertos e sem defensa por que em vez d'avançar se retira? Os fortes do Rosario e o Reduto d'Agoa dos Meninos que defendião a marinha nas raizes do monte, dominados de sitio superior occupado pelo inimigo, rebentada a artilheria lhe ficárão sujeitos. Cortados do mesmo modo os dous fortes de Monsérrate, e S. Bartholomeu com igual pressa se rendêrão. E quem não cuidára que quando praças fortes e artilhadas e prisidiadas espontaneamente se entregavão, só a trincheirinha de Santo Antonio arruinada e aberta, e quasi rasa com a terra, mostrasse espirito de resistencia? *Protegam urbem hanc.* É a Bahia a cidade do Salvador, cujo effeito é salvar; e nós com este nome de Salvador não só inclinamos e empenhamos, mas obrigamos a Deus a que nos salve, *salva nos Deus Salvator noster.*

Os tiros da artilheria inimiga que se contárão forão mais de 1,600, e chovendo a maior parte delles sobre a cidade que fazião? Uns caïão saltando e rodando furiosamente pelas ruas e praças: outros rompião as peredes, outros destroncavão os telhados, despedindo outras tantas balas quantas erão as pedras e as telhas: e foi cousa verdadeiramente milagrosa que a nenhuma pessoa matassem, nem ferissem, nem ainda tocassem; ao mesmo passo que as nossas colubrinas, que tambem jogavão por elevação desde as portas da Sé, caïndo no valle, onde o inimigo tinha assentado o seu arraial, matárão muitos dos hereges.

Chegou em fim a noite decretoria e fatal de 18 de Maio, em que acomettêrão a requestada trincheira 38 Hollandezes ajuramentados de a ganhar ou morrer, dos quaes muitos cumprírão a segunda parte do juramento, mas nenhum a primeira. E posto que depois forão soccorridos com todo o grosso

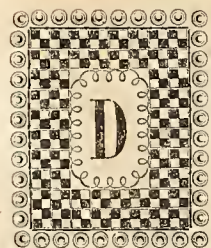
do exercito sendo ja na campanha aberta o que na trincheira era assalto, e durando a porfia do combate tres horas inteiras foi o successo tão desigual que elles sem escrupulo de prejuros em boa consciencia se retirárão vencidos. Os mesmos Hollandezes confessárão segundo o seu modo de contar que entre mortos e feridos perdêrão naquella noite 2,000.

Depois daquella fatal e filicissima noite se mudárão em ambos os arraiaes as ideas da guerra. Durante o sitio tomárão os inimigos um navio nosso de Lisboa, e nelle cartas, n'algumas das quaes como nunca faltão humores melancolicos, se dizia que lá se não fallava em armada, e por tanto a não esperassem tão cêdo. O inimigo mandou-nos estas cartas com notas, dizendo entendessemos que não seriamos soccorridos. Julgava que esta balla, era a que maior brécha podia abrir nos corações dos cercados : a resposta foi tão desassustada quanto discreta : « Quanto ás cartas que vossa senhoria nos envia respondemos ás que cá vierão com as que lá ficárão. » E assim era que muitas promettião armada, e auxilios.

Em fim desenganado levantou o inimigo o campo, e as esperanças de render-nos ; e nos deixou tudo o nosso, e parte do seu. Esta é a victoria que o Salvador da Bahia se dignou dar á sua cidade : *Protegam urbem* ; e a todo o Estado com ella.

Porèm no meio desta universal alegria não posso deixar de considerar algum remorso de dôr. A' vista dos bens alheos cresce o sentimento dos males proprios. E taes podem ser as memorias dos desterrados de Pernambuco (como as lembranças de Sião sobre os rios de Babilonia) vendo a Bahia defendida, e a sua patria, pela qual trabalhárão muito mais, em poder do inimigo. Servírão os filhos de

Pernambuco pela sua fermosa Rachel, pela sua Olinda, sette annos, ao cabo dos quaes não só a não recuperárão, mas a perdêrão de todo. Quererá Deus dar-lhes primeiro a Bahia como Irmã mais velha como Lia a Jacob, e depois lhes comprirá tão justos desejos, e os metterá de posse da sua tão amada patria. »

JOÃO FERNANDES VIEIRA, O RESTAURADOR DE PERNAMBUCO, REFUSA AS SOMMAS DE OURO COM QUE OS HOLLANDEZES PRETENDÈRÃO COMPRAR SUA HONRA.

Desde o anno de 1630 em que o honrado Mathias d'Albuquerque, cedendo á força maior, abandonou Olinda e Recife até ao de 1635 em que lhe derão successor e foi chamado ao Reino, se travou naquelle reconcavo de Pernambuco, assim como em quasi todas as capitanias daquella provincia uma luta porfiada e quasi continua, trabalhando os Hollandezes por extender a sua dominação, e Albuquerque com os briosos habitantes, e poucos soldados que da Bahia lhe mandárão, forcejando por impedir-lhes o passo. Guardados aquelles dentro de pequeno recinto á roda da cidade capital pelas acertadas disposições do governador portu-

Lith. de Kaeppelin.

João Fernandes Vieira recusa o ouro com o qual os Hollandezes pretenderão comprar sua honra.

guez, que deixámos atrás referidas, divergírão para os lados, e como tinhão os mares abertos mandavão de continuo expedições pareiaes que, saltando em terra, tomavão os pontos desapereebidos, e levantavão logo fortes e redutos, á sombra dos quaes se mantivessem. Por este meio se senhoreárão da Ilha d'Itamaraeá, e do Rio grande do Norte, saqueárão a villa de Santo Amaro, e trazião os defensores do eampo do Arraial em eontinuas, e penosas eorrerias para aeudirem a estes assaltos de que os inimigos tinhão a eseolha. Mas a guerra prolongava-se eom rara obstinação, e os successos erão variados para ambas as partes. A companhia quiz dar golpe dicisivo, e em 1634 uma grossa armada eom o general Sigismundo Vanscop, Hollandez de grande reputação na Europa, encarregado da conquista da totalidade da provineia de Pernambuco, desembarcou um poderoso soccoro de gente e munições no Reeife. Começou este por distrahir a attenção dos nossos, forçando-os a dessiminar suas forças : enviárão uma divisão da sua armada eom gente de guerra á Paraiba, estabeleeêrão-se nas fortalezas da Nasareth, e outra que levantárão naquelle primeiro ponto, e o governador Antonio d'Albuquerque vio-se obrigado a evaeuar a capitania queimando os navios portuguezes que se achavão no porto, e retirando-se com a maior parte dos habitantes para o Arraial diante de Pernambueo. Tentou então Mathias d'Albuquerque uma façanha que faz muito honra á sua bravura, e deeisão : quiz aproveitar-se da auseneia d'uma parte das forças do inimigo na expedição sobredita, e n'uma noite atacou o Recife com rara entrepidez : um dos eorpos do ataque ehegou a veneer o reduto, e a penetrar na eidade, mas os outros eorpos forão presintidos antes de tempo, o inimigo toeou a l'arma, e a tentativa falhou. Reunidas todas as forças euidou então o inimigo em ataear o coração da linha da nossa defesa, e neste mesmo anno de 1634 poz cerco á fortaleza do Arraial. Havia Mathias d'Albuquerque tomado

as disposições todas possiveis nas circonstancias difficeis em que se achava; entregou a fortaleza a André Marim, bravo official, reforçou todas as estancias, e cometteo a João Fernandes Vieira, môço de vinte dous annos, mas dotado ja daquelle ardor cavalleiroso, que logo mostraremos, a companhia de batedores e descubridores do campo, para vigiar as marchas, e movimentos do inimigo e dar-lhe rebate onde conviesse: Vieira tinha debaixo do seu commando outros nobres mancebos aventureiros, e destemidos, que servião do coração. Com estes mesmos bravos havia o mesmo Vieira perseguido ja os inimigos quando havendo atacado o Arraial, e sendo repellidos se recolhião destroçados ao Recife. Porèm desta vez não obrava da mesma sorte o inimigo; ja não era uma tentativa aventurosa, era um cerco formal, conduzido com todos os aprestos necessarios, e sustentado com tropas numerosas e aguerridas. Defendeo-se briosamente André Marim, mas meia destruida a fortaleza pelas bombas do inimigo, e não ousando Mathias d'Albuquerque arriscar uma batalha geral, perdeo-se o fruto de quatro annos de trabalho na formidavel e extensa linha de circumvalação a Pernambuco; a fortaleza capitulou, Albuquerque retirou-se com o exercito e gente que o quiz seguir para a Alagoa, abandonado assim ao inimigo não só o reconcavo, mas o interior da provincia, para o qual ficavão aos Hollandezes abertas todas as portas. João Fernandes Vieira que andava correndo as estancias, e observando e hostilizando o inimigo quando se perdeo o campo (que as Historias denominão do Bom Jesus), depois de ter feito tudo quanto se podia esperar do seu animo, metteo-se na fortaleza, e foi feito prisioneiro, resgatando-se depois a peso de ouro: porque os Hollandezes, fieis á sua profissão favorita, usárão muito d'aquelle estilo de enriquecer a companhia tirando forças aos seus adversarios.

Em 1635 a côrte de Madrid, assustada com a nova da perda do campo do Bom Jesus, mandou uma

frota a Pernambuco com um soccorro de dous mil Portuguezes e Castelhanos, e poderes amplissimos dados a D. Francisco de Roxas, commandante em chefe das forças de mar e terra na provincia. Mathias d'Albuquerque, segundo o estilo praticado com os generaes infelizes, foi chamado ao Reino, e nomeado em seu lugar o Conde de Bagnuollo, Italiano que de tempos atrás viera ao Brazil commandando dous regimentos da sua mesma nação ao serviço de Castella. Desembarcou Roxas sua gente no sitio chamado Geroaga, perto do Cabo de Santo Agostinho, e reunindo ahi as forças de Rebellinho e Camarão, que podérão juntar-se-lhe, apresentou batalha aos Hollandezes capitaneados por Sigismundo em pessoa. D. Francisco de Roxas, fidalgo de honra, e bravura igual a seu illustre nome, atacou os Hollandezes com extraordinario impeto e valor, e começavão estes ja a fraquear, quando uma balla estendeo morto o general portuguez, e com a sua queda se perdeo uma victoria quasi ganhada. O resto do nosso exercito, cuberto pelos bravos Rebellindo e Camarão, se retirou para o interior, e a sorte da provincia de Pernambuco ficou então addiada para a causa do paiz indefinidamente. O Conde de Bagnuollo foi para a Alagoa.

Soube o inimigo aproveitar-se da sua fortuna fazendo invasão na Guiana, onde o Camarão lhe disputou bravamente o paiz : porèm lutando com um punhado de seus Indios contra maiores forças fez evacuar a povoação do paiz, que em numero de 1600 pessoas conduzio ao Porto Calvo. F. Raphael de Jesus conta scenas lastimozas desta emigração forçada dos pobres naturaes assaltados de dia e de noite por um inimigo encarniçado : entre outros é espantoso o horrendo caso d'uma pobre mulher Indiana que ia fugindo pelo mato com dous filhinhos nos braços, os quaes ella n'um delirio de terror

afogou por suas maõs para a não descubrirem pelo chôro que fazião. Era ella perseguida de perto pelos ferozes Caboucolos, alliados dos Hollandezes.

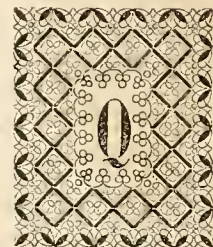
Depois da perda do Campo do Bom Jesus, e da infeliz batalha da Matta redonda em que pereceo D. Francisco de Roxas, razão havia para desesperar da restauração de Pernambuco. D'um lado a fraqueza da Côrte de Madrid, que não dava á conservação do Brazil a importancia que devia ter, e do outro o augmento progressivo das forças hollandezas não davão lugar a conceber esperança alguma bem fundada. Em 1687 a companhia geral assentou era chegado o tempo de levar ávante seus projectos da conquista inteira do Brazil, e mandou com grande armada Mauricio, Conde de Nassau, o mais acreditado e illustre de seus generaes : este começou por dispersar os nossos depois de tres dias successivos de combates em Porto Calvo, que era então o ponto mais avançado da nossa dominação ainda dentro da provincia de Pernambuco, e o Conde de Bagnuollo, que desta vez se portou briosamente, retirou-se inteiramente do seu governo, e foi procurar refugio na Bahia, deixando apenas alguns corpos guarnecendo o rio S. Francisco, limite da provincia. Em 1638 Nassau saïo do Recife com 31 náos, desembarcou proximo da Bahia, propondo-se a tomar a cabeça do estado do Brazil. Mas ahi se achavão bravos e honrados militares que repellem seus ataques causando-lhe grande perda, e a estrella de Nassau foi desta vez eclipsada : os Hollandezes batidos reembarcão-se. Era governador do Estado Pedro da Silva, d'alcunha o Mole, general Pedro Correa da Gama, e principaes commandantes dos corpos André Vidal de Negreiros, Rebellinho, Camarão, Henrique Dias, e o Conde de Bagnuollo. No tractado antecedente ficou descripta esta defesa.

Nos annos seguintes de 1638 e de 1639 não melhorou a guerra d'aspecto. O Conde da Torre, D. Fernando Mascarenhas, mandado com uma armada resgatar Pernambuco, perdeo um tempo precioso demorando-se um anno na Bahia, tendo apenas lançado nas costas de Pernambuco alguns corpos de patriotas que fazião guerra de surpreza e de postos ao modo de guerrilhas. O Marquez de Montalvão, D. Jorge Mascarenhas, Vice-Rei do Brazil, é adormentado por embaixadas e propostas de treguas que lhe enviava o Conde de Nassau, e assim estava tudo quando a mais feliz e briosa de todas as revoluções a do 1° de Dezembro de 1640 veio retumbar no Brazil. Foi o Vice-Rei do estado um dos primeiros a reconhecer a Soberania de Bragança, e todo o Brazil (só com a pequena e temporaria excepção dos habitantes de S. Paulo) que não gemia debaixo do jugo hollandez, proclamou a independencia nacional e quebrou os ferros de Castella.

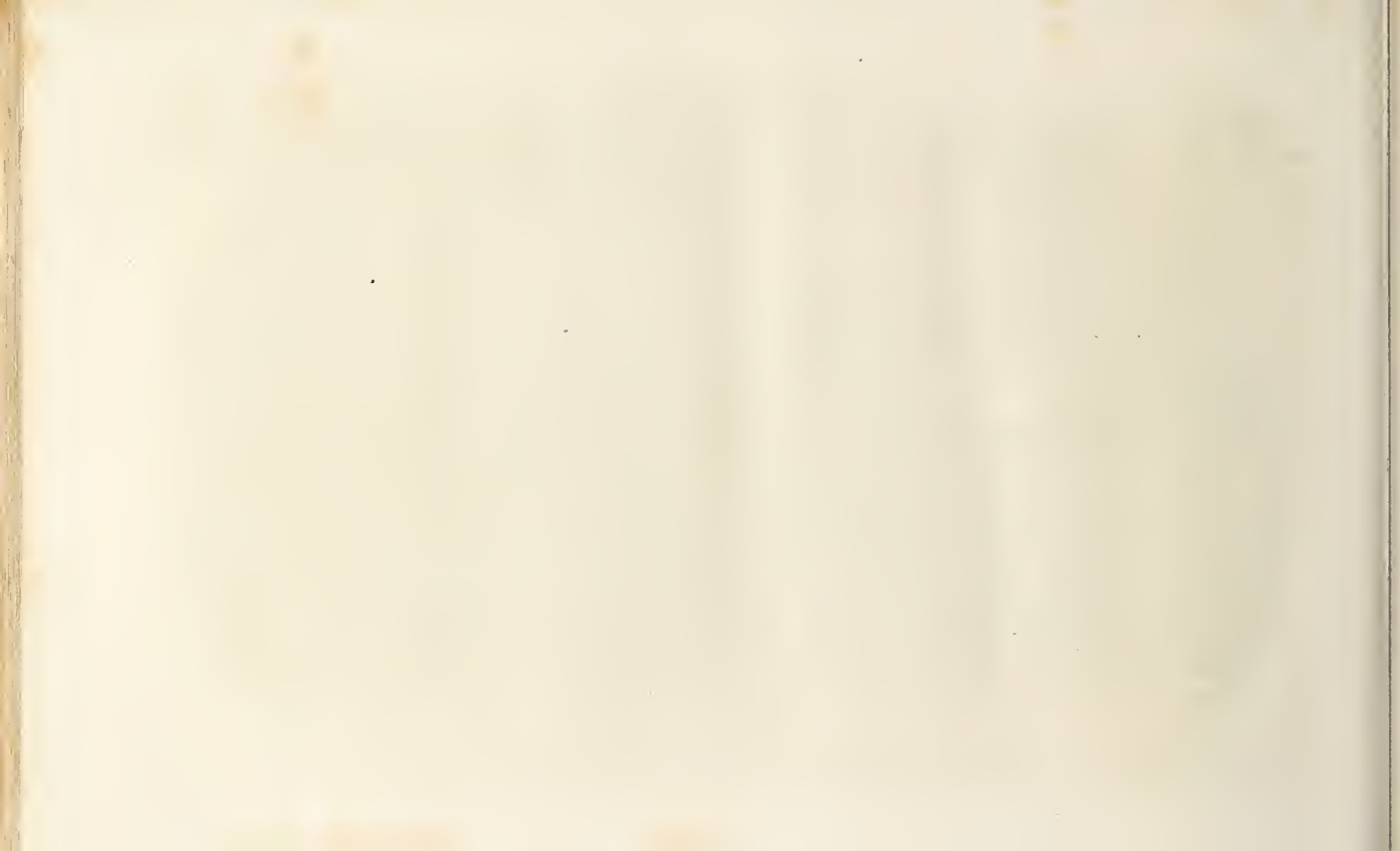
El Rei D. João IV com habil e forçosa politica tratou de ligar-se com os Estados d'Hollanda, sempre hostis ao Castelhano, para defender-se melhor d'este em Portugal : e depois de muitas difficuldades vencidas celebrou o Tratado de tregua com as Provincias-Unidas dos Paizes Baixos assignado na Haya em 12 de Junho de 1641. Este tractado ligava naturalmente as mãos dos defensores do Brazil; mas as perfidias dos Hollandezes dispensárão os escrupulos, porque aquelles só appellidavão a tregua para não serem inquitados no que ja disfrutavão, e solapadamente, e com mil frivolos e estudados pretextos ião tomando as possessões portuguezas não só no Brazil, mas na Africa, e na India. Antonio Telles governador e capitão general do Brazil, o primeiro enviado depois da restauração, chegou á Bahia neste mesmo anno 1641, e suas instrucções não podião ser outras que as de imitar a politica punica de Nassau, affectar a paz, e fomentar a insurreição contra os Hollandezes.

Neste estado se achavão os negocios quando as vozes do patriotismo chegando ao Recife calárão no peito do João Fernandes Vieira, e dando rebates naquelle coração magnanimo lhe suscitárão a grande idéa de resgatar Pernambuco. Recolhido no Recife desde a perda do Campo do Bom Jesus havia convertido a força e actividade do seu espirito para a industria, e para o commercio, e n'um periodo de dés annos havia adquirido grandes riquezas, que o servírão maravilhosamente na grande empreza que meditava, e executou. Seu tino admiravel para as transacções mercantis, seu conselho, a superioridade em fim de sua capacidade o fizerão estimar dos Hollandezes mesmo, chegando a ser correspondente, e agente de negocios d'um dos membros do conselho supremo. Com taes predicados e experiencias conhecia a fundo os segredos todos da administração da provincia, e os recursos dos seus oppressores. O Conde de Nassau, depois de governar com muita sabedoria Pernambuco por oito annos, saïo para a Europa, e este incidente servio grandemente as vistas de Vieira. Começou este a pôr em acção o fruto de suas meditações em 1644 : a fortuna parecia favorecer sua empreza, porque nesse mesmo anno teve occasião de conferir com André Vidal de Negreiros, governador do Maranhão, e F. Ignacio, Monge Beneditino, que vierão ao Recife a titulo de visitar amigos e parentes; e encontrou nelles appoio e conformidade de vistas: por elles escreveo ao governador do Estado Antonio Telles da Silva, escreveo a El Rei D. João IV pedindo-lhe licença para resgatar o paiz, e dizendo a este « que não havia paz nem tregua com os usurpadores e oppressores da patria, que tiranisavão os naturaes, e invadião os dominios portuguezes com clara e revoltante perfidia. » Convocou igualmente os dous chefes d'Indios, e Negros, Camarão e Henrique Dias que andavão no mais remoto da provincia. D'antemão foi juntando armas e provisões nas fazendas e engenhos que possuia no recon-

cavo : e ahi, convidando os seus amigos e pessoas principaes, lhes descubrio seus intentos com aquella energia e decisão do seu caracter. Muitos approvárão, outros dissimulárão; mas o conselho de Pernambuco foi logo informado da conspiração. Procurou este atrahil-o ao Recife industriosamente; porèm Vieira soube illudir seus artificios, e pondo-se em cautella se occultava de fazenda em fazenda, d'engenho em engenho, sempre nas vizinhanças da cidade. Indispensavel era marchar ávante, e romper abertamente com os Hollandezes, que ja começavão a prender as pessoas que lhes parecião suspeitas. O governador do Estado Antonio Telles não só approvou o projecto do Vieira, porèm mandou-lhe alguns officiaes de grande coração, e 60 soldados desarmados para melhor atravessarem o paiz, e foi com estes, e com uma duzia d'amigos, honrados patriotas do Recife e do reconcavo, e com seus criados e os daquelles, que, em dia de Santo Antonio 13 de Junho de 1645, Vieira levantou o pendão da liberdade de Pernambuco. Informados os tres do conselho supremo na cidade pusérão em acção todos os meios para suffocar a chama, e entre os arbitrios que tomárão foi o de mandar offerecer a Vieira por dous Portuguezes ao seu serviço (os quaes não queremos aqui nomear) uma forte somma d'ouro, com outras lisongeiras propostas d'engrandecimento, para desarmar o começado, e sujeitar-se á antiga pacificação. O brioso Vieira tratou bem os emissarios, exagerou-lhe seus recursos, e preparativos, e com semblante desassombrado lhes deo em resposta : « Dizei aos do conselho que não ha ouro no mundo que possa compensar-me a gloria de destruir os tirannos do meu paiz. »

BATALHA DAS TABÓCAS GANHADA POR JOÃO FERNANDES VIEIRA. D. ANTONIO FELIPE (O CAMARÃO) COM O SEU TERÇO D'INDIOS E DUZENTOS TAPUYAS AUXILIARES DERROTA OS HOLLANDEZES NA BATALHA DO TABOCAL, JUNTO A' PARAIBA.

QUANDO se considerão os pequenos meios com que João Fernandes Vieira emprehendeo lutar contra o poder colossal dos Hollandezes, e as contrariedadades de todo o genero que o cercárão no desenvolvimento, e execução de sua empreza, não póde deixar de subscrever-se á exclamação de F. Rafael de Jesus, quando diz : « Que a Providencia o havia criado para grande homem! » Trahido na sua confiança pelos seus amigos mesmo, desamparado dos auxilios do Governo portuguez, cuja politica era manter a tregua por causa da guerra dos Castelhanos em Portugal, mal ajudado do Governador do Estado do Brazil, que ao menos apparen-

Lith. de Kaeppelin.

Batalha das Tabocas ganhada por João Fernandes Vieira e o Camarão contra os Hollandezes.

temente devia guiar-se por aquella politica, sem tropas algumas disciplinadas, sem artilheria, com poucas armas de fogo, lutando sempre contra a cobardia, e inconstancia de muitos que calculão os successos pelos meios materiaes que costumão alcançál-os; sua cabeça posta a preço; cercado d'assassinos, e espiões; necessario era em verdade que a alma d'este homem fosse de têmpera privilegiada para resistir e manter-se firme no meio de tal tempestade. Confrontando as acções d'este grande Portuguez achamos-lhe uma grande conformidade com o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, de quem foi a copia no caracter, e o imitador no proceder : o grande movel de suas acções era a honra, e amor da Patria; mas honra e patriotissimo do homem christão, e religioso que tudo refere a Deus, origem e fonte de toda a prosperidade, e unico poderoso conforto nas difficuldades e infortunios da vida. Vejamos n'algumas de suas acções (porque enumerál-as todas foi objecto d'um grosso volume que os Leitores podem consultar na obra *Castrioto Lusitano*) o como elle soube, guiado do seu genio e da força de suas convicções, levar ao cabo sua vasta empreza, infiltrando nos seus companheiros de gloria uma faisca do seu proprio fogo patriotico.

Depois que Vieira houve tomado suas medidas, como deixámos referido, chamando Henrique Dias e Camarão, em quanto dava tempo á marcha que estes devião fazer; andando de matta em matta escondido das pesquizas e assaltos dos Hollandezes, sabedores de seus projectos, teve em fim noticia, em 7 de Junho do anno de 1635, que os dous bravos caudilhos se havião posto a caminho e havião passado o rio de S. Francisco. Resolveo então Vieira saïr a campo, e havendo concertado com o seu amigo Vigario da Varzea Francisco da Cotta Falcão, finissimo Portuguez, mandou convocar os patriotas do reconcavo para o engenho de Luiz Bras Bezerra, homem principal e de inteira confiança para com

elles accordar e que devia obrar-se. Nós sintimos um grande prazer em consignar aqui os seus nomes como os refere F. Rafael de Jesus. Forão os que concorrêrão a esta famosa assemblea, pequena no numero das pessoas, mas muito grande no seu objecto os seguintes : Francisco Berenger d'Andrade, sogro de Vieira, Antonio Bezerra, o Capitão Antonio Borges Ochoa, Francisco de Faria, Antonio da Silva, Capitão de cavallos, o Capitão Antonio Carneiro Falcão, Bernardim de Carvalho, Cosme de Castro Pessoa, Manoel Cavalcante, Antonio Cavalcante (com seus dous filhos), o Capitão João Nunes Victoria (com alguma gente armada d'espingardas), João Cordeiro de Mendanha, Alvaro Teixeira, e Amaro Lopes Madureira, que depois foi Capitão, não faltando ahi Diogo da Silva, secretario do Vieira. Propoz este o que lhe parecia na materia; a necessidade de prevenir o inimigo nas perseguições que ja fazia, descuberta a conjuração; a proxima chegada d'Henrique Dias e Camarão, e a cooperação que terião nos patriotas todos da provincia que ali se não achavão, mas aos quaes havia ja disposto. Em lugar de perderem tempo em inuteis discursos respondêrão todos conformes *estavão promptos a o seguir; que ja o havião proclamado seu Governador das armas, e General da liberdade; que por tanto mandasse e disposesse elle tudo o que conviesse áquella empreza, em que porião suas vidas.*

Tres dias se demorárão neste lugar, em os quaes se lhes foi aggregando a gente que chamárão das roças e fazendas, sendo a maior parte do mesmo Vieira, com alguns escravos Minas e Angolas todos armados, aos quaes se prometteo liberdade. Formavão ao todo 130 homens, e com este corpo d'exercito forão procurar sitio accommodado a seu acampamento, que achárão a meia legua da Varzea n'um teso cercado de alagadiços chamado Camaragibe. Ahi mandou Vieira deitar bando, que espalhou pelas freguezias do reconcavo, chamando ás armas; e não foi em vão, porque os povos alvoroçados

entrárão de correr ás casas dos Hollandezes e Judeos, que despojavão por ensaio d'hostilidades, armando-se muitos com as armas que ahi topavão. Por todo o contorno do Arrecife se tocava a rebate, e o estrondo da guerra, e a formidavel voz do temor servio a encadear neste primeiro momento a repressão do inimigo. Não só do interior da provincia, porèm do Arrecife mesmo, muitos abandonavão as mulheres e os filhos para correr ao acampamento.

João Fernandes Vieira havia talhado d'antemão com a sabedoria e sagacidade proprias do seu grande espirito uma medida que produzio admiravel effeito : tinha enviado Patentes de Capitães commandantes a todas as pessoas influentes, que nas diversas povoações da provincia podião ajudar a empreza por meio d'um concurso simultaneo : e este engôdo lisongeiro atrahio á boa causa alguns daquelles mesmos, que achando-se no meio de forças hollandezas, menos possibilidade tinhão de alistar-se e trabalhar descubertamente. Aqui tambem nos pareceo justo transcrever seus nomes, afim de que se ramifique e propague cada vez mais a memoria destes Portuguezes honrados (1), e para que seus descendentes hoje recolhão a gloria e o exemplo de seus briosos progenitores. Eis aqui a Lista que F. Rafael fez destes homens. « Capitães nomeados por Vieira : em Ipojuca Amador d'Araujo, e Thomé Teixeira : no cabo de Santo Agostinho, Antonio de Castro, João Paes Cabral, e João Gomes de Mello : na Moribeca, João Soares d'Albuquerque, e seu irmão João Leitão d'Alubquerque : em Iguaraçu

(1) Fique-se intendendo d'uma vez para todas, que nesta historia da restauração do Brazil, quando dizemos Portuguezes, comprehendemos os Brazileiros, que o erão tanto como os outros, embora estabelecidos ou nascidos naquella colonia : uns e outros mostrárão honrados brios, e a todos cabe a gloria e louvor que lhes corresponde.

João Lourenço Francez, e Manoel Pereira Côrtereal : em Serinhaem Alvaro Fragoso d'Albuquerque : na Goiana Gonçalo Cabral, e Estevão Fernandes : na Paraiba Francisco Gomes Moniz, e Lopo Currado Garro : em S. Lourenço Manoel Soares Robles, Cosme do Rego, João Nunes da Matta, e Simão de Figueiredo, o qual depois de militar muitos annos se ordenou : na Varzea Francisco Berenger d'Andrada, Antonio Bezerra, João Nunes Victoria, Antonio Borges, e Antonio da Silva, Capitão de cavallos : Em Sant-Amaro Thomé da Costa : no Porto Calvo Cristovão Lins : no Rio de S. Francisco Valentim da Rocha. Todos estes em tempo competente se apresantárão com sua gente, como homens fieis e leaes ao seu paiz. Não deveremos passar aqui em silencio o bravo Capitão Antonio Dias Cardozo, e seus dous subalternos Paulo Veloso, e Antonio Gomes Taborda, que desde o começo forão escondidamente da Bahia enviados a Vieira para o servir na empreza, e que soffrêrão com grande constancia o homizio e perseguições do Hollandez, empenhado em havêl-os á mão, os quaes depois servírão com muita honra e utilidade.

Furiosos os do Conselho supremo com o levantamento do reconcavo publicárão um bando com ameaças terriveis aos que communicassem com os que chamavão revoltosos, promettendo perdão aos que se submettessem, excepto os cabeças. Respondeo Vieira com outro cartel, assignando premios e recompensas aos que se lhe unissem, e annunciando sua proxima entrada no Recife. Assistido ja de maior numero de gente marchou a occupar pôsto militar, e se alojar no monte das Tabocas em Julho seguinte, sitio asado para receber o inimigo, a nove leguas ao Poente da cidade. A natureza parece tinha talhado aquelle ponto para o intento; porque era sobranceiro, e povoado todo de grossos

canaveaes que o mascarávão de todos os lados, dando lugar a embuscadas contra os que viessem atacál-o; ahi havia uma Hermida chamada de Santo Antonio.

Em 3 d'Agosto logo adiante appareceo o inimigo com todas as suas forças confiado na sua disciplina, e pratica da guerra, pensando achar, como assim era, na bisonhisse e inexperiencia de paizanos mal armados um facil triumpho. Erão commandantes Henrique Hus e João Blar, antigos officiaes de grande credito entre elles, e trazião mil e quinhentos soldados escolhidos, e uma multidão de Indios, a maior parte mosqueteiros, outros frecheiros, o que lhes dobrava o numero dos combatentes. Vieira depois d'animar os seus com uma falla, em que o valor e alacridade de sua alma brilhava com maior eloquencia do que a compostura da frase, deo aquellas disposições que o seu tacto fino, e justo havia meditado e achado : dispoz tres emboscadas na planicie, por onde o inimigo devia passar segundo o rumo que trazia; dispotas de modo que umas cobrissem as outras : e mandou o Capitão Fagundes observar o váo do rio Tapicurá que os Hollandezes devião passar. Este bravo official recebeo o inimigo d'entre o arvoredo com uma descarga de fusilaria, e por muito tempo o suspendeo naquelle ponto com admiravel audacia; até que sendo carregado fortemente veio unir-se á primeria emboscada. Esta e as demais fizerão galhardamente seu officio, e o inimigo aturdido e sangrado fez alto, e por um movimento de flanco avançou ao centro da povoção das Tabocas : tornou-se então geral o conflicto que durou algum tempo com grande encarniçamento. João Fernandes Vieira quiz arrojar-se ao meio do inimigo, mas foi suspendido pelos seus : os Capitães Taborda e Paes Cabral, com suas companhias desordenárão por vezes os esquadrões do inimigo, que em fim se poz em retirada. No mais agro do combate não cessárão os Padres F. João da Resurreição, e Simão de Figueiredo de

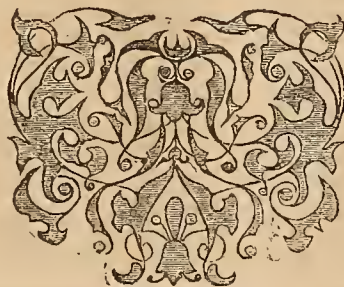
fazer destemidamente seu officio andando entre os soldados prégando, animando, e absolvendo os que caïão feridos. O Sargento mór Dias Cardozo commandava e combatia com incrivel valor e sangue frio. O inimigo por quatro vezes recuou e avançou á posição : da ultima Vieira desceo do monte á testa d'um magote de bravos, prometteo levantar ali um templo á Virgem santissima com a invocação de Nossa Senhora do Desterro, se ella os ajudasse a triumphar d'aquelles hereges, e carregou o inimigo com furia tal, que este voltando costas só poude tornar ao Recife protegido pela noite. O que as memorias contemporaneas contão das forças dos Portuguezes torna esta victoria uma das mais famosas de nossos fastos : toda a gente de Vieira se cifrava com mil e tresentos homens, dos quaes cem erão escravos e Indios : as armas de fogo não passavão de 20 , e ainda estas de diverso calibre, e a maior parte caçadeiras : todo o resto erão piques, espadas, e páos tostados : dos Portuguezes o numero dos mortos forão 28, entre elles os Capitães Francisco da Costa, Martim Machado, Jeronimo da Cunha e João Paes Cabral, e o Alferes João de Matos : o combate durou cinco horas inteiras, e neste tempo cada uma das espingardas portuguezas disparou 50 tiros : o inimigo perdeo mil e cem homens.

Depois desta quasi miraculosa victoria appareceo na costa a Armada de Salvador Correa, que da Bahia trazia a Vieira um bom reforço, e com elle o famoso patriota Andre Vidal de Negreiros, Mestre de Campo, e Martim Soares : desembarcárão em Serinhaem, e chegárão a proposito para salvarem João d'Albuquerque que ahi se achava cerrado pelo inimigo. Marchou logo o jubiloso Vieira ao seu encontro; ao mesmo tempo que chegavão ao seu campo os dous bravos caudilhos Camarão e Henrique Dias. A fortuna com estes favores como se comprasia em prestar homenagem

ao heroico patriotismo do grande Vieira. Este e Negreiros partilhárão d'ali por diante com uma fina e nunca interrompida amizade e rara concordia os cuidados e trabalhos da campanha, bem como dividírão entre os dous as glorias do triumpho final que não tardou muito, como veremos depois.

Em quanto estes dous briosos generaes conferião sobre o modo de libertar a provincia, chegárão-lhes novas que o inimigo havia marchado a Cunhaú, e ameaçava invadir o Rio grande e a Paraiba; comettendo inauditos estragos e roubos para fornecer o Arrecife. Destacárão para ali Antonio Felipe Carmarão, ao qual Felipe IV de Castella, por serviços relevantes em tempo de Mathias d'Albuquerque, lhe dera o Habito da ordem de Christo, e o titulo de Dom, e a patente de general dos Indios (1). Partio este com o Terço dos seus Indigenas, com 200 Tapuias axiliares que trouxera do Rio de S. Francisco, e as companhias dos Capitães João Baptista Pinto, João de Magalhães, e Antonio Jacome Bezerra, ao todo 600 combatentes. Apenas chegado o Camarão á Paraiba ahi o vai buscar o inimigo : fortifica-se aquelle n'um denso Tabocal junto ao Rio Cunhaú, e dispõe sua gente para o combate. Avançou soberbo o Hollandez á trincheira, mas encontrou ahi a resolução e pericia do Camarão, que havia

(1) Era um chefe de Indios selvagens chamado Poty (Camarão), que muito se affeiçoou dos Portuguezes, com os quaes tinha paz e amizade, e com cujo trato adquirio alguma politica e cultura : era homem de grande coração, e afamado guerreiro entre as Tribus indigenas. Quando os Hollandezes tomárão Olinda e Recife, se offereceo a Mathias d'Albuquerque para o ajudar, e se lhe veio reunir ao campo do Arraial. Este e muitos outros serviços lhe merecêrão as distincções que lhe conferio a côrte de Madrid, e a de Lisboa.

prescripto a maneira da defesa desta sorte : « Mandou carregar os mosquetes de bala miuda; e os atiradores ordenados em fileiras : tanto que a primeira disparava, tomava o lugar da ultima, dando tempo a que atirasse a segunda : esta seguia o estilo da primeira, e a terceira a da segunda, de sorte que em um giro continuo não davão intervalo, nem tregua ao inimigo. Desesperado este mettia novos soldados na sua linha assaltante, que loucos se arremessavão aos nossos á queima roupa, e soffrendo horroroso estrago. Por ultimo o inimigo disistio do empenho e retirou-se, deixando no campo 115 mortos. O valeroso Camarão, tão devoto quanto bellicoso, gastou muitas horas àntes do conflicto, diz F. Rafael de Jesus, em oração a Deus, e saïo della com o semblante da victoria, que foi fiel á sua fé, da mesma sorte que a Nuno Alvarez Pereira na batalha de Valverde. »

Lith. de Kaeppelin

Batalha dos Guararapes ganhada contra os Hollandezes por Joaõ Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros.

BATALHA DOS GUARARAPES : AFONSO RODRIGUES, SARGENTO DO TERÇO DE JOÃO FERNANDES VIEIRA, TOMA O ESTANDARTE GENERAL DOS HOLLANDEZES, E A VICTORIA SE DECLARA PELOS PORTUGUEZES.

Os progressos das armas portuguezas no reconcavo de Pernambuco, que deixámos referidos, forão despertar em Amesterdão a sollicitude e os esforços da companhia principalmente interessada na conservação da sua conquista. Para contrabalançar a fortuna e o valor dos dous cabos portuguezes, João Fernandes Vieira e Andre Vidal de Negreiros, que apertavão os seus estabelecimentos em todos os pontos de sua dominação, e ameaçavão o centro delles em Pernambuco, mandárão novamente para commandar as armas da companhia o famoso Sigismundo Vanescop, com frota bem guarnecida de soldados que tomárão a seu soldo,

Francezes, Allemães, Polacos, Suecos, Hungaros, e d'outras nações, com os quaes chegou ao Recife em 20 de Julho de 1646, em numero de 4 mil infantes. Mandou com elle a companhia um de seus membros Jacob Estacourt para fiscalisar a diligencia e zelo do general, e mais officiaes, e aprompTar-lhes o necessario para as operações da campanha.

A armada hollandeza havia tocado no territorio da Bahia, e o general hollandez, aproveitando-se de sua superioridade, fez construir á pressa uma especie de fortaleza composta de quatro redutos no sitio da Taparica, onde deixou guarnição e artilheria sufficiente. De modo que as cousas então se equilibrárão de maneira que parecião volver ao estado de susto e oppressão, que affligio o Brazil no tempo da dominação castelhana.

Foi nesta occasião que posto no maior cuidado e torvação El Rei D. João IV, não tendo meios com que acudir á Bahia, encontrou no zelo, e grande alma do Padre Antonio Vieira, os recursos que não achavão os conselheiros do Soberano : e o Jesuita patriota *com a sua sotana remendada* lhe levou por mão d'um negociante seu amigo 300 mil cruzados emprestados, com que se armou a esquadra, que salvou a Bahia, commandada pelo Conde de Villa Pouca Antonio Telles.

Os dous governadores Vieira e Negreiros, que presenceárão a chegada e desembarque do poderoso reforço de Sigismundo Vanescop, tratárão de reunir todas as forças disseminadas; e as partidas que andavão na Paraiba, na Goiana, e Rio grande tiverão ordem de voltar ao reconcavo. Obedecêrão todos os commandantes a esta cruel necessidade, abandonando forçosamente o que com tanto trabalho, e fadigas lhes custára a ganhar e defender; e forão juntar-se ao corpo d'exercito principal em Pernambuco. Mas as forças erão então desiguaes : a longa e extensa linha do campo portuguez diante

do Recife dava aso a que o inimigo escolhendo o ponto d'ataque a rompesse com vantagem, e os dous bravos governadores Vieira e Negreiros tiverão de passar pelo custoso sacrificio de largar uma posição tão sabiamente escolhida quanto briosamente sustentada. Levantárão o campo, e se dispusérão a uma campanha activa, e acudir onde quer que o inimigo dirigisse seus tiros. Em o anno seguinte, 1647, augmentou-se ainda o poder dos Hollandezes chegando-lhe da Europa nova frota e soccorros novos : vinha nella o presidente da companhia em pessoa Vangoeh, e trazia para Sigismundo a patente de Marechal general. A estas formidaveis demonstrações juntou o inimigo outras filhas da sua politica; publicou perdão geral, e escreveo aos Cabos do exercito portuguez com palavras de seducção, e de brandura, de desengano, e d'ameaças segundo estes regulassem sua conduta. As respostas erão faceis de prever a quem por tão repetidas experiencias havia provado a honra daquelles briosos guerreiros, que com effeito respondêrão com o pondonor custumado. Os Leitores que quizerem vê-las podem consultar a obra Castrioto Lusitano (ultima Edição de Pariz, publicada por J. P. Aillaud, em 1842); entre as quaes é mui curiosa a do Camarão, e não menos a d'Henrique-Dias, que nella assigna « o governador dos Negros. »

Estavão as cousas neste estado quando chegava ao campo portuguez um homem cuja presença e destinação podia ser com grande contratempo, e occasião de descorçoamento e divisão entre os nossos, se o patriotismo heroico não fosse capaz de vencer todas as demais affeições e sentimentos, mesmo o do pondonor, e d'um arazoado amor da propria reputação. Appareceo, dizemos, com cargo de Mestre de campo general, e por conseguinte commandante em chefe superior a todos, Francisco Barreto de Menezes, mandado de Lisboa para aquelle effeito. Resignárão cavalheiramente o mando os dous

governadores, e ficárão com a mesma vontade, e coração obedecendo ao novo chefe, cada um delles encarregado d'uma divisão do exercito composta de gente sua d'elles. Mas quiz Deus que Francisco Barreto era um fidalgo de muita honra e bom entendimento, e tratou, e ouvio sempre aquelles dous grandes homens como os seus melhores guias e conselheiros.

Em Abril de 1668 saïo o inimigo a campo com todas as suas forças, e marchou em procura dos nossos. Estes por direcção de João Fernandes Vieira, que conhecia todo o reconditodo paiz, tomárão posição nos Montes Guararapes, e resolvêrão esperar ahi o inimigo. F. Rafael de Jesus faz a discripção cosmografica deste ponto, e a relação da batalha que ahi teve lugar com uma certa graça e naturalidade que nos convidou a transcrever aqui algumas de suas individuações : e o Leitor folgará de conhecer d'algum modo este sitio que foi o theatro do maior triumpho de nossas armas no Brazil, e a porta por onde entrámos no Recife 18 mezes depois. « Situou a natureza os montes Guararapes a tres para quatro leguas do Arrecife, caminhando de Norte a Sul, tres do nosso Arraial para o Poente; da Barreta duas, de Norte a Poente. Do monte onde se começa a empinar a terra até ao mar haverá de distancia tres quartos de legua de l'Este a Oeste, e ahi campina rasa de muitos lodaçaes e alagadiços. Destes montes para o certão vão continuando serranías de subido, agreste, e aspero accesso. Algumas levantão a cabeça sobre as nuvens, e pela maior parte são de cadencias (quebradas) que espantão a vista e a consideração pelo despenhado e profundo. Das eminencias de seus picos se descobrem dilatadas e ferteis campinas por grande distancia do certão, e olhando para a parte do mar se veem muitas leguas de costa, e o golpho a perder de vista. O terreno destes montes em partes é saibro, em parte terra solta e area; e por ahi pedras desunidas tão poderosas e macissas que pela côr

e pezo querem parecer ferro. As aguas das invernadas tem feito nellas taes quebradas, grutas e barrancos que senão olhão sem medo e sem perigo; de modo que vadeál-as a cavallo seria temeridade, a pé atrevimento. Todos estes montes são escalvados; se crião alguma arvore é infructifera e agreste : as fraldas destas serras se cultivão, e acodem com frutos, ajudados da humidade que escorre dos montes. *Guararapes*, na lingua do Gentio, é o mesmo que estrondo, estreprito como de tambor e atabále, deduzindo este nome do rumor que fazem as aguas pelas roturas e concavidades destas serras. O ultimo destes montes assenta o pé n'uma ponta de terra solida cercada d'alagadiços; tudo o mais é lagôa e matto. Por esta ponta ou boqueirão entrou a nossa gente, e se alojou naquella faxa de terra com as commodidades e fortificação que lhe dava a natureza, não sendo a menor a de ficar escondida aos olhos do Flamengo, que só do alto dos montes a podia descubrir. A povoação da Moribeca fica a uma legua dos Guararapes, pequena em si, porém grande pelos muitos vizinhos que a cercão em particulares vivendas. O terreno rico e fertil, abundante d'aguas; tudo requisitos para que o inimigo começasse por ganhál-o. N'um sabbado, 18 d'Abril, os nossos se alojárão em forma prolongada com postos fortificados, e adiantárão piquetes á descuberta : no dia seguinte estes forão picados pelo inimigo, e retirando-se o trouxérão até á entrada do boqueirão. Sigismundo vio então a posição e formação dos nossos, e conheceo que sua presumpção e soberba vinha enganada. »

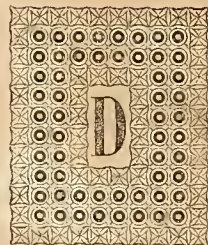
« Coroou o inimigo as eminencias dos montes vizinhos, e na frente do boqueirão collocou a mais lusida de sua infantaria. Trazia 5,000 soldados aguerridos, 61 bandeiras refendidas de azul e gemadó : os instrumentos bellicos animavão e enfurecião para a batalha : 6 peças d'artilheria, e immensa carriagem acompanhavão o Estandarte general cortado de carmesi e azul, brosladas nelle com riqueza

e artefício as armas dos Estados, e a Empreza da Companhia Occidental, que dividia um leão rompente. O General, e coroneis andavão a cavallo, vestidos ao lustroso, vagavão por entre os 9 batalhões em que dividírão seu exercito : aos Indios indisciplinados, como erão os Tapuias e Pitiguares, dispersou em atiradores. Os nossos erão menos, mas valentes e dicididos; não tinhão uma só peça d'artilheria. O inimigo fez alto, e alguns de nossos officiaes erão de voto que se deferisse a batalha : o Mestre de Campo General ouvio Vieira e Negreiros que instavão por combater, e lançar mão da occasião; e deo o sinal d'avançar ao inimigo. O primeiro que abalou, e com grande denodo carregando os Hollandezes, foi André Vidal de Negreiros, que commandava e vanguarda : os demais corpos o seguírão, e dada a primeira descarga avançárão á espada cerrando de perto com o inimigo turbado desta furia inesparada : acoçados os outros descem dos montes d'onde os desaloja o intrepido João Fernandes Vieira, e vem reforçar a infantaria que na planicie resistia a Negreiros e a Camarão. Vieira descendo igualmente das alturas, põe-se tambem ao lado dos seus dous generosos amigos, e então nada parou diante d'elles. Descomposto perdeo o inimigo a obediencia e a disciplina; e roto e desbaratado se pôz em desordenada fugida, deixando no campo artilheria, e bagagens. Afonso Rodrigues, sargento do Terço de João Fernandes Vieira, se havia arremeçado ao centro dos Hollandezes, e arrancou das mãos do Alferes inimigo o Estandarte General da Companhia, que veio apresentar ao seu commandante.

Esta famosa victoria tem muito notaveis pontos de contacto e semelhança com a d'Aljubarrota, 270 annos antes. Em uma e outra estava pendente do successo a liberdade dos dominios portuguezes, ou a escravidão estrangeira; em ambas houve pareceres para se differir a acção, e se dicidio pela apressar

n'uma e n'outra as forças erão mui desiguaes; começárão ambas quasi ao pôr do sol; nas duas perdeo o inimigo a artilheria, que nós não tinhamos; Hespanhoes e Hollandezes trazião muitos Estrangeiros a seu soldo; em ambas os Portuguezes arrojárão depois do primeiro impeto lanças e espingardas para combatêrem á espada, e como corpo a corpo; e até o Estandarte real de Castella foi abatido e tomado, como nesta o da Companhia Occidental; nas duas a perda do inimigo foi terrivel, e a dos nossos tão pequena, que quasi faz maravilha.

Uma e outra foi dicisiva nas suas consequencias: os Hollandezes se sustentárão ainda por alguns mezes no Brazil, como os Castelhanos nas praças que pouco e pouco perdêrão em Portugal. Combatêrão aquelles ainda por algum tempo, e perdêrão sempre as acções até que, cerrados dentro do Recife, vendo tomados os fortes que tinhão ao redor, e a armada portugueza no pôrto, capitulárão em 26 de Janeiro de 1654, e os nossos valentes Generaes ahi entrárão no dia seguinte, 24 annos depois que Estrangeiros a dominavão.

OS QUARENTA CONJURADOS DE LISBOA, NO ANNO DE 1640, ENVIÃO DEPUTADOS AO DUQUE DE BRAGANÇA D. JOÃO A VILLA VIÇOSA, CONVIDANDO-O A ACCEITAR A COROA : HESITA ESTE A' FACE DO ENORME RISCO DA EMPREZA, MAS A DUQUEZA D. LUIZA DE GUSMÃO O RESOLVE COM INTREPIDEZ VARONIL.

DEPOIS que os Portuguezes caïrão debaixo do jugo hespanhol, diz um atilado Escriptor do seculo passado, jamais experimentárão dias de felicidade, e alegria. » Em quanto a perda da sua independencia era d'alguma sorte compensada pela grande preponderancia e colossal poderio de Felipe II, podião as cadeas da sua servidão parecer-lhes menos pezadas pela lembrança de pertencerem a uma grande nação, e de obedecerem a uma Potencia que fazia tremer a Europa : porèm estas brilhantes sombras da vaidade bem de pressa se desvanecêrão; e logo depois, no governo mesmo deste soberano, tiverão os Portuguezes de tomar

Lith. de Kaeppelin

Os Deputados dos Conjurados de Lisboa offerecem a corôa a o Duque de Bragança cuja hesitação se desvanece com a varonil intrepidez da Duqueza sua esposa.

amarga e dolorosa partilha na volta da fortuna, cuja roda não podendo estar quieta quando tem chegado ao ultimo giro da sua escalla ascendente da prosperidade, desce promptamente para recordar aos homens e ás nações que nada é duravel neste nosso mundo. A armada invencivel preparada em Lisboa e saïda do Tejo para conquistar a Inglaterra, lá foi esbarrar nos cachôpos e baixos da Mancha; os navios portuguezes e muitos dos seus mais briosos e illustres naturaes, ou captivos ou afogados nas ondas; e a revolta dos Paizes Baixos lá devorou infinitos guerreiros, que o triste Portugal fornecia aos exercitos castelhanos nas duas Flandes. Felippe III, filho d'aquelle, persuadido que valia mais reinar pacifico n'um Estado arruinado, que de ver depender a submissão de seus habitantes da sua propria vontade, deixou pouco e pouco despojál-os de muitas de suas bellas conquistas que lhes havião produzido thesouros de gloria e de poder, comprados á custa de muito sangue: o successor deste Principe, ainda mais fraco e pusilanime que seu pai, deixou atacar descubertamente e com despreso a administração do paiz, os usos e costumes nacionaes, os privilegios e separação promettidos nas Côrtes de Thomar. A decadencia progressiva da coroa hespanhola, e as guerras ruinosas entretenidas no Rossilhon, e na Flandes fazião gemer todas as provincias deste vasto imperio com incessantes sacrificios de gente, e de dinheiro; e uma dellas, ou menos sofrida ou mais profundamente chocada nas suas isenções levantou-se e proclamou a revolta. Aproveitou o Conde Duque d'Olivares a conjunctura, e resolveo servir-se daquella casualidade para atrahir á Hespanha o Duque de Bragança, de quem estava cioso, e mandou-lhe ordem d'El Rei Felipe III para ir commandar o exercito na Catalunha contra os revoltosos. Escapado de muitos outros laços, com que a corte hespanhola o pretendeo por vezes tomar ás mãos, ganhava tempo o precatado portuguez com diferentes pretextos, não sabendo bem como

poderia por derradeiro livrar-se desta rede. Vivia retirado do seu Palacio de Villa Viçosa, occupando-se da caça e d'outros cuidados puramente domesticos, a que o levavão as inclinações e disposição de seu natural temperamento, e a necessidade de dissimular, e adormecer a côrte castelhana.

Tres annos havia que alguns briosos Fidalgos portuguezes nutrião no peito impulsos generosos de quebrar os ferros da sua patria, conferenceavão entre si sobre os meios de levar ao cabo sua empreza, porèm sempre os suspendia a prudente apathia do Duque de Bragança, pouco disposto a correr aventuras arriscadas, e a pobreza de recursos, e de gente para lutar contra as forças castelhanas. A revolta da Catalunha veio excitar mais ardente chama nos corações destes Fidalgos, e assentárão reiterar as tentativas para determinar o Duque, offerecendo-lhe a diversão dos Catalães como uma occasião providencial favoravel a seus intentos. Concorrêra naquelle anno de 1640 uma outra circonstancia inexplicavel, daquellas de que a philosofia costuma motejar, mas que muitas vezes contribuem poderosamente para apressar ou retardar grandes acontecimentos, erão as prophecias, que havião tornado aquelle anno, epocha dos vaticinios, e destinado para se cumprirem notaveis successos. A reunião dos conjurados era em casa de D. Antonio d'Almada, um dos mais dedicados á nobre empreza, os demais erão ahi frequentes D. Miguel d'Almeida, o Monteiro Mór, Jorge de Mello, Pedro de Mendonça, Antonio de Saldanha, e João Pinto Ribeiro, homem de lettras dotado de grande animo, e talento, procurador da Casa de Bragança, todo entregue aos interesses do Duque. Não é nosso proposito fazer aqui cathegorias de merecimentos; mas tambem não queremos roubar a gloria áquelles a que devidamente pertence. Na variedade d'Escriptores preferimos o Conde da Ericeira, na sua obra *Portugal restaurado*, e por elle nos guiaremos principalmente nesta tarefa: se algum descendente daquelles patriotas

do 1º de Dezembro de 1640 se achar lesado, saiba que não é a nós que ha de pedir restituição do damno.

Consta pois do mesmo escripto que tres mezes antes do memoravel dia acima dito, a 12 d'Outubro, se reunírão aquelles conjurados na casa de suas recatadissimas sessões, e ahi discorrendo sobre os males publicos presentes, e os que estavão imminentes pela guerra da Catalunha, onde serião forçosamente levados os primeiros esteios da antiga Monarchia portugueza, viérão a caïr em queixas que formárão do Duque D. João não querer prestar-se a acceitar a coroa que lhe propunhão como bandeira de sua futura resolução. Defendeo-o quanto poude o leal João Pinto Ribeiro, dizendo-lhes que injustamente o accusavão de irresoluto e remisso, que melhor lhe competia o titulo de precatado, e prudente, o que lhe foi facil demonstrar pelas circonstancias do tempo, e das difficuldades de abalançar-se a uma decisão que podia acarretar para sempre a perda de sua pessoa e grande casa, e a ruina total do Reino e de suas esperanças : e terminou sua acalorada defesa dizendo-lhes « mas se esse é o remedio, senhores, para que é aguardar seu consentimento? » Discreta coarctada : porque se as hesitações erão tão naturaes em quem considerava a transcendencia dos perigos antes de executada a empreza, certo era que ao Duque não faltava coração e fildaguia para deixar-se arrebatar do impulso patriotico dos Portuguezes, quando estes o acclamassem seu Rei. Conviérão todos na justeza da reflecção de Pinto Ribeiro; assentárão todavia fazer-lhe a derradeira intimação, e convite accompanhado da comminação de constituirem um governo republicano se elle continuasse em sua repulsa, porquanto estavão determinados a dar liberdade á sua patria d'um outro modo.

Com esta mensagem partio de Lisboa a Villa Viçosa Pedro de Mendonça, e fez caminho por Evora

communicando ahi o objecto da sua commissão ao Marquez de Ferreira, e ao Conde de Vimioso, que estavão no segredo, e empenho da conjuração, os quaes louvando e approvando a resolução, e a conjunctura pelo Mendonça escrevêrão ao Duque juntando suas rogativas e instancias. Chegou o mensageiro ao seu destino, e foi encontrar na sua Tapaga de Villa Viçosa o Duque caçando : ali lhe expoz o negocio, entregou-lhe as cartas, exigio resposta prevenindo logo que não revelasse elle Duque o sigilo da proposta ao seu secretario Antonio Paes Viegas que os conjurados não tinhão em boa conta; porém nisso se enganavão como vamos vêr. O Duque, depois d'ouvir, e ler as cartas, disse a Pedro de Mendonça que o negocio era de gravidade tal que demandava reflexão; pedio tempo para isso, e quanto á capacidade do secretario disse que descancasse pois elle Duque sabia melhor o que tinha nelle. Passando ambos ao Palacio mandou o Duque vir á sua camera o mesmo secretario Antonio Paes, e consultando com elle a materia da embaixada, pedio-lhe seu conselho, ao que elle satisfez pela seguinte maneira : « Se os Portuguezes se levantassem e constituissem uma republica, que faria em tal caso o Duque? — Eu, respondeo-lhe este, os seguiria, porque estou deliberado a não me apartar do commum sentimento do Reino, e a correr qualquer risco pela patria. — Pois então, tornou-lhe Antonio Paes, isso tira toda a duvida; porque se estais prompto a arriscar vida e estado para serdes vassallo d'uma republica, melhor, e mais glorioso vos fica empenál-a como Rei. »

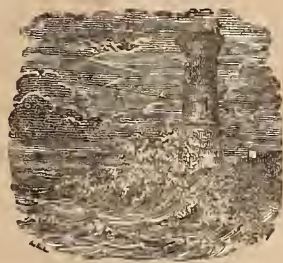
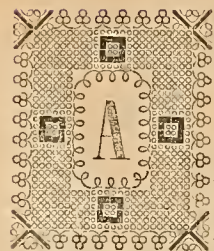
Ainda até aqui ficára perplexo e duvidoso o Duque; e passando ao quarto da Duqueza, que então era D. Luiza de Gusmão, da Casa de Medina Sydonia, matrona d'entendimento claro e animo varonil, e como pondo em suas mãos a decisão daquelle grande negocio, lhe preguntou o que faria : a Duqueza sem hesitar, respondeo : que ao Duque era mais generoso morrer reinando do que acabar servindo;

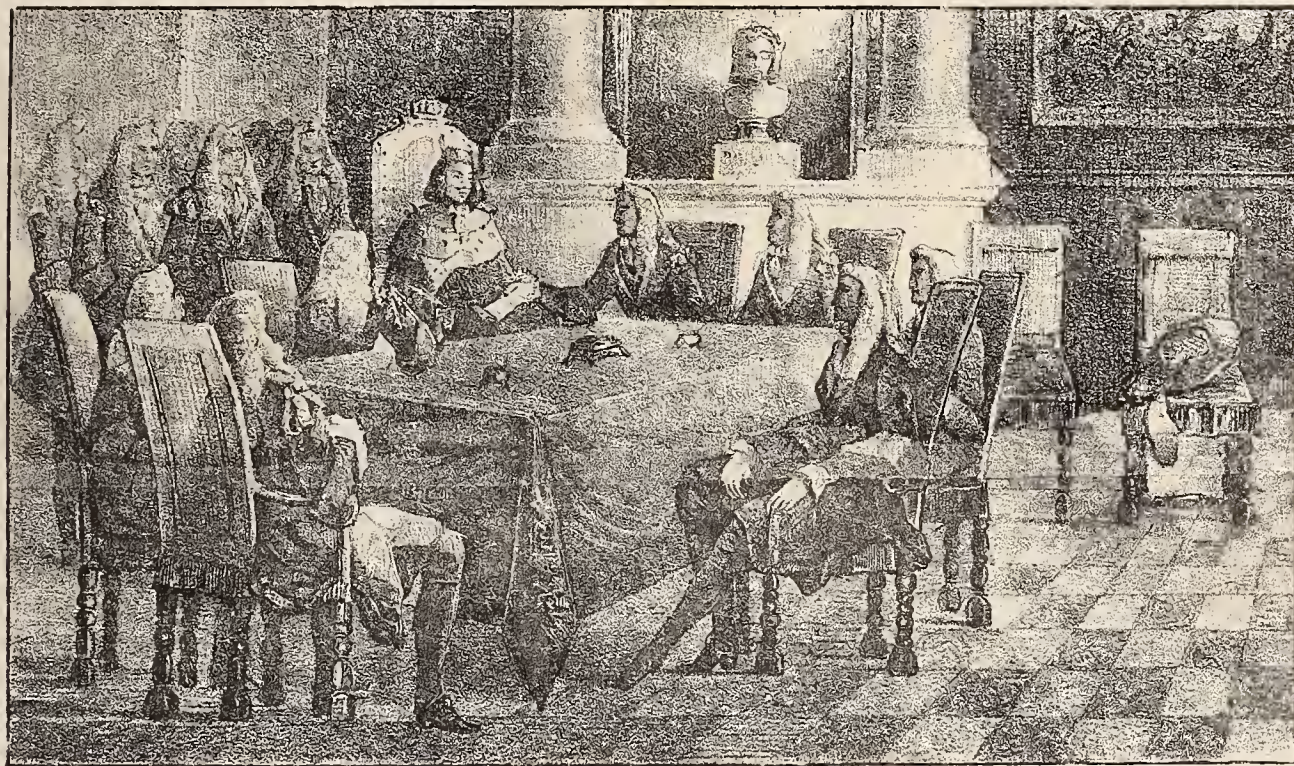
e acrescentou : « De mim digo que mais quereria ser uma hora Rainha que toda a vida Duqueza. » Voltou d'ali o Duque, e tornando a Pedro de Mendonça lhe disse que pois elle e aquelles Fidalgos, que o enviavão, lhe dizião que da sua decisão dependia o bem da patria, preferia o risco á sua particular segurança, e eontassem eom elle.

Contente e victorioso voltou o Mendonça a Lisboa, com o bom resultado da sua missão, relatou o que passára em Evora e Villa Viçosa, eom o que encheo de jubilo e enthusiasmo os seus eompanheiros e amigos. Derão-se todos pressa em preparar e armar eriados e parentes, movidos prineipalmente pelo conselho de D. João da Costa, o qual lhes refleetio que na falta do segredo devião eonsiderar o seu maior inimigo, e que maravilha seria não ser descuberto em poucos dias, se não preeipitassem a tentativa. Ja então havia crescido o numero dos conjurados; que se diz terem sido 40 os principaes, e eada um delles tinha uma roda de domesticos, e apaniguados, com os quaes devia saïr a eampo no dia 1º de Dezembro d'este mesmo anno de 1640, destinado para o rompimento. E eausa admiração e espanto universal eonsiderar como d'entre tantas linguas não transpirasse a menor reliquia d'um plano eriado, e amadureeido quasi nas barbas d'um governo cioso e deseonfiado, e manejado por tantas e tão differentes molas. Commummente se attribuem as honras deste phenomeno ao odio inveterado dos Portuguezes para eom os Hespanhoes, e aos dezejos de se vingarem de seus oppressores. Porém esta razão não militou no Recife com os amigos de João Fernandez Vieira, onde os Portuguezes e Brazileiros não carecião de odios, e de oppressores nos Hollandezes, e com tudo em muito menos dias, e talvez em poucas horas, tudo foi revelado; e o mesmo aeonteceo em muitas outras oceasiões e projectos de que nos dão noticia as historias antigas e modernas. Nós presumimos

que a explicação d'este misterio se ha de procurar sómente na vastidão, transcendencia, e enormissimo risco d'uma tal empreza : o peso mesmo do seu immenso pendor deixava como absortas as intelligencias, e concentrando no fundo do peito a indiffinivel impressão de tão gigantesca idéa, não dava lugar a manifestações exteriores, que sempre suppõem mais ou menos um certo desafogo das potencias d'alma.

Chegou em fim o memoravel fatal dia em que devia ter lugar a mais rara e venturosa revolução de quantas ha memoria nos Annaes do mundo, dirigírão-se os conjurados por differentes caminhos e em magotes ao terreiro do Paço, onde residia a Duqueza de Mantua, regente do Reino, onde estavão as secretarias, e tribunaes. A guarda dos soldados de linha, e a dos archeiros forão facilmente desarmadas e rendidas : das varandas do Palacio e na praça fronteira foi acclamado D. João IV, Rei de Portugal : um unico homem, Miguel de Vasconcellos, odiado geralmente como principal instrumento da oppressão do Povo, dotado d'um funesto talento financeiro, foi sacrificado : e nada valeo á Duqueza sua altivez e presença d'espirito para que não mandasse logo ordem ao Castello que abrisse as portas aos briosos levantados que começavão de patentear demasiada energia. Dentro do espaço de duas horas estava a liberdade recobrada, a Monarchia portugueza reconstituida, e como esquecidas ou apagadas as marcas d'uma servidão de sessenta annos : os echos das acclamações de Lisboa retumbando nas provincias suffocárão todas as opposições, e transpondo os mares lá forão resgatar com quasi igual felicidade, e com pequenas excepções as colonias portuguezas nas outras tres partes do mundo. Estas e outras particularidades porém não são de nosso proposito : compráz-nos todavia consignar aqui de novo os nomes daquelles varões honrados e patriotas que tambem merecêrão da sua patria : eis os

que achamos na obra ja citada : « D. Antão d'Almada, D. Miguel d'Almeida, o Monteiro Mór, Jorge de Mello, Pedro de Mendonça, Antonio de Saldanha, João Pinto Ribeiro, o Marquez de Ferreira, o Conde de Vimioso, D. João da Costa, D. Jeronimo d'Atayde, e seu Irmão D. Francisco Coutinho, Fernão Telles, Antonio de Mello e Luiz de Mello, Estevão da Cunha, João de Saldanha, D. Afonso de Menezes, Thomé de Souza, D. Antonio Tello, D. João da Sylva e Menezes, D. Alvaro d'Abranches, Ayres de Saldanha, D. Antonio Alvares da Cunha, Bartholomeu de Saldanha, Tristão da Cunha, e Luiz e Nuno da Cunha, seus filhos, D. Miguel Childe Rollim, D. Luiz d'Almada, filho do primeiro nomeado, D. Thomaz de Noronha, D. Antonio Mascarenhas, Francisco de Sampaio, D. Carlos de Noronha, Freire d'Andrade, Lobo, Figueiredo.

O PRINCIPE D. PEDRO COMO REGEDOR E REGENTE DO REINO, NO IMPEDIMENTO DE SEU IRMÃO EL REI D. AFONSO VI, ACCEITA E ASSIGNA A PAZ COM CASTELLA, EM 10 DE FEVEREIRO DE 1668, A QUAL POZ TERMO A' GUERRA DA SUCCESSÃO DE PORTUGAL QUE DURAVA HAVIA VINTE OITO ANNOS.

A BRIOSA e felicissima revolução de 1° de Dezembro de 1640, que restaurou a independencia nacional dos Portuguezes, e restituio a coroa, tomada pela força, á Casa de Bragança, foi seguida daquella furiosa, e diuturna tormenta d'uma guerra que durou mais ou menos viva em quasi toda a fronteira do Reino, desde aquelle anno até á famosa batalha de Montes Claros, em 1665, na qual ficárão tão quebrantadas as forças invasoras d'Hespanha, e tão descahidas suas esperanças que d'ahi por diante nos tres annos que se lhe seguírão até á paz mais se alimentou a luta por orgulho, e costume do que por hostilidades. Este brilhante

Lith. de Kaeppelin.

O Principe D. Pedro Regente do Reino accerta e assigna a paz com Castella
que terminou a guerra da Successaõ

periodo da Historia nacional apresenta uma serie d'honrados, e generosos feitos, porque não só se defendeo o territorio portuguez por meio das armas e do valor de seus habitantes contra uma nação imcomparavelmente maior, e mais provida de recursos, mas se negoceou em politica com grande dexteridade, se administrou o Reino exhausto com admiravel sabedoria, e por meio do brio e dedicação dos Portuguezes se criárão forças e meios com que se resgatárão muitas das colonias, que occupavão mãos estrangeiras. Aquelles bravos e primorosos Fidalgos conjurados em Lisboa soubérão defender no campo a sua obra : o fogo do patriotismo que lhes lavrava no peito, supprindo nelles o que lhes faltava de disciplina e experiencia da guerra, os fez figurar nos combates não só com valor, mas com pericia e habilidade, commandando e vencendo mesmo batalhas campaes contra os mais famosos Generaes Hespanhoes praticos da guerra. As victorias das Linhas d'Elvas, em Janeiro de 1659, a do Amexial, em 1653, a de Castello Rodrigo, em 1654, a de Montes claros, em 1655, forão alcançadas contra forças muito superiores por Generaes portuguezes que ahi commandárão, Conde de Cantanhede, Conde de Villa Flor, Pedro Jacques de Magalhães, e por aquelle primeiro nomeado, feito ja Marquez de Marialva; e nellas vencidos os Generaes Hespanhoes D. Luiz de Haro, D. João d'Austria, o Duque d'Ossuna, e o Marquez de Carracena, que vierão a Portugal crestar os louros e as palmas que havião colhido em varias campanhas de Flandres, no Rossilhon, na Italia, e em Lepanto. Nesta desigual requesta se mostrárão emulos dos primeiros officiaes militares um Diniz de Mello, um André d'Albuquerque, Conde de S. João.

E o famoso Conde de Schomberg, que da França viera ajudar-nos com o seu grande nome, e experimentada capacidade, se não dedignou de obedecer, e combater ás ordens dos nossos Generaes. E o

que é mais os nossos Terços de Milicianos, os antes d'ordenanças, armados de piques, e noviços nos combates, lá forão muitas vezes desalojar das alturas os cerrados batalhões da infantaria inimiga como succedeo nos montes do Ameixial, e serra d'Ossa. Neste glorioso periodo dizemos se verificou á letra o proverbio do philosofo que dizia: « Serem as revoluções quando justas no seu fim, e conduzidas pelo amor da patria, o melhor meio para refondir e dar nova tempera a uma nação. »

Só per semelhante principio se póde explicar o phenomeno raro de ver triumphar no campo um povo, e um governo lacerado no interior por discordias intestinas. Em quanto durou a vida do sisudo e prudente Rei D. João IV, e depois d'ella nos poucos annos da Regencia da Rainha D. Luiza de Gusmão, a machina politica do Estado se conservou n'um movimento regular e uniforme, convergindo todas as forças do Estado para o bem commum do Reino : porèm pela elevação d'El Rei D. Afonso VI ao Throno, môço de poucos annos, enfermo de corpo, e mal constituido d'entendimento, desvairado por más companhias, e cioso da consideração melhor merecida por seu Irmão o Infante D. Pedro, e impaciente do jugo salutar dos bons conselhos e experiencia de sua Mãi e dos mais abalizados conselheiros da Côrte, entrárão de separar-se os membros do corpo politico, afastados, ou perseguidos muitos dos mais poderosos esteos da monarchia. E assim mesmo no meio d'estes desgostos domesticos, com o coração ulcerado das feridas da injustiça, e da ingratidão que nunca faltão nos governos de privados e validos, se vio continuarem os Portuguezes a mesma carreira de honrada valentia todas as vezes que o inimigo se apresantava soberbo e orgulhoso para lançar-lhes novas cadeas. Os talentos, e prodigiosa applicação aos negocios, do Conde de Castello Melhor, Escrivão da

Puridade, e Ministro que occupára quasi exclusivamente toda a grande administração dos negocios, soube preservar o Reino por alguns annos d'uma fatal dissolução.

Mas em fim a habilidade e a coragem d'um individuo subalterno, qualquer que ella seja, não basta para sanear as quebras sempre renascentes da cabeça do corpo social. Os desmanchos do Monarcha assoalhados no publico por uma conduta insanamente aventurosa, havião produzido uma impressão geral desfavoravel na generalidade dos subditos; a privança dada e sustentada com teimosa obstinação a homens indignos, tinha suscitado desgostos, e rivalidades, e para suffocar estas, desceo-se até á prisão e ao exilio infligido a pessoas principaes, como forão ao Duque de Cadaval, ao Marquez de Gouvea, ao Conde de Soure, e outros alias reconhecidamente zelosos e patriotas; o enorme poderio do valido Conde de Castello-Melhor tambem pungia aspero o pondonor, e ciume da nobreza do Reino; e mais que tudo o afastamento da Rainha, e a má vontade ao Infante D. Pedro, que aquella rodeára d'um estado consideravel e de servidores da primeira gerarchia, contribuírão mais que tudo para que reunindo-se estes dispersos elementos convergissem ao mesmo fim, isto é á cathastrofe de 23 de Novembro de 1667.

Com effeito depois de tentados outros meios para introduzir reforma nos estilos do Paço, e na conduta do Soberano, que não produzírão mudança alguma essensial, se concertou no palacio do Duque de Cadaval no Rocio de Lisboa, o famoso e audacioso trama da deposição do Monarcha, estando a principal Fidalguia da Côrte d'accordo nesta medida, que muito tempo havia lavrava nos desejos, e na ambição do Infante D. Pedro, retirado inteiramente dos negocios no seu Paço da Corte real em Alcantara. A Rainha mesma, D. Maria Francisca, mal comtemplada por El Rei seu marido; e estimulada com a

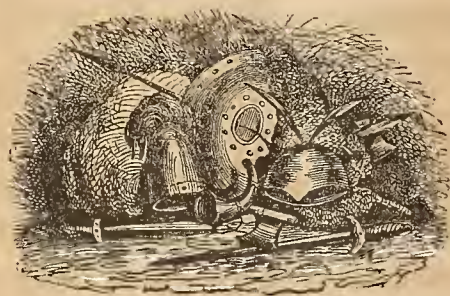
vivacidade de Dama Franceza, que era da Casa de Nemurs, não foi alhea da surda manobra que logo depois lhe restituio n'outras nupcias a consideração que lhe faltava : e a necessidade mesma da paz parecia reclamar outros administradores do Estado, que menos prevenidos, despreoccupados das fascinações bellicosas, se approximassem mais docilmente das propostas castelhanas que ja então lavravão ostensivamente para uma acommodação pacifica.

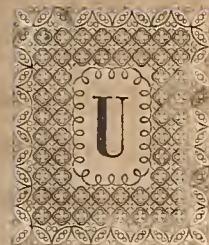
Dispostas assim as vontades e os interesses, preparado com grande segredo o emprego do golpe, na madrugada do dia 23 de Novembro de 1667, um grupo de Fidalgos, tendo á sua frente o Duque de Cadaval, entrando no Paço real, intimárão á pessoa do Soberano a suspensão e cessação do seu governo, e dando volta á chave o deixárão recluso na sua mesma camera, em quanto na salla do mesmo edificio se lavrava a auto da sua queda, e se entregava a regencia do Reino ao Infante D. Pedro, que bem de pressa ahi appareceo rodeado da sua côrte. O Senado da Camara, e Casa dos vinte quatro, approvárão e confirmárão a medida, e os tres Estados do Reino, no anno seguinte de 1668, conferírão ao Principe D. Pedro o titulo de Regedor e Regente do Reino, no impedimento perpétuo d'El Rei D. Afonso VI seu Irmão. Este foi levado á fortaleza de S. João Baptista, na Ilha Terceira, donde annos depois veio viver e morrer em Cintra esquecido dos seus, sem mulher, e sem corôa, mas dando ao mundo uma grave lição e exemplo, pelo qual os Soberanos intendão que lhes cumpre reger seus Estados em sabedoria e justiça : « Erudimini qui judicatis Terram. »

Mudada a scena, e trocadas as figuras dos governantes, de prever era que entrarião outras idéas na gerencia dos negocios. As Côrtes reunidas trouxérão á capital os homens notaveis em preponderancia, e intelligencia das provincias do Reino, e estes não podião deixar de fallar nas necessidades dos povos,

e nos soffrimentos geraes para sustentar uma guerra de tantos annos. Muitos delles trazião mesmo as queixas e representações das Camaras respectivas, indicando o remedio a tantos males na negociação da paz. Porèm esta não podia vir de Portugal, que sendo aggredido com ameaça de ser tratado como provincia revoltada, só lhe cumpria oppor franca e honrada resistencia, sem mostra de fraqueza. Felizmente que os embaraços da Côrte de Madrid aplanárão a difficuldade, e uma alta personagem hespanhola prisioneira havia annos no Castello de Lisboa, apanhando as disposições das duas Côrtes, soube convergíl-as para obter a sua propria liberdade. Escreveo á sua Côrte o Conde Duque d'Olivares, que era o mesmo Marquez d'Eliche, que dissemos prisioneiro na batalha do Ameixeal, ponderando a conjunctura da reunião das Côrtes portuguezas favoraveis á paz; a Rainha de Castella D. Marianna d'Austria, que governava a monarchia como Tutora d'El Rei Carlos II, seu filho, ameçada pela guerra de França, mandou logo plenos poderes ao Marquez, e este abrio propostas de paz de Rei a Rei. Luiz XIV, que tinha vistas oppostas, mandou logo a Lisboa o Abbade de S. Romain, com instrucções para estorvar a paz, e renovar as allianças feitas no governo antecedente com D. Afonso VI. Porèm o conselho d'Estado, apoiado no clamor universal dos povos, dicidio-se pela paz, principalmente quando chegou a Lisboa o Conde de Sanduich, Duarte de Montegu, encarregado pela Côrte d'Inglaterra d'offerecer a mediação para ella. Juntárão-se, em santo Eloy, os negociadores hespanhol e portuguezes, e conviérão no Tratado de 10 de Fevereiro de 1658, pelo qual a Côrte d'Hespanha reconheceo a dinastia da Casa de Bragança, e se restituírão praças e prisioneiros reciprocamente. O Infante D. Pedro como Regedor do Reino a assignou em nome de seu Irmão El Rei D. Afonso VI, a Rainha de Castella em nome de seu filho Carlos II, e o Conde de Sanduich em nome do seu Soberano, tam-

bem Carlos II como mediador e garante da paz entre aquellas duas Coroas. Foi este Tratado um dos mais transcendentes da monarchia portugueza, porque não só consolidou a nacionalidade controvertida mas lhe trouxe o reconhecimento da Corte de Roma, que até ali se havia recusado a restabelecer relações com o Estado de Portugal, privada assim quasi totalmente de Bispos a Igreja Lusitana, que chegou a não ter mais do que um só. A côrte d'Austria, que até então sustentára os interesses de Castella, reconheceo tambem, e annos depois deo ao filho do Infante D. Pedro, a El Rei D. João V uma de suas Princezas imperaes por mulher, a Rainha D. Marianna d'Austria.

Lith. de Kaeppelin

Reforma da universidade de Coimbra
pelo Marquez de Pombal.

O MARQUEZ DE POMBAL REFORMANDO A UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

UMA das bellas paginas da Historia do reinado d'El Rei D. José I° foi a reforma geral dos estudos do Reino, emprehendida, e executada pelo seu primeiro ministro o Marquez de Pombal. Collocados ainda mui aproximados dos tempos em que viveo este homem extraordinario, os Escriptores nacionaes e extrangeiros tem quasi todos, segundo o nosso entender, desatinado na appreciação de suas acções, porque uns as levantão todas até ás nuvens, outros não querem nellas ver mais do que espirito de novidade, d'ambição, e de vingança. Nosso proposito nos afasta de descer até á critica da historia d'um homem de que ainda

algum dia, se Deus nos der tempo, escreveremos a vida, porèm desde ja podemos asseverar que de tantos autores quantos temos consultado nesta espessa nuvem de apologistas e de adversarios, nenhum deixa de render ao Marquez de Pombal os justos louvores e agradecimentos pelo estabelecimento das escholas publicas do Reino, e pela reforma da Universidade. E com effeito esta gloria foi só delle.

Havião os estudos, e consequentemente a instrucção geral, descaïdo em Portugal, quando tudo descaïo nelle : com a perda da sua independencia e nacionalidade as sciencias, e as artes, e o commercio, e a industria, e a energia, e os mesmos habitos e costumes, e o estilo da linguagem se perdêrão ou deteriorárão : para lisongear o governo dominante até se começou d'escrever em castelhano, e assim se foi perdendo a formosura daquella lingua em que nos dous governos anteriores havião fallado Souza, Barros e Camões. Com a restauração da Monarchia, em 1640, ressurgírão os brios do patriotismo, donde proviérão os memoraveis feitos das guerras que se seguírão até D. Pedro II; mas estas glorias viérão desacompanhadas das Musas que havião desertado do solo portuguez, e para as quaes o estrondo das armas não erá attractivo que podesse revocál-as de novo. O reinado pacifico d'El Rei D. João V, mais ásado para as occupações litterarias, foi principalmente dedicado a ostentações e magnificencias, a que naturalmente era inclinado o animo d'El Rei; o qual parece se propoz copiar nesta parte o papel com que Luiz XIV havia embevecido a Europa. As minas d'ouro e diamantes, descobertas no Brazil, trouxérão a Portugal os meios de prover a toda a sorte de necessidades e de desperdicio, e como os animos não estavão voltados para a cultura do espirito, empregou-se esse grande cabedal de riqueza em monumentos que ainda hoje atestão a grandeza d'alma e

propensões pias do Soberano, porèm todos mais faustosos do que uteis, se exceptuarmos o admiravel aqueducto das Aguas livres. A Academia da Historia, fundada neste tempo, foi com tudo o crepusculo d'uma melhor éra litteraria : alguns Fidalgos mais illustrados, e outros individuos das Ordens monasticas, que no retiro do claustro podérão conservar ou adquirir gosto da leitura, se reunírão para conservar e conferir em commum sobre assumptos da Historia da Patria, e estes desejos, levados á presença do Monarcha, facilmente obtivérão d'elle protecção e apoio, dando a esta associação o caracter d'Academia. Trabalhárão com zelo e boa vontade os membros desta sociedade, e ainda que suas obras, nem ao menos rastejem o estilo polido e formoso dos classicos do bello tempo, ahi reunírão com tudo os factos, e as luzes dispersas, materiaes sobre que depois se assentárão edificios de melhor gosto e estructura. Porèm ainda isto era limitado a um pequeno diametro; erão individuos os que possuião alguma illustração, mas a illustração não espalhava seus raios luminosos ao largo por falta de conductos necessarios. Estes lhe devião ser dados no reinado seguinte por um homem que havendo, com braço de ferro, reduzido tudo á sujeição e obediencia da Prerogativa Real, e dado a todas as forças concentradas do poder a impulsão do seu grande genio, impozesse silencio ás contrariedades da reforma, e desfizesse as preocupações de methodos envelhecidos, ou adulterados. Reinava com effeito ainda o peripato nas Escholas da Universidade, e em todas as demais que quasi se reduzião ás dos Collegios das Ordens religiosas; e este luxo d'argumentação vã, laborando sempre n'um circulo estreito de idéas abstractas, e de principios de convenção, não deixava espraiar o entendimento fóra d'uma esphera mesquinha, e apoucada. O Marquez de Pombal devia ter conhecido em Londres as obras philosoficas do chanceller Bacon, e conversad onaturalmente os homens

da sua palestra; em Vienna devia ter observado os progressos dos conhecimentos francezes e allemães que andavão apar daquelles; e chegando a ser no seu paiz Ministro omnipotente, ambicioso de grande nome, resolveo introduzir a reforma scientifica que ïa illustrando as outras nações. Um sabio portuguez, de que parece se não tem feito o caso que sua memoria e serviços merecem, havia ja levantado o grito que apontava o bom caminho, publicando em Roma seu *Verdadeiro Methodo d'estudar,* no anno de 1746; mas esta voz, sendo a primeira, encontrou, como acontece sempre, as preocupações da rotina; e em vez de ser escutada e seguida, excitou um clamor confuso do peripato assustado. Luiz Antonio Verney sustentou e reforçou sua obra com outros escriptos; publicou um Curso completo de Philosofia, desenvolvendo nelle os principios da sua Logica; e a prova de que os seus conhecimentos fizérão impressão no animo do Ministro reformador, é que esta mesma Logica foi abraçada nas Escholas publicas que elle creára em todo o Reino, vinte seis annos depois.

Esta luta, que precedeo a reforma dos estudos, alèm de ser o curso natural das idéas humanas, como dissemos, tinha ainda mais por elemento o temor e receio da novidade. Muitos annos havia que os Jesuitas, e outras Ordens que seguião sua maneira de ver, sustentávão uma guerra com os Philosophos e Protestantes que, em França principalmente, sacudindo o jugo salutar e razoavel da autoridade e da experiencia, propagavão idéas exageradas e falsas, e maximas destructivas da moral e dos bons costumes : e estes desvios devião tornar timidos e escrupulosos os homens estacionarios e conservadores receando as eventualidades d'um novo ensaio. Nós temos d'uma autoridade contemporanea e irrecusavel, que nos compraz consignar neste lugar, um testemunho comprobativo da nossa conjectura : D. Francisco de Lemos, Bispo de Coimbra, Reformador Reitor da Universidade,

de nenhuma sorte suspeito, porque fôra discipulo de Jesuitas, educado em suas Escholas, e ao qual ouvimos sempre fazer-lhes justiça com benevolencia, nos contou que os Professores da Companhia, tanto do Collegio das Artes como n'outros de seus Conventos, não podendo já lutar vantajosamente com os arguentes, e propugnadores do novo methodo de Philosofia que se ïa introduzindo no tempo de Verney, representárão ao Padre Geral, em Roma, o estado das cousas, e lhe propunhão como remedio pôrem-se ao nivel da revolução philosofica; mas que o Prelado, depois d'ouvir os do seu conselho, lhes respondêra: « continuassem no mesmo methodo sem alteração, *ob certas rationes,* (porque para isso tinhão seus motivos). » Nós não queremos julgar aqui os Jesuitas : o tempo e a verdade ja tem feito e vai fazendo, entre homens imparciaes e desprevenidos, justiça d'elles, parece-nos porém que nenhum homem illustrado deixará de reconhecer que elles não ignorávão algum dos conhecimentos do tempo, que ao menos estavão no mesmo parallelo dos eruditos da sua epocha, como o indica a proposta mesma que acima referimos : por tanto de crer é que o Geral e o seu conselho, obstinando-se na trilhada rotina, receavão dar ponta de vaidoso triumpho aos seus adversarios abraçando novidades, que julgarião prematuras.

O Marquez de Pombal porém havia atirado para longe este empecilho, e decidido á sua obra convocou uma junta de Literatos, e infiltrando-lhes facilmente seus principios, com elles deo começo aos Estatutos novos da Universidade, que devião servir de norma aos Mestres e Professores, tanto no methodo de ensino, como na escolha e preferencia de doutrina em cada um dos ramos da Sciencia. Esta obra é uma especie d'apparato e collecção de dissertações eruditas sobre cada uma das seis Faculdades em que fôrão distribuidas as Sciencias positivas e naturaes; a saber Theologia, Direito canonico,

Direito civil, Medecina, Mathematica, e Philosofia : monumento vasto, e magnifico, que tem feito e faz ainda a admiração dos sabios, não sabendo como explicar tanto saber n'uma Nação que ligeiramente se apellidou de descaïda e atrasada em todo o genero d'instrucção, n'um tempo em que as mais cultas Universidades da Europa não tinhão (como não tem ainda) um systema d'Estudos que lhe podesse servir de modelo. Em verdade que o Marquez de Pombal havia reunido nesta commissão, a que elle mesmo presidia, os homens mais conspicuos em cada uma das Faculdades, os quaes rivalisárão entre si de zelo e fervor para agradar ao Ministro, e para partilhar a porção de favor e gloria que devia tocar-lhes nesta empreza tão util quanto brilhante : porèm o que neste ponto é mui curioso de saber-se é que foi um Jesuita aquelle que mais e melhor trabalhou nesta grande obra. Foi o caso : que havendo cada um dos membros da Junta preparatoria desempenhado a tarefa que lhe fòra destribuida nas Sciencias positivas, aconteceo que das naturaes, a parte de Mathematica se não achava tratada, e d'um modo incongruente o estava a de Medecina : os homens especiaes nestes dous ramos que se havião convidado a escrever estas materias, supposto houvessem escripto, e dissertado muito, não apresentárão todavia cousa digna de inserir-se no corpo dos Estatutos, o que principalmente se verificava na primeira das ditas duas sciencias então quasi geralmente desleixada no Reino. O Marquez de Pombal levava com grande impaciencia e desgosto esta falha, e tão empenhado, e apressado como estava por concluir o seu projecto favorito, não occultava o tormento deste cruel embarraço. D. Francisco de Lemos, um dos mais zelosos e efficaces membros da Junta, com quem o Marquez desabafava mais a miudo sua amofinação, andava pensando e parafusando de continuo por descubrir o Apolo que enchesse aquella desagradavel e embarraçosa lacuna, mas receoso das preocupações

conhecidas do Marquez contra tudo o que era de Jesuitas, receava apontar-lhe um que no seu conceito era o unico capaz de satisfazer ao empenho. Um dia, em fim, vendo que d'outro modo não seria possivel, animou-se a propor-lhe o seu homem; e de ver era que adoçou e disfarçou o agro da proposição, com dizer que era um mancebo apenas saïdo do Collegio da Bahia, e só Jesuita na profissão que havia feito, e então afastado da Companhia, e secularizado. O Marquez teve assás de discrição e de magnanimidade para admittir, e acolher a proposta, e José Monteiro da Rocha foi encarregado de redigir a parte dos Estatutos que comprehende a Faculdade de Mathematica, que desempenhou admiravelmente; e o que é mais, refez, e recompoz a parte da de Medecina do modo que hoje se observa na sobredita obra.

Munido e preparado assim o Marquez de Pombal, partio logo para Coimbra, acompanhado de Carta Patente pela qual El Rei D. José o *nomeava e constituia seu Lugar Tenente para vesitar e reformar a Universidade, retirar das ruinas em que jazião as Sciencias e Artes, fazer publicar novos Estatutos, e desfazer todas as difficuldades que podessem empecer á sua prompta e inteira execução* : *para o que* (*dizia El Rei segundo o teôr da dita Carta Patente*), *Nós vos criamos e constituimos Protector assim como Nós somos da dita Universidade, com pleno e inteiro poder, sem limite nem reserva alguma, para fazer obrar tudo o que julgardes necessario segundo a occurencia dos casos, tanto no que respeita ao proveito do mesmo estabelecimento, como no que toca ao seu regimen litterario e economico; com jurisdição privativa, exclusiva, e illimitada para todos os referidos effeitos.*

Entrou o Marquez de Pombal em Coimbra, por fins de Septembro de 1772, rodeado e seguido de lusido cortejo, e dentro de poucos dias toda a Universidade mudou de face. Despedio com decente

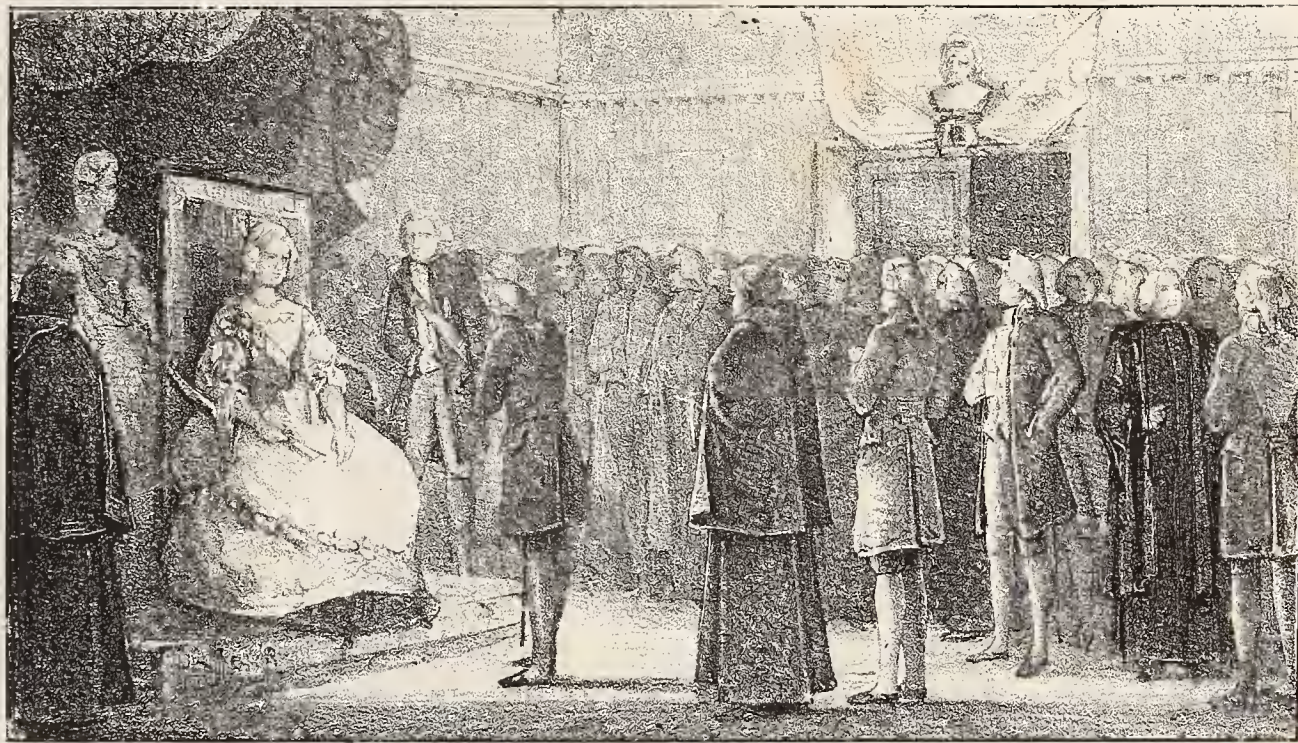
retiro os Lentes e Professores que não julgou aptos a seus intentos, e nomeou nova gente, que d'antemão tinha escolhido para plantadores do novo systema d'ensino. O tempo das lições, e a disciplina escholar forão sabiamente alterados : até então por um abuso intoleravel e com o pretexto das distancias, as lições publicas não duravão mais do que quatro mezes; tudo o mais erão ferias : foi decidido que estas apenas durarião dous mezes, e as lições déz. Os Estudantes não erão obrigados nem a residencia, nem a seguirem o curso das Aulas, e a maior parte delles, fechada a matricula annual, se retiravão, e voltavão no fim a fazer seus exames, se é que outros os não fazião em lugar d'elles : Estabeleceo-se que os Estudantes assistirião regularmente ás lições, e uma justa e razoavel severidade os obrigou a responder a ellas, e a satisfazer aos Actos que dicidírião de seu aproveitamento. Assim que, muitos dos que então cursavão os Estudos, costumados ao ocio, e inimigos de toda a sujeição e applicação, sem as quaes não ha fazer progressos solidos nas sciencias, abandonárão a Universidade. De perto de cinco mil Estudantes, de que ella se compunha até ali, apenas ficárão seis centos! Para dar mais lustre á instalação desta grande Instituição, o mesmo Marquez foi assistir, com todo o apparato da autoridade real que representava, á abertura da Universidade nova, e elle mesmo presidio na sala grande, chamada dos Capellos, no topo della debaixo de docel, e rodeado de numeroso e brilhante concurso, a um Doutoramento; ceremonia com que é costume proceder-se á abertura annual da Universidade.

A reforma deste primeiro Estabelecimento scientifico do Reino foi seguida de outras creações de igual transcendancia e utilidade. A expulsão dos Jesuitas havia feito sintir ao Marquez o vazio que deixárão estes apoz si, ficando desprovidas de Mestres as Cadeiras de Grammatica, Rhethorica, e

de Philosofia. Em consequencia, para encher as antigas, e instituir outras de novo, foi estabelecido o Subsidio litterario, e seu producto destinado á manutenção de sete centos oitenta Professores encarregados de dar lições publicas e gratuitas nas Cidades e Villas mais consideraveis; a saber: quatro centos setenta e nove para ensinar a ler, escrever e contar, duzentos trinta e seis para a lingua latina, trinta e oito para Grego, e trinta e cinco para a Rhetorica e Philosofia. A presença de Mestres nas terras das provincias do Reino determinou os pais de familia a enviar ahi seus filhos e dependentes, e a educação tornou-se mais cuidadosa, e policiada. Os Professores, em geral estimulados pela consideração dada naturalmente á sua obra, pelo poderosissimo Ministro, e os Estudantes, pela protecção que esperávão delle, como fonte das graças, rivalizárão de zelo e applicação; e logo daquella primeira fornada, que entrou na Universidade reformada, saïrão sujeitos distinctos, que muito figurárão depois nos primeiros empregos do Estado. O Marquez não teve todo o tempo necessario para completar o grandioso edificio, que continuava a aperfeiçoar e embellezar quando cessou o seu poder por morte d'El Rei D. José, em 1777: porèm o que ficou feito era bello, grande, e solido; e se os Estrangeiros fossem mais dados do que são ao estudo de nossas cousas poderião, á vista dos Estatutos da Universidade de Coimbra, reformar o conceito depressor com que levianamente tratão ás vezes a Nação Portugueza.

A RAINHA D. MARIA Iª ASSISTINDO A' PRIMEIRA SESSÃO E INAUGURAÇÃO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, CREAÇÃO SUA.

POR fallecimento d'El Rei D. José, em Fevereiro de 1777, subio ao throno sua Filha primogenita, que nos ultimos dias d'El Rei seu Pai ja exercia a Regencia do Reino. Foi assim, depois de passados mais de seis seculos, que pela primeira vez teve lugar na successão da Coroa a clausula das Cortes de Lamego, que chamou tambem as femeas na falta de varão. Os extraordinarios acontecimentos do governo anterior proporcionárão a esta virtuosa e clemente Soberana a feliz conjunctura de começar o seu reinado por actos de beneficencia e de generosa piedade, que espalhárão nos corações de seus vassallos aquella desafogada

Lith. de Kaeppelin

A. Rainha D. Maria 1ª assistindo à primeira Sessão e inauguração da Academia Real das Sciencias de Lisboa, creação sua.

alegria sem a qual não ha povos venturosos. Ás duras e cautelosas medidas de severidade da Administração anterior succedêrão as suaves consoladoras reparações da equidade e da misericordia, que muito bem dizião com a formosa e angelica figura da respeitavel Soberana, e com os sentimentos de doçura e amor de seu coração maternal. O Reino inteiro applaudio jubiloso esta volta ao antigo e costumado paternal regimen dos Reis portuguezes, muito analogo ao caracter bondoso e reconhecido de seus subditos : e com quanto os homens patriotas e zelosos não desconhecessem as vantagens dos melhoramentos e reformas da Administração precedente, com tudo a contensão dos espiritos era tão forte, e os golpes d'autoridade tão assombrosos, que quando cessou aquella oppressão custou muitou a refrear os impetos da reacção, excusaveis de certo modo contra um systema de rigidez e insolita severidade, n'um seculo em que a humanidade é considerada justamente como a base de todas as virtudes. Assim que, os carceres abertos para dar liberdade aos presos d'Estado, outros chamados do exilo, onde jazião sem forma de julgado, os Tribunaes abertos para debater-se e justificar-se a memoria dos que se dizião opprimidos ou lezados, os juizos excepcionaes extinctos, e a paz firmada com uma nação vizinha pelo Tractado de lemites no Sul do Brazil, fôrão os primeiros ensaios do governo desta Soberana, que modesta, sisuda, e de solidos principios de religião, e de piedade, só teve em vista o bem estar de seus Povos; e a Providencia, em premio de suas virtudes, concedeo-lho.

Em verdade que aquelle venturoso periodo desde o anno referido de 1777 até ao de 1795, forão dezoito annos de paz e de prosperidade para os Portuguezes. E ao mesmo passo que quasi todas as demais nações da Europa se achavão deterioradas, ou convulsas pelo furioso abalo da revolução

franceza, desde 1789, o feliz Portugal, á sombra de sua neutralidade, colhia os proveitos do commercio das outras nações em geral, e recebia da sollicitude da sua Soberana os beneficios de muitas Instituições uteis de que ainda hoje se percebem vantagens, perecendo, ou interrompendo-se outras que a inquietude dos tempos que se seguírão deixárão incompletas. Daquelle genero fôrão as Aulas de Fortificação, o Estabelecimento verdadeiramente real da Cordoaria, em Lisboa, o da Casa Pia, o da correcção para mulheres, a abertura da Estrada nova, o Encanamento do Mondego, a creação de Cadeiras d'Humanidades nos Conventos de Religiosos, a Livraria publica, o Muzeo, o Dique do Arsenal real da Marinha : destes fôrão a Junta do novo Codigo, a Medição trigonometrica do Reino, e outros de que permanecem os brilhantes começos. A construcção naval chegou no tempo d'esta Soberana a um estado de força material e pessoal a que nunca havia chegado desde o tempo da nossa gloria maritima, e á que talvez não chegue ja mais : a sabedoria da Rainha que nas forças de mar via rectamente o modo unico de conservar Colonias, ajudada pela actividade e patriotico zelo de seu Ministro Martinho de Mello, dedicou-se com tal disvelo a este ramo essensial que a Esquadra portugueza do Marquez de Niza apresentou, na bahia de Napoles, 26 vasos de guerra, quasi todos náos de linha e fragatas destinados a colher, com o Almirante Nelson, os louros d'Abukir, se o retardamento do aviso não a privassem, com differença de tres dias, desta gloriosa occasião.

Em fim, o progresso das Letras e Sciencias, espalhadas ja geralmente na Europa, não podia deixar d'encontrar na generosa sollicitude desta veneranda Soberana, a protecção e apoio que estava dando, e meditava dar a todos os ramos da publica prosperidade. Para este fim creou a Academia Real das Sciencias de Lisboa, refundindo nesta vasta Instituição a antiga e limitada da Academia da Historia.

O Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança, tão proximo em sangue da Rainha, quanto estimado, e bem acceito della por suas brilhantes qualidades e instrucção não vulgar, foi o destinado para chefe, e primeiro Presidente da nova Academia. Havia este respeitavel ancião residido por muitos annos nas Côrtes estrangeiras, e cultivado na palestra dos Sabios o seu espirito ja bem provido de bons e variados estudos. Chamado ao Reino pela Soberana, na sua elevação ao throno, dedicou-se logo a reconhecer, e tractar os homens de letras nacionaes, e se constituio naturalmente por seu amor ás Sciencias, e por sua elevada posição e privança, o Mecenas portuguez. No anno de 1780, foi convocada a Academia na pessoa de seus membros d'antemão nomeados, e presidida pelo Duque para a Sessão inaugural da sua instalação. A Rainha, acompanhada da sua Corte, quiz dar a esta ceremonia solemne o lustre e consideração que as letras em geral merecem aos bons Soberanos. Esta reunião foi verdadeiramente grandiosa, respeitavel, e interessante : os homens mais abalisados em talentos e cultura do espirito, os Sabios especiaes, nacionaes e estrangeiros, que então residião no Reino, Mathematicos, Naturalistas, Jurisconsultos, Antiquarios, Geografos, Humanistas, Grammaticos e Philologos, ali estavão grupados á roda do seu illustre zelozissimo Presidente o *constante e o mais amigo, o magnanimo Bemfeitor da Academia,* como depois da sua morte o apellidou o socio Muller. No topo da Sala, n'uma alta e aparelhada Tribuna, estava como presidindo a todos a formosa excelsa Rainha, que vinha, verdadeira Minerva, assegurar ás Letras e Sciencias do seu Reino os poderosos impulsos e favor da sua omnipotencia real. Os successos não desmintírão as esperanças concebidas; e em quanto a paz deixou livre curso ás inspirações da Soberana, e cuidados mais graves á vista do fatal cataclysmo que abalára a Europa, não empeceo ás Musas a Academia

portugueza, brilhou e se tornou *emula de suas mais idosas e desdenhosas Irmãs*. Se depois um fado avêsso contrariando-a quasi successivamente tem retardado ou mingoado seus seviços, os esforços e zelo de muitos dos seus socios, justiça é dizêl-o, da sua má fortuna mesma tem tirado occasião de mostrárem á sua Patria o amor que lhe merece uma tão bella instituição.

FIM.